O livro de Apocalipse

Pastora Tânia Cristina Giachetti
Ministério Seara Ágape
https://www.searaagape.com.br/livrosevangelicosonline.html

O livro de Apocalipse

Ministério Seara Ágape
Estudo Bíblico Evangélico

Pastora Tânia Cristina Giachetti
São Paulo – SP – Brasil – Maio 2022

Agradeço ao Senhor, Aquele que é o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim, Aquele que é, que era e que há de vir, por toda a Sua ajuda e revelação para escrever este livro e por me mostrar que Suas palavras são claras, verdadeiras e fiéis e por aumentar a minha fé na Sua Onisciência e na Sua justiça.

Dedico este livro aos irmãos em Cristo que precisam vencer as barreiras do preconceito, da falta de conhecimento e do medo em relação a este livro tão importante, pois sem ele a bíblia estaria incompleta e nós perderíamos o entendimento dos propósitos amorosos e eternos de Deus para todos nós.

“Ficai também vós apercebidos, porque, à hora em que não cuidais, o Filho do homem virá” (Lc 12: 40).

Índice

Introdução	7
Autor e tema central do livro	8
As figuras de linguagem	10
Correntes teológicas de interpretação	11
Visão panorâmica do livro	13
Primeira Seção – Capítulos 1–3	15
Capítulo 1 – Jesus glorificado	16
Capítulo 2	21
Éfeso	21
Esmirna	25
Pérgamo	30
Tiatira	39
Capítulo 3	45
Sardes	45
Filadélfia	54
Laodicéia	59
Segunda Seção – Capítulos 4–7	68
Capítulo 4 – A visão do trono	69
Capítulo 5 – O livro com sete selos	79
Capítulo 6 – Os selos são abertos	82
Capítulo 7 – A visão dos salvos e o 7º selo	88
Terceira Seção – Capítulos 8-11	91
Capítulo 8 – 1ª, 2ª, 3ª, 4ª trombetas	93
Capítulo 9 – 5ª e 6ª trombeta	96
Capítulo 10 – João e o livrinho	102
Capítulo 11 – As duas testemunhas e a 7ª trombeta	105
Quarta Seção – Capítulos 12-14	113
Capítulo 12 – A mulher e o dragão	114
Capítulo 13 – As duas bestas	121
Capítulo 14 – Os 144 mil, a ceifa e a vindima	127
Quinta Seção – Capítulos 15-16	133
Capítulo 15 – O cântico dos remidos	134
Capítulo 16 – Os sete flagelos	137
Sexta Seção – Capítulos 17-19	140
Capítulo 17 – a Grande Meretriz e os 10 chifres	141
Capítulo 18 – A queda da Babilônia	147
Capítulo 19 – A volta de Cristo	150
O casamento judaico na época de João	151
O casamento judaico nos dias de hoje	153
Alambamento	155
Lobolo	157
Jesus já pagou o dote	158
Sétima Seção – Capítulos 20-22	162
Capítulo 20	163
O Milênio	164
A prisão de Satanás	165
O reinado dos santos no céu	167

A derrota final – Armagedom 169
O juízo de Deus 170
Capítulo 21: 1-8 – Novos céus e nova terra 173
Capítulo 21: 9-27 – A Nova Jerusalém 175
Capítulo 22: 1-5 – O rio de água da vida 181
Capítulo 22: 6-21 – Instruções finais 184

Notas:
• A versão evangélica aqui utilizada é a 'Revista e Atualizada' de João Ferreira de Almeida (ARA), 2ª ed., Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.
• As palavras ou frases colocadas entre colchetes *[ ]* ou parêntesis *( ),* em *itálico*, foram colocadas por mim para explicar o texto bíblico, embora alguns versículos já as contenham. Neste caso, o texto entre colchetes não está em itálico.
• NVI = Nova Versão Internacional (será usada entre colchetes em alguns versículos para facilitar o entendimento dos leitores).
• Em muitos textos, nós vamos usar a 'Concordância Lexicon Strong'. A Concordância de Strong é uma concordância da Bíblia King James (KJV), criada pelo teólogo inglês Dr. James Strong (1822-1894), junto com uma equipe de teólogos, e publicada pela primeira vez em 1890. Trata-se uma referência cruzada entre cada palavra na KJV o no texto original em Hebraico ou Grego. A cada palavra no idioma original foi dado um número de entrada para a concordância bíblica da KJV. Léxico significa um dicionário de línguas clássicas antigas. Para interpretar corretamente a Concordância Lexicon Strong é preciso levar em conta o contexto cultural da época, pois os números de Strong não consideram figuras de linguagem, metáforas, expressões idiomáticas, frases comuns, referências culturais, referências a eventos históricos ou significados alternativos utilizados pelos escritores daquele período de tempo para expressar seus pensamentos em sua própria língua (fonte: Wikipedia.org).

Referências bibliográficas:
• O Novo Dicionário da Bíblia – J. D. Douglas – edições vida nova, 2ª edição 1995.
• Rev. Hernandes Dias Lopes – Primeira Igreja Presbiteriana de Vitória ('Estudo em Apocalipse' – pregações online).
• Wikipedia.org
• Fonte para a maioria das imagens: wikipedia.org; Filme: 'O Apocalipse' ('The Apocalypse') – Coleção: A Bíblia Sagrada.

E-mail: relacionamentosearaagape@gmail.com

Introdução

O livro de Apocalipse na bíblia tem sido mal interpretado durante vários milênios da História, não apenas por ímpios desconhecedores e escarnecedores da Palavra como também por cristãos de várias vertentes teológicas, criando na mente das pessoas vários tipos de sentimentos e fantasias. Então, elas passam a associá-lo com catástrofes, cataclismos, com a punição de um Deus implacável, passam a sentir incerteza e medo do futuro, criam uma exaltação de personagens escatológicos descritos ali como o Anticristo (Besta), o Falso Profeta e o Dragão, por exemplo, como se eles fossem o poder maior que determina o rumo do planeta ou a história da humanidade. Pior do que isso, nos últimos séculos houve muita influência mística sobre a interpretação desse livro, criando confusão sobre vários assuntos e símbolos ali colocados, inclusive gerando teorias completamente contrárias aos demais relatos bíblicos. Um dos assuntos mais polêmicos é o 'milênio', o reinado de Cristo na terra num período de mil anos.

Outra conseqüência das interpretações erradas e mitos sobre o assunto levou muitas pessoas no passado e no presente até ao suicídio por medo das 'revelações proféticas' que foram feitas de maneira completamente distorcida. E atualmente, o assunto sobre o Apocalipse se tornou uma obsessão para muitas pessoas leigas e até teólogos, tentando encontrar personagens seculares que se encaixem no papel dos que são descritos ali. Na ânsia de descobrir um mapa profético e escarafunchar demais os conteúdos escatológicos, eles se perdem em relação à real mensagem do livro, que é a glória e a soberania de Deus sobre tudo que foi criado, trazendo justiça e vitória ao Seu povo e que, ao invés de se alarmar com a expectativa iminente da volta de Jesus, o mais importante é estar preparado para este evento, limpando as vestes espirituais e buscando a santidade e a separação das coisas mundanas para não cair na sedução de Satanás. O mal nunca ficará impune e todo o bem que fazemos por amor ao reino de Deus tem recompensas.

Muitas passagens descritas por João podem se encaixar perfeitamente em eventos históricos da sua época sob o domínio da Roma pagã, como em eventos posteriores sob a Roma Papal da Idade Média e até depois, na Era Moderna e Contemporânea, onde Deus permitiu certas catástrofes enviando 'trombetas de aviso', dando ao ser humano a chance do arrependimento, não se restringindo apenas aos tempos do fim, com a manifestação corpórea do Anticristo escatológico, uma vez que 'anticristo' e o sistema mundano anticristão já eram conceitos comuns e presentes na época de João (1 Jo 4: 3) e de Paulo (2 Ts 2: 7), em especial, na pessoa de governantes e líderes religiosos inescrupulosos (1 Jo 4: 3; 2 Jo 7; 2 Ts 2: 3-10).

Vários personagens na História foram considerados como Anticristo: para Daniel, ele foi personificado na pessoa de Antíoco IV Epifânio. Tito Vespasiano foi outro imperador considerado uma figura do anticristo escatológico, pois destruiu Jerusalém e o Templo em 70 DC de forma bastante violenta e perseguiu os cristãos e os judeus. Para João, o Anticristo era Nero, pois supostamente incendiou Roma durante a noite de 18 para 19 de julho de 64, sendo que o incêndio durou cinco a seis dias, e depois culpou os cristãos. As opiniões divergem quanto a esse evento entre os escritores antigos: Suetônio, Dião Cássio, Tácito e outros. Depois da morte de Nero, surgiu uma lenda de que ele ressuscitaria. Domiciano foi considerado o segundo Nero (Entre muitas atrocidades que cometeu, esse imperador exilou João na ilha de Patmos). No séc. XVI, o Anticristo era a figura do Papa, segundo o reformista João Calvino. A frase que está escrita em letras latinas na mitra do Papa, 'Vicarivs Filii Dei', i.e., 'Substituto do Filho de Deus' inspiraram essa visão entre os reformadores da igreja. Hitler e muitos outros governantes na Era Contemporânea também foram considerados 'anticristos', pois infundiram terror

e morte, perseguiram a igreja e tentaram destruir o Cristianismo. Mas o Anticristo se levantará mesmo no final dos tempos, na época da segunda vinda de Jesus.

O Anticristo é chamado de: 'Pequeno chifre' por Daniel (Dn 7: 8); o 'abominável da desolação' por Jesus (Mt 24: 15; Mc 13: 14); o 'Homem da iniqüidade' ou 'o filho da perdição' ou 'o iníquo' por Paulo (2 Ts 2: 3; 8-9). Apenas João na sua epístola o chama de Anticristo (1 Jo 2: 18; 22; 1 Jo 4: 3), e em Apocalipse o chama de 'besta' (mais especificamente, se referindo à besta do mar – Ap 13: 1).

O termo 'besta' vem do grego 'thêrion' (= animal perigoso), e é representado por um grande e feroz animal que, dentro do simbolismo bíblico, representa um poderoso reino, um grande império.

Autor e tema central do livro

A palavra grega Apocalipse (Apokálypsis) significa: descobrimento, revelação.

O livro de Apocalipse foi escrito por volta de 90–95 DC por João, o apóstolo de Jesus (Ap 1: 2), às províncias da Ásia Menor (atual Turquia – Ap 1: 9-11), durante o governo do imperador Domiciano (81-96 DC), enquanto aquele estava prisioneiro na ilha de Patmos (Ap 1: 9), uma pequena ilha de quatorze quilômetros de comprimento por dez quilômetros de largura, no leste do Mar Egeu (entre a Grécia e a Turquia hoje, onde estavam as sete igrejas naquela época), a fim de advertir os crentes para que não abandonassem a fé em Cristo, assegurando sua vitória por permanecerem com Deus. João tomou conta da Igreja em algumas cidades da região de Éfeso. Morreu de morte natural em Éfeso em 103 DC, quando tinha 94 anos, após ter sido solto da prisão no governo de Nerva, o imperador romano que sucedeu Domiciano. Uma tradição latina muito antiga informa que ele escapou sem se queimar, depois de ter sido jogado num caldeirão de óleo fervente. Isso teria acontecido na cidade de Roma. Não há comprovação disso.

O tema central deste livro é a segunda vinda de Jesus (Ap 1: 7-8), e objetivo do autor é nos trazer a certeza do total controle de Deus sobre todos os acontecimentos da humanidade (Ap 1: 16; 18; 20; Ap 2: 1; Ap 3: 7; Ap 3: 14), prometendo sempre aos Seus filhos a vitória contra o mal (Ap 2: 7; Ap 2: 11; Ap 2: 17; Ap 2: 26-28; Ap 3: 5; Ap 3: 12; Ap 3: 21) e a restauração total da sua intimidade com Deus, como foi desde a criação do homem. E isso traz fé e coragem para superar as provas da vida cristã. No final, os salvos viverão uma eterna bem-aventurança com o Senhor, livres das trevas e dos males deste mundo (Ap 7: 17; Ap 21: 3-4).

O livro de Apocalipse nos incentiva a buscar a santidade e, portanto, nos preparar para a Sua segunda vinda; ele nos encoraja nos momentos de sofrimento; incentiva-nos a adorar somente Àquele que está no trono, acima de qualquer outra força espiritual, e que detém o controle do Universo inteiro, de anjos e demônios e da história da humanidade, e que nunca vai ser derrotado pelas forças das trevas, nunca foi nem jamais será pego de surpresa por nada nem ninguém. É como se a bíblia ficasse incompleta sem este livro. Ele explica o porquê de tudo que foi escrito nela, em especial, o plano de salvação de Deus para o homem.

Nós podemos notar nele alguns pontos principais:

1) A certeza de que Jesus controla totalmente Sua igreja.

2) Jesus controla totalmente a História.

3) A igreja permanece indestrutível apesar da perseguição do mundo e do diabo (Mt 16: 18). Apesar da perseguição e até da morte o nome de Jesus é glorificado e as armas do inferno são frustradas.

4) Os perseguidores da igreja serão vencidos. Os inimigos de Cristo enfrentarão o Seu juízo no Último dia e serão condenados, ao passo que Sua igreja será glorificada, viverá a bem-aventurança eterna.

O livro de Apocalipse nos mostra também algumas características peculiares:

1) Ele é centrado em Jesus e o Seu projeto vitorioso, não no que o diabo pode fazer.

2) É um livro aberto aos que crêem, ou seja, é a revelação de Jesus Cristo para aqueles que querem conhecer um pouco mais dos Seus projetos.

3) É um livro composto de muitos símbolos; por isso, ao mesmo tempo em que revela os propósitos de Deus para Sua igreja, Ele oculta dos ímpios.

4) É um livro de profecias que não descreve apenas os eventos do tempo do fim, mas a vitória de Jesus Cristo e da Sua Igreja nos tempos do fim. O enfoque está no triunfo de Jesus sobre o mal de maneira definitiva.

5) Tem uma bênção completa para a igreja, o que os teólogos chamam de 'As sete bem-aventuranças de Apocalipse':

• Ap 1: 3: Bem-aventurados aqueles que lêem, ouvem e guardam as palavras da profecia.

• Ap 14: 13: Bem-aventurados os que morrem no Senhor, para que descansem de suas fadigas.

• Ap 16: 15: Bem-aventurados os que vigiam e as guardam as suas vestes para que não ande nu.

• Ap 19: 9: Bem-aventurados os que são chamados à ceia das bodas do Cordeiro.

• Ap 20: 6: Bem-aventurados e santos os que têm parte na 1ª ressurreição porque sobre esses a 2ª morte não tem autoridade. Serão sacerdotes de Deus e reinarão com Cristo os mil anos.

• Ap 22: 7: Bem-aventurado aquele que guarda as palavras da profecia deste livro.

• Ap 22: 14: Bem-aventurados aqueles que lavam suas vestiduras no sangue do Cordeiro para que lhes assista o direito à árvore da vida, e entrem na cidade pelas portas.

6) Apocalipse trata das coisas que em breve vão acontecer, e isso quer dizer, que elas não só estão cronologicamente próximas, mas serão repentinas. O tempo de Deus é diferente do nosso. Por isso, Ele exorta à vigilância.

7) É o livro do 'trono de Deus'. Essa palavra aparece muitas vezes, indicando que Deus continua no Seu trono e governa tudo; Ele está no controle.

8) Ele descreve tribos, povos, línguas e nações como sendo parte do programa glorioso de Deus, não apenas judeus.

9) É o clímax da bíblia, pois explica a totalidade do plano de Deus, que começou em Gênesis e é concluído em Apocalipse.

Jesus é "Aquele que é, que era e que há de vir" (Ap 1: 4; Ap 1: 8; Ap 4: 8), o que nos consola com a certeza de que Ele não foi um Deus do passado que fez milagres e deixou registrado num livro de histórias. Nem é um Deus que só vai fazer justiça no futuro e vê injustiças e abominações no presente sem intervir, que fica de braços cruzados apenas olhando Seus escolhidos sofrerem. Mas é um Deus presente em todas as eras da humanidade, fazendo justiça e julgamento de um modo ou de outro, vingando Seu povo das ações malignas do diabo e Seus servos em cada geração.

Jesus disse aos saduceus que o interrogaram a respeito da ressurreição, pois eles não criam na ressurreição dos mortos: "Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó... ele não é Deus de mortos, e sim de vivos" (Mt 22: 32; Mc 12: 26-27; At 7: 32). O verbo está no presente, "Eu sou", pois assim como Deus é eterno e não pode morrer, Seus servos que crêem nele têm igualmente a vida eterna.

Quando olhamos para a perseguição dos cristãos pela Roma pagã, podemos ver a grande quantidade de imperadores que tiveram mortes violentas ou que enfrentaram guerras contra povos bárbaros ou ainda desastres naturais, políticos e econômicos avassaladores em seu governo. O que são todos esses saques, guerras, instabilidades sociais e desastres da natureza? Coincidência ou a mão de Deus fazendo justiça aos Seus servos?

Grande parte do livro de Apocalipse pode ser enquadrada nas circunstâncias vividas pelo autor naquela época, o 1º século da era cristã, mas também pode descrever um panorama da história desde aquele tempo até o fim de tudo, ou seja, o espaço entre a primeira e a segunda vinda de Cristo. Existem outros teólogos que vêem o livro a partir do capítulo 4 sob o ponto de vista futurista, ou seja, relativo ao fim dos tempos, como uma profecia do que iria acontecer depois das cartas às sete igrejas (Ap 1: 19; Ap 4: 1) até o estabelecimento final do governo de Deus, mas dessa forma, como poderia ser entendido pelos leitores daquela época? Assim, podemos imaginar que o livro combine um pouco de cada um dos elementos. Nós podemos notar que João escreve várias vezes sobre Jesus como "Aquele que é, que era que e que há de vir", e isso nos mostra que Apocalipse é um livro escrito para os que viveram no passado, na época de João, um livro contemporâneo, para nós que vivemos hoje, e futurista também, descrevendo com mais detalhes os eventos do tempo do fim, quando o plano de Deus irá se completar.

As Figuras de linguagem

Ainda que muitas palavras usadas ali devam ser interpretadas em seu sentido literal, João também usa símbolos e figuras de linguagem, comuns aos leitores da Antiguidade, e muito semelhantes aos profetas do AT (Isaías, Jeremias, Ezequiel, Oséias, Zacarias e Joel) para se referir às grandes mudanças na vida religiosa e secular, governamental, antes e durante a segunda vinda de Jesus (Ap 6: 12-14 cf. Mt 24: 29; Mc 13: 24-25; Lc 21: 25; Is 13: 10; Is 34: 4; Ez 32: 7; Jl 2: 31).

Como eu disse antes, ele é um livro composto de muitos símbolos; por isso, ao mesmo tempo em que revela os propósitos de Deus para Sua igreja, Ele oculta dos ímpios.

Por exemplo, o texto de Ap 6: 12-14: "Vi quando o Cordeiro abriu o sexto selo, e sobreveio grande terremoto. O sol se tornou negro como saco de crina, a lua toda, como sangue, as estrelas do céu caíram pela terra, como a figueira, quando abalada por vento forte, deixa cair os seus figos verdes, e o céu recolheu-se como um pergaminho quando se enrola. Então, todos os montes e ilhas foram movidos do seu lugar" pode ser comparado com Isaías (Is 13: 10): "Porque as estrelas e as constelações dos céus não darão a sua luz; o sol, logo ao nascer, se escurecerá, e a lua não fará resplandecer a sua luz". Isso significa uma situação onde todos estarão sombrios e desanimados, onde os homens não terão esperança por causa da destruição que vão vivenciar. Quando tentarem levantar a esperança da alma, logo se decepcionarão. Os que estão sendo punidos pensarão que os poderes do céu estão contra eles. Seu conforto e esperança falharão. 'As estrelas do céu não darão a sua luz, o sol será escurecido' – tais expressões são freqüentemente empregadas pelos profetas, para descrever as grandes mudanças dos governos.

Em Is 34: 4 ele escreve sobre Edom: "Todo o exército dos céus (as estrelas dos céus) se dissolverá, e os céus se enrolarão como um pergaminho; todo o seu exército cairá, como cai a folha da vide e a folha da figueira". Essa figura de linguagem é usada para expressar o horror desta calamidade, como se os próprios céus, o sol, a lua e as estrelas fossem afetadas por ela (cf. Is 13: 10). Os céus serão enrolados como um rolo. Quando

um rolo (livro) era enrolado, ninguém poderia ler mais nada dele; ou seja, Deus não tinha mais nada dizer ou revelar sobre aquele assunto. A descrição acima pode significar a total remoção e abolição de todas as dignidades e cargos, supremos e subordinados, civis e eclesiásticos, em toda a jurisdição de uma nação. As estrelas representam os príncipes e magistrados, conselheiros e representantes importantes do governo. A expressão 'exército dos céus' não apenas representa as hostes celestiais de Deus ou os astros, mas os exércitos de nações às quais Ele dirige esta palavra de julgamento. 'Sua espada está embriagada' (Is 34: 5: "Porque a minha espada se embriagou nos céus; eis que, para exercer juízo, desce sobre Edom e sobre o povo que destinei para a destruição") significa a palavra decretada por Ele mesmo, pronta a agir com ira (embriagada com o Seu furor).

A mesma metáfora é usada em Apocalipse quando se trata de descrever as calamidades de Deus contra as forças das trevas e a soberba dos homens. Esta era um tipo de linguagem muito entendida pelos judeus; por isso, o apóstolo João (séc. I DC) fez uso dela para descrever os eventos apocalípticos. Embora não possamos deixar de lado a interpretação literal deles, podemos notar que a passagem acima (Ap 6: 12-14) ainda está inserida na seção sobre os selos, não sobre trombetas e flagelos, e mais tarde nós vamos ver a diferença entre eles.

João também relata os juízos de Deus sobre os ímpios com os mesmos símbolos do livro de Êxodo em relação às dez pragas do Egito.

Como Isaías, as profecias de João não têm necessariamente uma seqüência temporal, mas seções paralelas e progressivas; em outras palavras, ele descreve de formas diferentes as situações humanas, o bem e o mal e as ações de juízo de Deus, e sempre volta a relatar os acontecimentos que terão lugar na segunda vinda de Cristo.

Várias vezes ele fala da vitória dos santos e de Deus e Seus castigos sobre o mal, quando os personagens escatológicos vão sendo identificados com mais precisão, sendo punidos por ocasião da 2ª vinda de Cristo até a derrota final do diabo, seus anjos e seus seguidores no juízo final de Deus e terminando com uma nova vida para os redimidos, a vida eterna com Deus no paraíso celestial, onde a Nova Jerusalém parece ser uma linguagem simbólica dessa bem-aventurança eterna. Embora comparada a uma cidade, ela simboliza a igreja de Cristo, redimida e glorificada. Não é mais uma criação física como a que conhecemos hoje, mas uma nova criação, onde nosso corpo glorificado não será de carne e osso, nem apenas espírito, mas uma matéria diferente (igual ao corpo glorificado de Jesus), como até podemos imaginar que essa nova ordem cósmica ('novos céus e nova terra') seja novamente a glória de Deus na eternidade, antes da criação de um universo de tempo e matéria. Tudo isso são suposições, uma vez que o livro de Apocalipse é repleto de figuras de linguagem, mais compreensíveis talvez para os leitores daquela época. Em outras palavras, nesta passagem de Apocalipse 21, passamos do tempo cronológico para a eternidade. O pecado, a morte e todas as forças antagônicas a Deus foram para sempre aniquiladas. O que temos nesta última seção é uma descrição do lar eterno dos redimidos em Cristo.

Correntes teológicas de interpretação

Escatologia é uma palavra que deriva de duas raízes gregas: 'escatos' (ἔσχατος), que significa 'último'; e 'logia' (λογία), que significa 'estudo', portanto, o estudo das 'coisas do fim'. Em termos gerais, a escatologia cristã enfoca o destino final das almas individuais e de toda a ordem criada, com base principalmente nos textos bíblicos do Antigo e do Novo Testamento.

• O preterismo é uma visão escatológica cristã que diz que algumas ou todas as profecias da bíblia são eventos que já aconteceram. Esta escola de pensamento interpreta o livro de Daniel como se referindo a eventos que aconteceram do século VII AC até o século I DC, enquanto vê as profecias do livro de Apocalipse como eventos que aconteceram no primeiro século DC. O preterismo afirma que o antigo Israel encontra sua continuação ou cumprimento na igreja cristã com a destruição de Jerusalém em 70 DC ou, então, com a era papal que se seguiu.

O livro de Apocalipse é o livro da bíblia mais ligado aos tempos do fim. Por causa de interpretações diferentes em relação ao capítulo de Ap 20: 1-6, em especial o versículo 2 (que fala dos mil anos da prisão de Satanás), todo o livro acabou sendo interpretado de maneira diferente pelas várias correntes teológicas:

• Pré-milenismo dispensacionalista – crê que a segunda vinda de Jesus Cristo será um acontecimento no mundo físico, envolvendo o arrebatamento pré-tribulacionista (um arrebatamento secreto primeiro, antes da Grande Tribulação) e um período de sete anos (A Grande Tribulação), após o qual ocorrerá a batalha do Armagedom (ou seja, uma segunda vinda visível de Cristo), duas ressurreições e o estabelecimento do Seu Reino Milenar na Terra, uma era de ouro literal de mil anos de paz onde Ele reina aqui fisicamente com Seus santos, cumprindo materialmente as numerosas profecias do AT para os judeus (2 Sm 7: 12-16; SI 2: 1-12; Is 11: 6-12; Is 24: 23; Os 3: 4-5; Jl 3: 9-21; Am 9: 11-15; Mq 4: 1-8; Sf 3: 14-20; Zc 14: 1-11). Também crê que Israel é separado da igreja gentia e que, depois do arrebatamento da igreja gentia, Deus voltará Sua atenção para Israel, ou seja, o tratamento de Deus com os eleitos da Primeira Aliança será diferente do tratamento com os gentios. Em outras palavras, essa linha acredita que a Igreja não substituiu Israel no programa de Deus e as Suas promessas a Israel não foram transferidas para a Igreja gentia, a Igreja de Cristo, o Israel de Deus. Elas serão cumpridas nesse período de mil anos.

• Pré-milenismo histórico – ao contrário dos Pré-milenismo dispensacionalista, essa linha acredita que a segunda vinda não vai ocorrer em dois turnos (um arrebatamento secreto da igreja e depois um visível), não acredita em duas ressurreições, mas acredita que quando Jesus voltar vai estabelecer um reinado físico de mil anos na terra, baseado em uma interpretação literal de Ap 20: 1-6.

• Pós-milenismo – surgiu nos séculos XVII-XIX e entende a referência ao período de mil anos somente como o símbolo de uma era dourada de justiça e prosperidade espiritual que seria iniciada pela propagação do evangelho na presente era da igreja e se completaria com o retorno de Cristo. Em outras palavras: o mundo vai ser gradualmente evangelizado por Cristo até que todas as nações se rendam a Ele. Referências ao reino de Cristo na terra primordialmente descrevem o Seu reinado espiritual no coração dos crentes na Igreja. Mas essa teoria entrou em colapso no século XX com as duas guerras mundiais, o movimento liberal nas igrejas da Europa e América e a crescente apostasia do mundo.

• Amilenismo: não nega a existência do milênio, mas o interpreta de maneira simbólica, não literal. O milênio compreende o espaço de tempo da 1ª à 2ª vinda de Cristo, que é única e visível. Quando Ele voltar a História cessa, os mortos ressuscitam, os vivos são arrebatados e entra em cena o juízo final, então, haverá novos céus e nova terra e os ímpios irão para a condenação eterna. As profecias do milênio do AT estão se cumprindo espiritualmente agora na igreja (tanto na terra, para os que estão vivos, como no céu, em relação às almas dos santos que já morreram fisicamente).

Apesar das diferentes visões acima há doutrinas imutáveis: Jesus vai voltar, os mortos vão ressuscitar, haverá um juízo final, há uma bem-aventurança eterna para os salvos e a condenação eterna para os ímpios (inferno).

Vamos entender uma coisa:

'Milênio' foi uma concepção criada por estudiosos judeus no período pós-exílio e Intertestamentário para endossar uma crença e uma esperança de redenção e regeneração de Israel de uma maneira física e excessivamente material, pois interpretaram erroneamente as palavras dos profetas e não esperavam que o seu Messias viesse de outra forma, por isso não creram nEle. Mesmo porque os profetas de Deus nunca usaram a palavra Messias (Mashiach – mâshiyach – משיח) para se referir ao Salvador espiritual de Israel. Essa palavra só está claramente escrita, em referência a Jesus, no livro de Daniel (Dn 9: 25-26 – 'O Ungido'), quando um anjo anuncia ao profeta que o Messias surgiria e seria morto sessenta e duas semanas proféticas após a reedificação de Jerusalém, antes da cidade e do templo serem novamente destruídos (o que aconteceu em 70 DC pelos romanos).

Para o nosso estudo, usarei a interpretação amilenista, pois parece ser mais compatível com os relatos bíblicos, com as cartas de Paulo e as cartas gerais, inclusive com as profecias de Jesus nos evangelhos. O NT ensina que o juízo é universal e seguirá imediatamente a segunda vinda de Cristo. Ele virá e se assentará no Seu trono de glória e julgará as nações, não mil anos depois, mas na Sua segunda vinda (Mt 24: 29-31; Mt 25: 31-34; Mt 16: 27). Dessa forma, quando Jesus vier (Mt 25: 31; Mt 16: 27; Mt 19: 28), tudo se consuma e Seu reino se estabelece (o juízo final logo depois da vinda de Cristo).

Visão panorâmica do livro

O livro de Apocalipse pode ser dividido de maneira prática em duas partes:

Os capítulos 1–11 relatam o mundo pelejando contra a igreja e os juízos de Deus em resposta às orações dos santos.

Os capítulos 12–22 descrevem uma perseguição mais implacável contra a igreja do Senhor, sem disfarce, porque Satanás (o dragão) aparece com seus aliados: a besta do mar (o Anticristo), a besta da terra (o falso profeta) e a Babilônia (a grande meretriz).

Além disso, a interpretação amilenista divide Apocalipse em várias seções, por isso, ao lermos com cuidado, nós notamos uma espécie de 'repetição' de palavras e assuntos. Em outras palavras, o livro não segue uma linha cronológica, mas está dividido em várias seções paralelas e progressivas encaixadas no período entre a primeira e a segunda vinda de Cristo, por isso, temos a sensação que o livro vai e volta, repete cenas. E os personagens escatológicos vão sendo identificados com mais precisão, sendo punidos por ocasião da segunda vinda de Cristo até a derrota final do diabo, seus anjos e seus seguidores no juízo final de Deus.

As seções são:

1) Capítulos 1-3 – João vê o Senhor ressurreto, os sete candeeiros e envia mensagens às sete igrejas da Ásia Menor, repreendendo essas igrejas nos pontos em que haviam falhado e encorajando-as a prosseguir no serviço cristão.

2) Capítulos 4-7 – João relata as visões do trono, as visões de Deus e do Cordeiro (Ap 4: 1-11 – Ap 5: 1-14), após as quais lemos acerca dos sete selos (Ap 6: 1-17; Ap 8: 1). Entre o sexto (Ap 6: 12-17) e o sétimo selo há um espaço de tempo (Ap 7: 1-17 – Ap 8: 1), um período de preparação e prelúdio para as sete trombetas e uma visão se segue a cada uma delas (Ap 8: 2-13 – Ap 9: 1-21; Ap 11: 15-19).

3) Capítulos 8-11 – depois dos sete selos vêm as sete trombetas, e uma visão se segue a cada uma delas (Ap 8: 2-13 – Ap 9: 1-21; Ap 11: 15-19). Entre a sexta e a sétima

trombetas (Ap 10: 1-11 – Ap 11: 15-19) há outro espaço de tempo. No capítulo 10 João fala dos anjos e os sete trovões e o livrinho que lhe é dado para comer. No capítulo 11, ele se refere às duas testemunhas mártires.

4) Capítulos 12-14 – João descreve várias maravilhas no céu: uma mulher que dá à luz um menino (Ap 12: 1) e que sofre a oposição de Satanás (Ap 12: 1-17), bestas que se opõem a Deus (Ap 13: 1-18), o Cordeiro no monte Sião, junto com Seus seguidores (Ap 14: 1-5). Depois (Ap 14: 6-20) surgem anjos cujas vozes anunciam aos homens os juízos de Deus, terminando com a ceifa e a vindima.

5) Capítulos 15-16 – Mostram visão de João dos remidos entoando o cântico de Moisés e do Cordeiro (Ap 15: 1-4) e os sete flagelos (as taças da cólera de Deus) que vão sendo derramados sobre a terra (Ap 16: 1-21). Não há interlúdio entre os flagelos; são um atrás do outro. O fim do 6º flagelo se refere à batalha final, o Armagedom, o momento do arrebatamento da igreja e a derrota os reis e todos os que adoraram a besta, bem como o Anticristo e o falso profeta.

6) Capítulos 17-19 – essa seção fala sobre a queda da besta (o Anticristo) e do falso profeta; julgamentos também são pronunciados contra a mulher vestida de escarlata (a meretriz), que é outra figura de linguagem usada para a Babilônia (Ap 17: 1 – Ap 18: 1-24), e há júbilo no céu por causa da sua queda (Ap 19: 1-10). Cristo volta visivelmente para a batalha do Armagedom, montado em Seu cavalo branco e seguido pelo seu séquito (Ap 19: 11-21).

7) Capítulos 20-22 – descreve a cena do reinado das almas (milênio), a prisão de Satanás e o juízo final (lago de fogo); os novos céus e a nova terra, e as admoestações e promessas finais (Ap 20: 1 – Ap 22: 21).

Primeira seção – Capítulos 1–3

O Senhor glorificado | Os sete candeeiros | Ordem para escrever as cartas às sete igrejas

Primeira seção – Capítulos 1–3

João vê Jesus glorificado no meio dos sete candeeiros, representando as sete igrejas da Ásia Menor, e envia mensagens a elas, repreendendo-as nos pontos em que haviam falhado e encorajando-as a prosseguir no serviço cristão. A visão central do livro é: o Senhor virá visivelmente, pela segunda vez, mas agora para julgar (Ap 1: 7-8).

Capítulo 1 –

• O capítulo 1 é um capítulo introdutório que nos deixa claro o seu autor, como foi escrito e qual o objetivo. A visão central do livro é: o Senhor virá pela segunda vez, visivelmente, para julgar (Ap 1: 7-8). E todos os Seus filhos devem estar preparados para Sua vinda.

• Ap 1: 1-3: "Revelação de Jesus Cristo, que Deus lhe deu para mostrar aos seus servos as coisas que em breve devem acontecer e que ele, enviando por intermédio do seu anjo, notificou ao seu servo João, o qual atestou a palavra de Deus e o testemunho de Jesus Cristo, quanto a tudo o que viu. Bem-aventurados aqueles que lêem e aqueles que ouvem as palavras da profecia e guardam as coisas nela escritas, pois o tempo está próximo".

O autor é João, um dos doze apóstolos que caminharam com Jesus durante o Seu ministério, e no v. 1 ele deixa claro que tudo o que escreveu foi por revelação de Jesus Cristo. O objetivo das revelações era mostrar aos servos de Deus as coisas que iriam acontecer em breve para que eles estivessem preparados para elas.

• Ap 1: 4-6: "João, às sete igrejas que se encontram na Ásia, graça e paz a vós outros, da parte daquele que é, que era e que há de vir, da parte dos sete Espíritos que se acham diante do seu trono e da parte de Jesus Cristo, a Fiel Testemunha, o Primogênito dos mortos e o Soberano dos reis da terra. Àquele que nos ama e, pelo seu sangue, nos libertou dos nossos pecados, e nos constituiu reino, sacerdotes para o seu Deus e Pai (cf. Ap 5: 10), a ele a glória e o domínio pelos séculos dos séculos. Amém".

João saúda as igrejas em nome de Jesus Cristo. Aqui, ele dá várias indicações de que se trata de Jesus, o Filho de Deus, o mesmo Deus que visitou Moisés na sarça ardente e lhe disse o Seu nome: "Eu sou". Por isso, João escreveu: "da parte daquele que é, que era e que há de vir". A Trindade está explícita. Ele escreve às igrejas com essa saudação, que vem do Pai, do Filho e do Espírito Santo e diz que Deus ama Seus filhos e lhes deu autoridade em Seu nome para agirem na terra ('reino, sacerdotes'). Em Ap 4: 5b está escrito: "diante do trono, ardem sete tochas de fogo (cf. 1: 13), que são os sete Espíritos de Deus". Isto significa a plenitude das sete características do Espírito Santo (cf. Is 11: 2).

• Ap 1: 7-8: "Eis que vem com as nuvens, e todo olho o verá, até quantos o traspassaram (cf. Zc 12: 10). E todas as tribos da terra se lamentarão sobre ele. Certamente. Amém! Eu sou o Alfa e o Ômega, diz o Senhor Deus, aquele que é, que era e que há de vir, o Todo-Poderoso" (cf. Hb 13: 8; Ap 4: 8b).

A visão central do livro está escrita aqui: O Senhor virá para julgar. A vinda é visível, inesperada e vitoriosa ('todo olho o verá'). Esse é um ponto chave em todas as seções: a segunda vinda de Jesus para julgar o mundo. Por isso, no final de cada carta ele descreve as recompensas aos vencedores.

• Ap 1: 9-11: “Eu, João, irmão vosso e companheiro na tribulação, no reino e na perseverança, em Jesus, achei-me na ilha chamada Patmos, por causa da palavra de Deus e do testemunho de Jesus. Achei-me em espírito, no dia do Senhor, e ouvi, por detrás de mim, grande voz, como de trombeta, dizendo: O que vês escreve em livro e manda às sete igrejas: Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodicéia”.

João era prisioneiro na ilha de Patmos, uma pequena ilha de quatorze quilômetros de comprimento por dez quilômetros de largura, no leste do Mar Egeu (entre a Grécia e a Turquia hoje, onde estavam as sete igrejas naquela época), e foi enviado para lá pelo imperador Domiciano (81-96 DC) por causa da sua pregação, testemunhando sobre Jesus. Era costume dos imperadores romanos se considerarem deuses, por isso Deus condenava tanto o culto imperial nas Epístolas e no Apocalipse. Domiciano (entre outros imperadores) se fez um deus. Portanto, a pregação de João era uma afronta ao imperador.

Patmos era uma ilha de mineração de carvão, para onde eram enviados os criminosos e presos políticos; eles perdiam tudo e eram submetidos a trabalhos forçados.

‘No dia do Senhor’ – pode significar num dia que ele estava adorando a Deus ou se referir a um dia de Domingo (‘o dia do Senhor’), quando ele estava em espírito, em contato com o trono de Deus, e ouviu uma voz forte como de trombeta (ou seja, uma voz soberana, celestial, gloriosa) lhe dando uma ordem para escrever todas as visões que recebesse a partir daquele momento e para enviar às sete igrejas da Ásia sobre as quais ele tinha jurisdição como presbítero, especialmente Éfeso.

O objetivo das cartas era repreendê-las nos pontos em que haviam falhado e encorajá-las a prosseguir no serviço cristão. As cartas também tinham o intuito de advertir os crentes para que não abandonassem a fé em Cristo, assegurando sua vitória por permanecerem ao lado de Deus.

Então, João vê Jesus glorificado no meio dos sete candeeiros, representando as sete igrejas da Ásia Menor:

• Ap 1: 12-20: "Voltei-me para ver quem falava comigo e, voltado, vi sete candeeiros de ouro e, no meio dos candeeiros, um semelhante a filho de homem, com vestes talares e cingido à altura do peito, com uma cinta de ouro. A sua cabeça e cabelos eram brancos como alva lã, como neve; os olhos, como chama de fogo; os pés, semelhantes ao bronze polido, como que refinado numa fornalha; a voz, como voz de muitas águas. Tinha na mão direita sete estrelas, e da boca saía-lhe uma afiada espada de dois gumes. O seu rosto brilhava como o sol na sua força. Quando o vi, caí a seus pés como morto. Porém ele pôs sobre mim a mão direita, dizendo: Não temas; eu sou o primeiro e o último e aquele que vive; estive morto, mas eis que estou vivo pelos séculos dos séculos e tenho as chaves da morte e do inferno. Escreve, pois, as coisas que viste, e as que são, e as que hão de acontecer depois destas. Quanto ao mistério das sete estrelas que viste na minha mão direita e aos sete candeeiros de ouro, as sete estrelas são os anjos das sete igrejas, e os sete candeeiros são as sete igrejas".

É interessante perceber que a bíblia fala que o Senhor está com as sete estrelas na Sua mão direita, entretanto, se acha entre os sete candeeiros de ouro. 'Estrelas' ou 'os anjos' das sete igrejas se referem aos líderes delas. Anjo, em hebraico, significa 'mensageiro', um nome usado para se referir aos profetas também.

Devemos prestar atenção também ao que está escrito: "Tinha na mão direita sete estrelas", ou seja, a mão direita é símbolo de honra, poder, autoridade, bênção, força e privilégio e isso quer dizer que é o Senhor que segura debaixo da Sua autoridade a liderança da Igreja. Ele detém o poder.

Podemos dizer, então, que as sete estrelas correspondem à parte humana na igreja, detida pelo poder de Deus e debaixo do Seu governo (Ap 1: 16: "tinha na mão direita sete estrelas"), mas ela não estava só. Os sete Espíritos de Deus que ardem diante do trono, ou seja, as sete características do Espírito Santo, as sete unções eram derramadas por Ele sobre a parte humana da igreja para completá-la, para supri-la naquilo que lhe faltava.

Por isso, Jesus disse: "Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder a cidade edificada sobre um monte; nem se acende uma candeia para colocá-la debaixo do alqueire, mas no velador, e alumia a todos os que se encontram na casa. Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus" (Mt 5: 14-16).

Suas igrejas e seus líderes dentro delas (a parte humana na igreja) foram feitos para ser luz, para brilhar, mas só poderiam realizar isso na força do Espírito Santo (a parte divina que as fortalecia).

Jesus estava caminhando no meio dos candeeiros, i.e., da Sua igreja, não apenas para inspecioná-la ou conhecer seu estado espiritual, mas para derramar sobre cada uma delas uma porção dos Seus sete Espíritos, a fim de fortalecê-las para os futuros combates. Entretanto, isso dependeria da resposta de cada uma delas à Sua orientação. Em outras palavras, os candeeiros representavam as sete igrejas da Ásia Menor, mas simbolizavam também o Espírito Santo distribuído entre elas, para testemunharem de Cristo entre as nações gentias nas quais elas estavam inseridas.

O Espírito de Deus sempre foi representado como luz presente nos eleitos de Deus. Na antiga Aliança o candelabro de uma só haste com sete lâmpadas dado a Moisés (Êx 25: 31-40; Êx 37: 17-24; Nm 8: 1-4; Hb 9: 1-10) representava o Espírito de Deus no meio do povo de Israel. Aqui em Apocalipse representava a presença do Espírito Santo com poder, unção e avivamento entre a igreja de Jesus Cristo, composta na sua grande maioria por gentios convertidos. Por isso, Jesus disse para algumas delas que se elas não atentassem às Suas palavras, Ele removeria o candeeiro dali. Não se trata simplesmente de fechar as portas da igreja, mas de remover a força espiritual que as colocava naqueles lugares como uma chama de luz nas trevas do mundo. Seus membros enfraquecidos e derrotados se espalhariam; não seriam mais capazes de sustentá-las.

Quando Ele fala no v. 19, 'Escreve, pois, as coisas que viste, e as que são, e as que hão de acontecer depois destas', isso não se limita ao passado, ao presente ou ao futuro. O livro seria necessário para todos os tempos. Sob esse aspecto, como mensagem para os dias de hoje, sete representa a totalidade da igreja de Cristo na terra em todos os tempos. As cartas de João às sete igrejas da Ásia não têm nada a ver com os períodos da História, como alguns consideram.

Quando João descreve o corpo glorificado de Jesus, ele nota algumas particularidades:

"... um semelhante a filho de homem, com vestes talares e cingido à altura do peito, com uma cinta de ouro. A sua cabeça e cabelos eram brancos como alva lã, como neve; os olhos, como chama de fogo; os pés, semelhantes ao bronze polido, como que refinado numa fornalha; a voz, como voz de muitas águas. Tinha na mão direita sete estrelas, e da boca saía-lhe uma afiada espada de dois gumes. O seu rosto brilhava como o sol na sua

força. Quando o vi, caí a seus pés como morto. Porém ele pôs sobre mim a mão direita, dizendo: Não temas; eu sou o primeiro e o último e aquele que vive; estive morto, mas eis que estou vivo pelos séculos dos séculos e tenho as chaves da morte e do inferno" (Ap 1: 13-18).

1) v. 13 – "um semelhante a filho de homem, com vestes talares e cingido à altura do peito, com uma cinta de ouro" (cf. Dn 7: 13) simboliza que Jesus está vestido como sumo sacerdote.

2) v. 14 – "A sua cabeça e cabelos eram brancos como alva lã, como neve" – uma descrição muito parecida com a de Daniel (Dn 7: 9), quando falou do 'Ancião de Dias'. Essa figura de linguagem reflete a sabedoria e a eternidade de Jesus, pois Ele é Deus.

3) v. 14 – "os olhos, como chama de fogo" (cf. Ap 19: 12) – indica: onisciência. Ele perscruta, conhece o que está escondido (cf. Dn 2: 22).

4) v. 15 – "os pés, semelhantes ao bronze polido, como que refinado numa fornalha" – muita resplandecência, significando Sua onipotência e Sua força esmagadora sobre os inimigos.

5) v. 15 – "a voz, como voz de muitas águas" (cf. Sl 29: 3-5; 7) – voz soberana, voz poderosa, de juízo. O único que julga é Deus.

6) v. 16 – "Tinha na mão direita sete estrelas" – mão que governa. Ele detém o poder. O Senhor segura a liderança da Igreja debaixo da Sua autoridade.

7) v.16 – "da boca saía-lhe uma afiada espada de dois gumes" (cf. Ap 19: 15). Essa espada é a Sua palavra de juízo.

8) v. 16 – "O seu rosto brilhava como o sol na sua força" – Jesus não se mostra mais aqui como o homem sofrido e humilhado, mas o Cristo glorificado cuja face brilha como sol. A Sua força, glória e santidade são refletidas nessa imagem.

9) v. 17b-18 – "Não temas; eu sou o primeiro e o último e aquele que vive; estive morto, mas eis que estou vivo pelos séculos dos séculos e tenho as chaves da morte e do inferno" – Ele não apenas está vivo, mas está no controle de tudo, pois Ele começa e termina o que começou. Tudo começou por Ele, e tudo será terminado por Ele (Cl 1: 15-18; Jo 1: 1-3). Ele é o que tem vitória completa sobre a morte e sobre aquele que tem poder dela, a saber, Satanás ("tenho as chaves da morte e do inferno"). Chave é símbolo de poder e autoridade, geralmente exercidos através da Palavra de Deus (Mt 16: 19). Jesus tem autoridade no céu e na terra (Mt 28: 18).

Como eu disse antes, Jesus estava caminhando no meio da Sua igreja (candeeiros), não apenas para inspecioná-la ou conhecer seu estado espiritual, mas para derramar sobre cada uma delas uma porção do Seu Espírito, a fim de fortalecê-las para os futuros combates. Entretanto, nessas cartas nós podemos notar que Ele as inspecionou minuciosamente e fez Sua apreciação sobre cada uma, elogiando suas qualidades e repreendendo-as nos pontos deficientes, naquilo que o desgostava. Isso já confirma que Jesus não vê como vemos, mas com outros olhos. Podemos notar que Ele fez elogios para duas igrejas, pois aos Seus olhos, elas foram encontradas retas, irrepreensíveis: Esmirna e Filadélfia. Para Laodicéia Ele só fez repreensão, pois nada de bom foi achado nela. E para outras quatro, houve pontos positivos e negativos: Éfeso, Pérgamo, Tiatira e Sardes.

Jesus também anda no meio da igreja para encorajar, corrigir, exortar, confortar, consolar e trazer promessas aos vencedores.

Com isso, nós podemos notar também neste livro, que antes de João ser arrebatado para o trono de Deus e começar a ter as visões dos selos, trombetas e flagelos, o Senhor lhe deu cartas para escrever para as igrejas cristãs. Isso significa que antes de Deus enviar o juízo ao mundo, Ele visita a igreja com Seu juízo, para corrigi-la. Seu juízo começa pela igreja (cf. 1 Pe 4: 17).

Capítulo 2 –

• Ap 2: 1-7 – carta à igreja em Éfeso

"Ao anjo da igreja em Éfeso escreve: Estas coisas diz aquele que conserva na mão direita as sete estrelas e que anda no meio dos sete candeeiros de ouro: Conheço as tuas obras, tanto o teu labor como a tua perseverança, e que não podes suportar homens maus, e que puseste à prova os que a si mesmos se declaram apóstolos e não são, e os achaste mentirosos; e tens perseverança, e suportaste provas por causa do meu nome, e não te deixaste esmorecer. Tenho, porém, contra ti que abandonaste o teu primeiro amor. Lembra-te, pois, de onde caíste, arrepende-te e volta à prática das primeiras obras; e, se não, venho a ti e moverei do seu lugar o teu candeeiro, caso não te arrependas. Tens, contudo, a teu favor que odeias as obras dos nicolaítas, as quais eu também odeio. Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas: Ao vencedor, dar-lhe-ei que se alimente da árvore da vida que se encontra no paraíso de Deus".

Antes de falar sobre a igreja em Éfeso, é importante notar que Jesus se apresenta a cada igreja de uma determinada maneira, ou seja, como aquele que é capaz de localizar exatamente o erro delas e trazer a solução adequada a cada caso. E assim, Ele afirma cada uma das Suas características vistas por João no capítulo 1. Aqui está escrito: "Ao anjo da igreja em Éfeso escreve: Estas coisas diz aquele que conserva na mão direita as sete estrelas e que anda no meio dos sete candeeiros de ouro". Jesus reafirma que Ele anda no meio da Sua igreja (candeeiros) para investigar o que se passa com ela e é aquele que detém todo o poder dela, membros e líderes.

Éfeso significa: desejável. Era um grande centro comercial, cultural e religioso da Ásia e que, atualmente, corresponde à Turquia. A cidade tinha um ótimo porto, que servia como centro exportador e como uma escala natural para quem viajava para a capital do Império, Roma. Ela hoje se encontra em desabitada e em ruínas; continua sendo escavada e é provavelmente a maior e mais impressionante ruína da Ásia Menor. A parte principal da cidade tinha teatro, banhos públicos, bibliotecas, mercado e ruas calçadas de mármore. O povoado inicial da Anatólia (atual Turquia), onde se localizava Éfeso no século I, se iniciou há muitos séculos, mas foi aumentado no século XII AC por colonos jônicos (gregos). A antiga deusa de Éfeso adquiriu o nome de Ártemis, mas manteve suas características primitivas da fertilidade (por isso, sempre representada como uma figura

dotada de muitos seios). A deusa Ártemis (Artemísia, em Grego) também era a deusa da lua e da caça.

Em 560 AC, Éfeso foi conquistada por Creso (rei da Lídia); mas em 547 AC passou para as mãos dos persas. Em 365 AC o templo de Diana sofreu um grande incêndio, mas foi reedificado. Foi destruído pelos Godos em 260 DC.

A cidade não teve uma grande história até 133 AC, quando passou a fazer parte do reino de Pérgamo, que Atalo III acabou entregando para Roma. Pérgamo continuou a ser a capital titular da Província Romana da Ásia, porém Éfeso também continuou a ser a cidade mais importante com uma população de mais ou menos 333.000 habitantes.

Ali, a prática religiosa mais comum era o culto a Ártemis, também conhecida como Diana pelos romanos, o nome latino da Rainha do Céu (Jr 7: 18; Jr 44: 17; 18; 19; 25) ou Ísis (pelos egípcios; também chamada pelos fenícios de Astarte ou Aserá).

Havia uma numerosa colônia judaica em Éfeso, e os judeus desfrutavam de uma posição privilegiada durante o início do Império. O cristianismo provavelmente chegou a Éfeso através de Áquila e Priscila em 52 DC, quando Paulo fez uma breve visita àquela cidade na sua segunda viagem missionária (At 18: 18-19), deixando-os ali. Em At 19: 10, na sua 3ª viagem missionária, Paulo passou dois anos ensinando na escola de Tirano (um habitante de Éfeso, provavelmente um retórico), e foi lá que houve o tumulto entre Paulo, Demétrio e o povo grego da cidade (At 19: 23-40). Os milagres que Deus fazia por seu intermédio causaram impacto nas pessoas idólatras, fazendo com que confessassem seus pecados e denunciassem publicamente suas obras; e os que praticavam artes mágicas reuniram seus livros e os queimaram em praça pública, a palavra do Senhor se divulgou e cresceu na Ásia (At 19: 18-20). Paulo enviou Timóteo para Éfeso como pastor (1 Tm 1: 3) e escreveu para eles durante a sua prisão em Roma, falando-lhes sobre fé e amor. Logo depois, o apóstolo João exerceu jurisdição naquele local sobre as sete igrejas principais da Ásia Menor.

Mas depois de 40 anos a geração inicial já não estava mais na liderança da igreja. A igreja sofria agora a influência de muitos falsos ensinos e era perturbada por muitos falsos mestres; sem falar em Domiciano, que era o imperador naquela época e perseguia duramente os cristãos. Dessa forma, a igreja primitiva de Éfeso, debaixo de tantas influências pagãs e já quase sem a força espiritual para romper com os velhos costumes gregos, foi aos poucos perdendo o primeiro amor, ou seja, a chama inicial do avivamento foi se esfriando.

Quando João escreveu sua carta a Éfeso por ordem de Deus, ele dizia que o Senhor reconhecia neles o labor, a perseverança, sua oposição aos nicolaítas, sua justiça em relação à liderança na igreja (pondo à prova os que a si mesmos se declaravam apóstolos e não eram; não deixava ali as heresias dos que vinham de fora), sua resistência diante das perseguições e provas, entretanto, pedia do Seu povo o arrependimento sincero e o retorno ao avivamento, senão Ele removeria o candeeiro dali, isto é, unção do Espírito Santo; em outras palavras, Sua própria presença entre eles.

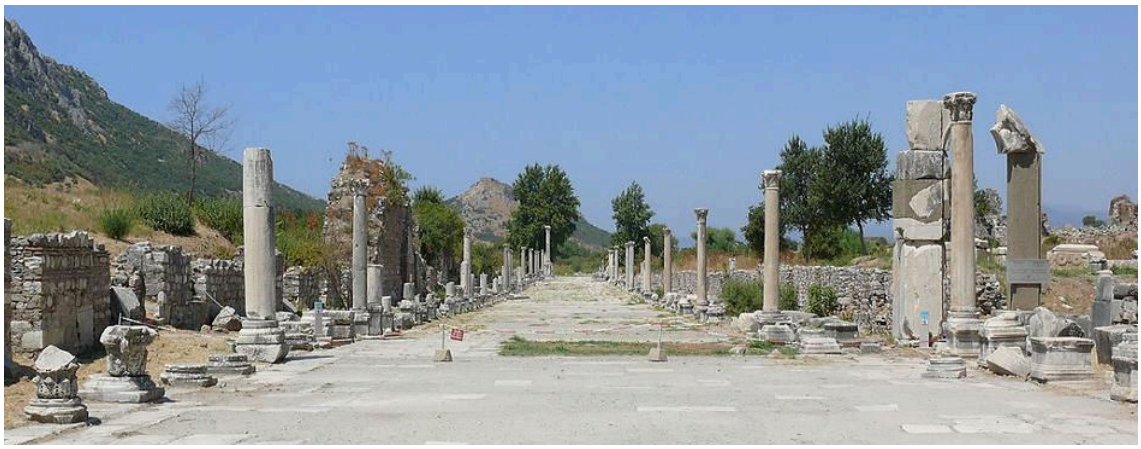
O termo 'nicolaítas' tem origem controversa. Presume-se que Nicolau de Antioquia (At 6: 5 – escolhido no início da formação da Igreja como diácono), supostamente, teria dado o seu nome a um grupo dentro dela que procurava entrar em compromisso com o paganismo, a fim de permitir que os cristãos participassem sem embaraço em algumas atividades sociais e religiosas da sociedade pagã na qual se encontrava. A orientação da seita seria semelhante à de Balaão, o corruptor de Israel no Antigo Testamento (Números – capítulos 22, 23 e 24): comerem coisas sacrificadas a ídolos e praticarem a prostituição ou a frouxidão sexual no seio da Igreja. Por isso, Deus menciona não apenas a Sua desaprovação a este tipo de prática, como elogia a igreja de Éfeso por ter se oposto à seita também.

Resumindo: Éfeso dava valor à verdadeira doutrina, não compactuava com o pecado dos seus membros, suportava as adversidades, tinha trabalho e perseverança, mas não havia mais amor a Jesus naquilo que ela fazia; ela perdeu o amor ao seu Redentor. E Deus falava para ela se arrepender e voltar à prática das primeiras obras, caso contrário, Ele removeria dali o candeeiro. A igreja defendia a verdade intelectual da doutrina, mas sem associação com a vida prática; não havia mais piedade no que fazia. Estava árida. Jesus pedia apenas que ela associasse a doutrina ao amor, por isso Ele disse: "Lembra-te, pois, de onde caíste, arrepende-te e volta à prática das primeiras obras", ou seja, 'lembra-te do passado, onde vocês tiveram mais intimidade comigo e onde começaram a esfriar'. Voltar à prática das primeiras obras significava: não desestimular, não desencorajar, e voltar na direção da restauração.

Além da exortação divina ao retorno das práticas cristãs do início, Ele fala que o prêmio para os que conseguissem superar esse tipo de situação que estava ocorrendo na comunidade seria se alimentar da árvore da vida que se encontra no paraíso de Deus, simbolizando não apenas a vida eterna, mas também no presente, a verdade de Jesus em contraposição com os falsos ensinos e com a idolatria**,** até com o legalismo, com o perfeccionismo e com a religiosidade. Agindo corretamente, Éfeso seria novamente desejável para Ele.

Éfeso, porém, não mudou de atitude, não conseguiu reavivar o fervor do começo e deixou de existir.

Nossa motivação para o trabalho deve ser o amor a Jesus, senão, de nada vale a ortodoxia doutrinária. A racionalidade excessiva e o desejo de servir a Deus com rigidez e perfeccionismo bloqueiam as emoções, e logicamente o amor, esfriam a chama do Espírito, trazem morte espiritual.



Imagens acima:
• Estátua de Artemis, século I DC, recuperada do templo da deusa em Éfeso; hoje no Museu Arqueológico de Éfeso. Foto: Metuboy. Wikipédia.
• Cena de rua nas escavações arqueológicas em Éfeso. Éfeso (grego Ἔφεσος; em turco: Efes) era uma antiga cidade grega na costa oeste da Anatólia, perto da atual Selçuk, dois quilômetros a nordeste da antiga cidade de Éfeso, na província de Izmir. Foto: Ad Meskens. Wikipédia.

Fachada da biblioteca Celsus, em Éfeso, perto de Selçuk, na Turquia. Foto: Benh LIEU CANÇÃO. Wikipédia.

Como podemos trazer isso para os nossos dias?

Infelizmente, muitas igrejas começam debaixo do avivamento espiritual, mas ao longo da sua caminhada deixam minar a chama do ‘primeiro amor’. Tanto membros

quanto líderes transformam o culto e as orações numa triste rotina, cessando a verdadeira comunhão com o Espírito Santo. Embora se opondo às práticas impuras mescladas com o evangelho, suportando as provas e oposições, fazendo obras sociais e colocando à prova os falsos ensinos e os falsos profetas, embora fazendo força para permanecer na doutrina original, buscando a santidade e não se envolvendo com os modismos do mundo, não conseguem mais reatar a pureza original, pois o amor que movia seus corações a fazerem a obra foi conspurcado pelas influências externas, pelo medo de se desenvolver espiritualmente e experimentar algo novo da parte de Deus; ou pelo perfeccionismo da carne, querendo agradar a Deus pelas próprias forças; ou ainda pela religiosidade e pela vontade própria de andar em retidão e aplicar a palavra de Deus ao pé da letra. Talvez por medo das manifestações espirituais do Espírito Santo eles se deixaram tomar pela razão, sem permitir que Ele toque profundamente nos corações; ou porque o excesso de luta e resistência ao mal acabou tirando a motivação e levou à acomodação. Com medo de mudar, de se reciclar e renovar a unção; com medo de cair no pólo pecaminoso e licencioso se opta pela estagnação e pela ortodoxia. Seja qual for o argumento, Deus não se agrada da triste rotina religiosa que impede o Seu Espírito de agir. Na verdade, o radicalismo é um empecilho às novidades de Deus e também não leva a comunidade a lugar algum. Entretanto, o que Deus quer dizer é que não adianta vagarmos pelos extremismos da moral, quando o coração já não vê mais graça em estar, de verdade, na presença do Senhor.

O ativismo da carne dá uma falsa impressão de movimento, de produtividade, de exercício correto da espiritualidade, pensando que isso agrada a Deus.

Qualquer coisa que ocupe o lugar prioritário de Jesus na nossa vida é um motivo para se apagar a chama do 'primeiro amor' nos corações, por isso Ele orienta o Seu povo a se arrepender do que os fez esfriar espiritualmente, caso contrário, a unção pode ser retirada do meio daquela comunidade.

Em Éfeso, o prêmio para os que resistissem a esse tipo de comportamento era se alimentar da árvore da vida que estava no paraíso de Deus. No Éden, Adão e Eva tinham permissão para comer da árvore da vida, em contraposição à árvore do conhecimento do bem e do mal, que era proibida a eles. Isso quer dizer que os que se voltam para as práticas sadias do evangelho como buscar o Senhor de coração íntegro, abandonar completamente o pecado e as antigas obras da carne e amar seu semelhante, mas deixar que Ele conduza as coisas e não seu próprio ego, esses passam a ter uma intimidade renovada com a 'árvore da vida' que é Jesus; assim, retomam o aprendizado da Palavra baseado na verdade divina de maneira prática, motivada e cheia de vida.

Nós devemos pensar em muitas coisas que estamos praticando e que precisam ser mudadas para que a chama do 'primeiro amor' volte a estar acesa. Tudo tem um ingrediente básico que é a simplicidade do evangelho que havia no início da Igreja Primitiva, aceitando as coisas de Deus como as crianças aceitam. Éfeso necessitava recordar de tudo o que sentiu ao iniciar a obra de Deus, quando seus membros experimentaram o verdadeiro avivamento; precisavam retomar novamente esta postura.

• Ap 2: 8-11 – carta à igreja em Esmirna

"Ao anjo da igreja em Esmirna escreve: Estas coisas diz o primeiro e o último, que esteve morto e tornou a viver: Conheço a tua tribulação, a tua pobreza (mas tu és rico) e a blasfêmia dos que a si mesmos se declaram judeus e não são, sendo, antes, sinagoga de Satanás. Não temas as coisas que tens de sofrer. Eis que o diabo está para lançar em prisão alguns dentre vós, para serdes postos à prova, e tereis tribulação de dez dias. Sê fiel até a morte, e dar-te-ei a coroa da vida. Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas: O vencedor de nenhum modo sofrerá o dano da segunda morte".

Esmirna significa: mirra ou amargura, o que nos lembra o sacrifício de Jesus na cruz, talvez por isso esteja escrito no versículo 8: "Estas coisas diz o primeiro e o último, que esteve morto e tornou a viver". Esmirna era uma cidade da província romana da Ásia, na praia do mar Egeu, dentro da atual Turquia Asiática, como as demais igrejas descritas nessas cartas de João. Ficava a cinqüenta e cinco quilômetros ao norte de Éfeso. Era uma das cidades mais prósperas da Ásia, mais bonitas e a segunda após Éfeso. Era símbolo de fidelidade a Roma, porque a havia ajudado antes mesmo de Roma ser um império. Depois de Roma, era o maior centro de adoração ao imperador. O templo de Tibério César (14-37 DC) estava naquela cidade. No apogeu de Roma, Esmirna era uma cidade com muito esplendor e muita magnificência dos seus edifícios públicos. Atualmente, é uma cidade da Turquia chamada Izmir.

A cidade era importante por causa do seu comércio, pois tinha um porto natural de antiga rota comercial que atravessa o vale do Rio Hermo, e seu interior era muito fértil. Ela apoiava os jogos atléticos e tinha um grande centro esportivo. Além disso, era importante por causa da influência cultural, pois tinha a maior concentração de bibliotecas, teatros, palácios, prédios luxuosos, arquitetura arrojada e pomposa, rica e bela. Havia no lugar de Esmirna uma colônia grega desde tempos muito antigos, talvez por volta de 1.000 AC, mas foi capturada e destruída pelos lídios no final do século VII AC; foi fundada novamente em sua atual localização por Filipe Lisímaco (360-281 AC), um dos quatro generais de Alexandre o Grande, no início do século III AC. A partir daí ela se desenvolveu até se tornar uma das mais prósperas cidades da Ásia Menor. Muitos judeus se concentravam ali e se opunham fortemente à igreja cristã. Aqui, o presbítero Policarpo, discípulo de João, foi martirizado em 155 DC, aos 86 anos de idade, forçado a negar Jesus. E o ameaçaram com feras e, então, queimado na fogueira. Foi queimado vivo e depois esfaqueado quando o fogo não consumiu seu corpo, mas morreu cantando.

Ninguém sabe quem fundou a igreja cristã lá; se foi Paulo (At 19: 10) depois de estar em Éfeso. O que se sabe é que ela era uma igreja que passava por tribulação, circunstâncias adversas, ambiente hostil e perigoso. Na sua maioria, ela era composta de escravos, portanto, desprovidos até de liberdade; e os cristãos livres que lá estavam tinham seus bens confiscados. Eram levados às prisões romanas e muitos morriam lá mesmo de fome, de infecções e desespero.

Por volta de 303 DC, houve a perseguição de Diocleciano (284-305 DC) ou 'Grande Perseguição'. Foi a última e talvez a mais sangrenta perseguição aos cristãos no Império Romano, também conhecida como 'a era dos mártires'. Diocleciano e seus colegas Maximiano, Galério e Constâncio Cloro emitiram uma série de éditos exigindo que os cristãos cumprissem as práticas religiosas tradicionais do Império Romano, ou seja, a realização de sacrifícios às suas divindades. O primeiro édito imperial de 303 DC ordenava a destruição geral de igrejas, objetos de culto cristãos (que se queimassem os livros dos cristãos, os locais de reunião), e a destituição de funcionários que fossem adeptos da nova religião; um segundo édito ordenou a prisão geral do clero (os líderes da igreja cristã foram ameaçados e forçados a adorar os deuses de Roma). Um terceiro previa a libertação dos cristãos em caso de apostasia, e o quarto e último, de 304 DC, ordenava toda a população do império a sacrificar aos deuses sob pena de morte ou trabalhos forçados em minas. Cristãos foram para as pedreiras e adoeceram lá. A mulher e a filha de Diocleciano, que eram cristãs, também sofreram perseguição, mas só foram mortas mais tarde, no governo de Licínio (308-324 DC). Foram decapitadas, e seus corpos foram jogados no mar.

Jesus se apresenta agora à igreja de Esmirna dizendo: "Estas coisas diz o primeiro e o último, que esteve morto e tornou a viver". Porque ali os cidadãos davam prioridade ao imperador, Jesus falou para a igreja oprimida que nEle tudo tem sentido; Ele era o centro,

não César. 'Que esteve morto e tornou a viver' – o Senhor lhe disse isso porque se ela estava enfrentando perseguição e martírio era para que ela soubesse que Ele é o conquistador da morte, Ele morreu e venceu. Era uma palavra de ânimo para a igreja. Eles não se sentiriam sozinhos ao passar pela morte; Ele estaria com eles. Não seria por ousadia humana, mas pela força divina. De Policarpo (que morreu em 155 DC, no reinado de Antonino Pio) até Diocleciano e a Grande Perseguição (303 DC) foram quase 150 anos de perseguição aos cristãos, em especial esses de Esmirna; por isso, a palavra do Senhor para ela.

A igreja de Esmirna encontrou oposição por parte dos judeus, assim como a de Filadélfia (Ap 2: 9; Ap 3: 9). Eles se aliaram a Roma para destruir os cristãos. Portanto, os crentes de Esmirna seriam colocados à prova. Dessa forma, podemos ver que o Senhor conhecia a tribulação da Sua igreja, sua pobreza em confronto com a riqueza material e a oposição dos judeus que blasfemavam contra o ensino verdadeiro, pois não acreditavam que Jesus era o Messias. Mas para Jesus, eles eram ricos espiritualmente.

Jesus não precisou repreender essa igreja. Ele sabia o que ela passava ("Conheço a tua tribulação, a tua pobreza (mas tu és rico) e a blasfêmia dos que a si mesmos se declaram judeus e não são, sendo, antes, sinagoga de Satanás").

"Conheço a tua pobreza (mas tu és rico)" – Jesus viu que eles eram ricos, apesar do que lhes faltava materialmente.

"A blasfêmia dos que a si mesmos se declaram judeus e não são, sendo, antes, sinagoga de Satanás" – eram necessárias pelo menos dez pessoas para iniciar uma sinagoga. Não se sabe, exatamente, se esses judeus que os perseguiam se reuniam numa sinagoga, mas de qualquer forma eles se consideravam fiéis a Deus e achavam que eles é que estavam certos por seguirem a lei e, portanto, seriam salvos. Mas Jesus os chamava de sinagoga de Satanás porque se reuniam para perseguir os cristãos. O verdadeiro judeu era aquele que o era interiormente (Rm 2: 29), não pela lei e sim pela fé.

"Eis que o diabo está para lançar em prisão alguns dentre vós" – Satanás é um agente que aciona forças; ele era instrumento para mobilizar os imperadores romanos contra a igreja.

Os filhos de Deus teriam simbolicamente que carregar sua cruz, ou seja, sofrer a morte física por causa da sua lealdade ao Senhor, mas também estavam sendo consolados com a promessa da ressurreição no último dia. A prova seria amarga como a mirra, mas os faria vencer as confusões e as blasfêmias existentes ali. Os que resistissem até o fim seriam salvos; eles receberiam a coroa da vida, símbolo da vitória para os que corriam para alcançar a coroa incorruptível, como Paulo diz.

Espiritualmente falando, não veriam o dano da segunda morte, ou seja, alcançariam a salvação. A primeira morte foi o pecado de Adão (Rm 5: 12; 14; 17); a segunda morte, simbolizada pelo lago de fogo (Ap 20: 14), significa: a separação definitiva de Deus para aqueles que abandonarem a Cristo em prol de Satanás (morte eterna). A bíblia fala de uma tribulação de dez dias que, não precisa ser necessariamente este tempo cronológico, mas um símbolo de fidelidade, de algo completo, mas breve; o primeiro número de um começo maior, que é o significado bíblico do número dez. Dessa forma, a igreja de Esmirna seria provada na sua aliança e na sua fidelidade a Cristo.

"Sê fiel até a morte, e dar-te-ei a coroa da vida" – sê fiel ainda que te custe a vida, é o que quer dizer. Essa igreja não retrocedeu diante da pobreza, da perseguição nem da morte. A palavra 'coroa' aqui, em grego é stephanos (στέφανος – Strong #4735), que significa 'coroa, guirlanda, honra, glória', mais especificamente, 'diadema', como um distintivo de realeza, um prêmio nos jogos públicos ou um símbolo de honra em geral; porém mais distinto e elaborado do que o simples filete. Essa coroa de que João está falando aqui era como aquelas que pessoas recebiam em momentos especiais, como a

coroa dada aos vitoriosos nos jogos (1 Co 9: 25; 2 Tm 2: 5). A vida cristã é como uma corrida de um atleta. “Eu completei a carreira”, disse Paulo (2 Tm 4: 7). ‘Stephanos’ (coroa) também era dada numa festa; então, eles a receberão nas bodas do Cordeiro. As pessoas também recebiam um tipo de coroa dessas quando entravam nos templos dos deuses; portanto, Jesus falava para os crentes de Esmirna sobre a alegria de entrar na presença de Deus, na nova Jerusalém.

Coroa de louros da Grécia antiga

O que isso significa para nós?

Há muitas igrejas de Cristo em lugares perigosos do planeta, onde ser cristão é proibido, lugares onde os poderes seculares não permitem a liberdade de culto, pois Satanás atua ali instigando os governantes. Muitos crentes sofrem perseguições sérias e até enfrentam a morte física por causa de sua fidelidade a Jesus. Mas como a força não vem do homem e sim de Deus, Ele os capacita para isso. E apesar desse tipo de adversidade, Ele sempre encontra meios para que mais pessoas ouçam Sua voz, O recebam como Senhor e, assim, Sua igreja não morra. Por isso, muitas vezes, Ele nos pede intercessão por vidas que nós nem conhecemos pessoalmente, mas são nossos irmãos na fé.

No Oriente do planeta as perseguições são mais físicas; o que não significa, entretanto, que devamos menosprezar as perseguições e as lutas que a igreja enfrenta no Ocidente, com muitas sutilezas dos falsos ensinos, das falsas profecias, da tecnologia desenfreada, da mídia, da ciência, da pressão financeira e outras forças sutis e invisíveis, mas que oprimem o caminhar de quem não quer entrar no jogo de Satanás ou na Babilônia mundana. A situação fica pior quando o dinheiro é retido, porque dificulta muito que a igreja verdadeira se mova com força para pregar e evangelizar. A obra de Deus não pode ser feita da maneira espalhafatosa do mundo, mas da maneira simples de Deus, pois muitas vezes ela pode ser feita sem se gastar dinheiro, evitando o mover consumista, competitivo e corrupto do mundo.

Enquanto o mundo vê a aparência, o Senhor vê o coração. O mundo gosta de riqueza e, infelizmente, atrai a igreja para viver de acordo com Seus parâmetros. Apenas os que estão firmes na Palavra têm consciência para saber que os valores de Deus são outros e

resistem às opressões e as provações externas. Pessoas ímpias são usadas por Satanás para criticar, condenar, falar mal e até agir com violência contra os filhos de Deus que buscam viver debaixo da Sua verdade. Porém, o Senhor tem poder para dar força e suprir os que Lhe pertencem, em todas as circunstâncias e de todas as maneiras.

Se olharmos a vida do crente fiel, sempre vai existir um período de prova, mais cedo ou mais tarde, para ver de que lado ele vai continuar, pois essa é uma maneira de Deus aprimorar a salvação no Seu povo. Os que conseguem superá-la provam ser verdadeiros filhos de Deus e confirmam ser dignos de receber a coroa da vida, ou seja, a vida eterna. Provaram a mirra, a cruz, deixando nela as suas vontades e os seus desejos particulares para ressurgirem espiritualmente cheios da unção e do poder de Deus. Agora, estão prontos a serem instrumentos afinados em Suas mãos. Através deles, o Senhor pode completar Sua obra na terra.

Esmirna estava precisando clamar ao Senhor por entendimento para saber como permanecer forte nas provações e não cair nos erros e blasfêmias dos ímpios. O entendimento correto das revelações de Deus a levaria a vivenciar a verdadeira força do Espírito e deixar as fidelidades antigas da carne para ser fiel a Cristo, em contraste com a cidade fora fiel aliada de Roma e ainda permanecia assim. O entendimento da revelação de Jesus como Filho de Deus e Salvador do mundo e como o único Deus verdadeiro levaria Esmirna a compreender melhor o que Ele deseja para aqueles que têm um encontro consigo: que deixem o passado para viver uma nova vida (a conversão verdadeira) e ter outro tipo de riqueza e força. Esmirna, sendo leal a Jesus, ao invés de Roma, derrubaria a idolatria ao dinheiro dentro da igreja e atingiria o pensamento correto do Senhor para ela.

• Arcos da Agora de Izmir ou Ágora de Esmirna, uma antiga ágora romana. Ágora é um lugar público para encontros; uma praça pública na Grécia Antiga que servia como comércio e para atos políticos e civis; espaço público central nas cidades-estado da Grécia Antiga. Foto: Benh LIEU SONG de Torcy, França. Wikipédia.

• O atual Rio Gediz (Hermo, na Antiguidade) a jusante cruzando a província de Esmirna no oeste da Turquia. Foto: Sr. Necdet Düzen. Wikipédia.

• Ap 2: 12-17 – carta à igreja em Pérgamo

"Ao anjo da igreja em Pérgamo escreve: estas coisas diz aquele que tem a espada afiada de dois gumes: Conheço o lugar em que habitas, onde está o trono de Satanás, e que conservas o meu nome e não negaste a minha fé, ainda nos dias de Antipas, minha testemunha, meu fiel *[abreviação de Antipater – um mártir da igreja de Pérgamo, o qual, segundo a tradição, foi assado num receptáculo de bronze durante o reinado de Domiciano (81-96 DC)],* o qual foi morto entre vós, onde Satanás habita. Tenho, todavia, contra ti algumas coisas, pois que tens aí os que sustentam a doutrina de Balaão, o qual ensinava a Balaque a armar ciladas diante dos filhos de Israel para comerem coisas sacrificadas aos ídolos e praticarem a prostituição. Outrossim, também tu tens os que da mesma forma sustentam a doutrina dos nicolaítas. Portanto, arrepende-te; e, se não, venho a ti sem demora e contra eles pelejarei com a espada da minha boca. Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas: Ao vencedor, dar-lhe-ei do maná escondido, bem como lhe darei uma pedrinha branca, e sobre essa pedrinha escrito um nome novo, o qual ninguém conhece, exceto aquele que o recebe".

Pérgamo (em grego: Πέργαμος) significa: cidadela, burgo, vila, e era a capital administrativa, o centro da religião oficial e sede da autoridade e da justiça imperial romana na província. A cidade foi construída desde tempos antigos em um promontório a vinte e seis quilômetros da costa do mar Egeu, na borda norte da planície do rio Caicos (atual Bakırçay) e a noroeste da moderna cidade de Bergama (hoje território da Turquia). Durante o período helenístico, sob a dinastia atálida (281−133 AC), ela foi capital do Reino de Pérgamo, e um dos principais centros culturais do mundo grego. O maciço de Pérgamo, composto principalmente de rocha vulcânica, está a trezentos e trinta e cinco metros acima do nível do mar. Por isso, ela era considerada uma fortaleza ('cidadela', 'burgo'). A dinastia atálida foi uma linhagem grega que governou na cidade de Pérgamo após a morte de Filipe Lisímaco da Trácia (360-281 AC), um dos generais e sucessores de Alexandre o Grande. Filetero foi um dos oficiais de Lisímaco, e tomou o poder da cidade em 282 AC, reinando até 263 AC. Sua descendência continuou a governá-la:

• Eumenes I (263-241 AC)

• Atalo I Sóter (241-197 AC)
• Eumenes II (197-160 AC)
• Atalo II Filadelfo (160-138 AC)
• Atalo III (138-133 AC)
• Eumenes III Aristônico (133-128 AC – pretendente ao trono, pois era filho ilegítimo de Atalo II, mas sua revolta fracassou).

Em 133 AC Atalo III legou o Reino de Pérgamo à República Romana, por não ter herdeiros.

Pérgamo sobrepujava Éfeso e Esmirna, pois ali ficava a maior biblioteca do mundo no século I, depois de Alexandria. Pérgamo tinha duzentos mil pergaminhos e foi construída por Eumenes II entre 220 e 159 AC no extremo norte da Acrópole.

Os manuscritos eram escritos em pergaminho, enrolados e depois armazenados nas prateleiras. É verdade que a palavra 'pergaminho' é derivada de Pérgamo (do latim, pergamenum, e do francês parchemin). Durante o período helenístico, Pérgamo era um grande centro de produção de pergaminhos, mas o pergaminho não foi inventado em Pérgamo, como diz a lenda. O pergaminho já era usado na Anatólia e em outros lugares muito antes da ascensão de Pérgamo. O que acontece é que o pergaminho ajudou o Império Romano a não depender tanto do papiro egípcio, como era usado na biblioteca de Alexandria, e permitiu a disseminação do conhecimento na Europa e na Ásia.

O teatro de Pérgamo era um dos teatros mais íngremes do mundo (inclinação de 70 graus) e tinha capacidade para 10.000 pessoas. Também foi construído no século III AC. Foto: Bernard Gagnon (wikipedia.org).

Pérgamo também era o centro dos maiores cultos pagãos: Zeus (em grego) ou Júpiter (para os romanos), o maioral dos deuses, o deus do céu que se exibia nos fenômenos atmosféricos, ligado mais intimamente a Mercúrio (para os romanos) ou Hermes (para os gregos), o deus da palavra (os mesmos Júpiter e Mercúrio encontrados em Listra e Icônio

por Paulo e Barnabé: At 14: 12); Atena ou Palas Atena (para os gregos), ou Minerva (para os romanos), a deusa da civilização, da sabedoria, da estratégia, das artes, da justiça e da habilidade; Dionísio (para os gregos) ou Baco (para os romanos), o deus do vinho; Afrodite (em grego) ou Vênus (para os romanos), a deusa do amor, da beleza e da sexualidade; Deméter ou Demetra (em grego) e chamada de Ceres pelos romanos, a deusa da colheita, da agricultura, da terra cultivada e das estações do ano, propiciadora do trigo, planta símbolo da civilização. Havia também um grande templo dos deuses egípcios Ísis-Serápis. Serápis, em egípcio, era inicialmente chamado de Aser-hapi (ou seja, Osíris-Ápis), que se tornou Serápis. Seu símbolo era uma cruz. Ele era tido como sendo o deus Osíris em sua totalidade. Osíris governava o reino dos mortos e estava ligado a Rá. Ísis era sua consorte. Ápis (Hapi-anku), o touro de Mênfis, era a personificação da terra e a reencarnação de Osíris; simbolizava a força do rei (Faraó).

Nesse contexto se encaixa Antipas, mencionado nessa carta. Antipas é a abreviação de Antipater. Ele era presbítero, discípulo de João e um mártir da igreja de Pérgamo, o qual, segundo a tradição, em 92 DC foi assado num receptáculo de bronze (um touro de bronze, semelhante a um incensário) pelos adoradores de Serápis, durante o reinado de Domiciano (81-96 DC). O touro de bronze representava o deus touro Ápis. O martírio de Antipas é um dos primeiros registrados na história cristã, destacado pela Escritura Cristã através da mensagem enviada à Igreja de Pérgamo no Livro do Apocalipse.

Outro importante deus adorado ali era Asclépio (Asklepios, grego) ou Esculápio, em latim, o deus da cura, cujo símbolo era uma serpente. O santuário dedicado a ele foi considerado um dos mais famosos centros terapêuticos e de cura do mundo romano. Galeno, o médico mais famoso da Antiguidade, depois de Hipócrates, nasceu em Pérgamo e recebeu seu treinamento inicial no Asclepeion (o templo de Esculápio). Pessoas de toda parte vinham para ser curadas.

Pérgamo aparece no Apocalipse como o lugar onde está o trono de Satanás (Ap 2: 13); era considerada como a sede do poder do mal porque no culto imperial o poder dado por Deus pertencente ao Estado havia sido empregado na adoração blasfema de um homem (adoração ao imperador). Portanto, o que ocorria era a perversão da autoridade divina dada ao Estado, sendo o imperador romano transformado numa divindade [como no caso de Domiciano, que se proclamou deus, ainda em vida], ao invés de ocupar apenas sua posição de autoridade secular. Cristo é o real e final possuidor dessa autoridade, o que é simbolizado pela espada afiada de dois gumes, a espada do Seu juízo para os que se conservam no erro.

Era costume dos imperadores romanos se considerarem deuses, por isso Deus condenava tanto o culto imperial nas Epístolas e no Apocalipse. Caio Júlio César (49-44 AC), em vida, no ano de 44 AC, consentiu na construção de uma estátua sua, onde se podia ler a inscrição: Deo invicto ("Ao Deus Invencível"). No mesmo ano se nomeou ditador vitalício. Houve um período de guerra civil durante a transição de República para Império Romano, o qual teve início em 29 AC com Otaviano, sobrinho e herdeiro de Júlio César. Caio Júlio César Otaviano Augusto (29 AC–14 DC) ou César Augusto, como é conhecido, fez construir um templo em Roma dedicado ao 'Divino Júlio'. O filho adotivo de Augusto foi Tibério (Tibério Cláudio Nero César: 14-37 DC). Ambos permitiram erigir um único templo em sua honra durante as suas vidas. Estes templos continham não somente as estátuas do imperador governante, que podia ser venerado à maneira de um deus, mas também eram dedicados à cidade de Roma (no caso de Augusto) e ao senado (no caso de Tibério). Ambos os templos estavam situados na parte asiática do Império Romano. O templo de Augusto (construído em 29 AC) estava situado em Pérgamo, enquanto o de Tibério estava em Esmirna e ele não consentiu outro templo ou estátua em sua honra em nenhum outro lugar. Assegurou frente ao senado que preferia ser recordado

mais pelos seus atos que pelas pedras. Mas permitiu a construção de um templo em honra do seu antecessor e pai adotivo, o 'Divino Augusto', em Tarragona (atual Catalunha, Espanha), em 15 DC. Calígula (37-41 DC) tornou-se o primeiro imperador a apresentar-se como um deus diante do povo; não através de estátuas, mas abertamente em seu próprio corpo.

Uma vez por ano os súditos romanos iam a esses templos para queimar incenso a César. Os que se recusavam eram perseguidos. Aqui começou a perseguição à igreja porque os cristãos se recusavam a adorar outro deus como Senhor. Nessa mesma época ocorreu a perseguição à igreja de Éfeso por Domiciano.

"Conheço o lugar em que habitas, onde está o trono de Satanás, e que conservas o meu nome e não negaste a minha fé, ainda nos dias de Antipas, minha testemunha, meu fiel, o qual foi morto entre vós, onde Satanás habita" – isso quer dizer que Deus sabia que os crentes de Pérgamo conservavam o Seu nome e não negaram a fé, apesar das opressões de Roma e da cultura grega da cidade. Deus conhecia o lugar maléfico onde essa igreja estava, mas queria que eles entendessem uma coisa: o trono de Satanás não estava num prédio, num templo idólatra daqueles, e sim no sistema pagão que levava as pessoas a adorar muitos falsos deuses. Isso era uma conspiração à Trindade verdadeira. Eles teriam que resistir ao engano e à heresia daquele lugar, ao mundo sedutor que havia ali. A igreja corria o risco de se misturar com o mundo, de se conformar com o engano doutrinário e compactuar com o pecado moral. Por isso, Jesus segue dizendo:

"Tenho, todavia, contra ti algumas coisas, pois que tens aí os que sustentam a doutrina de Balaão, o qual ensinava a Balaque a armar ciladas diante dos filhos de Israel para comerem coisas sacrificadas aos ídolos e praticarem a prostituição. Outrossim, também tu tens os que da mesma forma sustentam a doutrina dos nicolaítas" – Alguns crentes da igreja de Pérgamo sustentavam a doutrina de Balaão ou a doutrina dos nicolaítas. O termo 'nicolaítas' tem origem controversa. Presume-se que Nicolau de Antioquia (At 6: 5 – escolhido no início da formação da Igreja como diácono), supostamente, teria dado o seu nome a um grupo dentro dela que procurava entrar em compromisso com o paganismo, a fim de permitir que os cristãos participassem sem embaraço em algumas atividades sociais e religiosas da sociedade pagã na qual se encontrava. A orientação da seita seria semelhante à de Balaão, o corruptor de Israel no Antigo Testamento (Números – capítulos 22, 23 e 24): comer comida sacrificada a ídolos, convivência simultânea com o paganismo, com a prostituição e com os falsos ensinos, que eram laços no caminho da igreja. Não era toda a igreja que praticava isso. Alguns deles apenas se encantaram com a doutrina dos nicolaítas e de Balaão (filho de Beor, que foi comprado por Balaque, rei dos moabitas, filho de Zipor, para amaldiçoar Israel quando entrava na Terra Prometida). Entretanto, isso era perigoso para a comunidade como um todo. Eram ataques sutis de heresia e de pecado, misturando o evangelho com o paganismo (ecumenismo). O nível moral estava baixando.

Então, o Senhor vem e diz: "Portanto, arrepende-te; e, se não, venho a ti sem demora e contra eles pelejarei com a espada da minha boca". Mais uma vez Ele conclama Seu povo ao arrependimento, caso contrário, experimentariam a morte pela espada, ou seja, o juízo divino viria para punir a desobediência e a blasfêmia. Por isso, ele se apresentou a essa igreja como aquele que tem a espada afiada de dois gumes, aquele que tem autoridade para julgar ímpios e crentes: "Ao anjo da igreja em Pérgamo escreve: estas coisas diz aquele que tem a espada afiada de dois gumes". Toda a igreja tinha que se arrepender; não porque todos tinham se desviado, mas porque todos se conformaram, tiveram tolerância com o erro. A fonte do pecado era o trono de Satanás, o governo dele naquela cidade, criando confusão mental, falta de luz, engano, cegueira e pecado. Mas a parte dos

crentes era resistir e manter a chama do Espírito acesa. Não era uma tarefa fácil, mas necessária.

"Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas: Ao vencedor, dar-lhe-ei do maná escondido, bem como lhe darei uma pedrinha branca, e sobre essa pedrinha escrito um nome novo, o qual ninguém conhece, exceto aquele que o recebe" – O prêmio pela fidelidade a Cristo seria o maná escondido (o sustento espiritual de Deus aos que buscassem Sua revelação) e a pedrinha branca. O maná era o pão do céu, conhecido pelos israelitas, e que os sustentou no deserto por quarenta anos. Jesus veio e disse que Ele era esse pão da vida (Jo 6: 31-35; 48-51; 54-55). Aqueles que não se contaminassem com os banquetes do mundo comeriam do banquete de Deus, do maná verdadeiro.

A pedrinha mencionada no texto era um pequeno cubo de marfim, osso, metais ou madeira (téssera hospitalar; em latim: 'tessara hospitalis') usado como ingresso em algum lugar, e também como uma senha de entrada para as grandes festas da cidade. Para os vencedores, os que rejeitassem os banquetes do mundo, ela representaria a senha de entrada no reino de Deus e nas bodas do Cordeiro. Há uma segunda hipótese para a 'pedrinha branca': nos tribunais do mundo antigo os jurados votavam com uma pedrinha branca ou preta. Se a maioria fosse branca, o réu era absolvido. Se fosse preta, seria condenado. Portanto, ela poderia indicar que, mesmo que os crentes fossem condenados pelos tribunais da terra, seriam absolvidos pelo tribunal de Deus.

"Sobre essa pedrinha escrito um nome novo, o qual ninguém conhece, exceto aquele que o recebe" – o novo nome pode se referir a Jesus, o dono e Senhor daqueles que acreditam nEle e entregam sua vida para Ele; ou, então, ao 'Seu novo nome', escrito em Ap 19: 12: "um nome escrito que ninguém conhece, senão ele mesmo" e Ap 3: 12: "Ao vencedor, fá-lo-ei uma coluna no santuário do meu Deus, e daí jamais sairá; gravarei também sobre ele o nome do meu Deus, o nome da cidade do meu Deus, a nova Jerusalém que desce do céu, vinda da parte do meu Deus, e o meu novo nome" pode ser um nome novo que somente nos será revelado na Sua segunda vinda, e somente aqueles que estão inscritos no Livro da Vida do Cordeiro conhecerão.

Também há uma terceira hipótese sobre essa pedrinha branca se pensarmos nesse detalhe sobre 'um nome novo' escrito nela. Na época, havia um costume: quando uma criança nascia e o pai a reconhecia como seu filho, ele escrevia o nome da criança junto ao dele numa pedrinha branca. E isso pode significar para nós que nossos nomes estão escritos na nova Jerusalém, pois somos reconhecidos por Deus como Seus filhos.

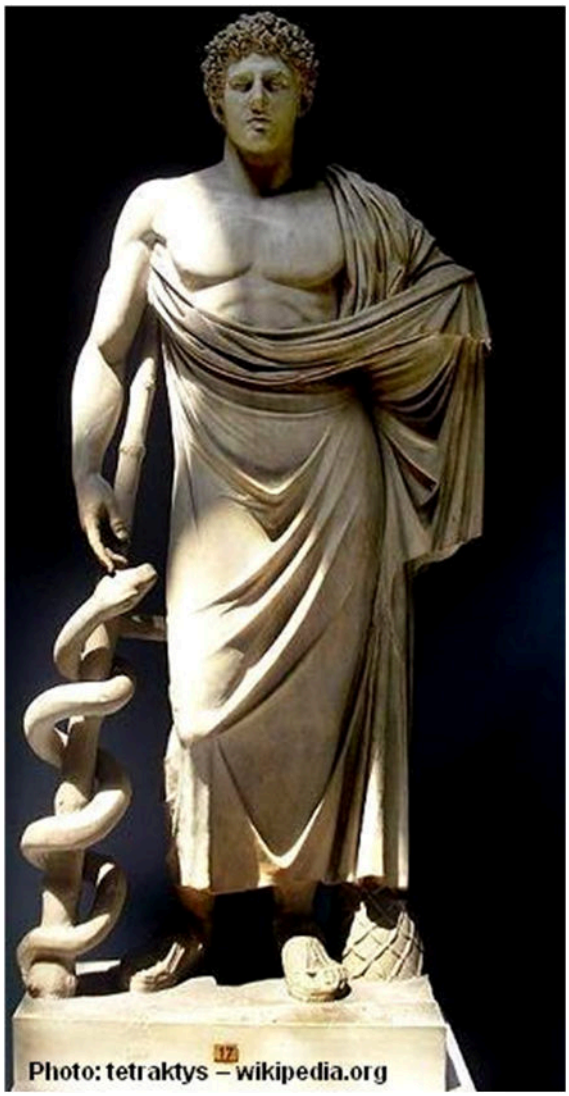
A espada de dois gumes de Cristo, a Palavra Viva, traria Seu juízo e separaria o santo do profano para Pérgamo voltar a ser uma cidade forte, um burgo, uma cidadela, símbolo da nova Jerusalém que é a promessa dada aos que conseguirem vencer a tribulação da vida cristã.

Imagens abaixo:
• Acrópole (Akrópoli Ακρόπολη, ou Akrapol, Ακράπολ) na atual cidade de Bergama (Pérgamo) – Turquia. Foto: Adam Jones – Wikipédia.
• As ruínas da Acrópole da antiga cidade de Pérgamo, atual Bergama, na Turquia. Foto: Haluk Comertel – Wikipédia.

Como podemos trazer isso para os nossos dias?

Para nós, a carta a Pérgamo nos diz: muitas igrejas do Senhor se encontram em lugares onde a autoridade do Estado foi totalmente deturpada e corrompida, oprimindo o povo de Deus a servir a um homem que, em suma, é o símbolo da idolatria humana. Isso desagrada totalmente a Ele, pois um ser humano corrompido é um instrumento maligno nas mãos de Satanás. Alguns, por medo, se submetem à 'prostituição espiritual', servindo concomitantemente a vários deuses e negando o Deus verdadeiro. Mesmo nos casos em que uma autoridade do governo não seja idolatrada nem exija tal grau de reverência e obediência, espiritualmente falando muitos deuses podem se erguer na vida das pessoas como se via em Pérgamo: Zeus (Júpiter), o deus do céu que se exibe nos fenômenos atmosféricos, pode ser ainda adorado na forma de superstições que vêem presságios no sol, na lua e nas estrelas por pessoas que só cortam o cabelo na lua cheia ou nova, ou

mantém esse tipo de superstição arraigada dentro de si quando necessitam neuroticamente ler horóscopo antes de sair de casa para terem certeza de que vai dar tudo certo naquele dia. Há também aqueles que ligam o dia do seu aniversário a certos corpos celestes e acham que se comportam 'assim ou assado' por causa disso (signos e mapas astrais, por exemplo). Assim, a pessoa não quer se corrigir e acaba fazendo de Deus um ser mais eclético e mais complacente com certas 'manias' humanas (maus hábitos), que não são simples maus hábitos, mas francas idolatrias.



• 'Esculápio jovem' – Cópia romana do século III DC, do original grego do século IV AC – no Museo Chiaramonti. Foto: tetraktys, 19/01/2011 – wikipedia.org

Como eu já disse o outro deus mais intimamente ligado a Júpiter era Mercúrio (Hermes), o deus da palavra, o que se pode ver camuflado na sedução que pode ter a palavra na boca de alguém mais influente, seja ele um personagem do mundo ou da igreja. Falar bonito engana muita gente. Atena (Minerva) era a deusa da sabedoria; isso quer dizer que falsa sabedoria, mesmo dentro da igreja pode corromper os filhos de Deus, que não lêem a bíblia direito e ficam repetindo o que ouvem feito papagaios sem julgar ou raciocinar em cima do que estão ouvindo e sem checar com a Palavra. Dionísio (Baco), o

deus do vinho, é outro tipo de deus que seduz; não necessariamente que a igreja pregue o alcoolismo, mas significa tudo o que embriaga um crente desavisado, fazendo dele como uma pessoa alheia à verdade bíblica: sensações, emoções, 'arrepios', opulência, aparências bonitas e vícios de pregação que se tornam 'marca registrada' da igreja, removendo o raciocínio das pessoas, colocando-as debaixo de um manto de influência restrito como uma cartilha a ser obedecida à risca. Asclépio (Asklepios, grego; ou Esculápio, latim; Eshmun ou Esmum, para os fenícios), o deus da cura, é o outro deus muito reverenciado pelas pessoas, personificado num médico ou num homem de Deus que detém o dom de cura e, às vezes sem saber, se torna um ídolo para muita gente. A Medicina e a odontologia adotaram a serpente enrolada a um bastão, o chamado bordão ou bastão de Esculápio ⚕. Netuno era adorado pelos marinheiros como o deus dos mares (para nós, simbolizando o mundo espiritual e o inconsciente humano) e segurava um tridente em sua mão (A Psicologia tomou o tridente para seu símbolo – **ψ**). Quantos se orgulham de poder trabalhar com o lado psicológico das pessoas!

Quando João escreveu sua carta a Pérgamo por ordem de Deus, ele dizia que o Senhor reconhecia que eles conservavam o Seu nome e não negaram a fé, ainda que sob perseguição, como no caso de Antipas. Entretanto, alguns membros naquela igreja seguiam a doutrina dos nicolaítas, participando sem embaraço em algumas atividades sociais e religiosas daquela sociedade pagã, como comer comida sacrificada a ídolos, prostituição e frouxidão sexual no seio da Igreja e compactuando com os falsos ensinos. Por isso, Deus menciona a Sua desaprovação a este tipo de prática. E sabia que, mesmo sabendo disso, o resto da igreja não se opôs.

Infelizmente, muitas igrejas começam debaixo do avivamento espiritual, mas ao longo da sua caminhada deixam de lado a vigilância, abrindo espaço para as obras da carne e para os falsos ensinos que começam a minar a chama do Espírito. Deus não se agrada da nossa falta de compromisso com a Sua verdade, do comodismo nem da triste rotina religiosa que impede o Seu Espírito de agir, muito menos da nossa complacência com certas atitudes carnais que abrem brecha para os modismos e para o 'moldar adúltero' da Palavra às conveniências humanas, com a desculpa de que não podemos ser radicais.

As diversas solicitações da vida moderna nos levam, muitas vezes, a cair em certos laços do diabo, desviando a nossa atenção do que é realmente importante, por exemplo: 'doenças' inesperadas, justamente na hora em que o Espírito nos move a semear e investir na Obra, fazendo com que o dinheiro de Deus seja desviado para a farmácia desnecessariamente, assim como a vontade de orar e buscar Sua direção no trono fica em segundo plano. Outro exemplo: aqueles telefonemas completamente sem sentido e sem motivo justamente no momento de oração ou louvor, quando Deus vai começar a dar uma revelação espiritual importante. Saímos da 'conexão' com Ele para atendermos rapidamente à conexão com o mundo. Se não estivermos ligados ao Espírito, não conseguiremos perceber as estratégias usadas pelo inimigo.

Além dessas solicitações já citadas, ocorre o que aconteceu com o caso dos 'nicolaítas', em que não apenas os ensinamentos humanos são introduzidos assumindo ares de verdade, mas o sexo dentro da Igreja passa a ser tratado com certa negligência. Explicando melhor: deixando de lado o moralismo que apenas serve para julgar e condenar os erros do passado, os líderes não conseguem abordar esse assunto de maneira mais aberta, deixando os membros na ignorância; estes, por sua vez, omitem do líder, durante um aconselhamento, por exemplo, a real situação do casal e vai-se levando a vida de qualquer jeito, achando que Deus vai aprovar a situação e abençoar o que por si só já está amaldiçoado. Qualquer coisa que ocupe o lugar prioritário de Jesus na nossa vida é um motivo para se apagar a chama do Espírito Santo nos corações, por isso Ele orienta o

Seu povo a se arrepender, caso contrário, Ele viria e traria Seu juízo: "Portanto, arrependete; e, se não, venho a ti sem demora e contra eles pelejarei com a espada da minha boca".

Além dos deuses já mencionados no início do texto (como são adorados hoje em nosso meio), mesmo dentro das igrejas evangélicas está ocorrendo o que acontecia em outra igreja da Ásia, a de Éfeso, por exemplo: a influência da Rainha do Céu, a consorte de Baal (ou Aserá, Diana e todos os outros nomes que ela usou durante os séculos, inclusive Ísis, a consorte de Osíris), trazendo rebeldia, idolatria humana, falta de domínio da carne, costumes mundanos 'maquiados' de santidade, permissividade com muitas atitudes que não agradam a Deus, irreverência, falta de temor, desestruturação familiar etc. Essas coisas vão se infiltrando aos poucos, inclusive na liderança por excesso de pressão emocional e espiritual ou por falta de preparo suficiente para ocupar determinadas posições, até por desconhecimento da própria Palavra; não, necessariamente, o desconhecimento do que está escrito, e sim da falta de experiência espiritual real com ela, o que apenas o Espírito Santo pode dar.

O Senhor tem visto todas essas atitudes em alguns dos Seus filhos, o que entristece profundamente o Seu coração, por isso Ele fala que, mais cedo ou mais tarde, experimentarão o poder da Sua espada de dois gumes devido à perversão da Sua autoridade. A bíblia diz que, para os crentes de Pérgamo, o prêmio pela fidelidade a Cristo seria o maná escondido e a pedrinha branca. O Senhor deseja que nós busquemos nEle o nosso sustento espiritual e a revelação que necessitamos e em mais ninguém, por isso alguns crentes se sentem completamente desamparados quando um líder deixa de tratá-los como bebês de colo e os incentiva a buscarem sozinhos as soluções para os seus problemas no Senhor. Isso não é falta de pastoreio, e sim um pastoreio consciente, removendo as muletas das ovelhas para que possam ser carregadas pelo verdadeiro Pastor. O líder é apenas um canal para a manifestação do poder de Deus, mas não é Deus, e isso jamais pode ser confundido para que ele não fique carregando jugos completamente desnecessários. O ser humano tem uma tendência enorme à idolatria e, por isso, o Espírito Santo trata alguns filhos debaixo de certa solidão, para que possam encontrar o rumo certo na vida. Quando nosso espírito e nossa alma se encontram nesta disposição interior de saber com exatidão quem é o nosso verdadeiro Deus, aí sim, podemos dizer que somos uma cidade forte, com o direito a receber dEle a nossa 'pedrinha de ingresso' na nova Jerusalém.

Pérgamo tinha perdido o temor a Deus, passando a idolatrar o imperador romano, transformando-o num deus, além dos já existentes na cidade. Dessa forma, tinham tirado Cristo do Seu lugar de honra colocando Satanás no trono. Isso era catastrófico para a igreja e a levaria à morte espiritual. Caso ela não se arrependesse, viria sobre ela a morte espiritual, ou seja, não receberia a vida eterna nem a entrada na nova Jerusalém. Em Is 42: 8 está escrito: "Eu sou o Senhor, este é o meu nome; a minha glória, pois, não a darei a outrem, nem a minha honra, às imagens de escultura". Seja imagem de escultura, pessoas, profissões ou qualquer outro deus que teime em ocupar o coração do homem, o Senhor não vai aprovar; muito menos dar a Sua glória a isso.

Pérgamo precisava do Espírito de Temor do Senhor (Is 11: 2).

O Espírito de Temor do Senhor significa: reverência, prioridade, respeito, devoção a Deus, reconhecer quem Ele é e não usar Seu nome em vão. O temor do Senhor nos eleva até o trono e nos faz entrar em contato com a santidade do Senhor. Coloca-nos numa posição de afastamento das coisas mundanas para dar reverência e prioridade à pessoa de Deus. Através do temor do Senhor nós conhecemos Seu amor e a força do louvor e da adoração dos anjos ao redor do trono. Diante dEle cai toda a irreverência, idolatria e perturbação da paz. É interessante notar que na bíblia a palavra medo ou temor vem de

várias raízes gregas e hebraicas, como por exemplo: a) Phobos (gr.) = arroubo, medo, terror, pavor, reverência, respeito, ser colocado em medo; alarme ou susto (phobos φόβος – Strong #5401; Mt 14: 26; Mt 28: 4; 8; Mc 4: 41; Hb 2: 15 etc. = 47 vezes no NT; b) Deilia (gr.) = temor, covardia, timidez (deilia δειλία – Strong #1167, como está em 2 Tm 1: 7 – a única vez no NT); c) Eulabeia (gr.) = prudência, reverência, temor de Deus, piedade; Strong #2124, eulabeia, ευλαβειας, como em Hb 12: 28 e Hb 5: 7 = apenas duas vezes no NT). d) Pachad, o equivalente hebraico do grego Phobos (Pachad, Strong #6343; פחד, como em 1 Sm 11: 7; Êx 15: 16; Gn 31: 42; 53; Dt 2: 25; Dt 11: 25, Sl 119: 120, etc. = 49 vezes no AT) = terror, horror, pavor, um alarme (repentino), um grande medo de algo; ajudador ou um companheiro para a vida (se referindo à morte), até que veio Jesus para nos libertar do medo dela (ref.: Hb 2: 15).

Mas em Isaías 11: 2-3, há uma palavra hebraica para 'medo' ou 'temor': yirah, יִרְאָה, Strong #3374, e significa: medo, temor excessivo ou temer excessivamente; um medo terrível; (moralmente): reverência. Ela aparece 45 vezes no AT, geralmente se referindo a Deus ou junto com as expressões: 'temor do Senhor', 'temor de Deus' ou 'temor do Todo-Poderoso' [Gn 20: 11; Êx 20: 20; 2 Sm 23: 3; 2 Cr 19: 9; Ne 5: 9; Ne 5: 15; Jó 4: 6; Jó 6: 14; Jó 15: 4; Jó 22: 4; Jó 28: 28; Sl 2: 11; Sl 5: 7; Sl 19: 9; Sl 34: 11; Sl 90: 11; Sl 111: 10; Sl 119: 38; Pv 1: 7; Pv 1: 29; Pv 2: 5; Pv 8: 13; Pv 9: 10; Pv 10: 27; Pv 14: 26-27; Pv 15: 16; Pv 15: 33; Pv 16: 6; Pv 19: 23; Pv 22: 4; Pv 23: 17; Is 11: 2-3; Is 29: 13; Is 33: 6; Is 63: 17; Jr 32: 40; Ez 30: 13 (o terror do Senhor na terra do Egito); Jn 1: 10; Jn 1: 16]. Apenas 3 vezes, a palavra aparece como referência ao temor de calamidades ou do inimigo (Dt 2: 25; Sl 55: 5; Is 7: 25) e uma vez (Ez 1: 18), se referindo ao seu temor dos aros das rodas dos querubins, mas de qualquer forma, medo do sobrenatural.

• Ap 2: 18-29 – carta à igreja em Tiatira

"Ao anjo da igreja em Tiatira escreve: Estas coisas diz o Filho de Deus, que tem os olhos como chama de fogo e os pés semelhantes ao bronze polido: Conheço as tuas obras, o teu amor, a tua fé, o teu serviço, a tua perseverança e as tuas últimas obras, mais numerosas do que as primeiras. Tenho, porém, contra ti o tolerares que essa mulher, Jezabel, que a si mesma se declara profetisa, não somente ensine, mas ainda seduza os meus servos a praticarem a prostituição e a comerem coisas sacrificadas aos ídolos. Dei-lhe tempo para que se arrependesse; ela, todavia, não quer arrepender-se da sua prostituição. Eis que a prostro de cama, bem como em grande tribulação os que com ela adulteraram, caso não se arrependam das obras que ela incita. Matarei os seus filhos, e todas as igrejas conhecerão que eu sou aquele que sonda mente e corações, e vos darei a cada um segundo as vossas obras. Digo, todavia, a vós outros, os demais de Tiatira, a tantos quantos não têm essa doutrina e que não conheceram, como eles dizem, as coisas profundas de Satanás: Outra carga não jogarei sobre vós; tão somente conservai o que tendes, até que eu venha. Ao vencedor, que guardar até ao fim as minhas obras, eu lhe darei autoridade sobre as nações, e com cetro de ferro as regerá e as reduzirá a pedaços como se fossem objetos de barro; assim como também eu recebi de meu Pai, dar-lhe-ei ainda a estrela da manhã. Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas".

Tiatira, em grego antigo era chamada Pelopia (Πελόπεια) e Semiramis (Σεμίραμις), antes de ser renomeada para Tiateira (Θυάτειρα) em 290 AC por Seleuco I Nicator (323-281 AC). Foi destruída por um grande terremoto durante o reino de Augusto (29 AC-14 DC), mas foi reconstruída com a ajuda do Império Romano. Atualmente, uma cidade turca bastante grande (Akhisar ou Aquisar = 'castelo branco') continua existindo no mesmo local sobre a antiga cidade da Lídia.

Tiatira significa 'sacrifício de trabalho'. No 1º século da Era Cristã a cidade abrigava uma guarnição de fronteira e era ponto importante do sistema de estradas dos romanos,

numa delas que vinha da capital da província, que era Pérgamo, até Laodicéia e continuando até as províncias orientais, para Bizâncio (Constantinopla; hoje Istambul).

Era um importante centro manufatureiro; ali se fazia tinturaria, vestes de lã tingida, cerâmica e trabalhos de bronze. Tinha uma longa história militar (por isso o 'cetro de ferro', simbolizando autoridade e mencionado por Jesus a João – v. 26-27). Entre as antigas ruínas da cidade, foram encontradas inscrições relacionadas à guilda (uma palavra muito usada na Idade Média para um sindicato, suntechuia, συντεχνία) de tintureiros da cidade. As inscrições mencionam: trabalhadores de lã, trabalhadores de linho, fabricantes de roupas externas, tintureiros, trabalhadores de couro, curtidores, oleiros, padeiros, mercadores de escravos e ferreiros.

Lídia, a mulher que Paulo encontrou em Filipos (At 16: 14) provavelmente estava negociando a lã tingida de púrpura nessa cidade, pois ela era de Tiatira.

A cidade abrigava uma comunidade cristã do período apostólico, e que continuou até 1922, quando a população cristã ortodoxa foi deportada.

O texto de Apocalipse menciona o nome de uma profetisa aceita na comunidade da igreja e que ensinou e seduziu os cristãos de Tiatira a cometer imoralidade sexual e comer alimentos sacrificados a ídolos. Esse nome fictício da mulher poderia estar relacionado com Jezabel, mulher de Acabe, rei idólatra de Israel no tempo do profeta Elias. Alguns comentaristas como Benson e Doddridge concluíram que o que era praticado em Tiatira era a mesma apostasia promovida em Israel por Jezabel conforme mencionada nos Livros dos Reis (1 Rs 16: 31-33; 1 Rs 18: 18-19). Jezabel, mulher de Acabe, tinha sacerdotes que se encarregavam da adoração a Baal Melcarte, a divindade protetora de Tiro, e sua consorte Aserá (Astarote ou Astarte, deusa da fertilidade dos cananeus, mais tarde chamada de Rainha do Céu pelo profeta Jeremias). Essa Jezabel, aceita na comunidade da igreja, era uma profetiza sedutora que encorajava imoralidade e idolatria usando como subterfúgio a religião. Seu ensino provavelmente coadunava com atividades pagãs associadas com os clubes sociais ou grêmios ou corporações (as guildas conhecidas na Idade Média) que organizavam os diversos negócios na cidade (comércio de lã, couro, linho, cerâmica e trabalhos de bronze etc.). Eram associações comerciais com o fim de proteção, benefício e recreação.

Era praticamente impossível seguir uma atividade comercial sem pertencer a uma dessas corporações; porém, suas reuniões estavam associadas com atos de adoração e imoralidade pagãs, pois cada um deles tinha sua divindade principal. Após essas reuniões religiosas pagãs havia festas e se dedicavam as comidas aos deuses, aos ídolos, e elas terminavam em imoralidade.

Mas há um detalhe interessante de se comentar se colocarmos nossa visão no lado espiritual do simbolismo desse nome. Jezabel é um nome usado para designar uma potestade que é como o 'braço direito' do principado 'Rainha dos Céus' (usado no livro de Jeremias, adorado e chamado por outros nomes na Antiguidade e na nossa era inclusive, usando outro nome). Essa potestade age na área das emoções humanas, portanto, trazendo falsa profecia e falso ensino, engano, desequilíbrio emocional, prostituição, sedução, sensualidade, idolatria e mentira.

Dessa forma, o nome usado por João para essa mulher parece ser pertinente. Ela seria um símbolo de apostasia e falsa profecia na igreja de Tiatira. O Senhor se dirige a ela usando uma figura de linguagem que pode ser comparada com a atividade profissional da cidade: "Estas coisas diz o Filho de Deus, que tem os olhos como chama de fogo e os pés semelhantes ao bronze polido". Isso significava que Ele estava investigando o que se fazia na Sua igreja naquela cidade e que pisaria sobre todas essas obras más e sobre as pessoas que as praticavam como uma maneira de fazer Seu juízo.

Essa falsa profetisa trazia uma 'solução' para os crentes. Ela ensinava "as coisas profundas de Satanás" (Ap 2: 24), ou seja, ela ensinava aos crentes que eles deveriam fazer parte dessas associações, participar do pecado e aí, sim, eles teriam condições de vencê-lo, pois o tinham experimentado.

Em seguida, Jesus diz: "Conheço as tuas obras, o teu amor, a tua fé, o teu serviço, a tua perseverança e as tuas últimas obras, mais numerosas do que as primeiras. Tenho, porém, contra ti o tolerares que essa mulher, Jezabel, que a si mesma se declara profetisa, não somente ensine, mas ainda seduza os meus servos a praticarem a prostituição e a comerem coisas sacrificadas aos ídolos". Isso quer dizer que a igreja de Tiatira era uma igreja trabalhadora e guerreira, tinha obras, amor, fé, serviço, perseverança, as últimas obras mais numerosas do que as primeiras (o que indicava amadurecimento, crescimento), mas mantinha tolerância com falsas profecias e falsos ensinos e sedução de palavras, levando à prostituição e à idolatria (comer coisas sacrificadas aos ídolos), portanto, convivia com trevas aparentando verdade. Naquelas festas estavam acontecendo coisas incompatíveis com o evangelho. A igreja tolerava a falsa profetisa Jezabel, mesmo sob a repreensão de Jesus. Esse comportamento minava igreja de dentro para fora. Essa falsa profetisa induzia as pessoas a buscar o conhecimento profundo de Satanás, ou seja, participando dos grêmios os crentes não arriscavam a vida financeira; porém, era uma forma de fazê-los 'trocar' de deus, do Deus verdadeiro por Mamom e todos os outros existentes em cada uma dessas reuniões pagãs. Ela também incentivava experimentar o pecado para vencê-lo, mas não é bíblico ("Fugi da impureza. Qualquer outro pecado que uma pessoa cometer é fora do corpo; mas aquele que pratica a imoralidade peca contra o próprio corpo" – 1 Co 6: 18). Era um cristianismo liberal sem leis nem normas, para se adequar ao paganismo do 1º século.

Isso nos ensina que devemos ser tolerantes uns com os outros, mas não com a heresia, com o engano religioso, o falso ensino, a perversão da verdade e o pecado, porque tudo isso perverte o caráter.

"Dei-lhe tempo para que se arrependesse; ela, todavia, não quer arrepender-se da sua prostituição. Eis que a prostro de cama, bem como em grande tribulação os que com ela adulteraram, caso não se arrependam das obras que ela incita. Matarei os seus filhos, e todas as igrejas conhecerão que eu sou aquele que sonda mente e corações, e vos darei a cada um segundo as vossas obras". Tanto ela como os crentes pecadores foram convidados a se arrepender, mas a bíblia diz que não houve arrependimento da mulher, portanto, Deus a poria na cama e lhe traria sofrimento; seus filhos passariam pela morte e haveria tribulação para os que a seguiram. Isso era conseqüência da justiça divina, pois Deus não teve mais tolerância.

A igreja de Tiatira teria todo o trabalho frustrado se ela não derrubasse do seu meio as falsas profecias e a sedução que levava à carnalidade e à idolatria, pois isso minaria suas forças e impediria o Espírito Santo de agir através das revelações e do conhecimento da verdade. Assim, Tiatira precisava do Espírito do Conhecimento do Senhor (Is 11: 2), ou seja, o que traz a revelação da Palavra e destrona todo o tipo de mentira e falsa profecia. Em Os 4: 6 está escrito: "O meu povo está sendo destruído, porque lhe falta o conhecimento. Porque tu, sacerdote, rejeitaste o conhecimento, também eu te rejeitarei, para que não sejas sacerdote diante de mim; visto que te esqueceste da lei do teu Deus, também eu me esquecerei de teus filhos".

No texto de Apocalipse o Senhor escreve: "Tenho, porém, contra ti o tolerares que essa mulher, Jezabel, que a si mesma se declara profetisa, não somente ensine, mas ainda seduza os meus servos a praticarem a prostituição e a comerem coisas sacrificadas aos ídolos. Dei-lhe tempo para que se arrependesse; ela, todavia, não quer arrepender-se da sua prostituição. Eis que a prostro de cama, bem como em grande tribulação os que com

ela adulteraram, caso não se arrependam das obras que ela incita. Matarei os seus filhos, e todas as igrejas conhecerão que eu sou aquele que sonda mente e corações, e vos darei a cada um segundo as vossas obras".

Isso quer dizer que, mais do que os membros que estavam pecando, os líderes eram os principais responsáveis por deixar os falsos ensinos corroerem a igreja que tinha sido erguida. Por isso, Deus os repreendia e lhes falava sobre voltarem ao arrependimento, pois essa atitude pecaminosa contaminava os mais novinhos na fé.

Expulsando do seu meio as falsas profecias que cegavam Seu povo, a igreja poderia novamente receber visões, sonhos e ter novamente as experiências espirituais que necessitava para o seu crescimento. Tanto no AT como no NT as palavras usadas para 'conhecimento' trazem a idéia de: revelação, desvendar alguma coisa oculta, para que possa ser vista e conhecida conforme é; manifestar, deixar claro, exibir, desdobrar, admoestar, advertir, instruir e ter resposta de Deus. A palavra de conhecimento está mais relacionada ao ministério profético, por isso a igreja de Tiatira precisava dessa característica do Espírito.

"Digo, todavia, a vós outros, os demais de Tiatira, a tantos quantos não têm essa doutrina e que não conheceram, como eles dizem, as coisas profundas de Satanás: Outra carga não jogarei sobre vós; tão somente conservai o que tendes, até que eu venha". O Senhor conhecia os que permaneceram firmes. Portanto, é possível ser fiel à doutrina de Cristo, mesmo quando outros se desviam. É difícil, mas é possível. Outro comentário: "não conheceram, como eles dizem, as coisas profundas de Satanás" – não deve ser confundido aqui com ignorância das coisas espirituais, pois é necessário que um crente tenha o estudo e saiba como Satanás age na área do conhecimento humano, não apenas para evitar seus laços malignos como também poder ajudar quem está enganado por falsos ensinos, misticismo etc. O que Jesus está dizendo é para não participar das coisas do mal, para nos fortalecermos na Sua palavra, porém, não fugir das informações que são necessárias para termos vitórias espirituais verdadeiras. Afinal, "O ímpio, com a boca, destrói o próximo, mas os justos são libertados pelo conhecimento (Pv 11: 9).

"Conservai o que tendes, até que eu venha" – a santidade, as experiências e a intimidade que eles tinham com Deus, o conhecimento da Sua palavra e a paz interior por tê-lO obedecido eram o bastante. Eles não precisavam buscar as novidades do pecado para conhecer a Sua graça. O que os outros fizeram foi distorcer a palavra de Deus: "Onde abundou o pecado, superabundou a graça" (Rm 5: 20b).

"Ao vencedor, que guardar até ao fim as minhas obras, eu lhe darei autoridade sobre as nações, e com cetro de ferro as regerá e as reduzirá a pedaços como se fossem objetos de barro; assim como também eu recebi de meu Pai, dar-lhe-ei ainda a estrela da manhã. Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas". Isso significa: os fiéis deveriam conservar o que tinham até a vinda do Senhor para receberem a autoridade sobre as nações: cetro de ferro (Ferro simboliza a força divina) despedaçando o barro (as coisas da carne e as coisas perecíveis). Em outras palavras: o Senhor lhes dará a autoridade de julgar os ímpios.

Como prêmio, além de poderem reger as nações com cetro de ferro, os remanescentes fiéis receberiam a Estrela da manhã. Ele estava propondo aos Seus filhos que, ao invés de conhecer as coisas profundas de Satanás, eles conhecessem mais dEle, a Estrela da manhã; experimentar a glória de Cristo, permanecer brilhando com Ele.

Em Ap 22: 16 a bíblia diz que Jesus é a Estrela da manhã. Isso pode significar uma luz, um brilho que permanece após um período de escuridão. No fim dos tempos, quando passar o período de escuridão espiritual e o Anticristo, a besta e o diabo forem derrotados, Jesus prevalecerá, permanecerá de pé apesar de toda a oposição que enfrentou.

Em Ap 21: 23 está escrito: "A cidade não precisa nem do sol, nem da lua, para lhe darem claridade, pois a glória de Deus a iluminou, e o Cordeiro é a sua lâmpada".

Em Ap 22: 5 o mesmo texto se repete em outras palavras: "Então, já não haverá noite, nem precisam eles de luz de candeia, nem da luz do sol, porque o Senhor Deus brilhará sobre eles, e reinarão pelos séculos dos séculos".

Essa profecia já estava em Is 60: 19: "Nunca mais te servirá o sol para luz do dia, nem com o seu resplendor a lua te alumiará; mas o Senhor será a tua luz perpétua, e o teu Deus, a tua glória". Portanto, a Estrela da manhã (Jesus) será a própria glória de Deus brilhando sobre Seus filhos vencedores.

Como podemos trazer isso para os nossos dias?

Nós podemos ser uma igreja guerreira, uma igreja que mostra obras espirituais até maiores que materiais, nós podemos ter amor, fé, serviço e perseverança, mas se tivermos tolerância com falsas profecias e falso ensino, nós daremos lugar às trevas, dificultando o entendimento da Palavra, minando a força e a autoridade espiritual diante de Satanás. Jesus diz que nós somos a luz do mundo, porém, como um povo emocionalmente doente e influenciado por principados e potestades pode ter autoridade sobre o mundo espiritual e ainda desejar a Estrela da manhã? Nós podemos achar que isso é mentira e que nós temos domínio sobre os demônios que nos perturbam, porém, qual é o nosso verdadeiro testemunho se olharmos sinceramente para o nosso interior, vendo nele inúmeras coisas do 'velho homem' que ainda estão presentes; basta sermos provocados por alguma situação ou por alguém? O que dizer de tanta contenda, divisão e disputa de poder dentro da própria Casa de Deus? O que dizer de tantos mexericos e tanta obra da carne ainda completamente vivos e atuantes em crentes de anos de 'convertidos?' O que dizer de tantas pessoas que se desgarram do evangelho pela tamanha dor da decepção vivida dentro da igreja? O que dizer de muitos membros da igreja ou familiares deles, que se dizem convertidos, mas que não mostram um sinal sequer dessa conversão verdadeira que é o amor a Deus e ao próximo? O que dizer de tanta 'unção' que na verdade não é usada para nada, porque são poucos os que se dispõem a pagar o preço para ser um instrumento poderoso de cura e libertação nas mãos do Senhor? O que dizer de crentes que depois de anos sentados no banco são incapazes de falar de cor um versículo da bíblia (quando muito: "Jesus chorou")? Pior do que isso: incapazes de aplicá-lo no seu dia a dia! E quanto aos problemas sexuais mal resolvidos? E quanto ao apego financeiro que ainda prevalece acima das necessidades da Obra de Deus? E quanto à mistura do evangelho com as influências do empresariado? E quanto aos adultérios atrás dos bastidores?

Não adianta fazer do altar um lugar de manifestação de demônios para dizer que o poder de Deus existe, mas deixar nossa mente em completa submissão e domínio do Espírito Santo de Deus para julgarmos todas as coisas e retermos apenas o que é bom; precisamos deixar que Ele nos dê diariamente as estratégias para a nossa própria vida, a fim de vencermos individualmente as nossas batalhas pessoais, conquistando o que nos foi roubado ou assolado: nossos relacionamentos, a honra profissional, a vida financeira, o respeito das pessoas pela nossa paciência e mansidão diante de situações aparentemente sem solução, a saúde etc. É preciso ler muito a Palavra para saber o real conteúdo dela e não deixar as 'Jezabéis' entrarem e fazerem morada em nós. Hoje em dia, todo mundo quer ser profeta, pastor e apóstolo. São os cargos mais disputados, entretanto, a bíblia diz que "o homem não pode receber coisa alguma se do céu não lhe for dada" – Jo 3: 27. Sem vigilância da nossa parte, sem consagração a Deus e sem certeza do nosso chamado, não adianta querermos tirar o argueiro do olho do irmão, sendo que uma trave está colocada no nosso. Essas são as brechas dadas pelo orgulho e pela soberba da carne que Deus quer que extirpemos do nosso meio, caso contrário, tudo de bom que um dia fizemos vai por água abaixo. Precisamos nos lavar completamente; aí sim, teremos autoridade verdadeira

no mundo espiritual e permaneceremos de pé após o período de trevas da nossa jornada cristã. Como vencedores, o sacrifício do nosso trabalho não terá sido em vão.

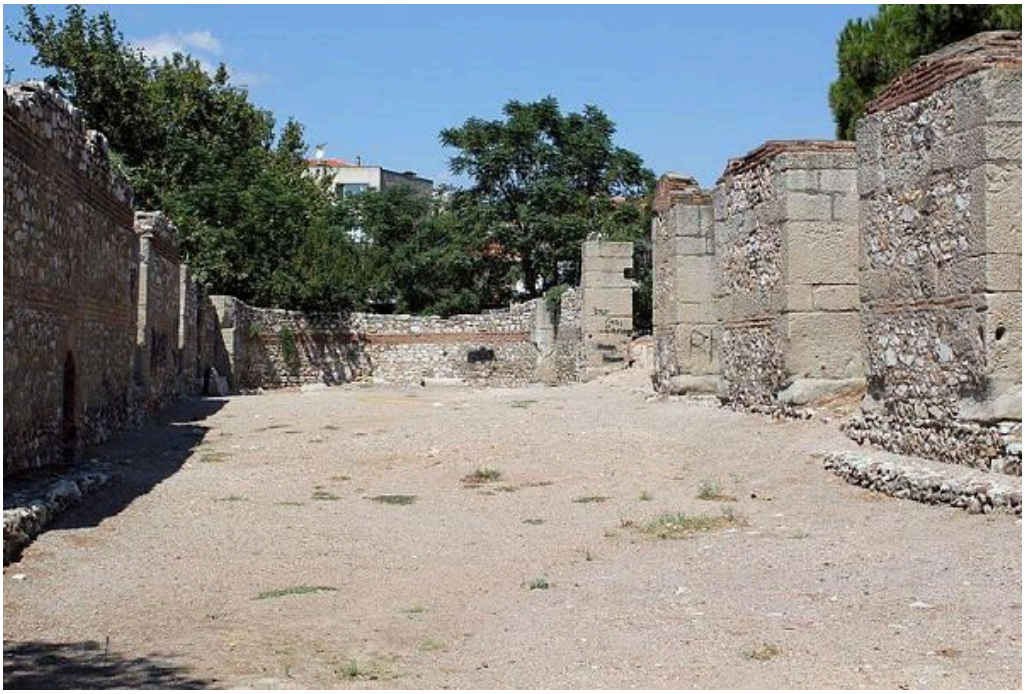
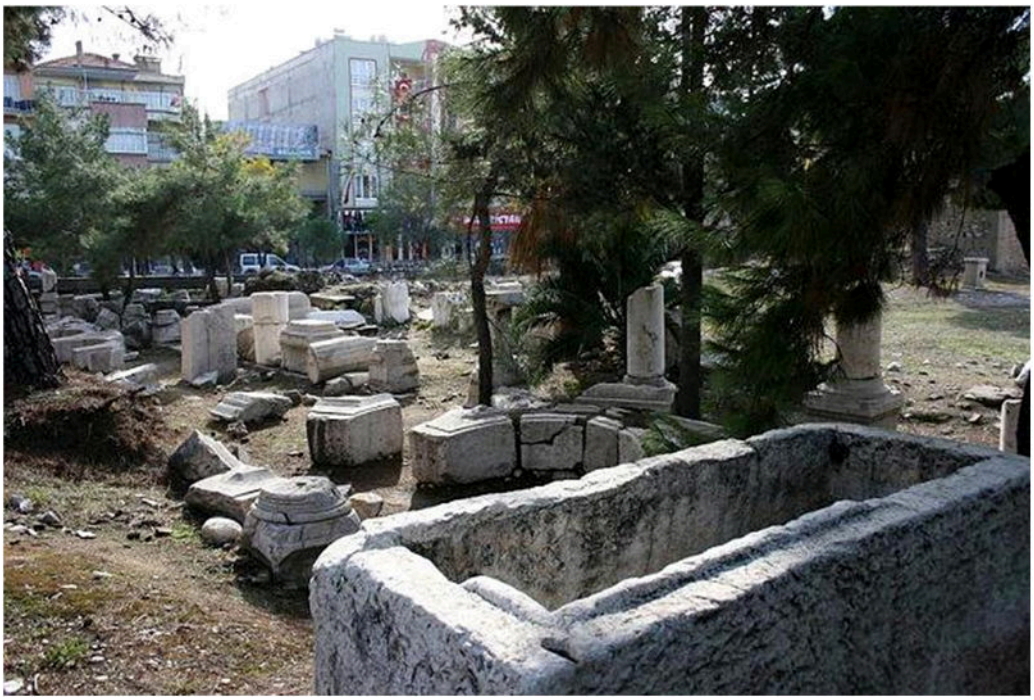


Imagem acima: Ruínas da basílica Bizantina de Tiatira. Uma escavação realizada no centro da cidade descobriu uma rua com colunas de cem metros de comprimento que levava a uma entrada monumental e a uma grande basílica cívica (40m×10m), provavelmente do século V ou VI. Um pequeno museu arqueológico fica adjacente ao local. Foto: Klaus-Peter Simon – Wikipédia.



Ruínas da Antiga cidade de Tiatira (Tiateira). Foto: Akkinvet – Wikipédia.

Capítulo 3 –

• Ap 3: 1-6 – carta à igreja em Sardes

"Ao anjo da igreja em Sardes escreve: Estas coisas diz aquele que tem os sete espíritos de Deus e as sete estrelas: Conheço as tuas obras, que tens nome de que vives e estás morto. Sê vigilante e consolida o resto que estava para morrer, porque não tenho achado íntegras as tuas obras na presença do meu Deus. Lembra-te, pois, do que tens recebido e ouvido, guarda-o e arrepende-te. Porquanto, se não vigiares, virei como ladrão, e não conhecerás de modo algum em que hora virei contra ti. Tens, contudo, em Sardes, umas poucas pessoas que não contaminaram as suas vestiduras e andarão de branco junto comigo, pois são dignas. O vencedor será assim vestido de vestiduras brancas, e de modo nenhum apagarei o seu nome do Livro da Vida; pelo contrário, confessarei o seu nome diante de meu Pai e diante dos seus anjos. Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas".

Sardes significa: sol, príncipe de gozo, devido à extrema riqueza derivada do ouro de aluvião do Páctolos. O rio Páctolos (Πακτωλός; em Turco, Sart Çayı) é um rio perto da costa do Mar Egeu na Turquia. Ele nasce no Monte Tmolus (atualmente, Bozdağ) e flui através das ruínas da antiga cidade de Sardes, a capital da Lídia, e deságua no rio Gediz, o antigo Hermo. O Páctolos continha uma liga de ouro e prata (o 'Electrum'), que foi a base da economia do antigo estado de Lídia na Antiguidade. O Electrum é uma liga natural de ouro e prata, com vestígios de cobre e outros metais como níquel, às vezes, o zinco. Dependendo da proporção de ouro e prata, os gregos antigos o chamavam de 'ouro branco' ou 'ouro', para diferenciá-lo do ouro refinado; por isso, seria mais apropriado chamá-lo de 'ouro pálido'.

A cidade original era uma cidade fortaleza, quase inexpugnável, elevando-se bem acima do largo vale do Rio Hermo e quase inteiramente cercada por penhascos separados por precipícios compostos de rochas traiçoeiramente frouxas. Seu apogeu foi no século VII AC um pouco antes do tempo do rei Creso, governante da Lídia do século VI AC. A cidade desfrutava igualmente dessa riqueza nos tempos do NT. A comunidade cristã ali existente estava imbuída do mesmo espírito da cidade, repousando em sua reputação passada, mas sem qualquer grande realização no presente; ainda falhava, conforme a cidade falhara por duas vezes, por não aprender com as experiências anteriores e por não ter atitude de vigilância (Ciro, o persa, em 549 AC, tomou a cidade de assalto e Antíoco, o Grande, em 214 AC, repetiu o feito). Alexandre a reconstruiu e a helenizou. Em 17 DC a cidade quase foi destruída por um terremoto. Tibério reconstruiu parte dela e ela absorveu a cultura romana, se tornando lasciva e permissiva. A igreja perdeu seus valores e por isso, o Senhor mandou a carta. Sardes se adequou ao paganismo. O comércio principal da cidade era tinturaria e fabricar vestes de lã.

Simbolicamente, Sardes era uma Igreja vivendo das glórias e obras mortas do passado e sem vigilância; tinha entrado numa estagnação que dava brecha para o roubo ("Porquanto, se não vigiares, virei como ladrão, e não conhecerás de modo algum em que hora virei contra ti", o que quer dizer que o juízo de Deus seria repentino). Os crentes estavam mornos e sonolentos na igreja. Um pequeno grupo apenas se manteve fiel. As pessoas que permanecessem fiéis seriam santas e dignas (vestes brancas) e alcançariam a salvação (nome escrito no Livro da Vida). Espelhariam o brilho da luz do Senhor (conhecido como o 'Sol da Justiça').

Para nós, a mensagem que fica é a de que honras e glórias passadas não nos sustentam hoje e a falta de vigilância e a estagnação levam apenas ao roubo; mais do que o roubo material, há roubo espiritual, o que é mais grave.

Ali dentro havia diferentes grupos de crentes:

1) Crentes espiritualmente mortos, não convertidos de verdade ("conheço as tuas obras, que tens nome de que vives e estás morto"). A igreja em Sardes tinha uma liturgia aparentemente viva, com celebrações, mas não tinha vida espiritual. As solenidades e os rituais impactavam as pessoas, mas não tinham vida diante de Deus. A fé não era de coração.

2) Crentes cheios de feridas emocionais e espirituais e quase mortos, sem vontade de seguir seu caminho com Cristo ("Sê vigilante e consolida o resto que estava para morrer"). A chama do espírito estava quase apagada neles, pois o mundanismo era uma grande influência sobre eles e isso contaminava suas vestes. O estilo de vida romano e o estilo da sociedade mundana da época falavam mais alto; por isso, eles tinham pouco interesse em se santificar e se purificar.

3) Crentes que não levavam uma vida de integridade ("porque não tenho achado íntegras as tuas obras na presença do meu Deus") – a igreja estava envolvida em projetos e trabalhos (O comércio principal da cidade era tinturaria e fabricar vestes de lã). Os crentes poderiam até fazer obras sociais ali, ajudar pessoas, mas talvez fosse apenas para receber o aplauso dos homens, não o de Deus, pois o que faziam não era para dar glória a Ele e sim a eles mesmos. A motivação não era o reino de Deus, e isso se chamava 'falta de integridade'.

4) Crentes contaminando-se abertamente com práticas mundanas; outros conseguiram resistir ("Tens, contudo, em Sardes, umas poucas pessoas que não contaminaram as suas vestiduras e andarão de branco junto comigo, pois são dignas"). Poucos crentes não haviam se contaminado com as influências da sociedade e do mundo.

Essa igreja em Sardes não enfrentava perseguição dos imperadores nem dos judeus, nem a heresia, mas tinha se tornado parceira do mundo.

"Sê vigilante e consolida o resto que estava para morrer, porque não tenho achado íntegras as tuas obras na presença do meu Deus. Lembra-te, pois, do que tens recebido e ouvido, guarda-o e arrepende-te" – isso significava um apelo de Deus para eles voltarem urgentemente à Palavra e guardarem o que tinham recebido, ou seja, a doutrina verdadeira, que os faria crescer e receber o alimento sólido de uma igreja amadurecida, não o leite espiritual dos iniciantes na fé. O fato de Ele dizer "Sê vigilante" significava um aviso para acordar, pois estavam sendo roubados na sua força espiritual e no projeto de Deus para eles e não percebiam. "Sê vigilante" [Strong #1127 – grégoreó; γρηγορέω; significa: estar acordado (à noite), vigiar, estar atento, alerta, vigilante. De egeiro; manter-se acordado, ou seja, vigiar (literal ou figurativamente). Portanto: estar vigilante, acordar, vigiar, estar atento].

"Consolida o resto que estava para morrer" – isso significa que os que estão acordados devem acordar os que estão dormindo, quase para morrer.

"Porque não tenho achado íntegras as tuas obras na presença do meu Deus" – a integridade estava muito ligada ali à motivação das suas atitudes; antes de tudo, eles deviam buscar a santidade, ou seja, sair do pecado e corrigir a vida com Deus.

Mas o Senhor conhece a Sua igreja por inteiro; Ele sabe quem é cada um: "Estas coisas diz aquele que tem os sete espíritos de Deus e as sete estrelas... Tens, contudo, em Sardes, umas poucas pessoas que não contaminaram as suas vestiduras e andarão de branco junto comigo, pois são dignas". Ele estava ali, pronto a derramar os sete Espíritos de Deus sobre eles, ou seja, a plenitude do Espírito Santo para reavivá-los. Eles estavam apagando a chama inicial do Espírito Santo que haviam recebido ao entregar suas vidas para Jesus. Eles ainda tinham o Espírito Santo, contudo, não estavam cheios do Espírito. Por isso, estavam quase mortos (uns realmente estavam; apagaram a chama do Espírito), não tinham a vida de Deus dentro dos seus corações.

É interessante meditarmos um pouco sobre a bênção que esta igreja perdeu por comodismo e 'paralisia' em relação às coisas de Deus. Pelo visto, Sardes estava situada num lugar bastante privilegiado, perto de uma aluvião de ouro que lhe permitia extrair o minério e comercializá-lo. Além disso, era uma cidade praticamente inexpugnável, protegida pelas rochas que, soltas, eram uma verdadeira cilada para o inimigo. Tinha outros meios de sobrevivência que era fabricar vestes de lã e ainda tingi-las. Podemos dizer que entrou em choque quando houve o primeiro assalto por Ciro, mas não aprendeu com a derrota; preferiu viver de uma 'fantasia de opulência' e foi tomada pela segunda vez.

A partir daí, parece que negligenciou de uma vez por todas sua proteção e suas posses. O ouro, na bíblia, na maior parte das vezes, se refere às coisas que eram colocadas no tabernáculo ou no templo, despojos preciosos de guerra ou tributos a serem pagos a um império. Portanto, nos dá a idéia de algo extremamente precioso, algo mais diretamente separado para Deus ou muito importante para uma nação, como um resgate, por exemplo.

A repreensão de Deus sobre vigiar é que eles perderam o precioso que o Senhor lhes tinha dado que era a salvação, o seu relacionamento com Ele, a Sua proteção e Sua palavra viva. As bênçãos naturais (rios de ouro, fortalezas das rochas) também tinham sido dadas por Deus e elas foram negligenciadas por esses crentes, por isso Ele permitiu que fossem roubadas para que houvesse uma nova consciência de valores. O que a carne deles produzia era muito pequeno em comparação à bênção de Deus; eles produziam vestes e as tingiam, e isso lhes custava 'o suor do rosto'. Em outras palavras, tudo o que conseguiam fabricar eram vestes tintas, provavelmente originadas das lãs das ovelhas e dos carneiros, não de linho, pois num lugar daqueles não parecia haver terra fértil para plantação. O tecido de linho era raramente fabricado na Palestina; era comumente importado do Egito. É fabricado com a fibra cujo nome científico é Linum usitatissimum. Depois de convenientemente tratado, ou seja, depois da separação da fibra da parte lenhosa do caule, o fio produz o linho, e a semente, o óleo de linhaça. Depois que a fibra era tratada, passava a ser tecida pelas mulheres para transformar-se em pano. O uso das vestes de linho pelos sacerdotes foi dado como orientação de Deus para Moisés e o povo as teceu com o linho trazido do Egito. Samuel usava uma estola de linho (1 Sm 2: 18); Davi dançou diante da arca usando uma estola de linho (2 Sm 6: 14). Parece mesmo que o uso do linho estava associado com pessoas especiais, santas. O linho e o linho fino eram reputados como presentes preciosos a uma mulher amada por algum homem (Ez 16: 10; 13, quando Deus compara Jerusalém à sua noiva). Por isso, a bíblia diz que o Senhor separou para a Sua Igreja, para a Sua noiva, vestes de linho finíssimo, resplandecente e puro, porque o linho finíssimo são os atos de justiça dos santos (Ap 19: 8); portanto, santidade, não se misturar com as 'vestes do pecado' do mundo. Ele falou aos sacerdotes sobre trocar as vestes ao se aproximar das outras pessoas (Ez 44: 19), isto é, não podemos conversar ou discutir a palavra de Deus no mesmo nível com aqueles que não a compreendem ainda, que não conseguem entendê-la na sua essência, pois escarneceriam dela e a desprezariam. Seria como dar pérolas finíssimas a porcos. Na Antiguidade, o suor era sinal de impureza, por isso, a orientação dada aos sacerdotes era a de não usar lã para que não suassem (Ez 44: 17-18). Para nós, isso significa que um sacerdote não precisa carregar 'roupas pesadas', ou seja, conhecimentos que não têm a sabedoria de Deus, tampouco, sentimentos e pensamentos impuros do mundo, pois trazem um fardo desnecessário à sua vida, além de não agradar ao Senhor.

"Tens, contudo, em Sardes, umas poucas pessoas que não contaminaram as suas vestiduras e andarão de branco junto comigo, pois são dignas. O vencedor será assim

vestido de vestiduras brancas, e de modo nenhum apagarei o seu nome do Livro da Vida; pelo contrário, confessarei o seu nome diante de meu Pai e diante dos seus anjos".

Dessa forma, havia ainda alguns dentro da igreja que resistiram à mentira de riqueza e opulência, e andaram em justiça e integridade diante de Deus. Quem viveu em santidade aqui na terra, terá vestes brancas no céu. Não há salvação para quem não tem vestes sem integridade. O branco é símbolo de santidade, pureza, vitória. A igreja de Sardes se vestiria de novo de linho branco quando fosse fiel e justa. A brancura das suas vestes resplandeceria como a luz do sol ou o brilho do ouro.

"De modo nenhum apagarei o seu nome do Livro da Vida; pelo contrário, confessarei o seu nome diante de meu Pai e diante dos seus anjos" – uma pessoa avivada terá o seu nome proclamado em glória diante do Pai.

"Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas" – entender e obedecer à palavra.

O que isso significa para nós?

Como igreja, quando não vigiamos aquilo que o Senhor nos dá, que são os dons espirituais e naturais, além das bênçãos materiais que temos, nós pagamos o preço pela nossa negligência, ingratidão e comodismo. É necessário um novo avivamento. Táticas usadas no passado não são mais eficazes. Se demônios se 'atualizam', por que não a Igreja de Cristo? É só olharmos para o tradicionalismo que nos cerca e veremos que não tem trazido novidade de vida, muito menos libertações reais. Igrejas que não apresentam suas crianças ao Senhor! Igrejas que não crêem em profecia nem em revelação espiritual vinda do Espírito! Igrejas que não falam de ofertas nem de dízimos em público para não 'chocar' os visitantes! E onde fica Malaquias 3: 10? O Pentecostalismo de outras igrejas também não parece estar dando os desejados frutos. Gritos e música em alto volume não são sinônimos de avivamento. Vidas ainda acorrentadas às obras das trevas feitas há muitos anos e que geraram maldições que persistem, sem ter uma cura efetiva! É só perguntar quantas foram as conquistas em relação aos sonhos e projetos feitos anos e anos atrás e veremos se os métodos usados até hoje surtiram efeito. Precisamos de algo maior do que fé; precisamos ação real, paixão pelas coisas de Deus que possam inflamar o nosso coração e nos dar um motivo verdadeiro de viver; mais do que tudo isso, a unção que quebra todo o jugo. Não herdamos as glórias dos antepassados; é um erro pensar nisso. É mais fácil herdarmos as maldições hereditárias pelos pecados deles do que as bênçãos acumuladas por eles para nossa vida. É só olhar para as nossas famílias e para os problemas que enfrentamos hoje. A resposta para isso é mais simples do que se possa imaginar: cada um de nós tem um trono e uma coroa com nosso nome e só nós podemos conquistar. Jesus diz: "o discípulo deve carregar sua cruz", o que quer dizer que cada um de nós tem uma guerra, uma entrega, uma vitória e uma coroa a ser apresentada diante dEle. Outra palavra: "A responsabilidade é pessoal" (Ez 18: 1-32). Portanto, o comodismo não vai nos levar a parte alguma.

É importante mencionar também outra coisa: Deus não é contra o dinheiro, mas contra o amor a ele. O dinheiro que é mal usado, apenas para engrandecimento de certos ministérios só porque o mundo quer ouvir falar de Jesus de uma nova maneira, acaba levando os líderes e às ovelhas ao esgotamento, porque se deixam envolver pelas sutilezas, pelos atrativos, pelos supérfluos e pela exigência e competitividade do mundo. Tudo tem um ponto de equilíbrio. Nós hoje, muitas vezes somos obrigados a usar os mecanismos mundanos para divulgar o evangelho de Cristo, mas é o Espírito de Deus que estabelece os limites. As vitórias que conquistamos até aqui são nossas, ninguém pode tirar, mas devem ser vigiadas e vistas como uma prova de que foi o Senhor que as deu a nós; elas são um incentivo para avançar e conquistar o que Ele já determinou. Isso Ele revela a cada dia. Não é o ser humano que precisa fazer algo para Ele como se quisesse

‘mostrar serviço’. Não é assim que o reino de Deus funciona. O mundo, sim, é exigente e se importa com produtividade. Nada está bom o bastante. E quando tentamos agradar as demandas do mundo, nosso espírito não deixa Deus falar; então, o Espírito Santo vai se apagando, pois o ego assumiu o controle. Portanto, a palavra ‘vigilância’ é bem pertinente aqui.

Jesus disse: “Quem me negar diante dos homens, também eu o negarei diante de meu Pai e dos seus anjos; quem me confessar diante dos homens, também eu o confessarei diante de meu Pai e dos seus anjos” (Mt 10: 32-33). Portanto, uma igreja que se acomoda e não vigia, não será condecorada. E vigiar não é controlar a vida dos outros, mas olhar para dentro de si mesmo e inspecionar a própria alma para ver a cor da própria vestidura. Deus não nos quer com vestes de lã tingida pelo pecado, com a contaminação mundana e com a preguiça, mas com o linho fino e resplandecente dos atos de justiça que praticamos.

Resumindo: A igreja de Sardes vivia das glórias do passado e agora necessitava renascer e vigiar para não mais ser pega de surpresa. Vigiar o quê? O precioso que o Senhor lhes tinha dado: a salvação, o relacionamento com Ele, a Sua proteção e Sua Palavra viva, a doutrina verdadeira que os faria crescer e receber o alimento sólido de uma igreja amadurecida, não o leite espiritual dos iniciantes na fé. Eles precisavam ouvir o conselho do Senhor, ter as estratégias corretas para se posicionar, caminhar, sair da estagnação em que estavam e recomeçar a experimentar a Palavra Viva dentro deles. Mais do que isso, saber como administrar os bens materiais que o Senhor lhes tinha dado.

Ruínas de lojas Grego-Bizantinas na cidade de Sardes. Foto: Wikipédia.

Imagens acima:
• Rio Páctolos (em turco: Sart çayi); Foto: Spiridon Ion Cepleanu. Wikipédia.
• Templo de Ártemis, em Sardes, na Turquia. Foto: simonjenkins – Wikipédia.

Nas duas imagens abaixo: Ruínas da sinagoga de Sardes do final do século III DC. Na segunda imagem uma visão mais aproximada da entrada do prédio e dos lugares onde se sentavam os líderes para ensinar. Foto: Carole Raddato – Wikipédia.

Há algo interessante a dizer sobre a sinagoga naquela época: numa parte se guardava os rolos da Lei, e em outra, os rolos dos profetas e dos escribas. Também havia 'a cadeira de Moisés' e 'a cadeira de Elias', onde os rolos da lei e dos profetas eram ensinados. A pessoa lia de pé, mas depois se sentava na cadeira para ensinar (cf. Lc 4: 16; 20 – Jesus leu o rolo de Isaías de pé e depois se sentou). Isso porque na cultura antiga, as coisas importantes não se podiam ser explicadas e ensinadas às pressas, mas com calma. Em Mt 23: 1-7, Jesus repreendeu tão duramente os escribas e Fariseus, porque sentavam na 'cadeira de Moisés' para explicar a lei, mas não punham em prática o que ensinavam.

'A cadeira de Moisés' – achado arqueológico em uma sinagoga em Corazim, feita de basalto, encontrada em 1920.

Quero fazer um parêntese aqui para colocar uma informação interessante sobre as sinagogas no tempos antigos, em especial no 1º século da era cristã.

Sinagoga vem do hebraico, *K^e^nēseth (o equivalente em grego é synagogē),* que tem o sentido de uma reunião de quaisquer pessoas ou coisas e para qualquer propósito; também, uma reunião de indivíduos de uma localidade com o fim de adorar ou de fazer alguma coisa em comum. O básico na sinagoga é a oração e a leitura da Torá (Torah ou Pentateuco, que corresponde aos cinco primeiros livros da bíblia). As sinagogas foram construídas seguindo o modelo do templo de Jerusalém. Provavelmente, a instituição da sinagoga como o local de reunião dos judeus para aprender a Torá, orar e resolver questões administrativas ocorreu durante o exílio babilônico (Ez 14: 1), uma vez que o templo de Jerusalém não existia mais. Tanto Jesus como Paulo ministraram em sinagogas, onde quer que houvesse judeus.

A sinagoga servia para adoração, educação (uma escola para os meninos aprenderem a Torá) e governo da vida civil da comunidade, como as festas. Mas algumas vezes era um local usado para discutir assuntos políticos. Jesus mesmo advertiu seus discípulos de que seriam levados para ser julgados nas sinagogas (Lc 12: 11), e que eles seriam açoitados nas próprias dependências delas (Mt 10: 17). Flávio Josefo informa que na sinagoga de Tiberíades os líderes se reuniam para interesses político.

Defronte da entrada do edifício, podia-se observar a presença de uma arca portátil como a arca da Aliança, onde eram guardados os rolos da Lei e dos Profetas (meghillah). A lei era lida em cima de um bēmâ (plataforma), em hebraico pós-bíblico, bima (בימה), 'plataforma' ou 'púlpito', com certeza derivada da palavra grega antiga para uma plataforma elevada, bema (βῆμα).

Ao lado da plataforma para a leitura da Lei havia os assentos principais para os líderes religiosos e governantes da sinagoga, os assentos mais honrosos (Mt 23: 6; Tg 2: 2-3). Os homens se assentavam separados das mulheres [O Novo Dicionário da Bíblia – J. D. Douglas – edições vida nova, 2ª edição 1995].

A sinagoga era governada pelos anciãos. Eles exerciam disciplina e puniam membros se fosse o caso (açoites e excomunhão). O oficial principal era o chefe da sinagoga (como Jairo – Mc 5: 22; At 13: 15; 18: 8) e supervisionava o culto. O assistente (Lc 4: 20)

apresentava os rolos das Escrituras que deveriam ser lidos e os recolocava na arca. Um intérprete competente traduzia a lei e os profetas para o aramaico próprio da localidade e, por serem qualificados para isso, eles tinham permissão de dirigir os cultos (Jesus, por exemplo: Lc 4: 16; Mt 4: 23; e Paulo: At 13: 15). O sábado era o dia marcado para a adoração pública (At 15: 21).

A Mishná (a 'Lei Oral', instituída no século II da nossa era) diz que o culto consistia de cinco partes:

Primeiro o Shemá Israel (Sh'ma Yisrael – 'Ouve, ó Israel') era lido (a oração inclui Dt 6: 4-9; Ex 13: 1-10; Ex 13: 11-16; Dt 11: 13-21; Nm 15: 37-41).

Depois vinham dezoito orações ou dezoito bênçãos. A primeira engrandecia o nome do Senhor. A segunda intercedia por Jerusalém. Nas demais, a restauração de Israel à terra de seus pais, a volta da glória da presença de Deus ao templo e à cidade de Jerusalém já reedificada e o restabelecimento da dinastia Davídica eram temas repetidos e lembravam a origem das sinagogas durante o exílio na Babilônia.

Depois da oração, vinha a leitura da Palavra e o ancião lia o rolo da Torá. Atualmente, o Pentateuco é lido nas sinagogas em um ciclo anual.

Em seguida, costumava vir a leitura dos Profetas. No tempo de Jesus essa porção ainda não fora fixada, mas o leitor tinha permissão de fazer sua própria seleção. Muitas vezes, após a leitura, alguém fazia a explicação do texto dos profetas e dele se tirava uma exortação. Às vezes, se convidava um jovem para dar sua interpretação. E quando havia um visitante ilustre, ele era chamado a falar, como aconteceu com o apóstolo Paulo (At 13: 14-41). Jesus era o cumprimento das promessas feitas a Moisés, Davi e aos profetas. Quase todos os judeus podiam fazer sua explanação da Palavra de Deus.

Para terminar, vinha a bênção final (geralmente, a bênção sacerdotal de Arão – Nm 6: 24-26).

Imagens acima: O complexo do Ginásio de Banho em Sardes, Lídia, Turquia, no final do século II e início do século III DC. Foto: Carole Raddato (Frankfurt). Wikipédia.

• Ap 3: 7-13 – carta à igreja em Filadélfia

"Ao anjo da igreja em Filadélfia escreve: Estas coisas diz o santo, o verdadeiro, aquele que tem a chave de Davi, que abre, e ninguém fechará, e que fecha, e ninguém abrirá: Conheço as tuas obras — eis que tenho posto diante de ti uma porta aberta, a qual ninguém pode fechar — que tens pouca força, entretanto, guardaste a minha palavra e não negaste o meu nome. Eis que farei que alguns dos que são da sinagoga de Satanás, desses que a si mesmo se dizem judeus e não são, mas mentem, eis que os farei vir e prostrar-se aos teus pés e conhecer que eu te amei. Porque guardaste a palavra da minha perseverança, também eu te guardarei da hora da provação que há de vir sobre o mundo inteiro, para experimentar os que habitam sobre a terra. Venho sem demora. Conserva o que tens para que ninguém roube a tua coroa. Ao vencedor, fá-lo-ei uma coluna no santuário do meu Deus, e daí jamais sairá; gravarei também sobre ele o nome do meu Deus, o nome da cidade do meu Deus, a nova Jerusalém que desce do céu, vinda da parte do meu Deus, e o meu novo nome. Quem tem ouvidos, ouça o que o espírito diz às igrejas".

Filadélfia significa: amor fraternal. Foi fundada em 189 AC por Eumenes II (197-160 AC) e recebeu o nome de Filadélfia por causa da lealdade de seu irmão Atalo II Filadelfo (160-138 AC), rei de Pérgamo, a ele. Atalo II Filadelfo já tinha morrido. A cidade ficava na rota do correio imperial como porta para o oriente, por isso era chamada de 'a porta do oriente'. O local está ocupado atualmente pela aldeia de Alaseir (Alaşehir). Filadélfia é a figura da igreja leal a Cristo, por causa da lealdade dos dois irmãos, Atalo e Eumenes.

Ela estava situada num platô interior, fértil, o que explica muito sua prosperidade comercial. O platô era uma porta aberta para a riqueza da cidade, assim como essa porta era dada aos cristãos, tanto material como espiritualmente falando.

Entretanto, a cidade era sujeita a terremotos freqüentes (O terremoto que destruiu Sardes em 17 DC também destruiu Filadélfia). O povo, então, passou a viver fora dela em tendas ao ar livre. Roma recuperou a cidade; por isso, seus habitantes voluntariamente

lhe deram o nome de Neokaisareia. Vespasiano (69-79 DC) mudou seu nome para Flávia (por ser o primeiro imperador da dinastia Flaviana). Os terremotos simbolizavam a vida inconstante, em contraste com os vencedores que recebem a promessa de estabilidade final de ser parte da edificação do templo de Deus. Jesus faria deles colunas que jamais seriam abaladas, para confortá-los na sua insegurança e instabilidade.

Era conhecida pelo grande número de templos e festividades, mas não há referência à participação dessa igreja nos atos de paganismo ali existentes.

Assim como fez com Esmirna, o Senhor só teve elogios para Filadélfia.

Numa igreja com falsos mestres e tanta idolatria, Ele se mostra como Santo e Verdadeiro: "Estas coisas diz o santo, o verdadeiro, aquele que tem a chave de Davi, que abre, e ninguém fechará, e que fecha, e ninguém abrirá". A chave de Davi significa a autoridade e o poder de Cristo. Ele é a chave que abre a porta da salvação. E Ele dava essa chave à Sua igreja em Filadélfia, a chave da pregação da Palavra e da evangelização. Ao mesmo tempo em que a cidade tinha uma porta aberta ao comércio na vida material, Jesus abria também para a Sua igreja a porta à divulgação do evangelho, pois havia muitos pagãos na cidade, e pessoas pagãs da mesma forma vinham a ela pelas estradas.

E ao que parece, a igreja em Filadélfia fazia fielmente a obra de Deus, pois a bíblia diz: "Conheço as tuas obras — eis que tenho posto diante de ti uma porta aberta, a qual ninguém pode fechar — que tens pouca força, entretanto, guardaste a minha palavra e não negaste o meu nome". O Senhor tinha aberto a porta para Sua obra, eles tinham aproveitado isso, pois está escrito que não negaram o Seu nome, mas tinha pouca força; talvez, por ser uma igreja pequena ou por ser composta por escravos ou por pessoas pobres e sem influência política como os cidadãos prósperos de Pérgamo ou Esmirna, por exemplo, que tinham templos dedicados a César. Assim, para uma igreja sem força aos olhos do mundo, Jesus a parabenizava pela sua fidelidade e prometia que a porta não seria fechada. Ela era fiel e Deus lhe dava força para continuar.

"Eis que farei que alguns dos que são da sinagoga de Satanás, desses que a si mesmo se dizem judeus e não são, mas mentem, eis que os farei vir e prostrar-se aos teus pés e conhecer que eu te amei" – Filadélfia encontrou oposição por parte dos judeus, como Esmirna. Eles negavam o Messias; portanto, eram falsos mestres, suas reuniões eram para tramar contra os cristãos e por isso Ele os chamava de sinagoga de Satanás. Eles achavam que só eles eram salvos porque guardavam os preceitos da Lei. Filadélfia podia ser odiada pelo mundo, mas era amada por Jesus. Essa era uma força que ela não poderia desprezar. De uma forma ou de outra, Jesus faria que eles reconhecessem Seu amor àquela igreja.

Talvez, a maneira de Ele fazer isso seria protegendo-a das invasões pagãs, das perseguições romanas por Trajano, segundo algumas fontes, e do martírio. Podemos notar que no versículo seguinte está escrito: "Porque guardaste a palavra da minha perseverança, também eu te guardarei da hora da provação que há de vir sobre o mundo inteiro, para experimentar os que habitam sobre a terra". O juízo de Deus cairia sobre os ímpios e sobre a igreja rebelde, mas os fiéis a Ele teriam essa promessa, pois eles exercitavam o amor, e o amor de Deus neles os fazia fortes espiritualmente, atrairia a Sua bênção. Se ela havia guardado Sua palavra nas provações e perseguições até aqui, agora Jesus promete guardá-la das provações que sobrevirão. Filadélfia é o exemplo da igreja que confia na fidelidade do seu Deus.

Como em outras passagens do Apocalipse (Ap 22: 7; 12; 20) o Senhor repete aqui a frase: "Venho sem demora" (Ap 3: 11). Ele também dá a mesma orientação a Filadélfia que deu a outras igrejas: guardar o que tinha e vigiar para não ser roubada – "Conserva o que tens para que ninguém roube a tua coroa". Ele lhe diz para se manter firme no evangelho puro, baseado no Seu amor, e que ela conhece e pratica (cf. Mt 24: 12-13).

Coroa é símbolo de vitória e realeza, poder para reinar. E aqui, a palavra grega para ‘coroa’ é a mesma usada para Esmirna (Ap 2: 10), ou seja, stephanos (στέφανος – Strong #4735), que significa ‘coroa, guirlanda, honra, glória’, mais especificamente, ‘diadema’, como um distintivo de realeza, um prêmio nos jogos públicos ou um símbolo de honra em geral; porém mais distinto e elaborado do que o simples filete. Essa coroa de que João está falando era como aquelas que pessoas recebiam em momentos especiais, como a coroa dada aos vitoriosos nos jogos (1 Co 9: 25; 2 Tm 2: 5). A vida cristã é como uma corrida de um atleta: “Eu completei a carreira”, disse Paulo (2 Tm 4: 7). ‘Stephanos’ (coroa) também era dada numa festa; então, eles a receberão nas bodas do Cordeiro. As pessoas também recebiam um tipo de coroa dessas quando entravam nos templos dos deuses; portanto, Jesus falava para os crentes de Filadélfia e de Esmirna sobre a alegria de entrar na presença de Deus, na nova Jerusalém.

Imagens: Ruínas da Igreja de São João em Alaşehir (antiga Filadélfia), Turquia. Foto: Wolfymoza (Simonjenkins' photos). Wikipédia.

Como eu comentei no início do texto, havia muitos templos a deuses pagãos em Filadélfia. Seus seguidores poderiam receber uma coroa ao entrar neles, mas os crentes a receberiam ao entrar na cidade celestial de Deus. A igreja de Filadélfia, diferentemente das outras, foi a única que resistiu fielmente sem deixar entrar em si os falsos ensinos, não compactuando com a prostituição espiritual dos seus conterrâneos e contemporâneos; preferiu ser ferida a revidar ou desistir. Isso lhe garantiu a proteção de Deus.

E o Senhor prossegue dizendo: "Ao vencedor, fá-lo-ei uma coluna no santuário do meu Deus, e daí jamais sairá". Além de receber a coroa que os vitoriosos recebem por tomar posse das promessas do Senhor e executar com fé e perseverança o chamado que Ele lhes dá, os vencedores de Filadélfia seriam 'coluna' no santuário de Deus. Isso significa que se permanecermos fiéis aqui, na nova Jerusalém nós estaremos com o Senhor. A coluna é a representação da segurança, de algo firme que sustenta um edifício. Assim, 'coroa' e 'templo' seria um contraste com as festividades religiosas e ritos da cidade.

"Gravarei também sobre ele o nome do meu Deus, o nome da cidade do meu Deus, a nova Jerusalém que desce do céu, vinda da parte do meu Deus, e o meu novo nome. Quem tem ouvidos, ouça o que o espírito diz às igrejas" – Como a cidade havia mudado várias vezes de nome, os vencedores receberão novos nomes que denotarão sua participação permanente na cidade de Deus. Há uma referência a um novo nome de Cristo não só neste texto (Ap 3: 12) como em Ap 2: 17 e Ap 19: 11-12.

O que isso significa para nós?

A igreja de Filadélfia nos ensina a sermos fiéis a Jesus, como um irmão foi fiel a outro; isso nos faz pensar que além da lealdade ao Senhor, devemos também aprender a ser leais aos irmãos em vez de distorcer a palavra de Deus e dar 'corda para o diabo' declarando o versículo: "Maldito o homem que confia no homem". Por que não ler o versículo todo? "Assim diz o Senhor: Maldito o homem que confia no homem, faz da carne mortal o seu braço e aparta o seu coração do Senhor!" (Jr 17: 5). Isso não só tem gerado desconfiança entre os crentes, agravando a que já trazem do mundo, como também dá espaço para o inimigo roubar, matar e destruir através do ódio, da contenda, da discórdia, da traição, da frustração e da decepção. Deus não nos manda colocar nossa confiança na carne humana, mas também não nos proíbe de sermos amigos, nem de termos amigos verdadeiros. Amizade verdadeira não nos aparta do Senhor. No livro de provérbios está escrito que há amigo mais chegado que irmão (Pv 18: 24). Jônatas amou Davi como à sua própria alma e Jesus chamou Abraão e Seus discípulos de amigos (2 Cr 20: 7; Ne 9: 7; Is 41: 8; Tg 2: 23; Jo 15: 14-15). Ainda nos deixou a ordenança: "Amai-vos uns aos outros como eu vos amei". Onde há amor verdadeiro não há desconfiança, pois quem tem o verdadeiro Espírito de amor de Deus dentro do seu coração não apenas zela pela própria vida, como também zela pelos outros e não dá brecha na carne para o diabo usá-la com traição e outros pensamentos e sentimentos ruins. Somos nós os maiores destruidores de muros, pois é dentro da Igreja onde sofremos as maiores feridas, porque até a palavra destruidora e o sentimento ruim vêm com 'unção' (aqui significando força que, ao invés de ser dirigida para o bem, é usada para o mal). Por isso, talvez, os terremotos sofridos por Filadélfia obrigavam seus membros a terem uma vida inconstante, o que para nós pode ser bastante verdadeiro do ponto de vista emocional, pois as emoções do homem são o maior alvo de Satanás para trazer destruição. Começa com as oposições gratuitas que temos que sofrer sem termos feito nada de errado para merecê-las.

Os crentes de Filadélfia sofreram muita oposição dos judeus, não apenas por inveja da sua fertilidade, que lhe trazia riqueza material também, quanto da sua postura amigável, disposta a amar, repartir e fazer a obra de Deus com fé, alegria e perseverança, mesmo tendo pouca força, sem ajuda de fora, tanto do dinheiro de Roma quanto do apoio moral de simpatizantes cristãos. A maior oposição que Satanás nos faz é ao amor, pois ao barrar esta força, ele barra a nossa vida. Na amargura e na maldição, no egoísmo e na avareza, na mágoa e no ódio, na soberba e na disputa não existem fertilidade; quanto mais presença de Deus!

Os fiéis a Cristo enfrentavam oposição, tanto é que a promessa do Senhor era de trazer até eles aqueles que os haviam humilhado para reconhecer que Ele os amava. Jesus conhecia que, apesar da sua pouca força, por causa de tamanha hostilidade e instabilidade, eles jamais negaram Seu nome: "Eis que farei que alguns dos que são da sinagoga de Satanás, desses que a si mesmo se dizem judeus e não são, mas mentem, eis que os farei vir e prostrar-se aos teus pés e conhecer que eu ter amei. Porque guardaste a palavra da minha perseverança, também eu ter guardarei da hora da provação que há de vir sobre o mundo inteiro, para experimentar os que habitam sobre a terra". Quem não ama de verdade não conhece a Deus. Por isso, o Senhor fala que traria provação ao mundo para experimentar os que habitam sobre a terra. Sem passar pela grande prova de amor incondicional de Deus será impossível ser coluna no Seu santuário. Não estamos falando de uma transformação da noite para o dia, mas de uma disposição interior de amar, o que requer paciência, pois amar é um exercício contínuo e coloca nosso ego para baixo para que Jesus prevaleça.

O Senhor está no controle de todas as coisas e conhece os propósitos de cada coração. Mais cedo ou mais tarde Ele pode trazer até nós as pessoas que nos odeiam ou desprezam o nosso trabalho para mostrar a elas que o que elas acharam pequeno e fraco é honrado por Ele e tem mais força do que aquilo que o mundo exalta tanto, que aparece tanto. O fim dos fiéis a Cristo é a salvação e a honra ao Seu lado; mas o fim dos ímpios é a condenação.

"Conheço as tuas obras — eis que tenho posto diante de ti uma porta aberta, a qual ninguém pode fechar". A porta que o Senhor abre ninguém fecha; e a que Ele fecha ninguém abre. Nele está toda autoridade e sabedoria.

Filadélfia resistiu aos falsos mestres, às falsas profecias, aos conhecimentos humanos e à sedução do mundo; portanto, os que se mantém em constante relacionamento com o Senhor conhecem Seus pensamentos, Sua vontade, Sua fidelidade e Sua força. A força para resistir ao mal vem do Espírito de Deus, não da carne do homem (cf. Jo 6: 63: "O espírito é o que vivifica; a carne para nada aproveita; as palavras que eu vos tenho dito são espírito e são vida").

Como foi dito anteriormente, em contraste com a vida terrena inconstante, os vencedores recebem a promessa de estabilidade final; de ser parte da edificação do templo de Deus, de onde jamais sairão, assim como receberão novos nomes que denotarão sua participação permanente na cidade santa: Jerusalém, a cidade da paz. Quando crucificamos nossa carne através da entrega e do amor a Jesus, nossa instabilidade se transforma em paz e fortaleza, pois passamos a ser edificados pelo próprio Deus, protegidos dos ataques das oposições carnais, além de termos a honra diante dos que nos humilharam.

A Igreja de Filadélfia já tinha experimentado muita instabilidade, em todos os sentidos por causa de tantas forças contrárias sobre ela, entretanto, permanecera firme no Senhor, por isso necessitava demais do Espírito de Fortaleza (Is 11: 2) para continuar de pé, em face de tantas lutas. Filadélfia já tinha realizado grandes obras, mas necessitava caminhar debaixo da força de Deus.

• Ap 3: 14-22 – carta à igreja em Laodicéia

"Ao anjo da igreja em Laodicéia escreve: Estas coisas diz o Amém, a testemunha fiel e verdadeira, o primeiro da criação de Deus: Conheço as tuas obras, que nem és frio nem quente. Quem dera fosses frio ou quente! Assim, porque és morno e nem és quente nem frio, estou a ponto de vomitar-te da minha boca; pois dizes: Estou rico e abastado e não preciso de coisa alguma, e nem sabes que tu és infeliz, sim, miserável, pobre, cego e nu. Aconselho-te que de mim compres ouro refinado pelo fogo para te enriqueceres, vestiduras brancas para te vestires, a fim de que não seja manifesta a vergonha da tua nudez, e colírio para ungires os olhos, a fim de que vejas. Eu repreendo e disciplino a quantos amo. Sê, pois, zeloso e arrepende-te. Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele, comigo. Ao vencedor, dar-lhe-ei sentar-se comigo no meu trono, assim como também eu venci e me sentei com meu Pai no seu trono. Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas".

Laodicéia significa: justiça do povo, povo justo e foi fundada por Antíoco II em 250 AC e recebeu este nome por causa de sua mulher, Laodice. Originalmente, era chamada de Dióspole (Diospolis) e Roa (Rhoas). O local encontra-se atualmente em ruínas, sendo chamado pelos turcos de Eski-hissar (Castelo Velho). Era um centro comercial próspero, a cidade mais rica da Frígia, e foi destruída por um terremoto em 60 DC, mas por ser rica recusou auxílio imperial para a reconstrução. Ficava numa importante encruzilhada das principais rotas comerciais do mundo; portanto, era um importante centro bancário e de troca de moedas. Estava situada no largo vale do rio Lico e era rodeada por terras férteis. Seus maiores produtos eram vestes de lã negra polida e um pó medicinal (conhecido por pó frígio) que, misturado com óleo, era usado na fabricação de pomada para os ouvidos e colírio. Não havia suprimento de água permanente nas proximidades. Esta era levada por canos até a cidade, vinda de fontes termais que ficavam a certa distância, e chegava a ela já morna; em outras palavras, apesar de toda a sua riqueza, não podia produzir nem o poder curativo da água quente de Hierápolis, uma cidade vizinha, nem o poder refrescante da água fria de Colosso, mas podia produzir apenas água morna, útil apenas como vomitório.

O local foi finalmente abandonado e a moderna cidade, Denizli, cresceu em torno das fontes termais.

Laodicéia recebeu o evangelho provavelmente quando Paulo estava morando em Éfeso (At 19: 10), por intermédio de Epafras (Cl 4: 12-13; 15-16: "Saúda-vos Epafras, que é dentre vós, servo de Cristo Jesus, o qual se esforça sobremaneira, continuamente, por vós nas orações, para que vos conserveis perfeitos e plenamente convictos em toda a vontade de Deus. E dele dou testemunho de que muito se preocupa por vós *[os Colossenses],* pelos de Laodicéia e pelos de Hierápolis... Saudai os irmãos de Laodicéia, e Ninfa, e à igreja que ela hospeda em sua casa. E, uma vez lida esta epístola perante vós *[a que ele escreveu para Éfeso],* providenciai por que seja também lida na igreja dos laodicenses; e a dos de Laodicéia, lede-a igualmente perante vós"). Ao que parece, Paulo não conheceu Laodicéia pessoalmente: "Gostaria, pois, que soubésseis quão grande luta venho mantendo por vós *[os Colossenses],* pelos laodicenses e por quantos não me viram face a face" (Cl 2: 1).

É evidente que essa igreja mantinha conexões com as comunidades das cidades vizinhas de Hierápolis e Colossos. Em Cl 4: 16 é mais provável que Paulo tenha mandado uma cópia da sua epístola aos Efésios para ser lida em Laodicéia, não especificamente uma carta dedicada a ela: "E, uma vez lida esta epístola perante vós *[a que ele escreveu para Éfeso],* providenciai por que seja também lida na igreja dos laodicenses; e a dos de Laodicéia, lede-a igualmente perante vós".

A cidade de Colossos estava a mais ou menos dezesseis quilômetros a sudeste de Laodicéia, no vale do Lico; hoje quinze quilômetros a leste da cidade de Denizli. Naquela igreja havia uma mistura de elementos judaicos, gregos e frígios, pelo que podemos inferir pela carta de Paulo aos Colossenses.

A cidade de Hierápolis ficava nove quilômetros ao norte de Laodicéia no lado oposto do largo vale do Lico. Hierápolis significa 'cidade do santuário' ou 'cidade sagrada', pois ali era um centro de cultos pagãos desde os tempos remotos da Antiguidade. Atualmente existe apenas uma pequena vila, Eçiriköy, nas proximidades. Em 17 DC, durante o governo do imperador Tibério, um grande terremoto destruiu a cidade de Hierápolis. Ela foi completamente destruída por um terremoto em 1354. Filipe, o apóstolo de Jesus (não o evangelista descrito em At 6: 5; At 8: 5; At 21: 8-9), pregou o evangelho na Palestina, Grécia e na Ásia Menor, inclusive na Frígia, onde a mulher de um procônsul romano se converteu. Ali em Hierápolis ele viveu, pregou e morreu, segundo Policrates, bispo de Éfeso em 190 DC. Felipe foi crucificado e a seguir apedrejado no ano 80 DC em Hierápolis, na Frígia, por ordem do procônsul. Pode-se pensar que se trata do procônsul Sextus Julius Frontinus (c. 40–103 DC), um proeminente engenheiro civil romano, autor, soldado e senador do final do século I DC, general de sucesso sob Domiciano (81-96 DC). Uma inscrição em Hierápolis na Frígia, bem como várias moedas de Esmirna, atesta que ele era procônsul da Ásia em 86 DC. É apenas uma cogitação.

A igreja de Laodicéia pensava não ter necessidade de nada, porém precisava de ouro, de vestes embranquecidas e colírio, mais eficazes que seus banqueiros, costureiros e médicos podiam suprir. Semelhantes a cidadãos não hospitaleiros a um viajante que lhes oferece bens extremamente preciosos, seus membros haviam fechado suas portas e deixado de lado de fora o seu real provedor.

De todas as cartas essa é a mais severa. Não teve elogio da parte de Jesus, só repreensão. Era uma cidade rica, opulenta e a igreja cristã assimilou as diversas culturas e valores dela, pois era o centro de muitas estradas e acolhia visitantes de todas as partes do mundo. Em outras palavras, a cidade moldou a igreja. Ela acabou sendo tolerante com a cultura dos deuses pagãos da cidade e dos deuses das nações que a visitavam; não apenas os deuses, mas muitas filosofias gregas, frígias e de outras regiões da Anatólia, a Turquia oriental.

Laodicéia exercia influência de quatro maneiras:

1) Financeira – ela era o centro bancário e financeiro da Ásia.

2) Comercial – como centro da indústria têxtil da Ásia; sua lã era exportada para o mundo inteiro.

3) Científica – Laodicéia era um centro médico importante, especialmente, na área da oftalmologia. Havia uma famosa escola de medicina em Laodicéia. O conhecido 'pó frígio' que ela produzia era um ingrediente importante para colírios e isso era um verdadeiro milagre na cura dos problemas dos olhos.

4) Turística – por causa das águas termais das cidades vizinhas: Colossos e Hierápolis. A cidade de Colossos produzia águas frias; Hierápolis águas quentes, também medicinais. Mas as águas chegavam mornas a Laodicéia. Por isso, aproveitando essa característica, Jesus diz que o comportamento da igreja é como a temperatura das águas, morno, que só serve como vomitório.

Andando no meio dos candeeiros, Jesus conhece a saúde espiritual da Sua igreja. Ele viu que ela havia perdido o avivamento espiritual, seus valores e sua visão espiritual, e as vestes não estavam brancas, a temperatura do seu coração era morna; bem diferente dos discípulos a caminho de Emaús, quando Jesus os encontrou após Sua ressurreição e cujo coração era ardente (Lc 24: 32: "E disseram um ao outro: Porventura, não nos ardia o coração, quando ele, pelo caminho, nos falava, quando nos expunha as Escrituras?"); bem

diferente de um coração frio, onde não há amor nem fé, e, portanto, falta de Deus e impiedade (Mt 24: 12: "E, por se multiplicar a iniqüidade, o amor se esfriará de quase todos"; Ez 36: 26: "Dar-vos-ei coração novo e porei dentro de vós espírito novo; tirarei de vós o coração de pedra e vos darei coração de carne" cf. Ez 11: 19).

Laodicéia era simbolicamente uma igreja morna, apática, acomodada e orgulhosa, pois achava que pela riqueza que tinha não precisava de mais nada; pelo contrário, o Senhor lhe disse que apesar de tudo, seu habitante era infeliz, miserável, pobre, cego e nu. Sua atitude morna só servia para fazer Deus vomitar, pois para Ele esse comportamento era repugnante. Por isso Ele diz: "Conheço as tuas obras, que nem és frio nem quente. Quem dera fosses frio ou quente! Assim, porque és morno e nem és quente nem frio, estou a ponto de vomitar-te da minha boca; pois dizes: Estou rico e abastado e não preciso de coisa alguma, e nem sabes que tu és infeliz, sim, miserável, pobre, cego e nu."

"Aconselho-te que de mim compres ouro refinado pelo fogo para te enriqueceres, vestiduras brancas para te vestires, a fim de que não seja manifesta a vergonha da tua nudez, e colírio para ungires os olhos, a fim de que vejas" – Laodicéia estava morna, apática às coisas de Deus e não reconhecia isso. Por ser miserável e pobre no seu espírito, ela necessitava do ouro refinado, o precioso de Deus, que era a Sua palavra de Vida, Seus ensinamentos preciosos, e que o orgulho não a deixava receber. Seus pecados a deixavam nua e desprotegida, por isso precisava de vestes brancas de pureza e santidade. O orgulho a cegava, apesar de ter muitos médicos e muitos remédios, por isso precisava do colírio de Deus para remover sua cegueira espiritual.

Ele era o Criador de todas as coisas, por isso tinha condições de fazer promessas e cumpri-las: "Estas coisas diz o Amém, a testemunha fiel e verdadeira, o primeiro da criação de Deus". Laodicéia pensava que produzia muitas maravilhas, mas o Senhor poderia fazer muito mais do que ela podia imaginar, em especial, fazê-la abrir os olhos para enxergar a sua situação.

"Eu repreendo e disciplino a quantos amo. Sê, pois, zeloso e arrepende-te. Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele, comigo" – Laodicéia estava sendo colocada diante de uma escolha divina: deixar Jesus entrar ou deixá-lO de fora. Estava sendo repreendida, a fim de que pudesse se corrigir. Dela, o Senhor pedia duas coisas básicas: zelo pela Palavra e arrependimento dos seus pecados. Ao deixá-lO entrar para o ego sair, comeria do que Ele pode prover. Arrependimento é atitude, não emoção; significa mudar de mente, valores e princípios. "Se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta" significa que o convite é pessoal. Ele bate através das circunstâncias pelas quais as pessoas passam, e as chama através das Escrituras. Mas como poderá chamá-las e como elas poderão ouvir sem sequer ter vontade de ler a bíblia e buscar nela as respostas para os seus problemas?

"Ao vencedor, dar-lhe-ei sentar-se comigo no meu trono, assim como também eu venci e me sentei com meu Pai no seu trono. Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas" – Como prêmio, poderia sentar no trono com Ele, mas para isso era preciso aprender, lutar e vencer; só depois poderia reinar. A humildade a faria vivenciar a justiça de Deus, Seu perdão e redenção dos seus pecados com o direito a ser herdeiro. Quando temos comunhão com Ele temos lugar no trono, Ele nos honra publicamente.

O que isso significa para nós?

Aqui, temos mais um exemplo do que o Senhor pede de nós como um Corpo: jogar fora o orgulho e deixá-lo entrar de verdade no mais íntimo do nosso ser, onde só Ele conhece e arrancar de lá as ervas daninhas e os falsos curativos que já nos ofereceram e as falsas vestes que tentamos produzir para nos cobrir, fingindo estar tudo bem; abandonar a idéia de que a nossa condição de salvos, por si só, já nos garante a entrada na nova

Jerusalém e uma oração rápida nos cobrindo com o sangue do Cordeiro já é o bastante para o diabo nos respeitar. O que nossa alma precisa é cura profunda. Só o Espírito Santo pode mudar os padrões arraigados de comportamento, incluindo as doutrinas de uma igreja que foi fundada há séculos, mas que já não servem para os crentes hoje, porque as guerras e os desafios são diferentes.

Isso não significa aceitar modismos e novidades, mas 'atualizar' os ensinamentos e a revelação que o Senhor transmite hoje, dia a dia, através do Seu Espírito para todo aquele que separa um tempo para estar na Sua presença sem as distrações do que está em volta e sem as atividades desnecessárias que atraem Seus filhos hoje. Por isso, Deus nos orienta a receber a verdadeira cura diante da cruz, obedecendo à Sua própria palavra que diz: "Sem mim nada podeis fazer" (Jo 15: 5b). Sermos convertidos há muitos anos, termos lido a bíblia dez vezes, sermos pregadores ou termos qualquer cargo de liderança não nos torna especiais diante de Deus, muito menos nos isenta do Seu tratamento. Todos os Seus filhos na bíblia foram trabalhados e forjados por Ele até o final de suas vidas e cresceram no ritmo por Ele determinado, não no ritmo humano autoimposto, rápido, leve, sem dores e de qualquer jeito. Qual é o pai que fica impassível vendo seu filho se desviar por caminhos errados sem repreendê-lo? Se não fizer nada, está mais do que provado que não o ama.

Ter boas condições financeiras e boa reputação no meio evangélico e até na sociedade não significa que estamos agradando a Deus. Quais são os frutos do trabalho para Ele? O aplauso de pessoas pode cegar os olhos para a realidade do interior do coração, para a real cor das vestes espirituais tirando a sensibilidade do nosso espírito à voz silenciosa e sutil do Espírito Santo, que fala muitas vezes através de um sentimento no nosso coração, de algo que não nos deixa perceber o sorriso de aprovação de Jesus pelo que fazemos.

Estarmos abertos à comunicação com todas as igrejas do Corpo de Cristo não significa necessariamente edificação e fortalecimento. Muitas igrejas não vigiam e passam 'revelações', doutrinas novas e aprendizados modernizados que inadvertidamente elas deixaram entrar do mundo ou de outras linhas religiosas. E aí esse 'ecumenismo evangélico' passa a contaminar a mente dos crentes que não têm costume de orar nem de ler a bíblia, que só gostam de ouvir pregações online em qualquer lugar que estejam, até no meio da condução para casa ou para ou trabalho, sem ter um tempo reservado para meditar em silêncio junto com o Espírito Santo e fazer uma auto-análise; sem privacidade sequer para chorar. Não se ouve a voz de Deus no meio de barulho e agitação, mas no silêncio da mente e do coração.

A igreja de Laodicéia estava acostumada a receber todo tipo de informação e doutrina que entrava pelas portas da cidade, seus membros ricos e importantes ajudavam a atualizar seus conhecimentos com o que provavelmente ouviam nos centros comerciais da cidade, com as filosofias mais recentes da cultura grega; ajudavam a igreja com dinheiro e até poderiam dar conselhos de como usá-lo de forma 'correta', pois eles estavam em contato com os bancos e com os conhecimentos seculares sobre como aplicar o dinheiro da maneira mais conveniente. A influência da ciência trazia uma sensação de segurança e bem-estar, talvez até fazendo-os desacreditar dos milagres divinos que eles um dia viram quando os apóstolos de Jesus saíram para divulgar o evangelho.

E isso acontece ainda hoje, quando a igreja de Cristo se transformou numa empresa, onde membros dentro dela têm profissões importantes e influenciam demais com conhecimentos seculares, ao invés de deixar o Espírito de Deus livre ali dentro para fazer as coisas do Seu jeito, para manter a fé, a esperança e a crença dos membros de que Deus é o Criador, Ele está acima das finanças, da ciência, das artes e do conhecimento e ainda é capaz de fazer milagres, e fazê-los da maneira simples que Ele sempre fez por causa da inocência do coração de Seus filhos. Médicos tratam; só Deus cura. Psicólogos ajudam a

localizar os problemas, mas não dão solução profunda nem efetiva para eles. Banqueiros e administradores de empresa dão palpites de como administrar recursos e gerar produtividade, mas uma dona de casa fiel a Deus tem mais capacidade de saber como alimentar uma família com a pouca quantidade de alimento que eles têm em casa. A sabedoria de Deus sempre será maior do que a sabedoria humana. Não estamos desprezando o estudo e a capacidade intelectual, mas chamando a atenção para o fato de Jesus está batendo à porta para poder entrar e participar da nossa vida.

Laodicéia, Colossos e Hierápolis eram um complexo turístico por causa de suas termas, e grandes celebridades da época acabavam morando e morrendo lá mesmo. Até senadores romanos faziam sua morada ali. A igreja de Cristo não pode ser um balneário, que aquece corações com uma palavra bonita, conveniente, mas infelizmente descompromissada com a salvação, conversão e correção de vidas. Shows, na maioria das vezes (tirando algumas exceções), não convertem pessoas a Cristo, apenas atraem multidões. Por outro lado, um sério curso de ensino tem poucos freqüentadores.

Além de orgulhosa, Laodicéia era uma igreja morna, indecisa e acomodada, o que fortalecia o seu orgulho, ao mesmo tempo em que tudo isso era igualmente um fruto dele. Quem acha que está tudo bem e não precisa de nada, sequer aprender e crescer, se acomoda e se torna morno porque uma das vantagens das guerras em que o Senhor nos coloca é nos tornar mais quentes para com Ele e mais 'esquentados' com o inimigo, não nos deixando cair na fé nem desistir de ser um guerreiro. A tepidez (estado morno) e o comodismo acarretam a indecisão porque as guerras igualmente nos colocam de frente a escolhas e a nossa capacidade de decidir e exercer livre-arbítrio fica mais 'afiada'. Quando não há nada a escolher, a indecisão se instala.

Repetindo o que foi escrito acima: como prêmio pela sua mudança de atitude, Laodicéia poderia sentar no trono com Deus, mas para isso era preciso aprender, lutar e vencer; só depois poderia reinar. A humildade a faria vivenciar a justiça de Deus, Seu perdão e redenção dos seus pecados, com o direito a ser herdeiro. Lembre-se: Laodicéia significa: justiça de Deus, povo justo. A mesma coisa é para a Igreja de hoje.

A Igreja de Laodicéia era a igreja orgulhosa que achava que não precisava de nada, que tinha sabedoria suficiente para caminhar sem o tratamento de Deus. Por isso, precisava muito da sabedoria do Senhor, deixando de lado a sua sabedoria humana sem valor.

Imagens acima:
• Ruínas de Laodicéia. Foto: Klaus Walter. Wikipédia.
• Templo 'A' – sítio arqueológico de Laodicéia no vale do Lico entre Pamukkale e Denizli, Turquia. Foto: A. Savin. Wikipédia.

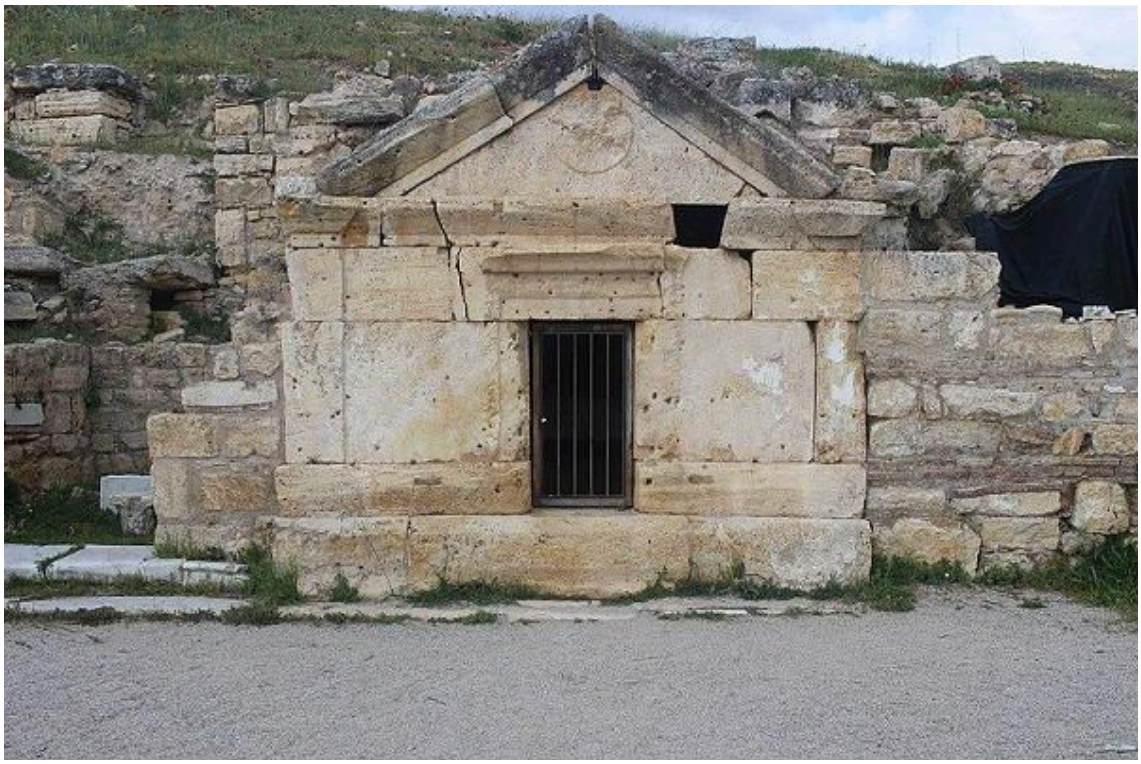
Laodicéia no vale do Lico, teatro ocidental. Foto: Basak (2021). Wikipédia.

Antiga cidade de Laodicéia. Foto: Gargarapalvin (2019). Wikipédia.

Templo ‘A’ sítio arqueológico de Laodicéia no vale do Lico, Frígia, Turquia. Foto: Carole Raddato (FRANKFURT, Alemanha). Wikipédia.

Dentro da igreja de Laodicéia, Denizli, Turquia. Foto: Blcksprt. Wikipédia.

Restos da antiga cidade de Colossos perto de Denizli, Turquia. Foto: A. Savin – Wikipédia.



Na imagem acima, a suposta tumba de Filipe, o Apóstolo, Hierápolis. Francesco D'Andria encontrou esta tumba romana do primeiro século, que ele acredita ter guardado os restos mortais do Apóstolo Filipe. Foto: Blcksprt. Wikipédia.

Vista de Hierápolis, Turquia. Foto: Bernard Gagnon. Wikipédia.

Segunda seção – Capítulos 4–7

A visão do trono | O livro com sete selos | A visão dos salvos | O Cordeiro abre os selos

Segunda seção – Capítulos 4–7

João relata as visões do trono de Deus, dos quatro seres viventes e dos vinte e quatro anciãos, a visão do livro selado com sete selos e a do Cordeiro (Ap 4: 1-11 – Ap 5: 1-14), a visão dos glorificados e dos cento e quarenta e quatro mil selados de Israel (Ap 7: 1-17), após as quais lemos acerca dos sete selos (Ap 6: 1-17; Ap 8: 1). Entre o sexto e o sétimo selo há um espaço de tempo, um período de preparação e prelúdio (Ap 7: 1-17) para as sete trombetas, e uma visão se segue a cada uma delas (Ap 8: 2-13 – Ap 9: 1-21; Ap 11: 15-19).

Selos significam: problemas, sofrimento, perseguição, representam o mundo perseguindo a igreja.

O sétimo selo, composto pelos julgamentos prefigurados nas sete trombetas há de ser o mais importante; em outras palavras: as trombetas podem ser vistas como subdivisões do sétimo selo. Mas, antes das trombetas começarem a tocar há um período de silêncio no céu (Ap 8: 1) de meia hora. Não apenas a multidão e os anjos ficam em silêncio, mas Deus também espera para ouvir o clamor do Seu povo (o incensário atirado à terra – Ap 8: 3-5). Há silêncio e súplicas em expectativa ao juízo de Deus ao mundo que perseguiu a igreja. Os céus estão atônitos e em silêncio por causa da gravidade e solenidade.

Capítulo 4 –

Agora, no capítulo 4: 1-11, João é arrebatado e vê o trono de Deus. Ele descreve os mesmos seres viventes que Ezequiel descreveu (Ez 1: 1-14; Ez 10: 14-15); os seres viventes têm a aparência de leão, novilho, homem e águia, e são símbolos dos querubins que cercam o trono de Deus. Também descreve os vinte e quatro anciãos e o louvor incessante diante do trono de Deus.

• Ap 4: 1-5: “Depois destas coisas, olhei, e eis não somente uma porta aberta no céu, como também a primeira voz que ouvi, como de trombeta ao falar comigo, dizendo: Sobe para aqui, e te mostrarei o que deve acontecer depois destas coisas. Imediatamente, eu me

achei em espírito, e eis armado no céu um trono, e, no trono, alguém sentado; e esse que se acha assentado é semelhante, no aspecto, a pedra de jaspe e de sardônio, e, ao redor do trono, há um arco-íris semelhante, no aspecto, a esmeralda. Ao redor do trono, há também vinte e quatro tronos, e assentados neles, vinte e quatro anciãos vestidos de branco, em cujas cabeças estão coroas de ouro. Do trono saem relâmpagos, vozes e trovões, e, diante do trono, ardem sete tochas de fogo, que são os sete Espíritos de Deus" (cf. Ap 1: 4; Ap 5: 6).

Nesses versículos, ele transmite a idéia de que é importante saber que o que ele escreveu ou ainda vai escrever veio do Senhor, de alguém que está num lugar bem mais elevado ('uma porta aberta no céu'; 'Sobe para aqui'), inacessível ao homem e que detém o controle de tudo e de todos, além de permitir ou proibir que Seus servos recebam certas revelações. Isso confirma a soberania de Deus sobre os homens e sobre a História.

• Ap 4: 5: "Do trono saem relâmpagos, vozes e trovões, e, diante do trono, ardem sete tochas de fogo, que são os sete Espíritos de Deus (cf. Ap 1: 4; Ap 5: 6)" – As figuras de linguagem como relâmpagos, vozes e trovões refletem a majestade e o poder de Deus, Sua autoridade sobre todas as coisas, como foi Sua manifestação no Sinai com Moisés e Seu povo que saiu do Egito. Ezequiel, quando viu os querubins diante do trono, também os descreveu com linguagem semelhante a metal brilhante (Ez 1: 4), bronze polido (Ez 1: 7) e carvão em brasa (Ez 1: 13), e que se movimentavam como relâmpagos (Ez 1: 14). Isso significava um Deus de poder, um Deus temível e temido, que tinha a capacidade de purificar as almas dos homens como o fogo depura o ouro e que era digno de respeito. E Seus anjos são rápidos como um relâmpago, quando se trata de executar Suas ordens (cf. Sl 104: 4).

As sete tochas de fogo, que são os sete Espíritos de Deus representam a plenitude das sete características do Espírito Santo (Is 11: 2) e o Seu papel exclusivo na execução do juízo.

João descreve os vinte e quatro anciãos. Daniel também fala sobre eles:

• Dn 7: 9-10; 26: "Continuei olhando, até que foram postos uns tronos, e o Ancião de Dias *[Deus, Sua figura eterna]* se assentou; sua veste era branca como a neve, e os cabelos da cabeça, como a pura lã; o seu trono eram chamas de fogo, e suas rodas eram fogo ardente. Um rio de fogo manava e saía de diante dele; milhares e milhares o serviam, e miríades de miríades estavam diante dele; assentou-se o tribunal *[Deus e os vinte e quatro anciãos],* e se abriram os livros... Mas depois se assentará o tribunal para lhe tirar o domínio *[tirar o domínio do Anticristo, é o que quer dizer, pois ele estava falando do quarto animal, que tinha uma boca que falava com insolência],* para o destruir e o consumir até o fim".

No livro de Apocalipse, 'os vinte e quatro anciãos' são mencionados em:

• Ap 4: 4; 10-11: "Ao redor do trono, há também vinte e quatro tronos, e assentados neles, vinte e quatro anciãos vestidos de branco, em cujas cabeças estão coroas de ouro... os vinte e quatro anciãos prostrar-se-ão diante daquele que se encontra sentado no trono, adorarão o que vive pelos séculos dos séculos e depositarão as suas coroas diante do trono, proclamando: Tu és digno, Senhor e Deus nosso, de receber a glória, a honra e o poder, porque todas as coisas tu criaste, sim, por causa da tua vontade vieram a existir e foram criadas".

• Ap 5: 5; 8-10: "Todavia, um dos anciãos me disse: Não chores; eis que o leão da tribo de Judá, a Raiz de Davi, venceu para abrir o livro e os seus sete selos... E, quando tomou o livro, os quatro seres viventes e os vinte e quatro anciãos prostraram-se diante do Cordeiro, tendo cada um deles uma harpa e taças de ouro cheias de incenso, que são

as orações dos santos, e entoavam novo cântico, dizendo: Digno és de tomar o livro e de abrir-lhe os selos, porque foste morto e com o teu sangue compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação e para o nosso Deus os constituíste reino e sacerdotes; e reinarão sobre a terra".

• Ap 11: 16: "E os vinte e quatro anciãos que se encontram sentados no seu trono, diante de Deus, prostraram-se sobre o seu rosto e adoraram a Deus,..."

• Ap 19: 4: "Os vinte e quatro anciãos e os quatro seres viventes prostraram-se e adoraram a Deus, que se acha sentado no trono, dizendo: Amém! Aleluia!"

Os vinte e quatro anciãos participarão no julgamento do mal, no fim dos tempos. Mas em todos os textos acima, eles apenas se prostram diante de Deus e o adoram e o louvam pela Sua justiça e julgamento. Não proferem palavras de julgamento de suas próprias bocas. Tudo o que podemos pensar é que conhecem os pensamentos e a vontade de Deus mais do que qualquer um, e estão em concordância com o Senhor. Diante do Senhor, são santos; por isso podem se sentar ao Seu lado. Não são anjos, são seres humanos redimidos, pois a bíblia fala sobre coroas, e anjos não irão receber uma coroa, mas os santos, sim (1 Co 9: 24-25; 1 Pe 5: 4).

Mas quanto à identidade dos vinte e quatro anciãos, fica difícil de dizer exatamente quem são, ou seja, identificá-los com os patriarcas e com os doze apóstolos de Jesus não é totalmente correto; por isso, é mais certo dizer que eles representam o tribunal de Deus (Dn 7: 9-10; 26), a igreja do AT/NT, a igreja universal de Cristo na posição de honra, porque lavaram suas vestiduras no sangue do Cordeiro, e que têm autoridade para julgar.

• Ap 4: 6-11: "Há diante do trono um como que mar de vidro, semelhante ao cristal, e também, no meio do trono e à volta do trono, quatro seres viventes *[querubins, cf. Ez 1: 1-14; Ez 10: 14-15]* cheios de olhos por diante e por detrás. O primeiro ser vivente é semelhante a leão, o segundo, semelhante a novilho, o terceiro tem o rosto como de homem, e o quarto ser vivente é semelhante à águia quando está voando. E os quatro seres viventes, tendo cada um deles, respectivamente, seis asas, estão cheios de olhos, ao redor e por dentro; não têm descanso, nem de dia nem de noite, proclamando: Santo, Santo, Santo é o Senhor Deus, o Todo-Poderoso, aquele que era, que é e que há de vir. Quando esses seres viventes derem glória, honra e ações de graças ao que se encontra sentado no trono, ao que vive pelos séculos dos séculos, os vinte e quatro anciãos prostrar-se-ão diante daquele que se encontra sentado no trono, adorarão o que vive pelos séculos dos

séculos e depositarão as suas coroas diante do trono, proclamando: Tu és digno, Senhor e Deus nosso, de receber a glória, a honra e o poder, porque todas as coisas tu criaste, sim, por causa da tua vontade vieram a existir e foram criadas".

"Há diante do trono um como que mar de vidro, semelhante ao cristal, e também, no meio do trono e à volta do trono" – isso simboliza a clareza e a pureza, a transparência do trono de Deus, onde nada é impuro nem está escondido. Reflete a Sua glória e a Sua luz.

"... e também, no meio do trono e à volta do trono, quatro seres viventes cheios de olhos por diante e por detrás. O primeiro ser vivente é semelhante a leão, o segundo, semelhante a novilho, o terceiro tem o rosto como de homem, e o quarto ser vivente é semelhante à águia quando está voando. E os quatro seres viventes, tendo cada um deles, respectivamente, seis asas, estão cheios de olhos, ao redor e por dentro".

João descreve os mesmos seres viventes que Ezequiel (Ez 1: 1-14; Ez 10: 14-15). Os seres viventes têm a aparência de leão, novilho, homem e águia, e são símbolos dos querubins que cercam o trono de Deus. A diferença é que João diz que cada um deles tem rostos diferentes, ao passo que Ezequiel vê as quatro faces nos quatro querubins (Ez 1: 6,10; Ez 10: 14).

João e Isaías dizem que esses seres têm seis asas e Isaías os chama de 'serafins' (Is 6: 2: "Serafins estavam por cima dele; cada um tinha seis asas: com duas cobria o rosto, com duas cobria os seus pés e com duas voava").

Ezequiel diz que eles têm quatro asas (Ez 1: 6) e debaixo delas, mãos de homem (Ez 1: 8). A bíblia os chama de querubins (Ez 10: 9,12).

Isaías e João dizem que esses seres (anjos) louvam o Senhor ininterruptamente:

• Ap 4: 8 "E os quatro seres viventes, tendo cada um deles, respectivamente, seis asas, estão cheios de olhos, ao redor e por dentro; não têm descanso, nem de dia nem de noite, proclamando: Santo, Santo, Santo é o Senhor Deus, o Todo-Poderoso, aquele que era, que é e que há de vir".

• Is 6: 3: "E clamavam uns para os outros, dizendo: Santo, santo, santo é o Senhor dos Exércitos; toda a terra está cheia da sua glória".

Os três descrevem na verdade duas hierarquias de anjos: serafins e querubins, i.e., seres angélicos responsáveis por certas funções de vigilância e adoração. Os serafins eram agentes de purificação pelo fogo, segundo os estudiosos hebraicos que procuram ligar o nome serafim à raiz: sãraph = queimar, consumir com fogo. Eles lideram a adoração no céu e protegem a santidade de Deus. Por isso, muitas vezes os escritores usam figuras de linguagem, tanto para Deus no Seu trono ou para os anjos de alta hierarquia, como sendo: semelhante a metal brilhante (Ez 1: 4), bronze polido (Ez 1: 7) e carvão em brasa (Ez 1: 13). Isso significava um Deus de poder, um Deus temível e temido, que tinha a capacidade de purificar as almas dos homens como o fogo depura o ouro.

Os querubins, em hebraico (k^{e}rühbïm, plural de 'querube' = celestial) também são seres celestiais e no livro de Gênesis está escrito que tinham a incumbência de guardar o caminho para a árvore da vida (símbolo de Jesus) no jardim do Éden (Gn 3: 24), assim como foram colocados sobre a arca da Aliança (Êx 25: 18-22; Hb 9: 5) para proteger os objetos sagrados guardados nela (1 Sm 4: 4; 2 Sm 6: 2; 2 Rs 19: 15; Sl 80: 1; Sl 99: 1). Em outras palavras, são guardiões do Trono de Deus.

Tanto Ezequiel e João descrevem os querubins ('seres viventes') como sendo seres cheios de olhos, o que significa que essas criaturas vêem tudo, tem muita inteligência, são conhecedores dos mistérios divinos. Os querubins constituem uma classe de anjos com grande força de conhecimento, sabedoria e iluminação divina e que refletem a beleza do Criador.

É interessante que a palavra querubim, em assírio, é kirubu, expressão que designa um touro alado (símbolo de Adade ou Hadade, 'o Trovejador', divindade assíria equivalente a Baal, o deus das tempestades). Talvez, por isso, Ezequiel tenha escrito que o primeiro rosto era de querubim (Ez 10: 14: "Cada um dos seres viventes tinha quatro rostos: o rosto do primeiro era rosto de querubim, o do segundo, rosto de homem, o do terceiro, rosto de leão, e o do quarto, rosto de águia"). Adicionalmente a este touro alado, encontra-se outro em forma de um leão alado (símbolo de Istar) que não só serviam como adorno nas paredes e portas dos templos, mas eram achados aos pares (de leões ou touros alados), servindo também como guardas postos na entrada dos templos mesopotâmicos. Essas criaturas eram chamados 'lamassu', uma deidade feminina; ou 'shedu', a contraparte masculina de um lamassu. Por estar em cativeiro na Babilônia, terra Mesopotâmica, Ezequiel também pode ter visto os querubins dessa forma devido à influência da cultura local. Por outro lado, como sacerdote, a instrução Levítica no seu interior lhe permitia um conhecimento maior e mais voltado à raiz do seu próprio povo do que à idolatria.

Tanto João como Ezequiel falam da face dos querubins ao redor do trono:

• Face de homem, simbolizando a inteligência, bem como o livre-arbítrio dado por Deus ao ser humano.

• Face de leão, simbolizando realeza, autoridade, força, liderança, poder espiritual.

• Face de boi, simbolizando a força física, o suprimento, a provisão, a riqueza e a abundância material, além de ser um animal usado na adoração a Deus; em outras palavras, a obediência e o serviço a Ele.

• Face de águia, simbolizando majestade, longevidade, renovação (aos quarenta anos de idade ela experimenta um processo de renovação física), a capacidade de ver longe, de ter movimentos livres para dominar o espaço, de alcançar grandes alturas, portanto, de chegar às alturas espirituais (espiritualidade).

O que João via nos querubins não apenas refletia a natureza de Deus, mas o que Ele deseja para Sua igreja, que um dia estará junto a Ele na Nova Jerusalém. Assim, para estarmos lá, precisamos desenvolver em nós quatro características:

a) o bom uso da autoridade, do poder e da liderança espiritual que foram colocados em nós (leão);

b) o uso adequado da inteligência e do livre-arbítrio dado por Deus aos Seus filhos (homem);

c) a sabedoria para lidar com os bens materiais, ser um verdadeiro adorador, obedecer e servir (boi);

d) a vontade de atingir as alturas espirituais e estar pronto à renovação que vem do Espírito Santo (águia).

Um touro alado assírio – Wikipédia

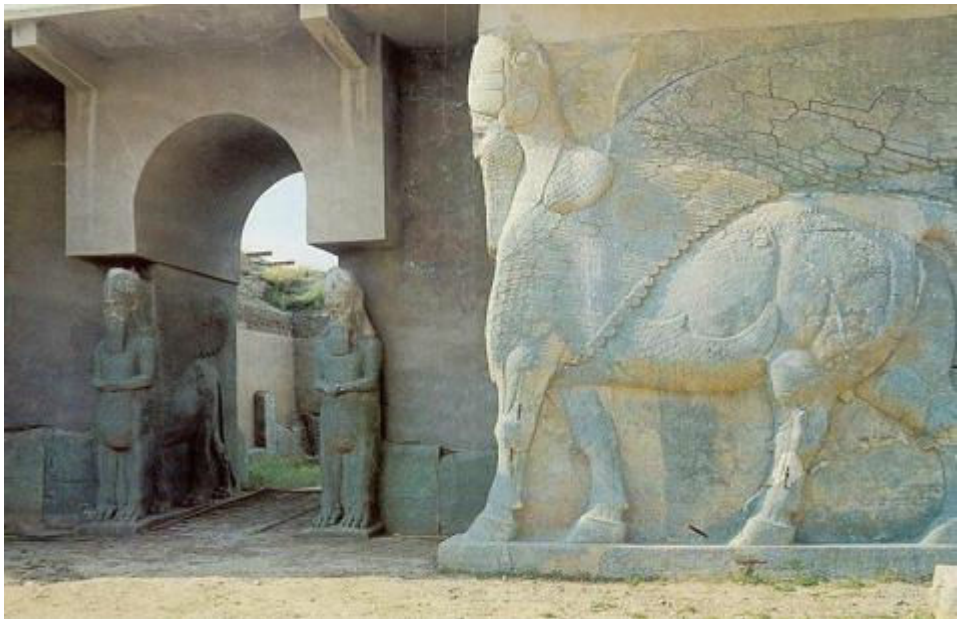


Imagem acima: Um touro alado no palácio noroeste de Assurbanipal em Ninrode (Ninrude; antiga Calá), um dos principais dos quatro montículos arqueológicos da cidade de Nínive – Wikipédia.

As imagens de touros e leões alados que você viu foram encontrados na entrada dos palácios dos reis da Assíria. No palácio de Nabucodonosor também foram achados animais como: o leão, nas paredes da sala do trono, na porta de Istar e no muro norte da cidade de Babilônia (o touro e o dragão).

• À esquerda o touro e o dragão ('mushrishu', mušhuššu, símbolo de Marduque), vistos na Porta de Istar, na Babilônia – Wikipédia.
• À direita, um detalhe do touro (símbolo de Adade) – Wikipédia.

• Abaixo, um detalhe do dragão e do leão na Porta de Istar, símbolo dessa deusa. Os leões, os dragões e os touros eram enfileirados alternadamente na Porta de Istar (no sentido vertical) – Wikipédia.

Olhando todos esses animais, nós podemos entender porque Ezequiel (cativo na Babilônia) descreveu os querubins com características semelhantes a touro e leão. Quando olhamos as cortinas do Tabernáculo de Moisés (Êx 26: 1-2; 31; 1 Rs 6: 23-28; 2 Cr 3: 10-13) e as paredes do templo de Salomão em algumas imagens, notamos querubins com formas semelhantes à de um leão (pelo menos o corpo). Coincidência ou não, podemos pelo menos imaginar que desde os tempos antigos, esses animais tinham um simbolismo importante para a humanidade.

Cortinas do pátio externo do Tabernáculo

O Santo dos Santos do Templo de Salomão – fonte: 'Messages of Christ' (vídeo).

Nós podemos entender porque João também viu querubins com aparência de leão ("o primeiro ser vivente é semelhante a leão") e Jesus é chamado o leão de Judá. O leão simboliza realeza, autoridade, força, liderança, poder espiritual, além da manifestação de poderes ou influências sobre nós (lembre-se de Sansão).

Capítulo 5 –

• Ap 5: 1: “Vi, na mão direita daquele que estava sentado no trono, um livro escrito por dentro e por fora, de todo selado com sete selos”.

Então, João vê o rolo, escrito por dentro e por fora com os sete selos. Há uma semelhança com o que está escrito em Ez 2: 9-10: “Então, vi, e eis que certa mão se estendia para mim, e nela se achava o rolo de um livro. Estendeu-o diante de mim, e estava escrito por dentro e por fora; nele, estavam escritas lamentações, suspiros e ais”.

Selo representa aquilo que é possuído com segurança, algo que está completo, sinal de autoridade e autenticidade dos escritos; as verdades de Deus a serem reveladas aos homens. Nessa visão de João, os selos representam os decretos de Deus que já tinham sido emitidos, o que já estava determinado para a humanidade, em especial para a igreja (sete é o número perfeito, o número de Deus), ou seja, as provas que seriam enfrentadas por ela, os problemas, o sofrimento, a perseguição do mundo, mas a garantia da vitória da palavra de Deus sobre qualquer oposição que os cristãos viessem a sofrer.

Nesta parte do livro, os selos representam o mundo perseguindo a igreja.

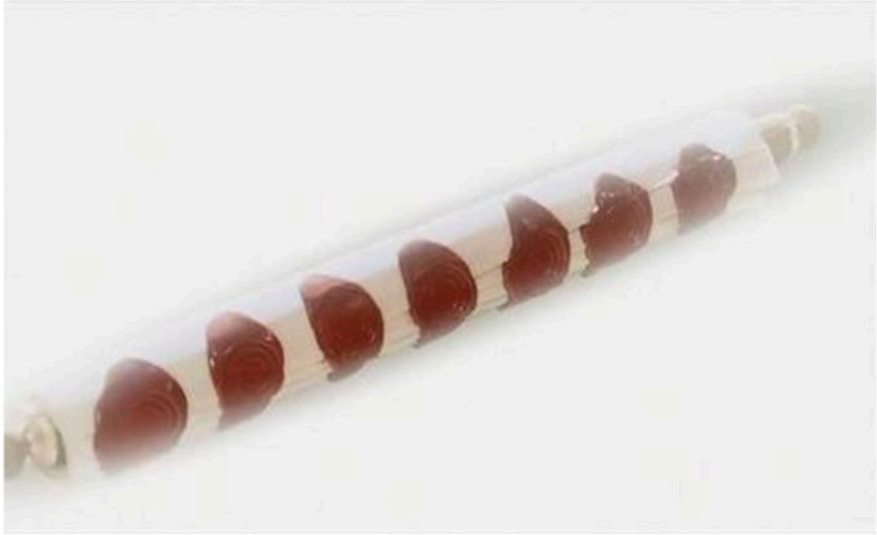
• Ap 5: 2-5: “Vi, também, um anjo forte, que proclamava em grande voz: Quem é digno de abrir o livro e de lhe desatar os selos? Ora, nem no céu, nem sobre a terra, nem debaixo da terra, ninguém podia abrir o livro, nem mesmo olhar para ele; e eu chorava muito, porque ninguém foi achado digno de abrir o livro, nem mesmo de olhar para ele. Todavia, um dos anciãos me disse: Não chores; eis que o Leão da tribo de Judá, a Raiz de Davi, venceu para abrir o livro e os seus sete selos”.

João viu que ninguém era capaz de desatar os selos, nem no céu, nem na terra nem debaixo da terra. Seu sofrimento foi aliviado quando um dos anciãos lhe disse que o leão de Judá, a Raiz de Davi, o Cordeiro de Deus, Jesus, venceu para abrir o livro e os sete selos.

• Ap 5: 6-10: “Então, vi, no meio do trono e dos quatro seres viventes e entre os anciãos, de pé, um Cordeiro como tendo sido morto. Ele tinha sete chifres, bem como sete olhos, que são os sete Espíritos de Deus enviados por toda a terra. Veio, pois, e tomou o livro da mão direita daquele que estava sentado no trono; e, quando tomou o livro, os

quatro seres viventes e os vinte e quatro anciãos prostraram-se diante do Cordeiro, tendo cada um deles uma harpa e taças de ouro cheias de incenso, que são as orações dos santos, e entoavam novo cântico, dizendo: Digno és de tomar o livro e de abrir-lhe os selos, porque foste morto e com o teu sangue compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação e para o nosso Deus os constituíste reino e sacerdotes; e reinarão sobre a terra".

Aqui Jesus se apresenta a João não como um leão, mas como um cordeiro que havia sido morto. E a bíblia diz: "Ele tinha sete chifres, bem como sete olhos, que são os sete Espíritos de Deus enviados por toda a terra". Os sete olhos são os sete Espíritos de Deus enviados por toda a terra. Em resumo, o Espírito de Deus vê tudo, conhece tudo e Sua sabedoria governa toda a terra e toda a criação de Deus (cf. Zc 4: 10b: "Aqueles sete olhos são os olhos do Senhor, que percorrem toda a terra").



E quando o Cordeiro toma o livro, os quatro seres viventes e os anciãos se prostram, tendo nas mãos taças de ouro cheias de incenso, que são as orações dos santos (Ap 5: 8; Ap 8: 3). Eles louvam ao Senhor por ter vencido e os resgatado com Seu sangue para constituí-los sacerdotes e para reinarem sobre a terra.

Os santos oram a Deus e Ele ouve; suas orações sobem como incenso até Ele, como se queimava o incenso no Tabernáculo ou no Templo, no altar de ouro diante da arca da Aliança.

• Ap 5: 11-12: "Vi e ouvi uma voz de muitos anjos ao redor do trono, dos seres viventes e dos anciãos, cujo número era de milhões de milhões e milhares de milhares, proclamando em grande voz: Digno é o Cordeiro que foi morto de receber o poder, e riqueza, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e louvor".

João também vê anjos ao redor do trono, milhões de milhões e milhares de milhares, proclamando a honra, a glória e o louvor do Cordeiro de Deus.

• Ap 5: 13-14: "Então, ouvi que toda criatura que há no céu e sobre a terra, debaixo da terra e sobre o mar, e tudo o que neles há, estava dizendo: Àquele que está sentado no trono e ao Cordeiro, seja o louvor, e a honra, e a glória, e o domínio pelos séculos dos séculos. E os quatro seres viventes respondiam: Amém! Também os anciãos prostraram-se e adoraram".

Todas as criaturas no céu, no mar, na terra e debaixo da terra também louvam o Senhor, todo o Universo. Tudo isso mostra que Deus tem a História na mão; Ele não perde o controle.

O que ocorria historicamente naquele momento?

Pedro e Paulo já haviam morrido; há mais de 30 anos Nero incendiara Roma e começara a perseguição aos cristãos. Os apóstolos já haviam sido martirizados e apenas João estava vivo na ilha de Patmos. A igreja estava impotente e padecendo nas mãos dos poderosos. E Deus, então, revela para João os selos, mostrando que Deus está no trono, venceu para abrir o livro e desatar os selos. Nesta parte do livro, os selos representam as provas que seriam enfrentadas pela igreja, os problemas, o sofrimento, a perseguição do mundo, mas a garantia da vitória da palavra de Deus sobre qualquer oposição que os cristãos viessem a sofrer.

Os sete selos compreendem da ascensão de Cristo à Sua segunda vinda. Quem abre os selos não é o diabo, e sim Jesus. Portanto, à medida que os cavalos vão entrando na História, os eventos do juízo estão totalmente debaixo do controle de Jesus Cristo. Tudo serve aos Seus propósitos.

Isso continua a significar o mesmo para nós hoje: os Seus filhos são perseguidos na terra de uma forma ou de outra por fazerem a Sua obra, porém, as suas orações sobem ao trono e Ele as ouve, envia Seu socorro e Sua força para que eles consigam suportar as provas, como Jesus suportou a Sua. Ele disse: "Estas coisas *[sobre o Seu sofrimento e ressurreição]* vos tenho dito para que tenhais paz em mim. No mundo, passais por aflições; mas tende bom ânimo; eu venci o mundo" (Jo 16: 33).

Capítulo 6 –

• Ap 6: 1-2: "Vi quando o Cordeiro abriu um dos sete selos e ouvi um dos quatro seres viventes dizendo, como se fosse voz de trovão: Vem! Vi, então, e eis um cavalo branco e o seu cavaleiro com um arco; e foi-lhe dada uma coroa; e ele saiu vencendo e para vencer".

O primeiro selo é o cavalo branco, montado por um cavaleiro vestido de branco e que saiu vencendo e para vencer. Branco significa vitória, justiça e conquista; pureza, santidade e redenção. Assim, é uma referência a Jesus (cf. Ap 19: 11), que veio como justo e conquistador. Jesus vai à frente abrindo os selos. É o único que veio vencendo e para vencer.

• Ap 6: 3-4: "Quando abriu o segundo selo, ouvi o segundo ser vivente dizendo: Vem! E saiu outro cavalo, vermelho; e ao seu cavaleiro, foi-lhe dado tirar a paz da terra para que os homens se matassem uns aos outros; também lhe foi dada uma grande espada".

O segundo selo é o cavalo vermelho, e ao seu cavaleiro foi dada uma grande espada e a autoridade de tirar a paz da terra através da guerra. Portanto, o vermelho simboliza guerra. Certos historiadores (os da linha preterista do Apocalipse) ligam este selo a Trajano e Adriano, que perseguiram muitos cristãos. Mas no século XX, Nazistas (com Adolf Hitler), Fascistas (com Benito Mussolini) e Islâmicos radicais exterminaram muito povo de Deus.

• Ap 6: 5-6: "Quando abriu o terceiro selo, ouvi o terceiro ser vivente dizendo: Vem! Então, vi, e eis um cavalo preto e o seu cavaleiro com uma balança na mão. E ouvi uma como que voz no meio dos quatro seres viventes dizendo: Uma medida de trigo por um denário; três medidas de cevada por um denário; e não danifiques o azeite e o vinho".

O terceiro selo significa a escassez de alimento e a fome, luto e pesar, e é representado pelo cavalo preto, cujo cavaleiro tem uma balança na mão. Por conseqüência, também significa a injustiça, o fruto do egoísmo. 'Um litro de trigo por um denário' corresponde ao salário de um dia de trabalho, mostrando os preços exorbitantes no período de escassez e fome. A fome é um produto da guerra.

O azeite e o vinho referem-se à oliveira e à videira, que não sofrem tanto na seca como os cereais. Isso poderia significar que essa escassez não se referia aos supérfluos, como azeite e vinho, que as pessoas podiam passar sem, mas às necessidades da vida (trigo e cevada, com que se faz o pão). Enquanto alguns passam fome, outros usufruem o melhor no tempo de fome por interesses econômicos.

Os teólogos da linha preterista do Apocalipse dizem que isso poderia ter ocorrido no tempo de Septímio Severo (193-211) e outros da Crise do Terceiro Século (235-284), que compreende quase 50 anos de guerras civis, pandemias, invasão estrangeira e um colapso na economia, quando o império Romano foi governado por imperadores soldados.

Mas é a realidade que vivemos hoje e a que temos para o futuro, cada vez mais acentuada pelos interesses econômicos de grandes potências mundiais e que detêm não apenas os interesses econômicos, mas a tecnologia e a mídia, acelerando o processo da corrupção da personalidade humana, trazendo falta de amor e compaixão, esfriamento nos relacionamentos, egoísmo, egocentrismo e indiferença, crueldade no tratar do semelhante, ódio, violência, ganância, cobiça, consumismo de coisas supérfluas e se aproveitando da miséria alheia. É o que Paulo falou em 2 Tm 3: 1-5: "Sabe, porém, isto: nos últimos dias, sobrevirão tempos difíceis, pois os homens serão egoístas, avarentos,

jactanciosos, arrogantes, blasfemadores, desobedientes aos pais, ingratos, irreverentes, desafeiçoados, implacáveis, caluniadores, sem domínio de si, cruéis, inimigos do bem, traidores, atrevidos, enfatuados, mais amigos dos prazeres que amigos de Deus, tendo forma de piedade, negando-lhe, entretanto, o poder. Foge também destes".

A NVI diz: "Saiba que, nos últimos dias, sobrevirão tempos difíceis. Isso porque os homens serão amantes de si mesmos, apegados ao dinheiro, arrogantes, orgulhosos, blasfemos, desobedientes aos pais, ingratos, ímpios, insensíveis, irreconciliáveis, caluniadores, sem domínio próprio, cruéis, inimigos do bem, traidores, impetuosos, soberbos [NIV: conceited = vaidoso, convencido], mais amantes dos prazeres do que amantes de Deus; embora tenham aparência de piedade, negam o seu poder *['seu' = o poder da piedade]*. Afaste-se destes também".

Deus não é contra o dinheiro, mas contra o amor a ele, uma característica bastante evidente desse mundo anticristão e dessa Babilônia financeira, ou seja, o sistema monetário mundial, cego às verdades de Deus e totalmente voltado ao pecado e à destruição. Por isso, Paulo disse em 1 Tm 6: 10: "Porque o amor do dinheiro é raiz de todos os males; e alguns, nessa cobiça, se desviaram da fé e a si mesmos se atormentaram com muitas dores". Então, todos os que se desviam dos valores do reino de Deus para concordar com o sistema mundano corrupto são os primeiros a ter suas vidas destruídas, com dores que começam nessa vida e terminam no inferno, para onde eles vão.

Para um crente fiel, há uma maneira de viver e resistir a isso: se contentar com o que tem, com as necessidades supridas de maneira simples e humilde, dando prioridade aos verdadeiros valores do reino de Deus: "Seja a vossa vida sem avareza. Contentai-vos com as coisas que tendes; porque ele tem dito: De maneira alguma te deixarei, nunca jamais te abandonarei. Assim, afirmemos confiantemente: O Senhor é o meu auxílio, não temerei; que me poderá fazer o homem? Lembrai-vos dos vossos guias, os quais vos pregaram a palavra de Deus; e, considerando atentamente o fim da sua vida, imitai a fé que tiveram. Jesus Cristo, ontem e hoje, é o mesmo e o será para sempre" (Hb 13: 5-8); 1 Tm 6: 8: "Tendo sustento e com que nos vestir, estejamos contentes".

O dinheiro é a força que move a vida no mundo e, muitas vezes, pressiona os filhos de Deus, principalmente, quando eles tem pouca força nessa área, mas esse tem sido a mentira ameaçadora do inimigo para intimidar pessoas e lhes mostrar que ele detém esse poder, mas a bíblia diz o contrário: Deus é o verdadeiro dono do ouro e da prata (Ag 2: 8: "Minha é a prata, meu é o ouro, diz o Senhor dos Exércitos"; Sl 37: 25: "Fui moço e já, agora, sou velho, porém jamais vi o justo desamparado, nem a sua descendência a mendigar o pão"). E se Ele está permitindo essa força maligna prevalecer é para separar os Seus, os que são destinados à salvação, e que têm Sua promessa de sustento básico nas suas vidas (Fp 4: 19: "E o meu Deus, segundo a sua riqueza em glória, há de suprir, em Cristo Jesus, cada uma de vossas necessidades", onde a palavra 'necessidades' está enfocada), nem que seja apenas um teto, pão, água e roupa, pois a mão de Deus pode transformar o pouco em muito, e deixar sob juízo o ímpio com toda a sua 'abundância supérflua'.

• Ap 6: 7-8: "Quando o Cordeiro abriu o quarto selo, ouvi a voz do quarto ser vivente dizendo: Vem! E olhei, e eis um cavalo amarelo e o seu cavaleiro, sendo este chamado Morte; e o Inferno o estava seguindo, e foi-lhes dada autoridade sobre a quarta parte da terra para matar à espada, pela fome, com a mortandade e por meio das feras da terra".

O quarto selo, cavalo amarelo, significa 'Morte' (Ap 6: 8), pois o amarelo (em inglês, na NRSV, 'verde pálido') é a cor pálida de um cadáver, e Deus poderia usar várias maneiras para isso (cf. Jr 15: 3 – espada; cães; aves dos céus; feras do campo; Ez 5: 12: peste, fome, espada, exílio). O inferno vem atrás da morte. A morte derruba e o inferno recolhe os mortos. Por isso, este selo representaria a morte por doenças, peste ('mortandade' – Ap 6: 8), espada, fome, animais selvagens e outros tipos de calamidades enviadas por Deus como uma forma de executar Seu juízo contra o pecado e todos os inimigos do Seu povo; como alguns encaram o tipo de morte de certos imperadores romanos como uma vingança de Deus ao que eles fizeram aos cristãos (que foram mortos por animais selvagens nas arenas romanas), por exemplo, mas muitos imperadores morreram de mortes violentas, até pelo que fizeram contra o próprio povo romano. E a bíblia escreve sobre a quarta parte da terra, ou seja, Deus ainda está usando Sua misericórdia, deixando vidas intactas. Certos historiadores ligam este selo a César Caio Júlio Vero Maximino Augusto, conhecido como Maximino Trácio ou Maximino I (235-238 DC).

Durante várias eras da humanidade houve pandemias graves como varíola (165–180); varíola ou sarampo (250–271); peste bubônica – século VI; peste negra (peste bubônica por volta de 1300-1351); tifo durante as Cruzadas (1489 e 1542), em 1812 na época de Napoleão e na 2ª guerra mundial; cólera (4 vezes entre 1829–1875); gripe (três vezes entre 1729-1733; 1580; 1889-1892); gripe espanhola (1918-1920), que iniciou logo após o fim da 1ª guerra mundial e desapareceu em 18 meses; Coronavírus, a mais recente que iniciou na China em 2019.

Em todos os selos, há um clamor por parte dos homens.

• Ap 6: 9-11: "Quando ele abriu o quinto selo, vi, debaixo do altar, as almas daqueles que tinham sido mortos por causa da palavra de Deus e por causa do testemunho que sustentavam. Clamaram em grande voz, dizendo: Até quando, ó Soberano Senhor, santo e verdadeiro, não julgas, nem vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra? Então, a cada um deles foi dada uma vestidura branca, e lhes disseram que repousassem ainda por pouco tempo, até que também se completasse o número dos seus conservos e seus irmãos que iam ser mortos como igualmente eles foram".

O quinto selo mostra no céu as almas dos mártires que foram mortos por causa da Palavra de Deus e do testemunho de Cristo, pois grande foi a perseguição aos cristãos, razão pela qual João foi exilado para Patmos (Ap 1: 9). Essas almas são orientadas a

descansar no Senhor por um tempo. Certos historiadores ligam este selo a Diocleciano, pois foi no seu reinado que houve a grande perseguição.

As almas estão debaixo do altar porque o sangue dos sacrifícios era derramado na base do altar no templo (Êx 29: 12), ou seja, o fato de João ver as almas debaixo do altar pode ser uma alusão ao sangue dos sacrifícios de ofertas queimadas, ou seja, os holocaustos que eram feitos no altar de bronze do templo.

John Wesley explica a primeira parte do versículo como sendo os mártires mortos sob a Roma pagã, e os seguintes, os mártires mortos sob a Roma Papal.

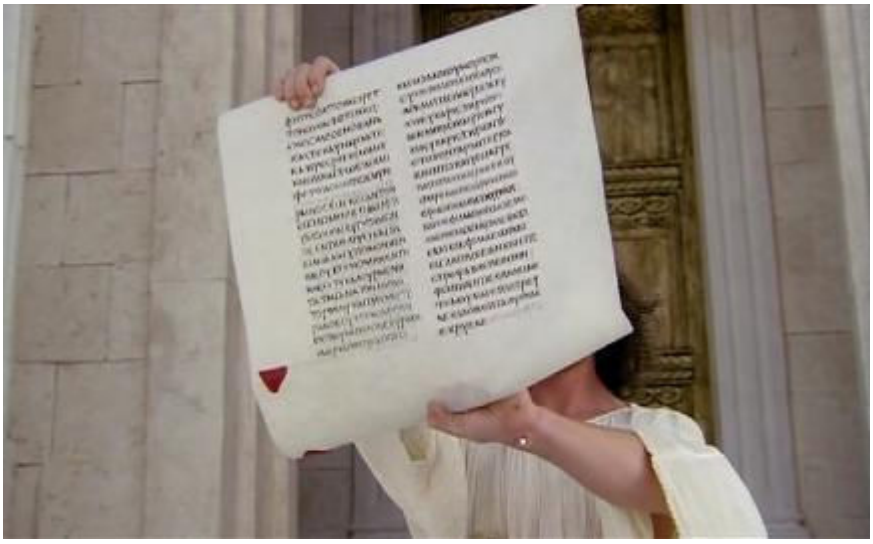
Mas os mártires estão impacientes e pedem ao Senhor para vingar o sangue deles e julgar os ímpios (Ap 5: 10). Eles pedem a vindicação da glória de Deus. Então o Senhor diz que essa vingança não será cumprida completamente até que se realize a derrota da grande meretriz (Ap 19: 2). Muitos outros ainda morreriam pela sua fé em Cristo.

Uma vez que o livro é separado por seções, onde novas revelações são dadas às visões anteriores, poderíamos dizer que as almas dos decapitados (Ap 20: 4) também estavam entre aquelas debaixo do altar ou das que ainda seriam acrescentadas. Como aconteceu com o Império Romano no tempo de Trajano (Ap 3: 10) acontecerá no final dos tempos com a Besta, no período da Grande Tribulação, um tempo terrível de perseguição para quem crer no evangelho e permanecer fiel a Deus e sua Palavra (cf. Ap 7: 13-14; Ap 13: 15; Ap 14: 1-5; Ap 18: 24).

• Ap 6: 12-17: "Vi quando o Cordeiro abriu o sexto selo, e sobreveio grande terremoto. O sol se tornou negro como saco de crina, a lua toda, como sangue, as estrelas do céu caíram pela terra, como a figueira, quando abalada por vento forte, deixa cair os seus figos verdes, e o céu recolheu-se como um pergaminho quando se enrola. Então, todos os montes e ilhas foram movidos do seu lugar. Os reis da terra, os grandes, os comandantes, os ricos, os poderosos e todo escravo e todo livre se esconderam nas cavernas e nos penhascos dos montes e disseram aos montes e aos rochedos: Caí sobre nós e escondei-nos da face daquele que se assenta no trono e da ira do Cordeiro, porque chegou o grande Dia da ira deles; e quem é que pode suster-se?"

O sexto selo fala que dos sinais nos céus, ou seja, a estrutura do universo é abalada. O universo foge daquele que está no trono e julga tudo e todos. Portanto, é uma cena dramática da segunda vinda de Cristo (cf. Mt 24: 29-31) e do juízo final, onde não há

mais oportunidade para os pecadores, a graça de Deus se fechou. João está tocando no mesmo assunto. A partir do versículo 15, todas as classes sociais e econômicas ("Os reis da terra, os grandes, os comandantes, os ricos, os poderosos e todo escravo e todo livre") sofrerão esse juízo e se escondem por medo da ira do Cordeiro ("porque chegou o grande Dia da ira deles; quem é que pode suster-se?").



Muitas pessoas sentem medo realmente dos eventos mundiais e dos sinais que já estamos presenciando entre a natureza e na humanidade, mas uma palavra nos evangelhos nos consola e nos fortalece: "Ora, ao começarem estas coisas a suceder, exultai e erguei a vossa cabeça; porque a vossa redenção se aproxima" (Lc 21: 28).

Capítulo 7 –

• Ap 7: 1-17 abre a visão da igreja, pois ela entra na posse do reino do Senhor. Ap 7: 16-17 se refere à segunda vinda e o Dia do juízo, onde os santos viverão uma vida de paz com o Senhor eternamente. Nesta parte do texto, João fala dos selados com o selo de Deus, para serem poupados dos juízos Dele (Ap 7: 3).

• Ap 7: 1-3: "Depois disto, vi quatro anjos em pé nos quatro cantos da terra, conservando seguros os quatro ventos da terra, para que nenhum vento soprasse sobre a terra, nem sobre o mar, nem sobre árvore alguma. Vi outro anjo que subia do nascente do sol, tendo o selo do Deus vivo, e clamou em grande voz aos quatro anjos, aqueles aos quais fora dado fazer dano à terra e ao mar, dizendo: Não danifiqueis nem a terra, nem o mar, nem as árvores, até selarmos na fronte os servos do nosso Deus".

Os quatro ventos significam que o juízo de Deus é sobre toda a terra ('quatro cantos da terra'). 'Ventos' são símbolos de poderes destrutivos; isso implica que Deus faz distinção entre Seu povo e os ímpios, pois o anjo só vai agir quando os servos de Deus forem selados (Ap 7: 3).

Selo significa: 'aquilo que é possuído com segurança, algo que está completo, sinal de autenticidade e autoridade, propriedade de alguém ou alguma coisa'. O selo de Deus na fronte dos Seus servos, portanto, significa: proteção, inviolabilidade, propriedade de Deus Pai e do Cordeiro. Os selados jamais apostatam da fé.

Deus livra o Seu povo **na** tribulação, mas não o poupa **da** tribulação. A igreja vai passar pela Grande Tribulação, mas será poupada do juízo divino na tribulação.

• Ap 7: 4-8: "Então, ouvi o número dos que foram selados, que era cento e quarenta e quatro mil, de todas as tribos dos filhos de Israel: da tribo de Judá foram selados doze mil; da tribo de Rúben, doze mil; da tribo de Gade, doze mil; da tribo de Aser, doze mil; da tribo de Naftali, doze mil; da tribo de Manassés, doze mil; da tribo de Simeão, doze mil; da tribo de Levi, doze mil; da tribo de Issacar, doze mil; da tribo de Zebulom, doze mil; da tribo de José (Efraim), doze mil; da tribo de Benjamim foram selados doze mil".

Aqui, João menciona os cento e quarenta e quatro mil selados de Israel.

O número doze simboliza o número dos propósitos eletivos de Deus; em outras palavras: o número da eleição e do chamado. Cento e quarenta e quatro significa: doze vezes doze. Cento e quarenta e quatro mil significam um número infinitamente grande de salvos para o Senhor; símbolo de totalidade (12x12x1000), referindo-se a todos que serão salvos (no AT e no NT) e dos que serão selados no período da Grande Tribulação (Ap 7: 3; Ap 9: 4 cf. Ez 9: 4-6; Ap 7: 13-14) com o selo do Pai e do Filho, ao invés de terem a marca da besta (Ap 13: 17); portanto, para serem preservados das calamidades que virão.

Eles lavaram suas vestiduras no sangue do Cordeiro:

• Ap 7: 9-17: "Depois destas coisas, vi, e eis grande multidão que ninguém podia enumerar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, em pé diante do trono e diante do Cordeiro, vestidos de vestiduras brancas, com palmas nas mãos; e clamavam em grande voz dizendo: Ao nosso Deus, que se assenta no trono, e ao Cordeiro, pertence a salvação. Todos os anjos estavam de pé rodeando o trono, os anciãos e os quatro seres viventes, e ante o trono se prostraram sobre o seu rosto, e adoraram a Deus, dizendo: Amém! O louvor, e a glória, e a sabedoria, e as ações de graças, e a honra, e o poder, e a força sejam ao nosso Deus, pelos séculos dos séculos. Amém! Um dos anciãos tomou a palavra, dizendo: Estes, que se vestem de vestiduras brancas, quem são e donde vieram? Respondi-lhe: meu Senhor, tu o sabes. Ele, então, me disse: São estes os que vêm da grande tribulação, lavaram suas vestiduras e as alvejaram no sangue do Cordeiro, razão por que se acham diante do trono de Deus e o servem de dia e de noite no seu santuário; e aquele que se assenta no trono estenderá sobre eles o seu tabernáculo. Jamais terão sede, não cairá sobre eles o sol, nem ardor algum, pois o Cordeiro que se encontra no meio do trono os apascentará e os guiará para as fontes da água da vida. E Deus lhes enxugará dos olhos toda lágrima".

Não há separação entre judeus e gentios nestes textos; todos são salvos da mesma maneira: pela fé em Jesus e pela Sua graça. Por isso está escrito em Ap 5: 9b-10: "porque foste morto e com o teu sangue compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação e para o nosso Deus os constituíste reino e sacerdotes; e reinarão sobre a terra".

Os cento e quarenta e quatro mil pertencem ao Israel espiritual, não ao Israel natural (cf. Gl 6: 14; 16; Rm 2: 28-29; Rm 4: 11). A multidão inumerável é a descendência inumerável prometida a Abraão (Hb 11: 10-12).

O que acontece é que se trata de duas fases da mesma visão da igreja de Cristo, do Israel espiritual de Deus: a primeira fase onde João 'ouve' o número dos que serão selados, antes que Deus derrame o sétimo selo ('ouvi o número dos que foram selados' – v. 4), e que enfrentarão as tribulações. Depois João 'vê', como uma promessa consoladora dada por Deus, essa mesma multidão, já vencedora, resgatada e glorificada, diante do trono do Cordeiro, celebrando a vitória ('depois destas coisas, vi, e eis grande multidão que ninguém podia enumerar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, em pé diante do trono e diante do Cordeiro, vestidos de vestiduras brancas, com palmas nas mãos'). 'Palmas nas mãos' e 'clamavam em grande voz' são expressões de vitória.

No terceiro texto (Ap 14: 1-5), João fala dos cento e quarenta e quatro mil separados, remidos, 'comprados da terra' (v. 3), como veremos adiante.

Entre o sexto e o sétimo selo há um espaço de tempo (Ap 7: 1-17) e antes do 7º selo há um período de preparação e prelúdio para as sete trombetas (Ap 8: 1).

O sétimo selo, composto dos julgamentos prefigurados nas sete trombetas há de ser o mais importante (Ap 8: 5); em outras palavras: as trombetas são subdivisões do sétimo

selo. Mas, antes das trombetas começarem a tocar há um período de silêncio no céu (Ap 8: 1) de meia hora.

Não apenas a multidão e os anjos ficam em silêncio, mas Deus também espera para ouvir o clamor do Seu povo (o incensário atirado à terra – Ap 8: 3-5). Há silêncio e súplicas em expectativa ao juízo de Deus ao mundo que perseguiu a igreja. Os céus estão atônitos e em silêncio por causa da gravidade e solenidade.

Terceira seção – Capítulos 8–11

As trombetas | João e o livrinho | As duas testemunhas mártires

Terceira seção – Capítulos 8–11

O sétimo selo, composto dos julgamentos prefigurados nas sete trombetas há de ser o mais importante (Ap 8: 5). Em outras palavras: as trombetas podem ser vistas como subdivisões do sétimo selo. Mas, antes das trombetas começarem a tocar há um período de silêncio no céu (Ap 8: 1) de meia hora. Uma visão se segue a cada uma delas (Ap 8: 2-13 – Ap 9: 1-21; Ap 11: 15-19). Entre a sexta e a sétima trombetas há um espaço de tempo (Ap 10: 1-11 – Ap 11: 14).

Enquanto os selos falam do mundo perseguindo a igreja, as trombetas falam do juízo parcial de Deus ao mundo que persegue a igreja, quando então o juízo divino é temperado com a misericórdia, i.e., ainda dá chance ao homem de se arrepender: 1/3 da terra, das árvores e de toda erva verde (Ap 8: 7); 1/3 do mar se torna em sangue (Ap 8: 9); 1/3 dos rios e das fontes de água (Ap 8: 10-11); 1/3 dos astros (Ap 8: 12-13); demônios atormentam os homens que não foram selados com o selo de Deus sobre a fronte (Ap 9: 4); depois, eles recebem autorização para matá-los (Ap 9: 15), a sexta trombeta. Trombetas simbolizam um alerta a se arrepender.

As trombetas são enviadas em resposta à oração dos santos a Deus (Ap 8: 5), ou seja, o incensário leva as orações ao trono, de onde se derramam também os juízos à terra, a ira de Deus. Nessa seção das trombetas a mão de Deus age na História pela oração da igreja.

As trombetas não são sucessivas dos selos, mas paralelas aos selos. Isso quer dizer que, embora o mundo persiga a igreja, ela ora e Deus envia o Seu juízo sobre os ímpios, traz o Seu alerta ao pecador.

Foi o que eu falei sobre a perseguição dos imperadores romanos aos cristãos do 1º século. Eles perseguiam, os cristãos oravam e Deus trazia os Seus avisos. Não foi coincidência a forma como a maioria dos imperadores Romanos morreu nem as catástrofes naturais nem o colapso na política que ocorreram durante o período romano.

Aqui nessa seção há um paralelismo com as pragas do Egito, pois eles também oravam e Deus desceu para exercer juízo.

Todos os esses sinais se intensificarão nos tempos do fim.

Além das trombetas, há também menção aos anjos e aos sete trovões, João e o livrinho (Ap 10: 1-11) e a medição do santuário de Deus e as duas testemunhas mártires (Ap 11: 1-14), que são um prelúdio da sétima trombeta (Ap 11: 15-19), "a trombeta de Deus" mencionada por Paulo em 1 Ts 4: 16. As duas testemunhas mártires representam a própria Igreja de Cristo (composta por judeus e gentios) testemunhando durante a História, proclamando o evangelho e só no tempo do fim o Senhor permitirá que o Anticristo se levante. É a representação do povo de Deus que prega e profetiza a palavra durante o período entre a 1ª e a 2ª vinda de Jesus.

Capítulo 8 –

• Ap 8: 1-6 (O sétimo selo. Os sete anjos com as suas trombetas): "Quando o Cordeiro abriu o sétimo selo, houve silêncio no céu cerca de meia hora. Então, vi os sete anjos que se acham em pé diante de Deus, e lhes foram dadas sete trombetas. Veio outro anjo e ficou de pé junto ao altar, com um incensário de ouro, e foi-lhe dado muito incenso para oferecê-lo com as orações de todos os santos sobre o altar de ouro que se acha diante do trono; e da mão do anjo subiu à presença de Deus a fumaça do incenso, com as orações dos santos. E o anjo tomou o incensário, encheu-o do fogo do altar e o atirou à terra. E houve trovões, vozes, relâmpagos e terremoto. Então, os sete anjos que tinham as sete trombetas prepararam-se para tocar".

• 1ª trombeta (Ap 8: 7): "O primeiro anjo tocou a trombeta, e houve saraiva e fogo de mistura com sangue, e foram atirados à terra. Foi, então, queimada a terça parte da terra, e das árvores, e também toda erva verde" – dano a 1/3 da terra, das árvores e de toda erva verde (Ap 8: 7), por uma chuva de pedras e fogo misturado com sangue. É uma praga, um juízo semelhante ao do Egito (Êx 9: 23-25). Para nós, pode significar terremotos, queimadas, queda de meteoros, por exemplo. Deus não está insensível às injustiças contra os Seus filhos na terra. Seus servos serão justiçados. 'Atirados na terra' – esse é um termo mostrando que Deus é o agente do que acontece na natureza.

• 2ª trombeta (Ap 8: 8-9): "O segundo anjo tocou a trombeta, e uma como que grande montanha ardendo em chamas foi atirada ao mar, cuja terça parte se tornou em sangue, e

morreu a terça parte da criação que tinha vida, existente no mar, e foi destruída a terça parte das embarcações" – dano a 1/3 do mar. Isso sugere calamidades marítimas mais graves que a primeira trombeta, pois atinge as embarcações, o comércio e, indiretamente, a vida dos homens. Principalmente no 1º século o comércio era baseado nas embarcações, ao comércio marítimo. No v. 8 – 'grande montanha ardendo em fogo' pode simbolizar um vulcão em erupção derramando sua lava no mar.

• 3ª trombeta (Ap 8: 10-11): "O terceiro anjo tocou a trombeta, e caiu do céu sobre a terça parte dos rios, e sobre as fontes das águas uma grande estrela, ardendo como tocha. O nome da estrela é Absinto; e a terça parte das águas se tornou em absinto, e muitos dos homens morreram por causa dessas águas, porque se tornaram amargosas" – dano a 1/3 dos rios e fontes de água. A água doce é transformada em amargosa. A criação conspira contra o próprio homem; é um ataque à água potável do planeta. Parece ainda mais trágica do que as duas primeiras porque a água é essencial à vida e, portanto, atinge o ser humano.

"Uma grande estrela, ardendo como tocha. O nome da estrela é Absinto" – a expressão 'grande estrela' pode ser um símbolo da ira divina derramada sobre as águas potáveis, que é a parte vitalmente necessária da terra habitável; ou pode se tratar de um asteróide que se torna em chamas ao atingir a atmosfera da terra. Absinto é uma planta amarga, cujo nome é usado aqui, talvez, para simbolizar a amargura dessa situação.

"E a terça parte das águas se tornou em absinto, e muitos dos homens morreram por causa dessas águas, porque se tornaram amargosas" – poderia ser o efeito do meteoro atingindo e contaminando as águas e levando os homens à morte; ou pode se tratar de água contaminada com produtos químicos ou por radioatividade mortífera.

• 4ª trombeta (Ap 8: 12): "O quarto anjo tocou a trombeta, e foi ferida a terça parte do sol, da lua e das estrelas, para que a terça parte deles escurecesse e, na sua terça parte, não brilhasse, tanto o dia como também a noite" – aqui ocorre o dano a 1/3 dos astros – sol, lua e estrelas. Isso pode significar meteoros, eclipses, furacões e tornados que visitam a terra e a escurecem; são avisos de Deus para a humanidade. Essas calamidades têm alcance universal, mostrando que ninguém escapa de Deus.

Prelúdio para a 5ª trombeta (Ap 8: 13): “Então, vi e ouvi uma águia que, voando pelo meio do céu, dizia em grande voz: Ai! Ai! Ai dos que moram na terra, por causa das restantes vozes da trombeta dos três anjos que ainda têm de tocar!”

Uma ave de rapina (águia) voando no céu prevê que o pior ainda está para acontecer. E as trombetas são chamadas de ais. As três vezes que a águia diz ‘Ai!’ significa uma ênfase absoluta. Ela prevê uma dor indescritível.

Capítulo 9 –

• 5ª trombeta (Ap 9: 1-12):

• Ap 9: 1-3: "O quinto anjo tocou a trombeta, e vi uma estrela caída do céu na terra. E foi-lhe dada a chave do poço do abismo. Ela abriu o poço do abismo, e subiu fumaça do poço como fumaça de grande fornalha, e, com a fumaceira saída do poço, escureceu-se o sol e o ar. Também da fumaça saíram gafanhotos para a terra; e foi-lhes dado poder como o que têm os escorpiões da terra".

"Uma estrela caída do céu na terra" – pode significar um anjo das trevas ('estrela caída', como um dos anjos de alta hierarquia que caíram junto com Satanás, ou ele mesmo) que executa o julgamento divino. Este demônio está sob as ordens de Deus.

"E foi-lhe dada a chave do poço do abismo" – O poço do abismo é o lugar de aprisionamento dos demônios (cf. Lc 8: 31; 2 Pe 2: 4; Jd 6; Ap 11: 7; Ap 17: 8; Ap 20: 1, 3). A besta, que é o Anticristo, sai do abismo (Ap 11: 7). O demônio não tem a chave do abismo; esta lhe foi dada. Isso quer dizer que sua autoridade é limitada. Jesus é o que tem as chaves da morte e do inferno (do abismo) em Suas mãos.

A fumaça é a descrição exata de uma enorme nuvem de gafanhotos vista à distância, e que num grande enxame encobre a luz do sol. Isso mostra o grande número de demônios que sairiam do abismo com seu líder. Os gafanhotos escurecem o ar, tamanho é o seu número, como aconteceu no Egito no tempo de Moisés (cf. Êx 10: 12-15).

A fumaça é símbolo de trevas, de escuridão, de confusão, de algo que nubla a visão, que não é claro nem se revela. Quando a bíblia fala "a fumaça do poço subiu como fumaça de uma grande fornalha, e, escureceu-se o sol e o ar" nós podemos notar que demônios são espíritos de obscuridade que cegam o entendimento dos incrédulos, através de filosofias, postulados, falsas religiões, e tudo isso impede que as pessoas conheçam a verdade da palavra de Deus. Suas mentes ficam cegas para as coisas de Deus.

• Ap 9: 4: "e foi-lhes dito que não causassem dano à erva da terra, nem a qualquer coisa verde, nem a árvore alguma e tão somente aos homens que não têm o selo de Deus sobre a fronte".

Esses demônios não podem causar danos às ervas da terra nem às arvores, nem podem matar os homens nem podem tocar os selados de Deus.

• Ap 9: 5-6: "Foi-lhes também dado, não que os matassem, e sim que os atormentassem durante cinco meses. E o seu tormento era como tormento de escorpião quando fere alguém. Naqueles dias, os homens buscarão a morte e não a acharão; também terão ardente desejo de morrer, mas a morte fugirá deles".

Eles têm autorização para atormentar os homens (cauda de escorpiões e ferrão, por onde eles inoculam seu veneno) e seu limite de tempo é de cinco meses, um número simbólico, significando o período de maturação do gafanhoto. É o tempo que Deus o permite (até o dia do juízo). Mas esse tormento só é permitido sobre os homens que não foram selados com o selo de Deus sobre a fronte (Ap 9: 4). Isso significa que Deus guardará Seu povo não da perseguição do mundo, mas da Sua ira sobre os ímpios. Deus conhece aqueles que Lhe pertencem.

Os gafanhotos vistos por João são demônios que vêm para atormentar os que não têm o selo de Deus. Eles vieram em todas as gerações da História. As trombetas também intensificam os flagelos de Deus no mundo hoje, atormentando as pessoas. Elas buscam refúgio em muitas coisas, mas não encontram alívio. A corrupção destrói as estruturas sociais, gera violência, atinge a área sexual, e tudo isso são conseqüências desses gafanhotos. O ser humano também tem uma natureza caída, e os demônios aceleram essas atividades.

Apesar de tudo o que foi permitido ao demônio do abismo fazer, seu tempo é limitado (cinco meses) e sua autoridade também, i.e., 'a chave lhe foi dada' (Ap 9: 1), pois ele não o tem; Jesus, sim. Demônios são anjos caídos que estão aprisionados em algemas, ou seja, têm sua autoridade limitada por Deus (2 Pe 2: 4; Jd 6 = anjos aprisionados em algemas eternas, além dos que agem hoje).

• Ap 9: 7-10: "O aspecto dos gafanhotos era semelhante a cavalos preparados para a peleja; na sua cabeça havia como que coroas parecendo de ouro; e o seu rosto era como rosto de homem; tinham também cabelos, como cabelos de mulher; os seus dentes, como dentes de leão; tinham couraças, como couraças de ferro; o barulho que as suas asas faziam era como o barulho de carros de muitos cavalos, quando correm à peleja; tinham ainda cauda, como escorpiões, e ferrão; na cauda tinham poder para causar dano aos homens, por cinco meses".

A estrela caída do céu recebe a chave do poço do abismo e o abre; dele saem os gafanhotos (simbolizam demônios) semelhantes a cavalos preparados para a peleja, com rosto de homem e com coroas parecendo de ouro na cabeça; têm cabelo como de mulher, dentes de leão, couraça como de ferro, asas muito barulhentas e cauda de escorpião e ferrão.

Isso pode simbolizar que eles são fortes, agitados e belicosos como cavalos de guerra e têm inteligência de homem, têm capacidade de articular planos. 'Coroa de ouro' é símbolo de domínio e poder, o que indica que eles podem fazer parte de uma hierarquia como principados, potestades, príncipes das trevas. Eles atuam nos filhos da desobediência.

Cabelo de mulher pode simbolizar sedução sexual (era uma referência especial aos cultos pagãos da época, em especial a Dionísio (Baco, para os romanos), voltado à sexualidade e ao vinho, prostituição, homossexualidade, sensualidade etc.).

Dentes de leão aludem ao seu poder de destruição, e a couraça como de ferro transmite a idéia de que são irresistíveis e violentos. Suas asas muito barulhentas simbolizam uma grande agitação e perturbação.

• Ap 9: 11: “e tinham sobre eles, como seu rei, o anjo do abismo, cujo nome em hebraico é Abadom, e em grego, Apoliom”.

João diz que o exército dos gafanhotos é liderado por seu rei, chamado Abadom (em hebraico) ou Apoliom (em grego). Ele é chamado ‘Destruidor’.

Este versículo fala sobre a organização dos gafanhotos fora do poço do abismo sob a liderança de um rei; e o fato de eles mesmos usarem coroas (v. 7) indica que eles podem fazer parte de uma hierarquia como principados, potestades, príncipes das trevas. O anjo do abismo é um demônio que controla os demoníacos gafanhotos. O nome do anjo em hebraico e em grego significa ‘destruição’.

Aqui as opiniões se divergem um pouco quanto à identidade desse anjo. Alguns teólogos pensam que se trata do próprio Satanás, Lúcifer, agora com outro nome. A missão e a especialidade deste grupo e do seu rei, que seria Satanás, é a destruição. Ele seria a ‘estrela caída’ do v. 1.

Mas quando ele caiu, ele caiu com 1/3 dos anjos, e anjos de diversas hierarquias. Então, há outros que pensam que se trata de um dos líderes mais confiáveis de Satanás, um demônio de alta hierarquia.

Em hebraico ʾᵃbhaddôn significa ‘Destruidor, i.e., Anjo Destruidor’ ou ‘lugar de destruição’ e é regularmente traduzido como tal em certas versões no Antigo Testamento para denominar a região dos mortos. Esta região era considerada pelos antigos judeus como ‘inferno’, seol em hebraico, hades e geenna em grego, este último nome proveniente de ge (vale de) hinnõm (Vale de Hinom), onde eram feitos sacrifícios idólatras ao sul de Jerusalém.

Em Jó 28: 22 ‘Abadom’ (‘Destruidor’) é traduzido como ‘abismo’: “O abismo e a morte dizem: Ouvimos com os nossos ouvidos a sua fama” – Abismo = Abaddon (אֲבַדּוֹן – Strong #11) significa: (abstrato) que perece; que causa sofrimento, que faz sofrer, destruidor, destruição; (concreto) Hades. Em grego, ‘Apoliom’ tem o mesmo sentido.

‘Abadom’ ocorre várias vezes na bíblia como um sinônimo poético de sheol (inferno), morte ou túmulo (Jó 26: 6 – abismo; Jó 28: 22 – abismo; Jó 31: 12 – destruição; Sl 88: 11 – abismos; Pv 15: 11 – destruição; Pv 27: 20 – abismo; na KJV: destruição) – ARA.

Neste versículo (Ap 9: 11), Abadom recebe significado personificado (‘o destruidor’) e é traduzido para o grego por ‘Apoliom’ (Apollyon), particípio presente do verbo apollymi (‘destruir’).

• Ap 9: 12: "O primeiro ai passou. Eis que, depois destas coisas, vêm ainda dois ais".

• 6ª trombeta (Ap 9: 13-21) – aqui não é só tormento, mas morte. É o último aviso de Deus à humanidade, pois a 7ª trombeta já é o juízo final; não tem mais oportunidade.

• Ap 9: 13-15: "O sexto anjo tocou a trombeta, e ouvi uma voz procedente dos quatro ângulos do altar de ouro que se encontra na presença de Deus, dizendo ao sexto anjo, o mesmo que tem a trombeta: Solta os quatro anjos que se encontram atados junto ao grande rio Eufrates. Foram, então, soltos os quatro anjos que se achavam preparados para a hora, o dia, o mês e o ano, para que matassem a terça parte dos homens".

A voz que João ouve aqui procede do trono, do altar de ouro que se encontra na presença de Deus, o que nos faz pensar que é o próprio Cordeiro que fala com o anjo que segura a sexta trombeta. O altar de ouro é onde está a oração dos santos, por isso, Deus envia essa trombeta sobre os ímpios em resposta à oração dos Seus filhos. Isso nos mostra que a nossa oração nos associa ao governo de Deus e à Sua participação na história da humanidade.

Neste trecho são mencionados os quatro anjos que se encontram atados junto ao grande rio Eufrates, e são anjos encarregados da destruição da terça parte dos homens. Já não são mais demônios que atormentam (gafanhotos), mas demônios que agora têm autorização de matar a terça parte dos homens. Esses anjos de destruição são agentes da justiça divina; não anjos de Deus, e sim demônios. De novo, nós podemos perceber a absoluta soberania de Deus, pois Ele está no controle da História e tudo ocorrerá no Seu tempo determinado (v. 15: 'a hora, o dia, o mês e o ano'). Os demônios obedecem aqui ao próprio Deus para a Sua finalidade, o Seu propósito para matar 1/3 da humanidade.

A bíblia usa simbolicamente o 'rio Eufrates' aqui como um símbolo de um limite dado à invasão do inimigo, mas que agora pode ser rompido, pois o rio Eufrates era o limite oriental da Terra Prometida que foi dada como promessa a Abraão (Gn 15: 18). Porém, quando o povo que saiu do Egito entrou nela, ele não conseguiu chegar até esse limite, ou seja, os israelitas não tomaram toda a porção de terra que o Senhor havia separado para eles.

O Eufrates pode simbolizar também o local da vitória anterior de Satanás no Éden, assim como o local geográfico de onde inimigos poderosos como a Assíria e a Babilônia, que investiram contra Israel (Is 8: 5-8).

Na época de João, o Eufrates era o limite oriental do Império Romano (fronteira com o Império Parta).

Portanto, Eufrates simboliza a perseguição que virá do mundo que não teme nem conhece a Deus e se levantará com guerra. Essa guerra não se limita ao Eufrates, mas alcança toda a terra (número quatro: norte, sul, leste, oeste). Pelo relato bíblico grande parte da humanidade vai à morte. É uma grande guerra que invade a terra, uma invasão demoníaca na história humana com morte e violência.

As guerras estão incluídas no propósito soberano de Deus na História, pois é uma trombeta para levar o homem ao arrependimento. A guerra não é apenas uma ação demoníaca sobre a perversão do homem; é também uma conseqüência da rebelião do homem contra Deus.

Será um tempo de calamidades, aflição profunda e uma guerra muito grande. A humanidade tem sofrido por gerações por causa da guerra. E a cada geração isso se intensifica, principalmente quando se aproxima o tempo do fim.

• Ap 9: 16-19: "O número dos exércitos da cavalaria era de vinte mil vezes dez milhares *(ou seja, duzentos milhões);* eu ouvi o seu número. Assim, nesta visão,

contemplei que os cavalos e os seus cavaleiros tinham couraças cor de fogo, de jacinto e de enxofre. A cabeça dos cavalos era como cabeça de leão, e de sua boca saía fogo, fumaça e enxofre. Por meio destes três flagelos, a saber, pelo fogo, pela fumaça e pelo enxofre que saíam da sua boca, foi morta a terça parte dos homens; pois a força dos cavalos estava na sua boca e na sua cauda, porquanto a sua cauda se parecia com serpentes, e tinha cabeça, e com ela causavam dano".

Os cavaleiros que vieram para matar os homens eram em duzentos milhões, que pode ser representativo de número de incontável desses agentes do juízo. Entretanto, ao ler com atenção o relato, podemos ver que não se trata de um exército humano, mas hordas de demônios. Estes, sim, incitam os homens a fazer a guerra física. Os demônios agem nos homens e através dos homens, os servos do diabo, governantes maldosos instigados por estes demônios.

A descrição dos demônios (cavalos e cavaleiros) nos mostra que são seres inatingíveis. Os cavaleiros e os cavalos têm couraças cor de fogo, de jacinto e de enxofre. A cabeça dos cavalos é como a de leão e da sua boca sai fogo, fumaça e enxofre, os três flagelos usados para matar os homens (v. 18). João escreve que a força desses cavalos está na sua boca e na sua cauda, parecida com a de uma serpente; portanto, da mesma forma que os gafanhotos da 5ª trombeta, estes também são seres venenosos, peçonhentos e malignos.

'Cor de fogo' – fogo queima, consome, destrói o que toca, portanto, essa figura de linguagem fala a favor do seu grande poder de destruição, da sua fúria avassaladora. Isso indica que não se pode lidar com eles com armas convencionais, pois são demônios.

'Leões' representam a força, ferocidade e poder destruidor.

'Fumaça' é símbolo de escuridão, trevas, confusão. Ela tira a visibilidade, cega os olhos das pessoas. O enxofre polui.

"De sua boca saía fogo, fumaça e enxofre" – Essas três armas saem da boca dos cavalos, ou seja, da boca saem palavras destrutivas, conceitos, filosofias e idéias que geram comportamentos deturpados nos homens, e que poluem sua mente. Essa boca a serviço de Satanás pode ser a imprensa, a mídia, usada para criar confusão na mente (fumaça), destruir a ética, os valores, as estruturas da sociedade e a moral (fogo), e poluir a mente e o coração dos homens, em especial os que já estão deturpados pelo pecado.

• Ap 9: 20-21: "Os outros homens, aqueles que não foram mortos por esses flagelos, não se arrependeram das obras das suas mãos, deixando de adorar os demônios e os ídolos de ouro, de prata, de cobre, de pedra e de pau, que nem podem ver, nem ouvir, nem andar; nem ainda se arrependeram dos seus assassínios, nem das suas feitiçarias, nem da sua prostituição, nem dos seus furtos".

O propósito de Deus é a salvação, mas o pecador não se arrepende. Deus os julga, mas os homens blasfemam contra Ele. Impiedade é rejeitar a Deus; perversão é desmoralização; depravação; desvio da normalidade, especialmente na área psíquica, moral.

Aqui, a bíblia fala de adoração aos demônios e aos ídolos de ouro, prata, cobre e pedra e pau. Se prostrar diante de ídolos é se prostrar diante de seres malignos que agem através desses ídolos. O profeta Oséias (Os 4: 12) dizia que o espírito de prostituição entra no ser inanimado para enganar a pessoa, para afastá-la do Deus vivo. Quando se adora uma imagem de escultura, ela em si não é nada e nada pode, mas quem recebe a adoração é um representante das trevas, e é por isso que Deus se ira tanto com idolatria; porque Satanás acaba recebendo uma adoração e uma honra que não lhe pertencem. Ele tentou no início, e Deus o arrojou para fora da Sua presença, mas ainda hoje ele insiste, usando pessoas desobedientes ao Senhor.

O v. 21 ("nem ainda se arrependeram dos seus assassínios, nem das suas feitiçarias, nem da sua prostituição, nem dos seus furtos") fala também da quebra da lei de Deus, dos Seus mandamentos por essas pessoas porque persistem nos seus assassínios, nas suas feitiçarias, nas suas prostituições e nos seus furtos. Assassínios, porque perderam o senso de valor da vida, e optam pela guerra e pela morte. Feitiçarias, porque se encantam com suas 'poções mágicas', suas fantasias, suas drogas, para fugir da realidade e da presença de Deus. A palavra grega usada aqui para feitiçaria é pharmakeia (φαρμακεία – Strong #5331), que significa: magia, feitiçaria, encantamento, medicação ('farmácia'), por extensão: magia (literal ou figurativamente); feitiçaria, bruxaria e feitiço. Portanto, é uma sociedade entorpecida; não só por drogas químicas ou drogas ilegais, mas por tudo o que existe no mundo que possa entorpecer os sentidos das pessoas para a voz de Deus. Outra quebra da lei de Deus neste versículo 21 são as prostituições, numa sociedade que não mais tem respeito à pureza moral, onde os valores éticos são minados (como na família e no trabalho). E também fala de roubos, ou seja, não se respeita mais a propriedade privada. E o versículo termina dizendo que os ímpios não se arrependem e continuam em suas práticas, mesmo quebrando os mandamentos da Lei de Deus em todos aqueles pecados.

Capítulo 10 –

• Ap 10: 1-11 – 11: 1-14 – No capítulo 10 João fala dos anjos, os sete trovões e o livrinho, que são um prelúdio da sétima trombeta (Ap 11: 15-19). Ainda no capítulo 11, ele se refere às duas testemunhas mártires. Nós podemos nos lembrar que a 5ª, a 6ª e a 7ª trombetas foram anunciadas pela águia e descrevendo a gravidade dos castigos ('ais'). Primeiro, os gafanhotos para atormentar os homens ao ponto de buscar a morte, mas não encontrar; depois, a cavalaria de milhões de cavalos e cavaleiros com ordem de matar a humanidade.

• Ap 10: 1: "Vi outro anjo forte descendo do céu, envolto em nuvem, com o arco-íris por cima de sua cabeça; o rosto era como o sol, e as pernas, como colunas de fogo; ...".

João vê um anjo forte. Pela descrição, trata-se do próprio Jesus. Ele está envolto em nuvem (cf. Ap 1: 7), um símbolo pertinente ao próprio Deus, pois foi assim que Ele se mostrou no monte Sinai e no deserto. Jesus na Sua transfiguração (Mt 17: 5; Mc 9: 7; Lc 9: 34-35) e ascensão (At 1: 9) foi envolto por uma nuvem. A nuvem não apenas representa a glória de Deus, onde o Espírito Santo está implícito, mas é também um símbolo físico da essência divina que está parcialmente encoberta ao homem.

Seguindo a descrição do anjo, João fala sobre um arco-íris por cima da Sua cabeça, da mesma forma como o Senhor está descrito cap. 4 (sentado no trono). E o arco-íris sobre o trono é símbolo de misericórdia, não somente um trono de juízo. É também o símbolo da aliança de Deus com o homem, feita através de Noé.

Seu rosto é como sol, da mesma maneira que Jesus glorificado foi visto por ele (Ap 1: 16). As pernas do anjo eram como colunas de fogo, semelhante ao cap. 1 (Ap 1: 15), porque onde ele pisa, ele refina; revela a glória e a santidade do próprio Deus.

• Ap 10: 2: "e tinha na mão um livrinho aberto. Pôs o pé direito sobre o mar e o esquerdo, sobre a terra".

Tem na mão um livro aberto, tal como o rolo com os sete selos (cap. 5).

Mas este livrinho não se trata do rolo, que revela os destinos da igreja na mão de Jesus; este livrinho é apenas uma particularidade, porque revela o que tem nesse prelúdio;

outros interpretam esse livro como a própria palavra de Deus, a profecia, porque quando João come, ele profetiza. Ezequiel também comeu o livro (Ez 2: 8-9) que continha os desígnios de Deus para a humanidade nos tempos do fim.

O anjo tem o pé direito sobre o mar o esquerdo sobre a terra. E isso representa que ele está reivindicando propriedade sobre o mundo inteiro (v. 6: "e jurou por aquele que vive pelos séculos dos séculos, o mesmo que criou o céu, a terra, o mar e tudo quanto neles existe: Já não haverá demora"), o que fala mais uma vez a favor de que o anjo é Jesus. Aqui Deus reivindica Sua soberania sobre o universo inteiro.

• Ap 10: 3-4: "e bradou em grande voz, como ruge um leão, e, quando bradou, desferiram os sete trovões as suas próprias vozes. Logo que falaram os sete trovões, eu ia escrever, mas ouvi uma voz do céu, dizendo: Guarda em segredo as coisas que os sete trovões falaram e não as escreva".

'Rugido de leão' – O leão impõe temor sobre as outras criaturas, assim como a voz daquele que chama ao trono do juízo e do julgamento.

Os sete trovões falaram, mas João recebeu ordem para não escrever. O que são os sete trovões e por que não escrever? Porque eles representam o juízo de Deus sobre a terra e sobre os ímpios, mas o Senhor não quis revelar. João sabe apenas que não haverá demora nos propósitos de Deus; Ele está respondendo à oração dos santos.

• Ap 10: 5-6: "Então, o anjo que vi em pé sobre o mar e sobre a terra levantou a mão direita para o céu e jurou por aquele que vive pelos séculos dos séculos, o mesmo que criou o céu, a terra, o mar e tudo quanto neles existe: Já não haverá demora,...".

O Anjo faz um juramento: já não haverá mais demora. As seis trombetas já tinham vindo. Por que, então, a demora? Porque Deus, na Sua benignidade e tolerância, quer que todos se arrependam e cheguem ao conhecimento da verdade (2 Pe 3: 8-9).

"Já não haverá demora" significa que o cálice da ira de Deus se esgotou. A Sua cólera vai ser derramada sobre a humanidade. Não há mais tempo para arrependimento. Pelo endurecimento do seu coração, o homem não se arrepende apesar da dor e dos castigos (Ap 9: 20), por isso o interlúdio nessa parte.

• Ap 10: 7: "mas, nos dias da voz do sétimo anjo, quando ele estiver para tocar a trombeta, cumprir-se-á, então, o mistério de Deus, segundo ele anunciou aos seus servos, os profetas".

"O mistério de Deus" tem a ver com o mal do mundo. Nos dias da voz do sétimo anjo, a 7ª trombeta vai iniciar os sete flagelos, o momento mais desesperador que levará ao julgamento final.

• Ap 10: 8-10: "A voz que ouvi, vinda do céu, estava de novo falando comigo e dizendo: Vai e toma o livro que se acha aberto na mão do anjo em pé sobre o mar e sobre a terra. Fui, pois, ao anjo, dizendo-lhe que me desse o livrinho. Ele, então, me falou: Toma-o e devora-o; certamente, ele será amargo ao teu estômago, mas, na tua boca, doce como mel. Tomei o livrinho da mão do anjo e o devorei, e, na minha boca, era doce como mel; quando, porém, o comi, o meu estômago ficou amargo".

João recebe a ordem para comer o livro. Significa a ordem para pregar a palavra de Deus, mas ele precisa absorvê-la, digeri-la, internalizá-la, torná-la uma palavra viva. Isso significa para nós, experimentar a bíblia. O livro era doce ao paladar. Isso tem um paralelo interessante com a cultura judaica: quando uma criança começava a aprender ler, o mestre pegava uma tabuleta e a cobria com farinha e mel e desenhava as letras naquele mel. Quando a criança conseguia decorar o alfabeto desenhando sobre o mel na tabuleta, seu mestre dava a ela a ordem para comer as letras, simbolizando que as letras eram doces ao paladar.

Mas no seu estômago, o livro se tornou amargo, o que quer dizer que a palavra de Deus tem implicações que geram amargura, sofrimento e dor para os que a rejeitam. Ela não é tão fácil de 'digerir'.

• Ap 10: 11: "Então, me disseram: É necessário que ainda profetizes a respeito de muitos povos, nações, línguas e reis".

João recebe agora a ordem de profetizar acerca de muitos povos, nações, línguas e reis.

Capítulo 11 –

• Ap 11: 1-2 (O santuário de Deus é medido): "Foi-me dado um caniço semelhante a uma vara, e também me foi dito: Dispõe-te e mede o santuário de Deus, o seu altar e os que naquele adoram; mas deixa de parte o átrio exterior do santuário e não o meças, porque foi ele dado aos gentios; estes, por quarenta e dois meses, calcarão aos pés a cidade santa".

A medição do santuário de Deus ainda é um interlúdio entre a 6ª e a 7ª trombeta. E aqui nós podemos ter interpretações diferentes por causa das correntes teológicas. Os dispensacionalistas estão se referindo nesta parte à reconstrução física do templo de Jerusalém. Outros acreditam que nesse trecho Deus trabalha especificamente com a nação judaica.

Mas nós podemos notar que na mente dos judeus, o santuário, i.e., o templo de Jerusalém desde o primeiro que foi construído por Salomão, era o lugar onde Deus habitava com Seu povo. Quando Jesus veio em carne, Ele nos ensinou que Ele era o tabernáculo de Deus com os homens, enquanto estava na terra; e os crentes também eram o santuário onde o Espírito de Deus habitava com eles.

O templo era dividido em pátios diferentes: para os sacerdotes, para os homens, para as mulheres e para os gentios. E aqui é disso que João está **falando, da igreja de Cristo** ('o santuário' de Deus) **sendo separada do mundo ímpio**, onde os impuros ficavam. A igreja de Cristo é uma só: Judeus e Gentios. Durante as várias seções de Apocalipse, a igreja foi comparada com a nação judaica (cento e quarenta e quatro mil selados de Israel; sete candeeiros, a mulher com a coroa de estrelas na cabeça).

Então, essa parte pode ser interpretada da seguinte maneira: nos v.1-2, o verbo 'medir' (comparada com a medição da cidade de Jerusalém descrita por Zc 2: 1-5) significa a separação clara da igreja verdadeira e do mundo ímpio ou da igreja não comprometida com Cristo. O santuário é a igreja verdadeira, a igreja glorificada e selada, e que não recebe a marca da besta. Esse ato de medir tem a conotação de imunidade, proteção contra danos, delimitação para proteção e cuidado.

A concordância aqui é com Lc 21: 24: "Cairão a fio de espada e serão levados cativos para todas as nações; e, até que os tempos dos gentios se completem, Jerusalém será pisada por eles". Jesus falava dos judeus depois da destruição de Jerusalém e do templo por Tito em 70 DC, quando teve início o tempo do reino de Deus para os gentios (Mt 21: 43; Lc 21: 24; Rm 11: 25). O tempo dos gentios declarado por Jesus vai da sua 1ª à sua 2ª vinda, quando a cidade de Jerusalém física, a terra dos judeus, será dominada por outros povos não judeus.

Mas João nos deixa a visão relativa à igreja de Cristo para as pessoas do seu tempo, para futuras gerações e para os tempos do fim, quando 3 ½ anos ('por quarenta e dois meses, calcarão aos pés a cidade santa' – Ap 11: 2) pode corresponder ao tempo em que a igreja de Cristo, selada por Deus, é exposta às mais variadas perseguições do mundo entre a primeira e a segunda vinda de Cristo, enquanto está pregando o evangelho, mantendo o seu testemunho, mas continua protegida pelo Senhor de grandes danos. Ou, então, no contexto escatológico, a igreja sendo separada e protegida por Deus num tempo de intensa perseguição e massacre do Anticristo, onde é feita a distinção entre os verdadeiros adoradores e os que não estão debaixo da verdadeira aliança com Deus, mas ela ainda estará pregando Sua Palavra. Em outras palavras, o tempo em que a igreja fica exposta à perseguição do Anticristo, quando as duas testemunhas estarão profetizando e não poderão ser tocadas até que sua obra termine.

Quarenta e dois meses ou 3 ½ anos simbolizam o domínio dos incrédulos no mundo; como aconteceu em relação a Jesus e ao tempo do Seu ministério, o número 3 ½ é o símbolo do poder vitorioso do mundo, em comparação ao número sete, que significa o número da plenitude de Deus. Também é um tempo que o Senhor abrevia pela Sua misericórdia (cf. Ap 12: 6; 14).

Então, nestes dois primeiros versículos, a igreja cumpre a sua missão como adoradora de Deus. E nos próximos versículos ela cumpre sua segunda missão, que é proclamar e profetizar a Palavra ('as duas testemunhas mártires').

• Ap 11: 3-14 (As duas testemunhas mártires):

• Ap 11: 3-4: "Darei às minhas duas testemunhas que profetizem por mil duzentos e sessenta dias, vestidas de pano de saco. São estas as duas oliveiras e os dois candeeiros que se acham em pé diante do Senhor da terra".

No v. 3 pode-se notar que o tempo dado a elas para profetizarem é o mesmo tempo escrito no versículo anterior, em relação ao tempo dos gentios: 3 ½ anos ('por quarenta e dois meses, calcarão aos pés a cidade santa' – Ap 11: 2), o tempo em que elas ficam expostas à perseguição da Besta, mas não poderão ser tocadas até que sua obra termine.

No v. 4 é feita uma alusão às duas oliveiras, mencionadas por Zacarias (Zc 4: 3; 11-14), de um lado e de outro do candelabro que ele viu.

• Zc 4: 3: "Junto a este, duas oliveiras, uma à direita do vaso de azeite, e a outra à sua esquerda".

A visão de Zacarias diz respeito ao trabalho do Espírito Santo através de dois indivíduos: o rei e o sacerdote, que estão ao lado do candelabro, ou seja, a serviço de Deus. Josué (o sumo sacerdote) e Zorobabel (governador de Judá) prefiguraram o ofício de Cristo como Rei e sacerdote a serviço do Pai.

Aqui a referência é feita a Zorobabel e Josué, os dois ungidos (as 'duas oliveiras') que foram separados por Deus depois do retorno do cativeiro babilônico para liderar Seu povo, ou seja, na posição de rei e sacerdote, conforme o regime teocrático de governo judaico. Deus separou o representante civil e o eclesiástico para governar conjuntamente (por isso o 'recipiente acima do candelabro', significando igualdade de poder e autoridade para governar), como foi com Moisés (o legislador) e Arão (o sumo sacerdote). Zorobabel e Josué eram as 'duas oliveiras' por meio de quem o Espírito Santo (o azeite) supria o povo com a luz e coragem necessária para reconstrução do templo.

• Zc 4: 11-14: "Prossegui e lhe perguntei *[ao anjo que falava com ele]:* que são as duas oliveiras à direita e à esquerda do candelabro? Tornando a falar-lhe, perguntei: que são aqueles dois raminhos de oliveira que estão junto aos dois tubos de ouro, que vertem de si azeite dourado? Ele me respondeu: Não sabes que é isto? Eu disse: não, meu senhor. Então, ele disse: São os dois ungidos [tradução literal: 'os filhos do óleo'], que assistem junto ao Senhor de toda a terra [NVI: São os dois homens que foram ungidos para servir ao Soberano de toda a terra! – No original: 'os dois que trazem óleo e servem']".

Aqui, Zacarias volta a falar que o candelabro é alimentado por duas hastes com azeite saído de duas oliveiras (ou 'dois raminhos de oliveira' – Zc 4: 12) que derramam óleo sobre um recipiente que está acima do candelabro (Zc 4: 3). Isso era um encorajamento para Zorobabel e Josué, pois através deles Deus traria avivamento, força e coragem para o Seu povo.

Portanto, o candelabro de Zacarias significa o povo de Israel debaixo da unção do Espírito Santo através dos dois ungidos que Ele escolheu para governá-los. Quando se fala da Menorá no AT (o candelabro de ouro do Tabernáculo e do Templo), ela sempre simbolizou a presença de Deus com Seu povo, a luz do Espírito do Senhor com eles.

Para nós, esta profecia de Zacarias capítulo 4 foi cumprida na pessoa de Jesus em Seu ofício de Rei e sacerdote, derramando a unção do Seu Espírito sobre a Igreja para que ela possa levar à frente a sua missão de restaurar os templos destruídos pelo pecado, e apagados por falta do conhecimento da palavra de Deus.

As duas testemunhas mártires (Ap 11: 3-14)

• Ap 11: 5-6: "Se alguém pretende causar-lhes dano, sai fogo da sua boca e devora os inimigos; sim, se alguém pretender causar-lhes dano, certamente, deve morrer. Elas têm autoridade para fechar o céu, para que não chova durante os dias em que profetizarem. Têm autoridade também sobre as águas, para convertê-las em sangue, bem como para ferir a terra com toda sorte de flagelos, tantas vezes quantas quiserem".

Estas testemunhas, terão o mesmo poder de Elias (Ap 11: 6: 'fechar o céu' cf. 1 Rs 17: 1) e Moisés ('converter as águas em sangue' cf. Êx 7: 17-19), uma autoridade dada por Deus para proclamar Sua palavra naquele tempo terrível ('Se alguém pretende causar-lhes dano, sai fogo da sua boca e devora os inimigos; sim, se alguém pretender causar-lhes dano, certamente, deve morrer'). Elas também podem simbolizar o AT e o NT, a própria palavra de Deus que foi proclamada através da lei e dos profetas.

Se pensarmos do ponto de vista judaico ou dos dispensacionalistas, elas trarão avivamento ao povo da antiga aliança no papel de rei e sacerdote (como Josué e Zorobabel – Zc 4: 11; 14 – 'as duas oliveiras à direita e à esquerda do candelabro', 'os dois raminhos de oliveira' – cf. Ap 11: 4), fazendo frente ao Anticristo (o qual reivindicará o papel de governante civil) e ao falso profeta que, além de enganar o povo com falsa profecia, também desejará o papel de sacerdote no meio dos judeus. Elas profetizarão por 3 ½ anos em nome do Senhor para converter os judeus a Jesus.

Entretanto, do ponto de vista amilenista, elas representam a própria da igreja de Cristo testemunhando durante a História, proclamando o evangelho, e só no tempo do fim o Senhor permitirá que o Anticristo se levante. **Elas são a representação do povo de Deus** que prega e profetiza a palavra durante o período entre a 1ª e a 2ª vinda de Deus. E isso significa que a igreja será indestrutível até ter completado sua missão.

• Ap 11: 7: "Quando tiverem, então, concluído o testemunho que devem dar, a besta que surge do abismo pelejará contra elas, e as vencerá, e matará,...".

Quando elas tiverem concluído o seu testemunho, elas serão mortas pela besta que surge do abismo, mas depois de 3 ½ dias (Ap 11: 11) o Espírito de Deus as ressuscitará e serão arrebatadas. Então, virá juízo divino sobre a cidade. A besta que surge do abismo, se a compararmos com outras referências bíblicas (Dn 7: 3; 20-21; 25; Ap 13: 1; 5-7; Ap 17: 3; 8), é o próprio Anticristo. O fato de estar escrito 'abismo' sugere que seu poder é satânico. Além do que, as referências estão colocadas em seções distintas do livro de Apocalipse:

• Ap 11: 7 (3ª seção – Capítulos 8–11).
• Ap 13: 1; 5-7 (4ª seção – Capítulos 12–14).
• Ap 17: 3; 8 (6ª seção – Capítulos 17–19).

Abismo – os gregos empregavam essa palavra em referência ao submundo dos espíritos, um imenso buraco sem fundo nas profundezas da terra, onde os espíritos maus ficavam presos até o castigo final. A palavra usada para 'abismo' é 'abussos' ou 'abussou', e transmite a idéia de um lugar tão profundo que chega a ser insondável (cf. Lc 8: 31). 'Abussos' ou 'abussou' = sem fundo, incomensuravelmente profundo, infernal, abismo, profundo, poço sem fundo. Eles também usam a palavra 'phrear' = poço, cova, um buraco no chão (cavado para obter ou conter água ou outros propósitos), i.e., uma cisterna ou poço; figuradamente, um abismo (como uma prisão), poço, cova, buraco.

A palavra hebraica para abismo pode ser escrita como thowm ou thom ou tehôm, significando um abismo (como uma massa de afluência de água), especialmente a afluência de água profunda (do mar principal ou o abastecimento de água subterrânea), lugar profundo, profundidade.

• Ap 11: 8: "e o seu cadáver ficará estirado na praça da grande cidade que, espiritualmente, se chama Sodoma e Egito, onde também o seu Senhor foi crucificado."

A bíblia diz que o nome da cidade é Sodoma e Egito. Se compararmos esses nomes com Is 1: 9-10, nós podemos dizer que há muita probabilidade de estar se referindo à própria cidade de Jerusalém, onde também haverá muita corrupção no final dos tempos, da mesma forma que Isaías escreveu como Deus a comparava. Mais adiante no mesmo versículo, João escreve que foi a cidade onde o seu Senhor (com letra maiúscula) foi crucificado, ou seja, Jesus.

Outros teólogos dizem que a cidade mencionada em Apocalipse é a cidade dos homens, o mundo hostil a Deus e à igreja, não Jerusalém, nem Roma. De acordo com este pensamento, João a chama de Sodoma, simbolizando o mundo pecaminoso no qual Cristo foi crucificado e o modelo de degeneração moral em uma grande cidade (Gn 19: 1-29). E Egito é o protótipo da idolatria desenfreada e da escravidão imposta por governantes poderosos e pelo sistema mundano e demoníaco.

Por mais que saibamos que o reinado do Anticristo será universal, ou seja, abrangerá toda a Terra (segundo a linha amilenista), não podemos negar que o ápice do conflito se dará em Israel, mais especificamente em Jerusalém, mesmo porque Zacarias, que é encarado como profeta apocalíptico, escreveu: "Eis que vem o Dia do Senhor, em que os teus despojos se repartirão no meio de... Naquele dia, estarão os seus pés sobre o monte das Oliveiras, que está defronte de Jerusalém para o oriente; o monte das Oliveiras será fendido pelo meio, para o oriente e para o ocidente, e haverá um vale muito grande; metade do monte se apartará para o norte, e a outra metade, para o sul... Fugireis pelo vale dos meus montes, porque o vale dos montes chegará até Azal; sim, fugireis como fugistes do terremoto nos dias de Uzias, rei de Judá [Nota da NVI: Meu vale dos montes será fechado e se estenderá até Azel. Ele será fechado desse modo por causa do terremoto];

então, virá o Senhor, meu Deus, e todos os santos, com ele" (Zc 14: 1; 4; 5). Azel ou Azal (Atsel, אָצֵל, Strong #682) pode ser o nome de um israelita ou de um local desconhecido na Palestina, que existiu no passado ou virá a existir.

Compare com Ez 38: 19-20: "Pois, no meu zelo, no brasume do meu furor, disse que, naquele dia, será fortemente sacudida a terra de Israel, de tal sorte que os peixes do mar, e as aves do céu, e os animais do campo, e todos os répteis que se arrastam sobre a terra, e todos os homens que estão sobre a face da terra tremerão diante da minha presença; os montes serão deitados abaixo, os precipícios se desfarão, e todos os muros desabarão por terra".

Por que, então, Zacarias escreveria tais palavras em relação à vinda de Jesus? Por que Lucas repetiria isso em At 1: 9-12, que a ascensão de Jesus ocorreu no Monte das Oliveiras, e lá se dará igualmente a Sua vinda, de maneira visível? Em Ezequiel esse local também é descrito (Ez 11: 23). A cena de Ezequiel descrita acima (Ez 38: 19-20) não corresponde à linguagem usada por João em Apocalipse para o dia da vinda de Jesus, fazendo juízo sobre os ímpios?

Então, a conclusão que chegamos é que Apocalipse não pode ser entendido totalmente de uma forma literal nem totalmente de uma forma simbólica. Às vezes, sim; às vezes, não.

• Ap 11: 9-10: "Então, muitos dentre os povos, tribos, línguas e nações contemplam os cadáveres das duas testemunhas, por três dias e meio, e não permitem que esses cadáveres sejam sepultados. Os que habitam sobre a terra se alegram por causa deles, realizarão festas e enviarão presentes uns aos outros, porquanto esses dois profetas atormentaram os que moram sobre a terra".

Os ímpios se alegrarão com a morte das duas testemunhas, o mundo se alegrará quando tiver a impressão de que o Anticristo foi maior do que Deus e conseguiu destruir Sua igreja.

Várias vezes na História a igreja foi perseguida e morta, os ímpios se alegraram cada vez que os servos de Deus eram martirizados por pregar Sua palavra. Os inimigos de Cristo se alegraram, mas Seus servos estão hoje com Ele no céu e Seu evangelho nunca deixou de ser pregado.

• Ap 11: 11-12: "Mas, depois dos três dias e meio, um espírito de vida, vindo da parte de Deus, neles penetrou, e eles se ergueram sobre os pés, e àqueles que os viram sobreveio grande medo; e as duas testemunhas ouviram grande voz vinda do céu, dizendo-lhes: Subi para aqui. E subiram ao céu numa nuvem, e os seus inimigos as contemplaram".

Depois dos 3 ½ dias, as testemunhas se erguem sobre os pés, significando a ressurreição gloriosa do povo de Deus torturado e morto. As testemunhas sobem numa nuvem e Jesus vem numa nuvem concomitantemente, pois a sétima trombeta vai soar. Este é o momento do arrebatamento visível da igreja, que mostra o terror ao mundo. É a mesma cena do juízo final; por isso, o desespero dos ímpios (Ap 11: 11; 13 cf. Ap 6: 12-17 – o 6º selo).

Quando Jesus veio pela primeira vez, Ele amarrou Satanás. Nos evangelhos (Mc 3: 27), ele é o valente prende as pessoas ('bens'). Jesus é o 'mais valente' que o amarra, ou seja, o Senhor limita o poder do diabo. Nós fomos resgatados das trevas para a luz. E isso significa que o plano de Deus não pode ser frustrado. Satanás não pode impedir que os que ouviram a palavra de Deus sejam salvos, por isso, se diz que ele está amarrado. Ele já não pode tocar naqueles que já estão no céu com o Senhor. Nosso dono é Jesus.

Mas Satanás está solto no sentido de ainda perseguir a igreja, embora ela não possa ser destruída enquanto estiver pregando a palavra de Deus. O espírito do Anticristo já opera desde a época dos apóstolos de Jesus, mas vai agir com crueldade indescritível e perseguirá os santos nos últimos tempos porque Deus permitirá. O Anticristo matará os santos (Ap 11: 7; Ap 13: 7), mas os dias serão abreviados, Jesus o disse. A igreja vencerá por causa da palavra e do testemunho que deu, ou seja, os fiéis não negarão a fé.

• Ap 11: 13-14: "Naquela hora, houve grande terremoto, e ruiu a décima parte da cidade, e morreram, nesse terremoto, sete mil pessoas, ao passo que as outras ficaram sobremodo aterrorizadas e deram glória ao Deus do céu. Passou o segundo ai. Eis que, sem demora, vem o terceiro ai. A sétima trombeta".

Esta cena fala da segunda vinda de Jesus (cf. 1 Ts 4: 16-17; 1 Co 15: 24-25), do momento do Arrebatamento, quando os santos sobem com o Senhor e os ímpios ficam amedrontados com o Seu juízo e com o que acontece com a natureza ao seu redor.

• Ap 11: 15-18 (A 7ª trombeta) –

Essa cena ocorrerá na segunda vinda de Jesus (cf. 1 Ts 4: 16-17; 1 Co 15: 24-25). Antes dessa trombeta, Jesus se mostrou a João com o livrinho nas mãos (interlúdio), da mesma forma que houve muito silêncio no céu antes do sétimo selo (Ap 8: 1).

• Ap 11: 15: "O sétimo anjo tocou a trombeta, e houve no céu grandes vozes, dizendo: O reino do mundo se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará pelos séculos dos séculos".

Agora chegou a glória do reino de Deus sobre tudo, por isso, os cânticos de louvor. Aqui, o poder de Cristo é visto na Sua plenitude. A 7ª trombeta não é apenas um evento, mas ela desemboca nos sete flagelos da ira total de Deus (Ap 15–16), por isso o desespero dos ímpios (Ap 11: 11; 13).

• Ap 11: 16-17: "E os vinte e quatro anciãos que se encontram sentados no seu trono, diante de Deus, prostraram-se sobre o seu rosto e adoraram a Deus, dizendo: Graças te damos, Senhor Deus, Todo-Poderoso, que és e que eras, porque assumiste o teu grande poder e passaste a reinar".

Os anciãos (figura da igreja do AT–NT) que se encontram sentados no trono se prostram porque Cristo reina soberanamente (Ap 11: 17) e porque há recompensa e justiça (v. 18). É a igreja adorando o Rei conquistador.

• Ap 11: 18: "Na verdade, as nações se enfureceram; chegou, porém, a tua ira, e o tempo determinado para serem julgados os mortos, para se dar o galardão aos teus servos, os profetas, aos santos e aos que temem o teu nome, tanto aos pequenos como aos grandes, e para destruíres os que destroem a terra".

Aqui ocorre o julgamento dos mortos, que se dará após a segunda vinda, e o recebimento dos galardões (1 Co 3: 11-15).

Assim, a sétima trombeta anuncia o tempo do fim; o reino do mundo se tornou de Cristo.

A igreja dá graça e os ímpios estão enfurecidos porque já não há mais chance. Os ímpios não serão aniquilados, mas serão atormentados dia e noite para sempre (Ap 20: 10b). Portanto, não há aniquilacionismo.

Podemos notar, então, que o sofrimento em si não pode levar o homem ao arrependimento (Ap 9: 20-21; Ap 16: 21), ou seja, Deus vai chamando ao arrependimento até o fim, pois Jesus disse: "Não perdi nenhum dos que me deste" (Jo 18: 9 cf. Jo 17: 24).

Em Ap 11: 13 está escrito, depois que as duas testemunhas são arrebatadas: "Naquela hora, houve grande terremoto, e ruiu a décima parte da cidade, e morreram, nesse terremoto, sete mil pessoas, ao passo que as outras ficaram sobremodo aterrorizadas e deram glória ao Deus do céu".

Mas nas passagens de Apocalipse descritas acima (Ap 9: 20-21; Ap 16: 21), os que não se arrependeram de seus pecados nem com os juízos de Deus, realmente são os que não foram destinados à salvação.

• Ap 11: 19: "Abriu-se, então, o santuário de Deus, que se acha no céu, e foi vista a arca da Aliança no seu santuário, e sobrevieram relâmpagos, vozes, trovões, terremoto e grande saraivada".

João mostra agora outra cena: a comunhão com Deus é plena, é o próprio Deus com os homens. A arca da Aliança deixa subentendido que a comunhão com Deus só é possível mediante a expiação, pois era sobre a arca da Aliança que o sumo sacerdote aspergia o sangue do animal sacrificado como oferta pelo pecado e como holocausto, por ele e pela congregação uma vez por ano, no dia da Expiação (Lv 16: 14; 15; 29-30; 34 – Yom Kippur). Essa expiação foi feita por Jesus na cruz. Ele é o nosso sumo sacerdote; por Seu intermédio, temos plena comunhão com o Pai. A arca também simboliza a presença, a liderança e a proteção de Deus quanto à bênção relacionada à nova Aliança (como foi para Israel no deserto e na Terra Prometida).

As manifestações que aparecem com a abertura do santuário de Deus no céu para que a arca seja vista (relâmpagos, vozes, trovões, terremoto e grande saraivada) não apenas se assemelham às de Deus sobre o Sinai, como podem apontar para a chegada do fim, ou seja, Seus juízos.

Quarta seção – Capítulos 12–14

A mulher e o dragão | As duas bestas | O Cordeiro no Monte Sião e Seus seguidores

Quarta seção – Capítulos 12–14

Como eu falei no início, os capítulos 1–11 simbolizam o mundo pelejando contra a igreja e os juízos de Deus em resposta às orações dos santos.

A partir do capítulo 12 (Apocalipse 12–22) a bíblia descreve uma perseguição mais implacável contra a igreja do Senhor, sem disfarce, porque Satanás (o dragão) aparece com seus aliados: a besta do mar (o Anticristo), a besta da terra (o falso profeta) e a Babilônia (a grande meretriz).

Nessa seção, João descreve várias maravilhas no céu: uma mulher que dá à luz um menino ("Viu-se grande sinal no céu" – Ap 12: 1) e que sofre a oposição de Satanás (12: 1-17 – v. 3: "outro sinal no céu"), bestas que se opõem a Deus (Ap 13: 1-18), o Cordeiro no monte Sião, junto com Seus seguidores (Ap 14: 1-5). Depois (Ap 14: 6-20) surgem anjos cujas vozes anunciam aos homens os juízos de Deus, terminando com a ceifa e a vindima.

Capítulo 12 –

A mulher representa a igreja na 1ª vinda de Jesus. Aqui Ele é chamado de varão (Ap 12: 5 cf. Is 66: 7). Em seguida, o diabo persegue, não apenas Jesus, mas Sua igreja (Ap 12: 6; 13-14), mas ela é protegida pelo Senhor do ataque feroz do inimigo ('deserto' – Ap 12: 6; 14) por um tempo que simboliza um período curto de aflição; um período de tempo que o Senhor abreviaria pela Sua misericórdia (1.260 dias ou 'um tempo, tempos e metade de um tempo' – Ap 12: 6; 14). A perseguição do diabo à igreja é mais intensa na descrição dos versículos 13-17, e que se intensificará no período do fim, na Grande Tribulação.

João descreve a mulher (a igreja na 1ª vinda de Jesus) da seguinte maneira:

• Ap 12: 1-2: "Viu-se grande sinal no céu, a saber, uma mulher vestida do sol com a lua debaixo dos pés e uma coroa de doze estrelas na cabeça, que, achando-se grávida, grita com as dores de parto, sofrendo tormentos para dar à luz".

'Vestida do sol', ela está vestida de luz, ou seja, com a vestimenta de Deus. Isso mostra que ela é gloriosa, esplendorosa, que a glória de Deus está nela.

'Com a lua debaixo dos pés' – isso significa que ela tem autoridade, poder. Mas essa autoridade procede de Deus, não da igreja, pois a lua não tem luz própria; ela recebe a luz do sol.

'Uma coroa de doze estrelas na cabeça' simboliza que ela é mais que vencedora (coroa) e mostra nela a vitória de Cristo. As doze estrelas representam os 12 patriarcas e os 12 apóstolos.

'Grávida e grita com as dores de parto' – isso significa que a igreja de Cristo é o Israel de Deus, que nasceu da fé (como filho de Abraão) para trazer ao mundo o Messias.

I) Primeiro, o Dragão luta contra o Cordeiro (Ap 12: 3-5):

• Ap 12: 3-4: "Viu-se, também, outro sinal no céu, e eis um dragão, grande, vermelho, com sete cabeças, dez chifres e, nas cabeças, sete diademas. A sua cauda arrastava a terça parte das estrelas do céu, as quais lançou para a terra; e o dragão se deteve em frente da mulher que estava para dar à luz, a fim de lhe devorar o filho quando nascesse".

Então, João descreve Satanás como um dragão, grande, vermelho, com sete cabeças, dez chifres e, nas cabeças, sete diademas.

'Vermelho' é a cor do fogo, que consome, destrói o que toca, portanto, essa figura de linguagem fala a favor do seu grande poder de destruição, da sua fúria avassaladora.

'Sete cabeças' e 'sete' diademas simbolizam o esplendor, poder e glória de Satanás como deus deste século (Ap 13: 1).

'Dez chifres' simbolizam sua abrangência universal, total sobre a terra e sua autoridade total sobre o reino das trevas; chifre é símbolo de poder.

'A sua cauda arrastava a terça parte das estrelas do céu, as quais lançou para a terra' – aqui pode ser uma referência à rebelião da terça parte dos anjos que caíram com ele quando tentou usurpar o trono de Jesus.

'E o dragão se deteve em frente da mulher que estava para dar à luz, a fim de lhe devorar o filho quando nascesse' – essa é uma referência à tentativa de destruir Jesus quando nascesse, o que o diabo quase conseguiu através de Herodes o Grande, matando os recém-nascidos de Belém (Mt 2: 3-16).

• Ap 12: 5: "Nasceu-lhe, pois, um filho varão, que há de reger todas as nações com cetro de ferro. E o seu filho foi arrebatado para Deus até ao seu trono" – fala sobre a autoridade de Cristo ('cetro de ferro') sobre todas as nações, mas como Seu reino não é deste mundo, Ele o faz do Seu trono no céu; por isso, há menção aqui à Sua ressurreição e à Sua ascensão.

II) Em seguida, o diabo persegue a igreja:

• Ap 12: 6: "A mulher, porém, fugiu para o deserto, onde lhe havia Deus preparado lugar para que nele a sustentem durante mil duzentos e sessenta dias".

O fato de estar escrito que a mulher fugiu para o deserto para não ser perseguida (v. 6 cf. 13-14) significa o diabo perseguindo ferozmente a igreja, mas ela é protegida por Deus ('deserto'). 'Deserto' significa um lugar de proteção preparado por Deus, como foi o Egito para Maria, José e Jesus após o Seu nascimento; como foi a milagrosa provisão de Deus no Sinai durante o Êxodo; e como foi na destruição de Jerusalém por Tito (69-70 DC), quando os cristãos escaparam em tempo para a cidade de Pela, no deserto, além do Jordão (Pela ficava em Decápolis, no limite setentrional de Peréia, antes governada por Herodes Antipas). Entretanto, essa fuga é questionada por alguns historiadores.

Quarenta e dois meses (Ap 11: 2) ou 1.260 dias (Ap 12: 6) ou 'um tempo, dois tempos e metade de um tempo' (Dn 12: 7 – equivalente à metade de uma semana de anos); 'um tempo, tempos e metade de um tempo' (Ap 12: 14), e que equivalem a 3 ½ anos, não se referem a medidas de tempo literais na bíblia, mas simbolizam um período curto de aflição; um período de tempo que o Senhor abreviaria pela Sua misericórdia. Este número (3 ½ anos) é o símbolo do poder vitorioso do mundo, ao contrário do número sete, o número da plenitude divina. O mundo se sentiu vitorioso com a morte de Jesus, mas isso era apenas o começo de algo maior. A bíblia diz que Jesus fez uma firme aliança com muitos: "Ele fará firme aliança com muitos, por uma semana; na metade da semana, fará cessar o sacrifício e a oferta de manjares" (Dn 9: 27a – cf. Is 42: 6; Is 53: 11; Jr 31: 31-34; Mt 20: 28; Mt 26: 28; Lc 22: 20; Rm 5: 15; Hb 9: 28), abolindo (fazendo cessar) os sacrifícios judaicos e o culto Levítico no templo para sempre, pois a antiga aliança foi revogada; é o que Antíoco IV Epifânio fez no passado, e o Anticristo escatológico tentará fazer para imitar o feito de Jesus.

III) Anjos pelejam no céu contra o dragão:

• Ap 12: 7-9: "Houve peleja no céu. Miguel e os seus anjos pelejaram contra o dragão. Também pelejaram o dragão e seus anjos; todavia, não prevaleceram; nem mais se achou no céu o lugar deles. E foi expulso o grande dragão, a antiga serpente, que se chama diabo e Satanás, o sedutor de todo o mundo, sim, foi atirado para a terra, e, com ele, os seus anjos".

João descreve a batalha entre o dragão e Miguel, por causa de uma rebelião que começou no mundo angelical, antes da criação do mundo quando Lúcifer e 1/3 dos anjos foram expulsos do céu, mas a perseguição ao trono de Deus continuou, e depois de ser criado o homem, Satanás também insistiu em seduzir o mundo através de Adão e Eva, sempre perseguindo o filho da mulher. Por isso, levou a humanidade à queda.

Mas eu vejo neste versículo não apenas uma queda como a que houve antes da criação do homem. Satanás caiu uma segunda vez quando Jesus morreu na cruz, pagando o preço pelos nossos pecados, e mais ainda no momento da Sua ressurreição e ascensão, pois removeu o domínio do inimigo sobre a vida dos homens e sobre a morte; enfim, o poder que ele tinha para agir livremente na terra e que recebeu quando Adão caiu. Ao fazer isso, Jesus o limitou em seu poder e o fez cair dos seus intentos arrogantes de governar o mundo. Na Sua ressurreição essa vitória foi repartida com Seus seguidores, que vencem o diabo pelo sangue de Jesus e pelo testemunho que dão a Seu respeito (v. 11).

Durante Seu ministério Jesus foi conquistando espiritualmente para os homens tudo o que estava em poder do diabo, através das curas e milagres que Ele e Seus discípulos realizavam: "Eu via Satanás caindo do céu como um relâmpago" (Lc 10: 18).

Jesus falou em Jo 12: 31-32: "Chegou o momento de ser julgado este mundo, e agora o seu príncipe será expulso. E eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim mesmo" (cf. Jo 16: 11). Isso significa que apesar das tentativas do diabo de afrontar a própria glória de Deus destruindo Seu Filho, ele novamente cairia, seria atirado à terra, perderia o seu poder sobre os remidos de Cristo.

Satanás fez muitas tentativas para destruir, não apenas Jesus, mas os fiéis filhos de Deus. Caim matou Abel e deixou uma semente de corrupção no ser humano, até que o Senhor interveio com o Dilúvio. Satanás tentou matar Moisés no Egito quando ele nasceu, pois sabia da sua missão como escolhido de Deus para libertar Seu povo. Depois, quase levou a casa de Judá ao extermínio no tempo de Joás, porque sua avó, Atalia, matou todos os netos, para não ter ameaça ao trono. Na Pérsia, no tempo de Ester, o diabo usou Hamã, o agagita, para fazer aquele decreto horrível de matar todos os judeus de Susã. E em todas as demais eras da igreja ele sempre tentou contra a vida dos ungidos de Deus, mas não conseguiu, porque nem o Filho de Deus pôde ser morto, nem aqueles que recebem dEle a vida eterna.

IV) A vitória de Cristo e do Seu povo:

• Ap 12: 10-12: "Então, ouvi grande voz do céu, proclamando: Agora, veio a salvação, o poder, o reino do nosso Deus e a autoridade do seu Cristo, pois foi expulso o acusador de nossos irmãos, o mesmo que os acusa de dia e de noite, diante do nosso Deus. Eles, pois, o venceram por causa do sangue do Cordeiro e por causa da palavra do testemunho que deram e, mesmo em face da morte, não amaram a própria vida. Por isso, festejai, ó céus, e vós, os que neles habitais. Ai da terra e do mar, pois o diabo desceu até vós, cheio de grande cólera, sabendo que pouco tempo lhe resta".

Há uma aclamação pela vitória de Cristo. O dragão lançado na terra, não tem poder de tocar em quem já está no céu, ou seja, quem já recebeu a salvação. Jesus expulsou o acusador dos filhos de Deus que os acusava ininterruptamente. Mas, na sua fidelidade a Ele, eles venceram o dragão por causa do sangue do Cordeiro e por causa da palavra do testemunho que deram, não por suas obras, nem pela sua própria força. Mesmo em face

da morte, eles não amaram a própria vida (Ap 12: 11). Isso significa que eles puderam resistir ao martírio, mas não abandonaram sua fé. Essas são as armas da igreja: o sangue de Jesus e Sua palavra. O diabo teme o sangue de Jesus, não o sangue dos mártires.

A perseguição do diabo à igreja é mais intensa na descrição dos versículos 13–17, e que se intensificará no período do fim, na Grande Tribulação. O v. 12 do cântico mostra isso: "Por isso, festejai, ó céus, e vós, os que neles habitais. Ai da terra e do mar, pois o diabo desceu até vós, cheio de grande cólera, sabendo que pouco tempo lhe resta".

Essa expressão: "pouco tempo lhe resta" se refere ao tempo da Grande Tribulação, quando ele terá seu poder liberado para perseguir a igreja, mas será um tempo limitado, pois seu destino será o lago de fogo.

V) O dragão volta a perseguir a igreja:

• Ap 12: 13-17: "Quando, pois, o dragão se viu atirado para a terra, perseguiu a mulher que dera à luz o filho varão; e foram dadas à mulher as duas asas da grande águia, para que voasse até ao deserto, ao seu lugar, aí onde é sustentada durante um tempo, tempos e metade de um tempo, fora da vista da serpente. Então, a serpente arrojou da sua boca, atrás da mulher, água como um rio, a fim de fazer com que ela fosse arrebatada pelo rio. A terra, porém, socorreu a mulher; e a terra abriu a boca e engoliu o rio que o dragão tinha arrojado de sua boca. Irou-se o dragão contra a mulher e foi pelejar com os restantes da sua descendência, os que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus; e se pôs em pé sobre a areia do mar".

Tanto após a ressurreição de Jesus, quanto ao longo desses milênios da igreja e quanto no final dos tempos, o dragão perseguiu e perseguirá a igreja (v.13), mas ela acaba sempre sendo protegida por Deus, e nos leva ao próximo raciocínio.

No v. 14 é mencionado novamente o deserto, como o foi no v.6, mas com um pouco mais de detalhes: "e foram dadas à mulher as duas asas da grande águia, para que voasse até ao deserto, ao seu lugar, aí onde é sustentada durante um tempo, tempos e metade de um tempo, fora da vista da serpente".

'As duas asas da grande águia' pode se referir a um grande livramento, onde o Senhor eleva a Sua igreja para um patamar espiritual mais alto e com bastante rapidez, onde Seus filhos podem se sentir mais protegidos junto a Ele e longe dos seus perseguidores de locais onde eles sofrem opressão. Isso ocorreu com o povo que saiu do Egito, onde eles

eram oprimidos e sua mentalidade de escravo não lhes permitia saber qual a decisão correta que deveriam tomar. Ao chegar ao Sinai e receber a lei de Deus, eles tiveram seu entendimento aberto para pensar de outra forma e, conseqüentemente, se sentirem mais conscientes do poder e da proteção do Seu Deus.

O deserto, como vimos, é um lugar de proteção de Deus para a Sua igreja, tanto faz se é espiritual ou físico, mesmo que seja por pouco tempo ('um tempo, tempos e metade de um tempo'), mas com certeza, é um tempo que Ele lhe dá para se refazer.

'Fora da vista da serpente' pode ser uma forma de dizer que o trabalho da igreja deixa de incomodar temporariamente a serpente; não é visto ou passa despercebido, por uma intervenção do próprio Deus.

• Ap 12: 15: "Então, a serpente arrojou da sua boca, atrás da mulher, água como um rio, a fim de fazer com que ela fosse arrebatada pelo rio".

'Água como um rio, a fim de fazer com que ela fosse arrebatada pelo rio' – aqui nós podemos notar que essas águas saem da boca da serpente e são águas volumosas, com o propósito de arrastar a mulher como acontece numa enxurrada ou inundação. Talvez pudéssemos aqui fazer um paralelismo com Noé, com a travessia do Mar Vermelho e até com o exílio na Babilônia (Is 43: 2).

Espiritualmente falando as águas simbolizaram, tanto para Noé quanto para Moisés como para os exilados na Babilônia, um período de grande aflição, uma grande dificuldade para se separar do mundo, das coisas velhas; encarar o novo e ter um novo começo, viver uma nova vida com Deus.

Águas muito volumosas como uma inundação nos lembram problemas, aflições, desafios e muitas coisas que vêm juntas de uma só vez sem dar tempo de nos refazer, que vêm nos embolando com o intuito de fazer com que percamos o controle.

No caso da serpente, ou seja, da perseguição do dragão à igreja, a bíblia fala neste versículo que essas águas saem da boca do dragão. Portanto, isso poderia ser interpretado como rumores, boatos, ameaças, acusações falsas e muitas situações confusas provenientes de palavras mal-intencionadas para levar a igreja no mesmo ritmo do mundo, para ser engolfada e arrastada junto com o mundo.

• Ap 12: 16: “A terra, porém, socorreu a mulher; e a terra abriu a boca e engoliu o rio que o dragão tinha arrojado de sua boca”.

Talvez, a ‘terra’ aqui possa ser uma ajuda de governos da terra que, de maneira simpatizante com a igreja de Cristo, dêem a ela uma sensação de solidez, através de leis ou apoio material que a impeçam de ser destruída de alguma forma pelas armas mundanas. Ou, então, Deus mesmo frustrará os planos malignos contra Sua igreja. Impossível saber o que é isso ou como isso vai se processar, mas o ensinamento principal é que o Senhor sempre vai dar um escape aos que são Seus. Todos os seres viventes estão debaixo da Sua autoridade e podem ser usados como Ele deseja para o Seu serviço. Não podemos nos esquecer que ao mesmo tempo em que a igreja é perseguida, as suas orações suscitam a intervenção de Deus e Seu socorro, então, Ele não apenas toca Suas trombetas, como também coloca Seus anjos a nosso serviço para ajudar nas nossas dificuldades. Anjos nos protegem, nos livram e nos servem.

• Ap 12: 17: “Irou-se o dragão contra a mulher e foi pelejar com os restantes da sua descendência, os que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus; e se pôs em pé sobre a areia do mar”.

Os santos que sobreviveram às primeiras provações continuarão a resistir às investidas do dragão.

Capítulo 13 –

• Ap 13: 1-10 (A besta que emerge do mar): "Vi emergir do mar uma besta que tinha dez chifres e sete cabeças e, sobre os chifres, dez diademas e, sobre as cabeças, nomes de blasfêmia. A besta que vi era semelhante a leopardo, com pés como de urso e boca como de leão. E deu-lhe o dragão o seu poder, o seu trono e grande autoridade. Então, vi uma de suas cabeças como golpeada de morte, mas essa ferida mortal foi curada; e toda a terra se maravilhou, seguindo a besta; e adoraram o dragão porque deu a sua autoridade à besta; também adoraram a besta, dizendo: Quem é semelhante à besta? Quem pode pelejar contra ela? Foi-lhe dada uma boca que proferia arrogâncias e blasfêmias e autoridade para agir quarenta e dois meses; e abriu a boca em blasfêmias contra Deus, para lhe difamar o nome e difamar o tabernáculo, a saber, os que habitam no céu. Foi-lhe dado, também, que pelejasse contra os santos e os vencesse. Deu-se-lhe ainda autoridade sobre cada tribo, povo, língua e nação; e adorá-la-ão todos os que habitam sobre a terra, aqueles cujos nomes não foram escritos no Livro da Vida do Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo. Se alguém tem ouvidos, ouça. Se alguém leva para cativeiro, para cativeiro vai. Se alguém matar à espada, necessário é que seja morto à espada. Aqui está a perseverança e a fidelidade dos santos".

No capítulo 13 é descrito o surgimento da besta do mar, o Anticristo, tentando mostrar-se poderoso e invencível (Ap 13: 4) e proferindo blasfêmias por um curto período de tempo (42 meses, ou seja, 3 ½ anos – Ap 13: 5) e perseguindo ferozmente os santos do Senhor (Ap 13: 7). Ao seu lado surge outra besta que emerge da terra (o falso profeta), que também opera sinais e maravilhas e apóia a besta do mar.

O Anticristo é chamado de: 'Pequeno chifre' por Daniel (Dn 7: 8); o 'abominável da desolação' por Jesus (Mt 24: 15; Mc 13: 14); o 'Homem da iniqüidade' ou 'o filho da perdição' ou 'o iníquo' por Paulo (2 Ts 2: 3; 8-9). Apenas João na sua epístola o chama de anticristo (1 Jo 2: 18; 22; 1 Jo 4: 3), e em Apocalipse o chama de 'besta' (mais especificamente, se referindo à besta do mar – Ap 13: 1).

O culto imperial, na província da Ásia Menor evidentemente sugeriu algumas de suas características a João.

O termo 'besta' vem do grego 'thêrion' (= animal perigoso), e é representado por um grande e feroz animal que, dentro do simbolismo bíblico, representa um poderoso reino, um grande império.

• Ap 13: 1-3: "Vi emergir do mar uma besta que tinha dez chifres e sete cabeças e, sobre os chifres, dez diademas e, sobre as cabeças, nomes de blasfêmia. A besta que vi era semelhante a leopardo, com pés como de urso e boca como de leão. E deu-lhe o dragão o seu poder, o seu trono e grande autoridade. Então, vi uma de suas cabeças como golpeada de morte, mas essa ferida mortal foi curada; e toda a terra se maravilhou, seguindo a besta".

Aqui João descreve a besta: semelhante a leopardo, com pés como de urso e boca como de leão. Ela também tinha dez chifres e sete cabeças e, sobre os chifres, dez diademas (NVI, 'coroas, uma sobre cada chifre') e, sobre as cabeças, nomes de blasfêmia (cf. Dn 7: 8; 11; 20; 24). Seus chifres são emprestados da quarta fera do livro de Daniel (Dn 7: 7); suas sete cabeças indicam que sua autoridade derivará do dragão (Ap 12: 3; Ap 12: 17).

Podemos notar uma semelhança na linguagem simbólica usada por João para descrever o dragão (Ap 12: 3): "Viu-se, também, outro sinal no céu, e eis um dragão, grande, vermelho, com sete cabeças, dez chifres e, nas cabeças, sete diademas". A besta do mar (Ap 13: 1) descrita aqui também tem "dez chifres e sete cabeças e, sobre os chifres, dez diademas e, sobre as cabeças, nomes de blasfêmia". E João confirma no v. 2b que seu poder vem do dragão: "E deu-lhe o dragão o seu poder, o seu trono e grande autoridade".

'Sete cabeças' e 'sete' diademas simbolizam o esplendor, poder e glória de Satanás como deus deste século (Ap 13: 1).

'Dez chifres' simbolizam sua abrangência universal, total sobre a terra e sua autoridade total sobre o reino das trevas; chifre é símbolo de poder.

Vamos nos lembrar da aparência dos animais vistos por Daniel (Dn 7: 1-28): leão com asas de águia nas costas (Dn 7: 4 = simbolizava a Babilônia), urso com três costelas na boca (simbolizava os reinos da Média e da Pérsia), leopardo com quatro asas de ave costas e quatro cabeças (Simboliza a Grécia), e o quarto animal com aparência espantosa e terrível, com grandes dentes de ferro, extremamente forte (Dn 7: 7), devorando tudo ao seu redor e portando em sua cabeça dez chifres (Dn 7: 7; Dn 7: 19; Dn 7: 24 = Roma).

Os três animais: o leopardo, o urso e o leão (encontrados em Dn 7: 4-6 como símbolos dos impérios que precederam Roma) infundiram todas as suas características nas qualidades do Império Romano: a rapidez de conquista dos macedônios (gregos), a força e a tenacidade (afinco, constância, obstinação) de propósito dos persas, e a voracidade babilônica. Após a sua queda, o Império Romano se transformou em reinos separados, cessando a forma imperial de governo. Mesmo assim, ele continuou a existir. A cabeça golpeada de morte simboliza a falta de um imperador para governá-lo. A profecia de Ap 13: 3 simboliza restauração da forma imperial de governo; mais do que um império confederado, a cabeça cuja ferida mortal foi curada significa que existe um imperador novamente (a Besta), portanto, o império foi restaurado.

Vários personagens na História foram considerados como Anticristo: para Daniel, ele foi personificado na pessoa de Antíoco IV Epifânio; Tito Vespasiano foi outro imperador considerado uma figura do Anticristo escatológico, pois destruiu Jerusalém e o Templo em 70 DC de forma bastante violenta e perseguiu os cristãos e os judeus. Para João, o Anticristo era Nero, pois supostamente incendiou Roma durante a noite de 18 para 19 de julho de 64, sendo que o incêndio durou cinco a seis dias, e depois culpou os cristãos. As opiniões divergem quanto a esse evento entre os escritores antigos: Suetônio, Dião Cássio, Tácito e outros. Depois da morte de Nero, surgiu uma lenda de que ele

ressuscitaria. Domiciano foi considerado o segundo Nero (Entre muitas atrocidades que cometeu, esse imperador exilou João na ilha de Patmos). No séc. XVI, o Anticristo era a figura do Papa, segundo o reformista João Calvino. A frase que está escrita em letras latinas na mitra do Papa, 'Vicarivs Filii Dei', i.e., 'Substituto do Filho de Deus' inspiraram essa visão entre os reformadores da igreja. Hitler e muitos outros governantes na Era Contemporânea também foram considerados 'anticristos', pois infundiram terror e morte, perseguiram a igreja e tentaram destruir o Cristianismo. Mas o Anticristo se levantará mesmo no final dos tempos, na época da segunda vinda de Jesus.

Portanto, para a época de João, a besta que emerge do mar significa um imperador do poderoso Império Romano. O mar representa o mundo, as nações incrédulas: Ap 17: 15: "Falou-me ainda: As águas que viste, onde a meretriz *[a cidade de Roma; a igreja apóstata, prostituída com as abominações mundanas]* está assentada, são povos, multidões, nações e línguas".

Mesmo que o espírito do anticristo já esteja entre nós (significando: a idéia, a força predominante, a índole, a tendência, o pensamento contrário a Cristo), o Anticristo só será conhecido em forma de um homem no período da Grande Tribulação. O espírito do anticristo é um sistema de governo, impérios, reis, um estado totalitário oposto à obra de Deus.

A Besta que emerge do mar (o Anticristo) exercerá a função de rei ou governante. Na 1ª metade, o Anticristo se mostrará favorável, tentando unificar países e pacificar o mundo e prometerá solução para os problemas mundiais, mas na 2ª metade ele revelará seu verdadeiro caráter. Ele vai unir todas as nações sob o seu poder econômico, político e militar contra a verdadeira Igreja de Cristo, mas o Messias (Jesus) vai derrotá-lo: A batalha de Armagedom – Não são quatro batalhas, mas uma só descrita de várias maneiras: Ap 16: 14b; 16; 17; 21; Ap 17: 14; Ap 19: 17-21; Ap 20: 7-10.

O Anticristo vai surgir no período da Grande Tribulação, num tempo de apostasia onde a fé e as coisas de Deus foram abandonadas em prol do misticismo e do sincretismo religioso e quando as pessoas estiverem vivendo em apatia e sonolência espiritual. Ele é o pequeno chifre descrito em Dn 7: 8. Ele aparecerá num tempo de grande turbulência política, social e religiosa; será um período de muita inquietação, terremotos, epidemias, fomes, guerras. Então, ele prometerá solução para os problemas mundiais.

Realizará grandes milagres, fará sinais e prodígios de mentira (2 Ts 2: 9-10), pois neste momento haverá falsos ensinos, heresia religiosa (2 Ts 2: 11) e as pessoas darão ouvidos a doutrinas de demônios, com muita literatura esotérica e mística. Com tantos prodígios, ele será objeto de adoração (Ap 13: 4).

Os únicos que se oporão a ele serão os que têm os nomes escritos no livro da Vida do Cordeiro (Ap 13: 8). Ele pelejará contra os santos e os vencerá (v.7).

Paulo escreveu sobre o homem da iniqüidade em 2 Ts 2: 6 e diz que tem algo que o detém; e no v. 7 ele diz que há alguém que o detém. O algo é a lei, por isso ele vai aparecer num tempo em que não há mais lei (anomia = falta de lei, desrespeito ou violação da lei); e aquele que agora o detém é quem faz a lei acontecer, ou seja, o governo institucionalizado. Por isso, ele surgirá quando não houver lei, quando houver confusão política e social e apostasia religiosa:

• 2 Ts 2: 6-12: "E, agora, sabeis o que o detém *[a lei, por isso ele vai aparecer num tempo em que não há mais lei (anomia = falta de lei, desrespeito ou violação da lei)],* para que ele seja revelado somente em ocasião própria".

• Ap 13: 11-18 (A besta que emerge da terra): "**11** Vi ainda outra besta emergir da terra; possuía dois chifres, parecendo cordeiro, mas falava como dragão. **12** Exerce toda a autoridade da primeira besta na sua presença. Faz com que a terra e os seus habitantes

adorem a primeira besta, cuja ferida mortal fora curada. **13** Também opera grandes sinais, de maneira que até fogo do céu faz descer à terra, diante dos homens. **14** Seduz os que habitam sobre a terra por causa dos sinais que lhe foi dado executar diante da besta, dizendo aos que habitam sobre a terra que façam uma imagem à besta, àquela que, ferida à espada, sobreviveu; e lhe foi dado comunicar fôlego *[vida]* à imagem da besta, para que não só a imagem falasse, como ainda fizesse morrer quantos não adorassem a imagem da besta. A todos, os pequenos e os grandes, os ricos e os pobres, os livres e os escravos, faz que lhes seja dada certa marca sobre a mão direita ou sobre a fronte, para que ninguém possa comprar ou vender, senão aquele que tem a marca, o nome da besta ou o número do seu nome. Aqui está a sabedoria. Aquele que tem entendimento calcule o número da besta, pois é número de homem. Ora, esse número é seiscentos e sessenta e seis".

O Anticristo (a besta que emerge do mar) será realmente manifesto (2 Ts 2: 3; 2 Ts 2: 7-12; Dn 9: 27; Dn 11: 31; Dn 12: 11) na pessoa de um líder político, um governante ímpio (Ap 13: 1-10 – simbolizando o Império romano, na época de João) aliado a dez reis, e auxiliado por um líder religioso, o falso profeta (A besta que emerge da terra – Ap 13: 11-15), no período da Grande Tribulação (Dn 9: 27; Dn 12: 1-2; Mt 24: 15-31; Mc 13: 3-27; Lc 21: 5-28; Ap 7: 14). Na 1ª metade, o Anticristo se mostrará favorável às nações, mas na 2ª metade ele revelará seu verdadeiro caráter. A besta que emerge do mar vai combinar a cultura da Grécia e a glória de Roma (como ocorreu com os imperadores do passado).

A besta que emerge da terra (O Falso Profeta) representa a religião apóstata.

Enquanto que os chifres da besta que emerge do mar (Ap 13: 1) são políticos (reis), atuando no mundo físico, o poder do falso profeta (A besta que emerge da terra) é 'manso', atua no âmbito espiritual, utilizando-se de piedade e persuasão, enganando as pessoas. Os dois chifres representam a estrutura de poder religioso que começou em Israel com o sacerdote e com o profeta; neste caso, a falsa profecia e o falso sacerdócio, por isso, Jesus falou sobre os falsos profetas. Pretendendo ser um cordeiro, o Falso Profeta é, na verdade, um lobo em pele de ovelha. Usará de prodígios de mentira (2 Ts 2: 9), virá a enganar as pessoas fazendo-os acreditar na besta (a besta do mar ou Anticristo: Ap 13: 1-10) como se ela fosse o Messias prometido. Israel, por exemplo, sempre viu o Messias como um líder físico, material, se manifestando com poder no mundo natural, um rei (semelhante a Davi, por exemplo) que um dia virá livrá-los do poder opressor dos gentios.

Ele vai unir todas as religiões sob uma mesma doutrina (sincretismo religioso), exigindo que o Anticristo seja adorado como um deus. Já podemos ver hoje esse sincretismo religioso citado acima nas seitas ocultistas misturadas com as doutrinas da igreja, nas seitas orientais se infiltrando no Ocidente, a influência cada dia maior do satanismo, das seitas que se valem da invocação de mortos e no culto dado ao homem (humanismo). O humanismo é uma perspectiva ou sistema de pensamento que atribui importância primordial aos assuntos humanos acima dos assuntos divinos ou sobrenaturais. As crenças humanistas enfatizam o valor potencial e a bondade dos seres humanos, enfatizam as necessidades humanas comuns e buscam apenas formas racionais de resolver os problemas humanos. O Falso Profeta vai fazer sinais e prodígios no engano e mentira:

• 2 Ts 2: 9: "Ora, o aparecimento do iníquo [aqui se refere ao Anticristo, o poder anticristão do mundo, aliado ao falso profeta, o poder anticristão do sistema religioso] é segundo a eficácia de Satanás, com todo poder (Grego: dunamis ou dunamei – δυναμει – Strong #g1411 = habilidade, poder para gerar milagres), e sinais (Grego: semeion = milagre, sinal, maravilha, símbolo, prova), e prodígios da mentira (prodígio, em grego: teras ou terata ou terasin = de afinidade incerta, um prodígio ou presságio, maravilha, um sinal, um símbolo, uma prova)".

• Ap 13: 12-15: "Exerce toda a autoridade da primeira besta na sua presença. Faz com que a terra e os seus habitantes adorem a primeira besta, cuja ferida mortal fora curada. Também opera grandes sinais, de maneira que até fogo do céu faz descer à terra, diante dos homens. Seduz os que habitam sobre a terra por causa dos sinais que lhe foi dado executar diante da besta, dizendo aos que habitam sobre a terra que façam uma imagem à besta, àquela que, ferida à espada, sobreviveu; e lhe foi dado comunicar fôlego à imagem da besta, para que não só a imagem falasse, como ainda fizesse morrer quantos não adorassem a imagem da besta".

• Ap 19: 20: "Mas a besta foi aprisionada, e com ela o falso profeta que, com os sinais feitos diante dela, seduziu aqueles que receberam a marca da besta e eram os adoradores da sua imagem. Os dois foram lançados vivos dentro do lago de fogo que arde com enxofre".

Mas o falso profeta só vai enganar aqueles que não aceitaram e nem vão aceitar Jesus como o Messias e Filho de Deus (Ap 13: 8, os que não estão inscritos no Livro da Vida do Cordeiro), pois a Igreja verdadeira, fiel a Cristo, aquelas pessoas que O aceitarem e O reconhecerem como Senhor e Salvador resistirão ao falso profeta e à Besta, não apostatarão.

Outra coisa que acho importante aqui é a palavra grega usada para 'terra' (5 vezes neste trecho de Ap 13: 11-18): 'ge' (γῆ, Strong #1093), que significa: a forma contraída de uma palavra primitiva com os significados de: solo, conseqüentemente, uma região, ou a parte sólida ou a totalidade do globo terrestre (incluindo seus ocupantes): a terra, solo, terra, região, país, habitantes de uma região, país, terra, chão, terra, mundo. Por conseguinte, nós podemos dizer aqui que pode se tratar da terra de Israel ou do planeta Terra, de maneira completa; as bestas terão domínio universal.

• Ap 13: 16-18 – menciona a marca da besta, que estará na fronte ou sobre a mão dos que não têm seus nomes escritos no Livro da Vida do Cordeiro. A bíblia diz: "A todos, os pequenos e os grandes, os ricos e os pobres, os livres e os escravos, faz *[está falando sobre o falso profeta, a besta da terra]* que lhes seja dada certa marca sobre a mão direita ou sobre a fronte (cf. Ap 14: 9), para que ninguém possa comprar ou vender, senão aquele que tem a marca, o nome da besta ou o número do seu nome (cf. Ap 15: 2). Aqui está a sabedoria. Aquele que tem entendimento calcule o número da besta, pois é número de homem. Ora, esse número é seiscentos e sessenta e seis".

Em hebraico, atribui-se um valor numérico definido a cada letra, o que se chama guematria ou gematriya (a numerologia judaica), onde uma palavra é o somatório dos valores das letras que a compõem. Esse é um método esotérico muito usado pela Cabala para explicar as Escrituras, ou seja, pelo valor numérico das palavras. Dessa forma, segundo os cálculos de letras hebraicas e gregas, alguns personagens na história tiveram seu nome calculado como 666. Por exemplo: Nero César, Domiciano, Hitler e a frase que está escrita na mitra do Papa em letras latinas, 'Vicarivs Filii Dei' ('substituto do Filho de Deus'), como consideraram os reformadores da Idade Média. Nada disso, entretanto, pode ser considerado como uma informação confiável. Só sabemos que 6 é o número do homem; para uns, é o número imperfeito, símbolo de fracasso, da maldade em grau superlativo, apesar de Satanás ter limitações (não pode tocar em Deus e nos que estão no céu; não pode gerar a apostasia nos verdadeiros crentes).

Na verdade, não se sabe o que é ou como é a marca da besta.

Sob a ótica da filosofia grega a carne era má, mas o espírito era bom (os maniqueístas do século IV e V, por exemplo, diziam isso). Por isso, João diz que quem não crê que Jesus Cristo veio em carne é o anticristo (1 Jo 4: 2-3). Os novos convertidos gentios da época de João não acreditavam que o Filho de Deus, que era bom, pudesse encarnar num corpo humano como o nosso.

Capítulo 14 –

• Ap 14: 1-5: "Olhei, e eis o Cordeiro em pé sobre o Monte Sião, e com ele cento e quarenta e quatro mil, tendo na fronte escrito o seu nome e o nome de seu Pai. Ouvi uma voz do céu como voz de muitas águas, como voz de grande trovão; também a voz que ouvi era como de harpistas quando tangem sua harpa. Entoavam novo cântico diante do trono, diante dos quatro seres viventes e dos anciãos. E ninguém pôde aprender o cântico, senão os cento e quarenta e quatro mil que foram comprados da terra. São estes os que não se macularam com mulheres, porque são castos. São eles os seguidores do Cordeiro por onde quer que vá. São os que foram redimidos dentre os homens, primícias para Deus e para o Cordeiro; e não se achou mentira na sua boca; não têm mácula".

Assim como há os capítulos introdutórios que precedem os juízos apresentados pela abertura dos sete selos e pelo tocar das sete trombetas, aqui também, precedendo a última série dos juízos, temos um capítulo introdutório.

O capítulo 14 inicia com a cena de Cristo e a igreja no céu ('O Cordeiro e Seus remidos no monte Sião'), ou seja, aqui se repete a imagem dos cento e quarenta e quatro mil (Ap 7: 4-8), que corresponde à totalidade dos salvos em toda a história da igreja; os salvos no AT e no NT e os que serão selados no período da Grande Tribulação (Ap 7: 3; Ap 9: 4 cf. Ez 9: 4-6; Ap 7: 13-14) com o selo do Pai e do Filho, ao invés de terem a marca da besta (Ap 13: 17); portanto, para serem preservados das calamidades que virão. No capítulo 7, João **ouve** o número dos cento e quarenta e quatro mil. No cap. 14 ele **vê** a totalidade da igreja. Aqui é claramente definido o local onde eles estão: na Jerusalém celestial, o céu, junto com o Cordeiro.

A bíblia também fala sobre o "Cordeiro em pé sobre o Monte Sião", o que se refere à Jerusalém celestial (única referência a Sião no Apocalipse – cf. Hb 12: 22), a igreja plena com Cristo na glória. Estes cento e quarenta e quatro mil já estão no céu. Por isso, a bíblia fala serem eles as 'Primícias' (cf. Hb 12: 23 – 'a igreja dos primogênitos'); porque são os que foram salvos no momento da ceifa e da vindima (Ap 14: 14-16 – a ceifa; 17-20 – a vindima), i.e., foram separados dos ímpios, o que corresponde à mesma cena de Ap 16: 16 (o arrebatamento da igreja, antes do Armagedom), antes que o Senhor traga a

punição descrita em Ap 16: 17, ou seja, o sétimo flagelo, e Sua cólera seja consumada sobre os ímpios.

"Entoavam novo cântico diante do trono, diante dos quatro seres viventes e dos anciãos. E ninguém pôde aprender o cântico, senão os cento e quarenta e quatro mil que foram comprados da terra" (Ap 14: 3) – este versículo significa o cântico de vitória (cf. Ap 5: 9-10) pela sua redenção por Cristo e só os que já estão no céu e os cento e quarenta e quatro mil comprados da terra podem cantá-lo.

"Comprados da terra" significa a Terra, de uma maneira geral, no período da Grande Tribulação.

Neste texto, a bíblia fala que "não se macularam com mulheres, porque são castos. São eles os seguidores do Cordeiro por onde quer que vá. São os que foram redimidos dentre os homens, primícias para Deus e para o Cordeiro; e não se achou mentira na sua boca; não têm mácula" (Ap 14: 4-5). São os mesmos cento e quarenta e quatro mil que foram selados (cap. 7) e que resistiram às mentiras e às investidas da besta, e não se deixaram corromper com a idolatria, se separando para Cristo e não negando o Seu nome.

"Primícias" significam todos os salvos para Deus ("a igreja dos primogênitos arrolados nos céus", descritos em Hb 12: 23), pois não se achou mentira na sua boca; não têm mácula, ou seja, são irrepreensíveis quanto ao testemunho de Cristo, têm pureza espiritual.

"São eles os seguidores do Cordeiro por onde quer que vá" – significa os que seguem Jesus até o fim, mesmo que seja até o martírio, e que estão agora com Ele em glória, ao lado da Sua pessoa, como uma recompensa pela sua fidelidade a Ele.

• Ap 14: 6-20 – Depois surgem anjos cujas vozes anunciam aos homens os juízos de Deus:

• Ap 14: 6-7 (A primeira voz): "Vi outro anjo voando pelo meio do céu, tendo um evangelho eterno para pregar aos que se assentam sobre a terra, e a cada nação, e tribo, e língua, e povo, dizendo, em grande voz: Temei a Deus e dai-lhe glória, pois é chegada a hora do seu juízo; e adorai aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas" – o anjo anuncia aos que habitam sobre a terra para temer a Deus e dar-lhe glória, pois chegou a hora do Seu juízo.

• Ap 14: 8 (A segunda voz): “Seguiu-se outro anjo, o segundo, dizendo: Caiu, caiu a grande Babilônia que tem dado a beber a todas as nações do vinho da fúria da sua prostituição” – outro anjo anuncia a queda da grande Babilônia (Ap 17: 5).

A palavra “Babilônia”, em Sumeriano, é escrito como kà-dingir-ra, que significa “porta de Deus”; e em hebraico é escrito como Bãbhel (Strong #894; Gn 10: 10; Gn 11: 9 – a torre de Babel), que provém da raiz hebraica bãlal (Strong #1101), significando “confusão” ou “mistura”. A antiga Babilônia na Mesopotâmia era o centro político, comercial e religioso de um império mundial. Era conhecido por seu luxo e decadência moral.

Hoje, mais do que a antiga cidade de Babilônia na Caldéia com as suas prostituições espirituais, ou a cidade de Roma vista pelo apóstolo João como o símbolo de tudo o que representava uma força contrária aos ensinamentos de Cristo, nós podemos dizer que Babilônia representa esta força anticristã, o sistema mundial confuso, perverso e profano, antagônico ao Reino de Deus, usando não apenas a religião (a igreja apóstata, prostituída com as abominações mundanas, isto é, o sistema religioso do Anticristo), mas também os

poderes seculares (como o sistema monetário mundial, o comércio e a política) para oprimir e tentar roubar a fé na palavra de Deus pregada por Jesus. Como no passado a Babilônia trouxe opressão e confusão sobre as pessoas, inclusive sobre o povo de Deus, ela traz hoje a mesma coisa, tentando oprimir e desviar os crentes do caminho que Deus traçou para eles. Os Principados e Potestades são os instrumentos do diabo para fazer isso. Muitos teólogos e historiadores resumem essa definição de Babilônia como: todo o sistema político, econômico e religioso do mundo em geral sob o domínio do Anticristo.

• Ap 14: 9-12 (A terceira voz): "Seguiu-se a estes outro anjo, o terceiro, dizendo, em grande voz: Se alguém adora a besta e a sua imagem e recebe a sua marca na fronte ou sobre a mão, também esse beberá do vinho da cólera de Deus, preparado, sem mistura, do cálice da sua ira, e será atormentado com fogo e enxofre, diante dos santos anjos e na presença do Cordeiro. A fumaça do seu tormento sobe pelos séculos dos séculos, e não têm descanso algum, nem de dia nem de noite, os adoradores da besta e da sua imagem e quem quer que receba a marca do seu nome. Aqui está a perseverança dos santos, os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus" – outro anjo anuncia a condenação da igreja apóstata. Esses beberão da cólera de Deus sem misericórdia. 'Fogo e enxofre' mostram a intensidade do sofrimento dos ímpios, tormento eterno.

• Ap 14: 13 (A quarta voz): "Então, ouvi uma voz do céu, dizendo: Escreve: Bem-aventurados os mortos que, desde agora, morrem no Senhor. Sim, diz o Espírito, para que descansem das suas fadigas, pois as suas obras os acompanham".

A voz desce do céu dizendo que bem-aventurados os que morrem em Cristo, pois eles deixam o corpo para habitar com o Senhor; são bem-aventurados porque descansam, enquanto os ímpios são atormentados.

• Ap 14: 14-16 (A ceifa): “Olhei, e eis uma nuvem branca, e sentado sobre a nuvem um semelhante a filho de homem, tendo na cabeça uma coroa de ouro e na mão uma foice afiada. Outro anjo saiu do santuário, gritando em grande voz para aquele que se achava sentado sobre a nuvem: Toma a tua foice e ceifa, pois chegou a hora de ceifar, visto que a seara da terra já amadureceu! E aquele que estava sentado sobre a nuvem passou a sua foice sobre a terra, e a terra foi ceifada” – a ceifa descreve a segunda vinda de Cristo para a colheita dos justos (Mt 13: 39; Mt 24: 29-31) e o joio sendo recolhido para a fornalha.

• Ap 14: 17-20 (A vindima): “Então, saiu do santuário, que se encontra no céu, outro anjo, tendo ele mesmo também uma foice afiada. Saiu ainda do altar outro anjo, aquele que tem autoridade sobre o fogo, e falou em grande voz ao que tinha a foice afiada, dizendo: Toma a tua foice afiada e ajunta os cachos da videira da terra, porquanto as suas uvas estão amadurecidas! Então, o anjo passou a sua foice na terra, e vindimou a videira da terra, e lançou-a no grande lagar da cólera de Deus. E o lagar foi pisado fora da cidade, e correu sangue do lagar até aos freios dos cavalos, numa extensão de mil e seiscentos estádios”.

A vindima (Ap 14: 17-20 cf. Is 63: 2-6) é o juízo contra os ímpios, seguidores da besta. A figura da vindima e das uvas pisadas reflete a cólera de Deus. Quem pisa esse lagar é o próprio Jesus.

O versículo 20 diz: "E o lagar foi pisado fora da cidade, e correu sangue do lagar até aos freios dos cavalos, numa extensão de mil e seiscentos estádios". Isso significa que a cólera de Deus atingirá todos os ímpios, toda a igreja apóstata (1.600 estádios romanos correspondem a trezentos quilômetros, a distância entre Dã a Berseba, em Israel). A altura dos freios dos cavalos indica uma altura considerável e, portanto, uma carnificina, uma grande vitória sobre o mal.

Quinta seção – Capítulos 15–16

O cântico dos remidos | Os sete flagelos | A derrota do Anticristo e do falso profeta

Quinta seção – Capítulos 15–16

Os cap. 15 e 16 mostram a visão de João dos remidos entoando o cântico de Moisés e do Cordeiro (Ap 15: 1-4) e os sete flagelos (as taças da cólera de Deus) que vão sendo derramados sobre a terra (15: 1 – 16: 21). Não há interlúdio entre os flagelos; são um atrás do outro. O fim do 6º flagelo se refere à batalha final, o Armagedom, o momento do arrebatamento da igreja e a derrota os reis e todos os que adoraram a besta, bem como o Anticristo e o falso profeta.

Capítulo 15 –

• Ap 15: 1-4: "Vi no céu outro sinal grande e admirável: sete anjos tendo os sete últimos flagelos, pois com estes se consumou a cólera de Deus. Vi como que um mar de vidro, mesclado de fogo, e os vencedores da besta, da sua imagem e do número do seu nome, que se achavam em pé no mar de vidro, tendo harpas de Deus; e entoavam o cântico de Moisés, servo de Deus, e o cântico do Cordeiro, dizendo: Grandes e admiráveis são as tuas obras, Senhor Deus, Todo-Poderoso! Justos e verdadeiros são os teus caminhos, ó Rei das nações! Quem não temerá e não glorificarão teu nome, ó Senhor? Pois só tu és santo; por isso, todas as nações virão e adorarão diante de ti, porque os teus atos de justiça se fizeram manifestos".

O capítulo 15 inicia com a visão de João dos remidos (Ap 15: 2) entoando o cântico de Moisés e do Cordeiro (Ap 15: 3-4). Antes de ver a cena do juízo final, o horror dos flagelos e escutar as blasfêmias dos ímpios, ele escutou o cântico dos remidos. João contempla as delícias dos salvos. Eles estão no mar de vidro diante do trono de Deus e O exaltam.

Trata-se do mesmo cântico de louvor. O Cântico do Cordeiro é o cântico da libertação espiritual do pecado e das mãos de Satanás, como o de Moisés foi de Faraó. Quando se fala 'besta' (Ap 15: 2), a bíblia não está se referindo apenas ao personagem escatológico, mas a toda a história da Igreja, quando o Anticristo (Césares romanos, por exemplo) foi

assessorado pelo sistema religioso corrompido, que a bíblia chama de 'A Grande Babilônia'.

• Ap 15: 5-8: "Depois destas coisas, olhei, e abriu-se no céu o santuário do tabernáculo do Testemunho (Êx 40: 34), e os sete anjos que tinham os sete flagelos saíram do santuário, vestidos de linho puro e resplandecente e cingidos ao peito com cintas de ouro. Então, um dos quatro seres viventes deu aos sete anjos sete taças de ouro, cheias da cólera de Deus, que vive pelos séculos dos séculos. O santuário se encheu de fumaça procedente da glória de Deus e do seu poder (cf. 1 Rs 8: 10-11; 2 Cr 5: 13-14; Ez 10: 3-4 – 'nuvem'; Is 6: 4 – 'fumaça'), e ninguém podia penetrar no santuário, enquanto não se cumprissem os sete flagelos dos sete anjos".

O Tabernáculo de Moisés e o Templo de Salomão são figuras de linguagem para representar a glória de Deus, a Sua presença com Seus remidos. A fumaça é esse símbolo, como apareceu no tabernáculo para o povo de Deus no deserto, quando Salomão consagrou o templo em Jerusalém e quando Isaías recebeu seu chamado.

Do santuário saem Seus representantes no mundo. Eles descem com as taças da cólera de Deus. Este é o momento de Deus enviar os flagelos. Agora, já não há mais tempo para intercessão nem arrependimento. O pecador não tem mais chance.

Como eu falei no início, os selos são símbolos de problemas, sofrimento e perseguição; o mundo perseguindo a igreja. As trombetas significam o juízo parcial de Deus ao mundo que persegue a igreja. É a mão de Deus agindo na História pela oração da igreja e mandando um alerta. Ainda neste ponto, Seu juízo é temperado com a misericórdia, Ele dá chance do homem se arrepender.

As trombetas não são sucessivas dos selos, mas paralelas aos selos, ou seja, o mundo pode perseguir a igreja, mas com a oração dela Deus age e faz Seu juízo parcial, traz o Seu alerta ao pecador (Ap 8: 5).

Os flagelos (taças) se referem ao juízo de Deus sem misericórdia contra os ímpios, como em Sodoma e Gomorra e no Egito. Não há interlúdio entre os flagelos; são um atrás do outro. É a figura do juízo de Deus sobre os seguidores da besta.

O fim do 6º flagelo se refere à batalha final, o Armagedom, o momento do arrebatamento da igreja e a derrota dos servos do dragão: os que adoraram a besta e os reis que se ajuntaram para a peleja contra Deus, bem como o Anticristo e o falso profeta.

Quando na História as trombetas não agem nos ímpios, Deus não os deixará impunes. A ira de Deus vai sendo acumulada como que em taças até atingir o limite. O juízo de Deus virá e não haverá mais arrependimento nem chance. A bíblia se refere a isso no AT com o nome de 'o cálice da ira de Deus': Is 51: 17; Is 51: 22-23; Jr 25: 15-16.

Trombetas e taças (flagelos) tratam do mesmo período, ou seja, não se restringe apenas aos dias que antecedem a segunda vinda de Cristo. Na história da Igreja, as trombetas e as taças ocorreram, i.e., os que morreram e morrem hoje sem Cristo recebem as taças da ira de Deus; sua condenação já está selada.

As duas seções (trombetas e taças) terminam com o juízo final. A colheita e a vindima (Ap 14: 14-20), o sétimo flagelo (Ap 16: 17-20) referem-se à segunda vinda de Cristo, quando a ira de Deus é consumada. Depois o juízo de Deus (Ap 20: 11-15).

João vê sete anjos com taças e cada um deles vai derramando-as sobre a terra (15: 1 – 16: 21). As taças atingem toda a terra, os rios, os mares, o ar e os homens, não mais 1/3 como foram as trombetas.

Capítulo 16 –

A interpretação neste capítulo não é necessariamente literal; provavelmente são figuras de linguagem, mostrando que o homem não terá lugar de amparo. Os selados pela besta estão debaixo da ira de Deus. Este capítulo mostra a destruição de criaturas e natureza. Mesmo sofrendo, os ímpios não se arrependem; da mesma forma que aconteceu com Faraó. O fim do 6º flagelo se refere à batalha final, o Armagedom, o momento do arrebatamento da igreja. Aqui são descritos os flagelos:

1º flagelo: úlceras malignas e perniciosas (cf. Êx 9: 10).

• Ap 16: 1-2: "Ouvi, vinda do santuário, uma grande voz, dizendo aos sete anjos: Ide e derramai pela terra as sete taças da cólera de Deus. Saiu, pois, o primeiro anjo e derramou a sua taça pela terra, e, aos homens portadores da marca da besta e adoradores da sua imagem, sobrevieram úlceras malignas e perniciosas".

2º flagelo: mar se transformou em sangue e toda criatura marinha morreu. 'Sangue' nas águas significa que já não há vida sobre a Terra (rios, fontes e mares não têm mais vida aquática).

• Ap 16: 3: "Derramou o segundo a sua taça no mar, e este se tornou em sangue como de morto, e morreu todo ser vivente que havia no mar".

3º flagelo: rios e fontes de água se transformam em sangue (cf. Êx 7: 17-21).

• Ap 16: 4-7: "Derramou o terceiro a sua taça nos rios e nas fontes das águas, e se tornaram em sangue. Então, ouvi o anjo das águas dizendo: Tu és justo, tu que és e que eras, o Santo, pois julgaste estas coisas; porquanto derramaram sangue de santos e de profetas, também sangue lhes tens dado a beber; são dignos disso. Ouvi do altar que se dizia: Certamente, ó Senhor Deus, Todo-Poderoso, verdadeiros e justos são os teus juízos".

'Sangue' significa que já não há vida sobre a Terra porque rios, fontes e mares se transformaram em sangue. Aqui, não apenas o anjo que derramou a taça dá glória a Senhor, como também as almas daqueles sob o altar do holocausto que está na presença de Deus.

4º flagelo: os homens são queimados com fogo (v. 8 – 'com intenso calor'). Isso se refere à intensidade do calor que a Terra recebe do sol.

• Ap 16: 8-9: "O quarto anjo derramou a sua taça sobre o sol, e foi-lhe dado queimar os homens com fogo. Com efeito, os homens se queimaram com o intenso calor, e blasfemaram o nome de Deus, que tem autoridade sobre estes flagelos, e nem se arrependeram para lhe darem glória".

5º flagelo: o reino da besta se torna em trevas (cf. Êx. 10: 21).

• Ap 16: 10-11: "Derramou o quinto a sua taça sobre o trono da besta, cujo reino se tornou em trevas, e os homens remordiam a língua por causa da dor que sentiam e blasfemaram o Deus do céu por causa das angústias e das úlceras que sofriam; e não se arrependeram de suas obras".

6º flagelo: o rio Eufrates se secou (cf. Is 11: 15-16) –

• Ap 16: 12-16: "Derramou o sexto a sua taça sobre o grande rio Eufrates, cujas águas secaram, para que se preparasse o caminho dos reis que vêm do lado do nascimento do sol. Então, vi sair da boca do dragão, da boca da besta e da boca do falso profeta três espíritos imundos semelhantes a rãs; porque eles são espíritos de demônios, operadores de sinais, e se dirigem aos reis do mundo inteiro com o fim de ajuntá-los para a peleja do grande Dia do Deus Todo-Poderoso. (Eis que venho como vem o ladrão. Bem-aventurado aquele que vigia e guarda as suas vestes, para que não ande nu, e não se veja a sua vergonha). Então, os ajuntaram no lugar que em hebraico se chama Armagedom".

Secar rio Eufrates significa preparar o caminho dos reis que vêm do Oriente para a peleja do Armagedom. Pode representar a remoção do impedimento à marcha do poder ímpio do mundo na direção da Terra Santa. O rio Eufrates era limite leste da terra dada a Abraão por Deus. Isso significa que não há mais barreiras ao invasor. Neste trecho, fica clara a presença de espíritos imundos (demônios semelhantes a rãs: 'espíritos operadores de sinais') tomando os governantes da terra.

No momento mais crítico da igreja o Senhor vem e faz Seu juízo contra os ímpios. Sua vinda é inesperada.

Aqui ocorre o arrebatamento da igreja, a batalha de vitória triunfal de Cristo sobre todas as forças opositoras, a batalha final chamada Armagedom.

7º flagelo:

• Ap 16: 17-21: "Então, derramou o sétimo anjo a sua taça pelo ar, e saiu grande voz do santuário, do lado do trono, dizendo: Feito está! E sobrevieram relâmpagos, vozes e trovões, e ocorreu grande terremoto, como nunca houve igual desde que há gente sobre a terra; tal foi o terremoto, forte e grande. E a grande cidade se dividiu em três partes, e caíram as cidades das nações. E lembrou-se Deus da grande Babilônia para dar-lhe o cálice do vinho do furor da sua ira. Todas as ilhas fugiram, e os montes não foram achados; também desabou do céu sobre os homens grande saraivada, com pedras que pesavam cerca de um talento; e, por causa do flagelo da chuva de pedras, os homens blasfemaram de Deus, porquanto o seu flagelo era sobremodo grande".

Agora vem a cólera de Deus sobre o ímpio, após o arrebatamento da igreja. Neste ponto, o sistema mundano opositor a Deus entra em crise e colapso pela ação do próprio Deus. No versículo 17, João ouve uma voz vinda do trono, dizendo: 'Feito está!', ou seja, 'Está consumado!', a cortina da História fechou e entra a cena do juízo.

Essa vitória triunfal de Cristo sobre todas as forças opositoras é colocada de forma figurada (v. 17-19): Sua ira está dirigida contra o ar ('relâmpagos, vozes e trovões, grande terremoto', culminando com enormes pedras de gelo caindo do céu – v. 18-21), sobre as cidades das nações gentias ('as cidades das nações') e 'a grande cidade', que segundo alguns teólogos pode se referir a Roma, 'a grande Babilônia' (v. 19), mas parece se referir ao sistema mundial anticristão e a igreja apóstata, opositores de Deus.

Sexta seção – Capítulos 17–19

A queda da besta, do falso profeta e da meretriz (A grande Babilônia) | A volta de Cristo

Sexta seção – Capítulos 17–19

Essa seção fala sobre a queda da besta (o Anticristo) e do falso profeta; julgamentos também são pronunciados contra a mulher vestida de escarlata (a meretriz), que é outra figura de linguagem usada para a Babilônia (Ap 17: 1 – Ap 18: 1-24), e há júbilo no céu por causa da sua queda (Ap 19: 1-10). Cristo volta visivelmente para a batalha do Armagedom, montado em Seu cavalo branco e seguido pelo seu séquito (Ap 19: 11-21). Podemos notar que nos capítulos 12 e 13 eles se levantaram em uma ordem: 1º o dragão, em 2º o Anticristo e em 3º o falso profeta. Agora, caem em ordem inversa: os selados pela besta, depois a Grande Babilônia (o sistema mundial anticristão e a igreja apóstata), o Anticristo e o falso profeta e, por último, o dragão (cap. 20 – próxima seção).

A palavra "Babilônia", em Sumeriano, é escrito como kà-dingir-ra, que significa "porta de Deus"; e em hebraico é escrito como Bãbhel (Strong #894; Gn 10: 10; Gn 11: 9 – a torre de Babel), que provém da raiz hebraica bãlal (Strong #1101), significando "confusão" ou "mistura". A antiga Babilônia na Mesopotâmia era o centro político, comercial e religioso de um império mundial. Era conhecido por seu luxo e decadência moral. Hoje, mais do que a antiga cidade de Babilônia na Caldéia com as suas prostituições espirituais, ou a cidade de Roma vista pelo apóstolo João como o símbolo de tudo o que representava uma força contrária aos ensinamentos de Cristo, nós podemos dizer que Babilônia representa esta força anticristã, o sistema mundial confuso, perverso e profano, antagônico ao Reino de Deus, usando não apenas a religião (a igreja apóstata, prostituída com as abominações mundanas, isto é, o sistema religioso do Anticristo), mas também os poderes seculares (como o sistema monetário mundial, o comércio e a política) para oprimir e tentar roubar a fé na palavra de Deus pregada por Jesus. Como no passado a Babilônia trouxe opressão e confusão sobre as pessoas, inclusive sobre o povo de Deus, ela traz hoje a mesma coisa, tentando oprimir e desviar os crentes do caminho que Deus traçou para eles. Os Principados e Potestades são os instrumentos do diabo para fazer isso. Muitos teólogos e historiadores resumem essa definição de Babilônia como: todo o sistema político, econômico e religioso do mundo em geral sob o domínio do Anticristo.

Capítulo 17 –

No capítulo 17 João vê e descreve a grande meretriz, também chamada de Babilônia, a Grande. A imagem figurada a descreve como uma meretriz, portanto, não apenas o sistema mundial profano, mas a igreja apóstata em contraste com a noiva de Cristo (cap. 22).

Aqui, João dá mais ênfase à parte religiosa deste sistema anticristão perverso, o sistema eclesiástico de Satanás, a religião prostituída com as abominações mundanas, o sistema religioso que fala em nome de Deus, num sincretismo que leva a humanidade à falsa salvação e a apostatar da fé.

• Ap 17: 1-18:

1 Veio um dos sete anjos que têm as sete taças e falou comigo, dizendo: Vem, mostrar-te-ei o julgamento da grande meretriz que se acha sentada sobre muitas águas,

2 com quem se prostituíram os reis da terra; e, com o vinho de sua devassidão, foi que se embebedaram os que habitam na terra.

3 Transportou-me o anjo, em espírito, a um deserto e vi uma mulher montada numa besta escarlate, besta repleta de nomes de blasfêmia, com sete cabeças e dez chifres.

4 Achava-se a mulher vestida de púrpura e de escarlata, adornada de ouro, de pedras preciosas e de pérolas, tendo na mão um cálice de ouro transbordante de abominações e com as imundícias da sua prostituição.

5 Na sua fronte, achava-se escrito um nome, um mistério: BABILÔNIA, A GRANDE, A MÃE DAS MERETRIZES E DAS ABOMINAÇÕES DA TERRA.

6 Então, vi a mulher embriagada com o sangue dos santos e com o sangue das testemunhas de Jesus; e, quando a vi, admirei-me com grande espanto.

7 O anjo, porém, me disse: Por que te admiraste? Dir-te-ei o mistério da mulher e da besta que tem as sete cabeças e os dez chifres e que leva a mulher:

8 a besta que viste, era e não é, está para emergir do abismo e caminha para a destruição. E aqueles que habitam sobre a terra, cujos nomes não foram escritos no Livro da Vida desde a fundação do mundo, se admirarão, vendo a besta que era e não é, mas aparecerá.

9 Aqui está o sentido, que tem sabedoria: as sete cabeças são sete montes, nos quais a mulher está sentada. São também sete reis,

10 dos quais caíram cinco, um existe, e o outro ainda não chegou; e, quando chegar, tem de durar pouco.

11 E a besta, que era e não é, também é ele, o oitavo rei, e procede dos sete, e caminha para a destruição.

12 Os dez chifres que viste são dez reis, os quais ainda não receberam reino, mas recebem autoridade como reis, com a besta, durante uma hora.

13 Têm estes um só pensamento e oferecem à besta o poder e a autoridade que possuem.

14 Pelejarão eles contra o Cordeiro, e o Cordeiro os vencerá, pois é o Senhor dos senhores e o Rei dos reis; vencerão também os chamados, eleitos e fiéis que se acham com ele.

15 Falou-me ainda: As águas que viste, onde a meretriz está assentada, são povos, multidões, nações e línguas.

16 Os dez chifres que viste e a besta, esses odiarão a meretriz, e a farão devastada e despojada, e lhe comerão as carnes, e a consumirão no fogo.

17 Porque em seu coração incutiu Deus que realizem o seu pensamento, o executem à uma e dêem à besta o reino que possuem, até que se cumpram as palavras de Deus.

18 A mulher que viste é a grande cidade que domina sobre os reis da terra.

• Ap 17: 1-4: "Veio um dos sete anjos que têm as sete taças e falou comigo, dizendo: Vem, mostrar-te-ei o julgamento da grande meretriz que se acha sentada sobre muitas águas, com quem se prostituíram os reis da terra; e, com o vinho de sua devassidão, foi que se embebedaram os que habitam na terra. Transportou-me o anjo, em espírito, a um deserto e vi uma mulher montada numa besta escarlate, besta repleta de nomes de blasfêmia, com sete cabeças e dez chifres. Achava-se a mulher vestida de púrpura e de escarlata, adornada de ouro, de pedras preciosas e de pérolas, tendo na mão um cálice de ouro transbordante de abominações e com as imundícias da sua prostituição".

A mulher identificada como meretriz é vista no deserto, sentada sobre uma besta de cor escarlate. A descrição da besta de cor escarlate a associa claramente com a besta do mar, o Anticristo (ou a besta do abismo – cf. Dn 7: 3; 20-21; 25; Ap 11: 7; Ap 13: 1; 5-7; Ap 17: 3; 8), enquanto eles perseguem ferozmente o povo de Deus (v. 13-14). Como o dragão, esta besta também tem a cor vermelha (Ap 12: 3).

Ela está assentada sobre 'muitas águas', o que quer dizer que essa religião apóstata e misturada com o sistema profano anticristão do mundo tem uma influência mundial (cf. v. 15: "Falou-me ainda: As águas que viste, onde a meretriz está assentada, são povos, multidões, nações e línguas").

"Achava-se a mulher vestida de púrpura e de escarlata, adornada de ouro, de pedras preciosas e de pérolas, tendo na mão um cálice de ouro transbordante de abominações e com as imundícias da sua prostituição" – isso mostra sua riqueza, ostentação, tentando impressionar o mundo e seduzindo as pessoas do mundo.

• Ap 17: 5: "Na sua fronte, achava-se escrito um nome, um mistério: BABILÔNIA, A GRANDE, A MÃE DAS MERETRIZES E DAS ABOMINAÇÕES DA TERRA". Isso é uma comparação interessante com o costume da Roma antiga, onde as prostitutas carregavam seu nome na fronte. A religião falsa, ou seja, a adoração a outros deuses, que não apenas ao único e verdadeiro Deus, é chamada por Ele de prostituição espiritual. A palavra 'mistério' está explicada no v. 7-8.

• Ap 17: 6: "Então, vi a mulher embriagada com o sangue dos santos e com o sangue das testemunhas de Jesus; e, quando a vi, admirei-me com grande espanto".

A mulher chamada de Babilônia está embriagada com o sangue dos santos e dos mártires cristãos (Mt 24: 21), assim como pelo vinho da sua prostituição (Ap 17: 2). Tanto a violência quanto a prostituição são repugnantes ao Senhor, pois perseguem o povo de Deus. Nesse versículo o ódio da mulher pelo cristianismo fica claro. Estar embriagada com o sangue dos santos indica uma época de um massacre fora do comum. O Império Romano prestava culto aos imperadores. Os cristãos se opuseram; então, veio o martírio. Roma Papal sob o regime da inquisição condenou milhões de fiéis à morte. No século XX, as guerras mundiais, com o Holocausto, conseqüentemente, 'a cortina e ferro' e 'a cortina de bambu' e os países islâmicos com suas perseguições ao cristianismo levaram milhões de fiéis a Cristo à morte.

• Ap 17: 7-8: "O anjo, porém, me disse: Por que te admiraste? Dir-te-ei o mistério da mulher e da besta que tem as sete cabeças e os dez chifres e que leva a mulher: a besta que viste, era e não é, está para emergir do abismo e caminha para a destruição. E aqueles que habitam sobre a terra, cujos nomes não foram escritos no Livro da Vida desde a fundação do mundo, se admirarão, vendo a besta que era e não é, mas aparecerá".

Para a época de João, a besta que emerge do mar, ou do abismo (é a mesma entidade), significa o poderoso Império Romano; para as demais épocas, foi representado por muitos impérios pagãos. No caso do Anticristo escatológico, um estado totalitário oposto à obra de Deus.

Isso significa que a visão deste texto não é apenas para os dias de João, nem apenas para a Idade Média, por exemplo, mas para toda a história da igreja e para os tempos do fim. Os imperadores romanos incorporaram, por assim dizer, o espírito do anticristo, pois se levantaram contra Deus e Sua doutrina trazida por Jesus ("A besta que viste, era e não é, está para emergir do abismo e caminha para a destruição"). Mas ainda não se personificou no Anticristo escatológico, que trará a vitória final de Cristo sobre o mal. O Anticristo só terá poder sobre aqueles que não têm seus nomes escritos no Livro da Vida do Cordeiro.

• Ap 17: 9-10 – "Aqui está o sentido, que tem sabedoria: as sete cabeças são sete montes, nos quais a mulher está sentada. São também sete reis, dos quais caíram cinco, um existe, e o outro ainda não chegou; e, quando chegar, tem de durar pouco".

Como vimos anteriormente, 'bestas' (animais de aparência terrível) são símbolos de impérios. O anjo lhe disse que as sete cabeças são sete montes e também sete reis.

'Montes' pode ser uma referência às sete colinas ao longo do rio Tibre, uma designação bem conhecida da cidade de Roma ("nos quais a mulher está sentada"), influenciando povos, multidões, nações e línguas, mas pode se referir também aos sucessivos impérios mundiais, já que montes são símbolos de reinos e impérios da terra (Sl 30: 7; Jr 51: 25; Dn 2: 35; 44-45). O Anticristo se incorporou nos imperadores romanos, mas também pode se referir aos impérios que já passaram (antes do império Romano) e também caíram, e aos que ainda vêm.

"Caíram cinco" – além dos sete montes se referirem às sete colinas de Roma, sobre a qual a religião corrompida está sentada, as sete cabeças, os sete montes, simbolizam os grandes impérios da História que já passaram: Egito, Assíria, Babilônia, Pérsia e Grécia.

"Um existe" significa o Império Romano, no qual João estava inserido e que duraria materialmente até o século XV (1453), mas continuaria a exercer sua influência espiritual.

"E o outro ainda não chegou; e, quando chegar, tem de durar pouco" – o sétimo rei ou reino. Isso está ligado aos próximos versículos (v. 11-12), sobre os dez reis:

• Ap 17: 11-12: "E a besta, que era e não é, também é ele, o oitavo rei, e procede dos sete, e caminha para a destruição. Os dez chifres que viste são dez reis, os quais ainda não receberam reino, mas recebem autoridade como reis, com a besta, durante uma hora".

Significa que o espírito anticristão se materializou em vários governantes ao longo da História, mas ainda não é o personagem real, o 8º rei, que desencadeará a volta de Cristo e a restauração de todas as coisas, ou seja, o Anticristo escatológico. Os dez reis (os dez reis contemporâneos) serão os reinos do mundo ('o sétimo rei' ou 'o sétimo reino') que darão suporte ao Anticristo escatológico, mas terão pouco tempo de duração ('Uma hora') e deles surgirá o Anticristo ('o 8º rei'), que reivindicará honra e soberania total. Eles todos se reunirão contra o Cordeiro para o Armagedom (v. 14), mas serão destruídos, da mesma forma que o Anticristo será morto pela espada que sai da boca de Jesus ("e caminha para a destruição"). Podemos pensar que o sétimo império mundial é uma espécie de império romano revitalizado sobre o qual o Anticristo estabelece a autoridade imperial de um ditador, e se tornará o 8º e último rei exigindo autoridade universal.

• Ap 17: 13-14: "Têm estes um só pensamento e oferecem à besta o poder e a autoridade que possuem. Pelejarão eles contra o Cordeiro, e o Cordeiro os vencerá, pois é o Senhor dos senhores e o Rei dos reis; vencerão também os chamados, eleitos e fiéis que se acham com ele".

Os dez reis que ainda não receberam a coroa são os dez reis contemporâneos. Quando João escreveu sobre a besta do mar em Ap 13: 3 ("Então, vi uma de suas cabeças como golpeada de morte, mas essa ferida mortal foi curada; e toda a terra se maravilhou, seguindo a besta"), ele estava dizendo que o poderoso Império Romano (a besta que emerge do mar, na figura de um líder e um império confederado) mesmo depois de dividido e fragmentado entre muitas nações e sem um único imperador para governar ('a cabeça golpeada de morte'), no futuro encontrará restauração da sua forma imperial de governo, pois terá um imperador novamente (a Besta).

Esses reis receberão o poder por pouco tempo ('durante uma hora') e darão suporte ao Anticristo. Vão se unir (Batalha do Armagedom) para pelejar contra o Cordeiro, mas não prevalecerão. Isso significa o mundo em colapso e derrotado na 2ª vinda de Cristo. A igreja acompanha a vitória do Cordeiro (v. 14). A igreja são os eleitos de Deus, os fiéis a Ele, os que crêem; que buscam santidade e a vida com Deus; portanto, são irrepreensíveis.

• Ap 17: 15: "Falou-me ainda: As águas que viste, onde a meretriz está assentada, são povos, multidões, nações e línguas".

Da mesma forma que João usa duas figuras de linguagem para descrever a igreja de Cristo ('noiva' e cidade, a 'nova Jerusalém'), ele também usa duas imagens para descrever a igreja apóstata, corrompida: 'Babilônia' e 'meretriz'. Aqui fica claro que a meretriz é conhecida pela sua influência mundial ("assentada sobre muitas águas, i.e., nações, povos, multidões e línguas); portanto, ela age no mundo e usa a cultura do mundo; é o sistema eclesiástico de Satanás que fala em nome de Deus, está misturada num sincretismo religioso e político que leva pessoas à apostasia e à falsa salvação. Mas ela não é neutra, ela se opõe a Deus, ela é anticristã. Roma tolerava todos os deuses das nações, mas não tolerou o Cristianismo verdadeiro; por isso perseguiu os cristãos.

Prosseguindo na sua descrição da meretriz, João mostra que ela é conhecida também pela riqueza, vaidade, pompa, arrogância, prostituição espiritual, violência, crueldade, sede de conquista, ganância e ostentação de poder e uma ambição sem limites, querendo atingir as multidões e impressionar o mundo pela sua aparência (v.4-5). Nesse ponto, a cidade de Roma no tempo dos imperadores ou a cidade de Babilônia de Nabucodonosor não eram diferentes da cidade de Nínive do tempo dos assírios, descrita por Sofonias e Naum: uma cidade arrogante e muito confiante em si mesma, sanguinária (pois vivia da guerra e de seus despojos), conhecida por sua crueldade, cheia de mentiras e de roubo (Na 3: 1) e de prostituição espiritual pela infinidade de deuses com os quais ela corrompia as outras nações; 'mestra de feitiçarias', que desencaminhava muitos povos (Na 3: 4); cidade mercantilista (Na 3: 16), gananciosa e insaciável, que devorava o que via pela frente (Na 3: 17). Da mesma forma que a Babilônia, a cidade de Nínive tinha um grande suprimento de água e uma riqueza muito grande (Na 2: 2-4; 7-9).

• Ap 17: 16-17: "Os dez chifres que viste e a besta, esses odiarão a meretriz, e a farão devastada e despojada, e lhe comerão as carnes, e a consumirão no fogo. Porque em seu coração incutiu Deus que realizem o seu pensamento, o executem à uma e dêem à besta o reino que possuem, até que se cumpram as palavras de Deus".

Deus provocará uma guerra interna no reino da besta, ou seja, os reis se voltarão contra a meretriz (Ap 17: 16-17) porque Deus incutiu essa idéia nos pensamentos deles (v.17), e eles irão destruí-la totalmente.

O Anticristo, o homem da iniqüidade, cujo poder político sempre foi oposto a Deus ao longo dos séculos, e com maior intensidade no final dos tempos, usa a religião de acordo com suas conveniências, mas no fim se voltará contra a religião apóstata e a destruirá. As religiões que apóiam o Anticristo também vão ser destruídas por ele. Ele procurará uma única religião. Ele se posicionará como rei supremo e como um deus (no lugar do Deus verdadeiro – cf. Dn 11: 36; Mt 24-15; 2 Ts 2: 4).

• Ap 17: 16: "Os dez chifres que viste e a besta, esses odiarão a meretriz, e a farão devastada e despojada, e lhe comerão as carnes, e a consumirão no fogo" – Como essa descrição é parecida com a do juízo de Deus sobre a Babilônia (Ap 18: 8), parece que o Senhor usa soberanamente os exércitos da besta como Seu instrumento de juízo sobre o reino do Anticristo (cap. 18) antes que eles mesmos sejam destruídos (Ap 19: 19-21). Como foi Deus mesmo que incutiu essa divisão (Ap 17: 16-17), isso prova a Sua soberania. Ele nunca perdeu o controle sobre a História.

• Ap 17: 18: "A mulher que viste é a grande cidade que domina sobre os reis da terra".

Como já expliquei acima, a mulher na visão de João (v. 1-6) é Roma, símbolo da grande cidade da Babilônia (Ap 16: 19) e também a antiga mãe das prostituições (Ap 17:

5). Dessa forma, a influência Satânica dessa cidade sobre os líderes mundiais continuou desde Babel, através da Babilônia até Roma (v. 9-10), sua clássica manifestação no primeiro século depois de Cristo.

Capítulo 18 –

No capítulo 18 João ouve quatro vozes:

1) Condenação: v. 1-3: "Depois destas coisas, vi descer do céu outro anjo, que tinha grande autoridade, e a terra se iluminou com a sua glória. Então, exclamou com potente voz, dizendo: Caiu! Caiu a grande Babilônia e se tornou morada de demônios, covil de toda espécie de espírito imundo e esconderijo de todo gênero de ave imunda e detestável, pois todas as nações têm bebido do vinho do furor da sua prostituição. Com ela se prostituíram os reis da terra. Também os mercadores da terra se enriqueceram à custa da sua luxúria".

O anjo anuncia a queda da grande Babilônia. Na mente de Deus já é um fato escatológico consumado. Por causa da sua devassidão e prostituição (adoração ao dinheiro e ao poder em oposição ao Deus verdadeiro) ela será totalmente destruída, entrará em colapso.

2) Separação: v. 4-8: "Ouvi outra voz do céu, dizendo: Retirai-vos dela, povo meu, para não serdes cúmplices em seus pecados e para não participardes dos seus flagelos; porque os seus pecados se acumularam até ao céu, e Deus se lembrou dos atos iníquos que ela praticou. Dai-lhe em retribuição como também ela retribuiu, pagai-lhe em dobro segundo as suas obras e, no cálice em que ela misturou bebidas, misturai dobrado para ela. O quanto a si mesma se glorificou e viveu em luxúria, dai-lhe em igual medida tormento e pranto, porque diz consigo mesma: Estou sentada como rainha. Viúva, não sou. Pranto, nunca hei de ver! Por isso, em um só dia, sobrevirão os seus flagelos: morte, pranto e fome; e será consumida no fogo, porque poderoso é o Senhor Deus, que a julgou. Os lamentos dos admiradores de Babilônia".

Como Deus falou no passado para o Seu povo se manter afastado de Babilônia para não se contaminar com as suas prostituições e iniqüidades, Ele repete isso nesse trecho, ou seja, não compactuar com Seus pecados e princípios. Babilônia sempre caminhou junto com a igreja (Caim e Abel, por exemplo).

Mas a igreja deve ser diferente dessa cultura paganizada. Não pode haver jugo desigual.

• v.5: "porque os seus pecados se acumularam até ao céu, e Deus se lembrou dos atos iníquos que ela praticou" – às vezes parece que Deus é tolerante demais, mas Seu cálice e Sua paciência têm uma medida; aí vem a destruição.

• v.6 – "Dai-lhe em retribuição como também ela retribuiu, pagai-lhe em dobro segundo as suas obras e, no cálice em que ela misturou bebidas, misturai dobrado para ela".

Esse versículo transmite uma espécie de revanche contra o mal que ela praticou na sua soberba (cf. Jr 50: 15; 29). O Senhor nos alerta a não colocar nossa confiança na própria força e na força do mundo.

• v.7 – "O quanto a si mesma se glorificou e viveu em luxúria, dai-lhe em igual medida tormento e pranto, porque diz consigo mesma: Estou sentada como rainha. Viúva, não sou. Pranto, nunca hei de ver!"

Isso significa que a si mesma se glorificou. Esse versículo retrata o culto ao prazer e à luxúria. Mas o homem não se satisfará mais com isso e entrará em colapso.

• v.8 – "Por isso, em um só dia, sobrevirão os seus flagelos: morte, pranto e fome; e será consumida no fogo, porque poderoso é o Senhor Deus, que a julgou".

O sistema todo vai ser desmantelado num único dia. Como eu falei antes, Deus usará os próprios exércitos da besta para destruí-la, ou no dia da volta de Jesus (o 7º flagelo).

3) Lamentação: v. 9-19:

9 Ora, chorarão e se lamentarão sobre ela os reis da terra, que com ela se prostituíram e viveram em luxúria, quando virem a fumaceira do seu incêndio,

10 e, conservando-se de longe, pelo medo do seu tormento, dizem: Ai! Ai! Tu, grande cidade, Babilônia, tu, poderosa cidade! Pois, em uma só hora, chegou o teu juízo.

11 E, sobre ela, choram e pranteiam os mercadores da terra, porque já ninguém compra a sua mercadoria,

12 mercadoria de ouro, de prata, de pedras preciosas, de pérolas, de linho finíssimo, de púrpura, de seda, de escarlata; e toda espécie de madeira odorífera, todo gênero de objeto de marfim, toda qualidade de móvel de madeira preciosíssima, de bronze, de ferro e de mármore;

13 e canela de cheiro, especiarias, incenso, ungüento, bálsamo, vinho, azeite, flor de farinha, trigo, gado e ovelhas; e de cavalos, de carros, de escravos e até almas humanas.

14 O fruto sazonado, que a tua alma tanto apeteceu, se apartou de ti, e para ti se extinguiu tudo o que é delicado e esplêndido, e nunca jamais serão achados.

15 Os mercadores destas coisas, que, por meio dela, se enriqueceram, conservar-se-ão de longe, pelo medo do seu tormento, chorando e pranteando,

16 dizendo: Ai! Ai da grande cidade, que estava vestida de linho finíssimo, de púrpura, e de escarlata, adornada de ouro, e de pedras preciosas, e de pérolas,

17 porque, em uma só hora, ficou devastada tamanha riqueza! E todo piloto, e todo aquele que navega livremente, e marinheiros, e quantos labutam no mar conservaram-se de longe.

18 Então, vendo a fumaceira do seu incêndio, gritavam: Que cidade se compara à grande cidade?

19 Lançaram pó sobre a cabeça e, chorando e pranteando, gritavam: Ai! Ai da grande cidade, na qual se enriqueceram todos os que possuíam navios no mar, à custa da sua opulência, porque, em uma só hora, foi devastada!

Os que se sustentavam da Babilônia vão ver sua queda e se lamentar (v. 9-10), ou seja, o mundo político (reis da terra), o mundo empresarial e comercial, entra em falência (v. 11: "E, sobre ela, choram e pranteiam os mercadores da terra, porque já ninguém compra a sua mercadoria").

Da mesma forma que Babilônia da Caldéia foi destruída por um incêndio (Is 47: 14; Jr 51: 25; 32; 58) e Roma sofreu muitas vezes com incêndios naturais (a erupção do Vesúvio em 79 DC, destruindo as cidades romanas de Pompéia, Herculano (moderna Ercolano), Oplontis e Estábia; o incêndio de Roma em 80 DC, com poucas referências históricas) e de povos bárbaros (Visigodos em 410 DC; Átila, o huno, em 452 DC; Genserico, o vândalo, em 455; Odoacro, rei dos Hérulos, em 476 pôs fim ao Império Romano do Ocidente), essa Babilônia será destruída da mesma forma (Ap 18: 9; 18 – 'a fumaceira do seu incêndio).

João cita 29 artigos de luxo agrupados em grupo de quatro:

• v.11-12: ouro, prata, pedras preciosas e pérolas – jóias.

• v.12: linho, púrpura, seda e escarlata – indústria têxtil.

• v.12: madeira odorífera, marfim, móvel de madeira preciosíssima, de bronze, de ferro e de mármore – ornamentação e embelezamento de palácios.

• v.13: canela de cheiro, especiarias, incenso, ungüento e bálsamo – cosméticos.

• v.13: vinho, azeite, flor de farinha e trigo – culinária.

• v. 13: gado, ovelhas, cavalos e carros, escravos, almas humanas – mercadorias vivas.

Todos os reinos (animal, mineral e vegetal) entram em falência.

O comércio internacional (17-19 – ‘mar’); o mundo econômico entra em colapso.

Ela será tomada de surpresa: Ap 18: 10: ‘em uma só hora, chegou o teu juízo’; Ap 18: 17: ‘Em uma só hora, ficou devastada’; Ap 18: 19: ‘Em uma só hora, foi devastada’ – cf. Jr 51: 41.

4) Celebração: v. 20-24: “Exultai sobre ela, ó céus, e vós, santos, apóstolos e profetas, porque Deus contra ela julgou a vossa causa. Então, um anjo forte levantou uma pedra como grande pedra de moinho e arrojou-a para dentro do mar, dizendo: Assim, com ímpeto, será arrojada Babilônia, a grande cidade, e nunca jamais será achada. E voz de harpistas, de músicos, de tocadores de flautas e de clarins jamais em ti se ouvirá, nem artífice algum de qualquer arte jamais em ti se achará, e nunca jamais em ti se ouvirá o ruído de pedra de moinho. Também jamais em ti brilhará luz de candeia; nem voz de noivo ou de noiva jamais em ti se ouvirá, pois os teus mercadores foram os grandes da terra, porque todas as nações foram seduzidas pela tua feitiçaria. E nela se achou sangue de profetas, de santos e de todos os que foram mortos sobre a terra”.

Enquanto a Babilônia chora na terra, no céu a noiva de Cristo (a Igreja) se alegra por causa da repentina destruição do sistema do mundo.

Na Babilônia não mais se ouvirá música, não se verá trabalho, arte, criatividade, coisas novas, suprimento (moinhos), mas fome (v. 22).

Também não terá luz; será um lugar de trevas, a saber, afastamento de Deus, condenação eterna. Não haverá relacionamento de amor (‘noivo e noiva’).

Isso descreve a cena do Juízo final, o inferno (v. 23).

O v. 24 repete que ela foi uma feiticeira (praticou culto falso) e foi perseguidora dos servos de Deus, levando-os ao martírio.

Capítulo 19 –

• Ap 19: 1-10 – mostra a queda dos inimigos de Deus e como os céus reagem à queda da Babilônia.

• v. 1-6: "Depois destas coisas *[a ruína completa de Babilônia],* ouvi no céu uma como grande voz de numerosa multidão, dizendo: Aleluia! A salvação, e a glória, e o poder são do nosso Deus, porquanto verdadeiros e justos são os seus juízos, pois julgou a grande meretriz que corrompia a terra com a sua prostituição e das mãos dela vingou o sangue dos seus servos. Segunda vez disseram: Aleluia! E a sua fumaça sobe pelos séculos dos séculos. Os vinte e quatro anciãos e os quatro seres viventes prostraram-se e adoraram a Deus, que se acha sentado no trono, dizendo: Amém! Aleluia! Saiu uma voz do trono, exclamando: Dai louvores ao nosso Deus, todos os seus servos, os que o temeis, os pequenos e os grandes. Então, ouvi uma como voz de numerosa multidão, como de muitas águas e como de fortes trovões, dizendo: Aleluia! Pois reina o Senhor, nosso Deus, o Todo-Poderoso".

Nos v. 1-6 João ouve a voz de uma multidão em júbilo no céu pela queda da Babilônia. Todos exaltam o poder de Deus e o Seu justo juízo sobre o mal e vingando Seus servos. Os vinte e quatro anciãos e os quatro seres viventes também se prostram e adoram a Deus.

• v. 7-8: "Alegremo-nos, exultemos e demos-lhe a glória, porque são chegadas as bodas do Cordeiro, cuja esposa a si mesma já se ataviou, pois lhe foi dado vestir-se de linho finíssimo, resplandecente e puro. Porque o linho finíssimo são os atos de justiça dos santos".

Em Ap 19: 7-8: A multidão declara o reinado soberano do Senhor e se alegra com a chegada das bodas do Cordeiro.

A noiva (a Igreja de Cristo) é exaltada. Ela recebe uma vestimenta de linho finíssimo, resplandecente e puro mostrando, assim, que é imaculada, pura, santa e sem defeito, porque o linho fino, resplandecente e puro são os atos de justiça dos santos. Podemos notar que a roupa não é dela mesma, mas lhe é dada; isso significa que a obra de

santificação vem de Deus, não de nós. As bodas do Cordeiro simbolizam a união figurada de Cristo com Sua esposa, Sua igreja, os remidos, os que foram comprados pelo Seu sangue.

Fazendo uma analogia com o casamento judaico da Antiguidade (que você pode ler no próximo parágrafo), Jesus pagou o dote da noiva na cruz (foi 'o noivado'). E entre a 1ª e a 2ª vinda é o 'intervalo de espera'. A 'consumação' das bodas é na 2ª vinda de Cristo. A noiva de Cristo são os filhos da luz.

O casamento judaico na época de João

Vamos interromper o estudo um pouco para falar como era o casamento judaico na época de João. Ele tinha algumas etapas importantes:

O noivado

Os noivos assumiam um compromisso público diante da família. Geralmente, os pais do jovem escolhiam uma esposa para ele (Hagar e Ismael – Gn 21: 21; Judá e Er – Gn 38: 6). Às vezes, o jovem fazia escolha e seus pais, as negociações (Siquém – Gn 34: 4,8 e Sansão – Jz 14: 2). Raramente um jovem se casava contra a vontade dos pais (Esaú – Gn 26: 34-35). Algumas vezes a jovem era interrogada se consentia no seu casamento (Rebeca – Gn 24: 58). Ocasionalmente, os pais da jovem escolhiam um jovem apropriado para ser seu marido (Noemi e Rute – Rt 3: 1-2; Saul e Mical – 1 Sm 18: 21). Nessa fase, o acordo já era como o acordo de fidelidade de um casamento. Eles eram considerados marido e mulher, só não tinham permissão para terem relações sexuais. E esse prazo de espera durava geralmente por um ano.

Nessa etapa inicial do noivado havia uma troca de **presentes**. Eles podiam ser de três formas:

1. môhar (traduzido como 'dote de casamento'), como aconteceu com Diná (Gn 34: 12; Êx 22: 17 – para uma virgem seduzida) e Mical (1 Sm 18: 25).

O môhar pode ser considerado no caso de Rebeca (Gn 24: 53 – jóias de ouro, prata, vestidos, presentes à sua mãe e seu irmão), Jacó e Raquel (Gn 29: 18 – os sete anos de trabalho).

Poderia ser considerado como um presente de compensação dado pelo noivo à família da noiva, selando o pacto entre as duas famílias.

2. O dote ('presente de casamento'): era um presente dado à noiva ou ao noivo pelo pai da noiva, e que às vezes consistia de servos (como foi com Rebeca: Gn 24: 59 e 61; Lia: Gn 29: 24; Raquel: Gn 24: 29) ou de terras (Acsa – Jz 1: 15; a filha de Faraó, esposa de Salomão – 1 Rs 9: 16) ou de outra propriedade qualquer.

3. O presente do noivo à noiva algumas vezes consistia de jóias e vestes como com Rebeca (Gn 24: 53).

Nos dias atuais, no Oriente Próximo, as contribuições de cada família são fixadas num contrato escrito de noivado (Índia, Indonésia, alguns países da África e Oriente Médio).

Intervalo

Cada um ficava na sua casa por um ano para se preparar para as bodas. Eles se viam, mas se guardavam puros sexualmente. Nesse tempo, preparava-se a casa nova, o vestido, a festa e muitos outros detalhes, mas, em especial, o preparo interior para a nova vida. 'O amigo do noivo' (Jo 3: 29) ou 'companheiro de honra' (Jz 14: 20; Jz 15: 2) i.e., o padrinho do noivo (em hebraico: shôsh^{e}bhïn), agia como agente do noivo, que fazia os arranjos para o casamento, e desempenhava papel importante nas festividades do matrimônio ('mestre-sala' – Jo 2: 8-9), no que também era auxiliado pelos atendentes do noivo, os quais são referidos em Mc 2: 19 e Mt 9: 15 como 'os convidados para o casamento', em nossa versão portuguesa (ARA) ou 'os convidados do noivo' (NVI).

Procissão para a casa da noiva

Depois de terminado o prazo de noivado de um ano, o noivo ia com seus amigos para a casa da noiva, que já estava pronta e esperando. Às vezes a ceia era realizada lá na casa da noiva: Gn 29: 22; Jz 14: 10; Mt 25: 1-13. Mas usualmente a festa era efetuada na casa do noivo (Mt 22: 1-10; Jo 2: 9).

Procissão para a casa do noivo

O noivo e seus amigos a levavam para a casa do noivo – lá se fazia festa (Sl 45: 14-15; Mt 22: 1-14; Jo 2: 9). A procissão podia ser acompanhada por cânticos, música e danças (Sl 45: 15; Jr 31: 4) e por lâmpadas se a festa fosse à noite (Mt 25: 7). Usualmente a festa era efetuada na casa do noivo (Mt 22: 1-14; Jo 2: 9) e freqüentemente à noite (Mt 22: 13; Mt 25: 6). Muitos parentes e amigos se faziam presentes; por isso é que o vinho poderia ocasionalmente faltar (Jo 2: 3). Um mestre-sala ou amigo supervisionava a festa (Jo 2: 9-10). Os hóspedes usavam roupas festivas (Mt 22: 11-12).

Os pais e amigos abençoavam o casal e desejavam-lhes felicidades (Gn 24: 60; Rt 4: 11).

Um contrato de casamento era apresentado por escrito pelo pai da noiva, ou seja, o pacto de fidelidade (Ez 16: 8; Ml 2: 14).

Uma câmara nupcial era especialmente preparada. O nome hebraico para esse aposento é huppâ (Sl 19: 5; Jl 2: 16; chuppah – Strong #2646: um dossel, câmara; na ARA

traduzida como ‘aposento’), originalmente um pavilhão ou tenda, enquanto que no grego o vocábulo é nymphõn (Mc 2: 19; numphón, νυμφών – Strong #3567: câmara nupcial).

A palavra huppâ (Chupá ou Khupá; pronuncia-se rupá) ainda é usada **entre os judeus hoje em dia** para indicar o pavilhão sob o qual o noivo e a noiva se assentam ou ficam de pé durante a cerimônia.

A consumação

O casamento se consumava: a noiva e o noivo eram escoltados até este aposento, freqüentemente pelos pais (Gn 29: 23) ou pelos convidados (Mt 9: 15). Antes de se ajuntarem (em hebraico, a expressão é ‘conhecer’), proferia-se a oração pelo marido e para mulher.

A prova da virgindade – Um pano ou uma camisola manchada de sangue era exibido como prova da virgindade da noiva (Dt 22: 13-15). Esse costume continua em alguns lugares do Oriente Próximo.

As festividades do casamento continuavam durante uma semana (Jacó e Lia: Gn 29: 27; Sansão: Jz 14: 12). Tinha muita música (Sl 45: 7; 15; Sl 78: 63) e brincadeiras como o enigma apresentado por Sansão (Jz 14: 12-18).

As festas de casamento tinham bastante música e danças. Era comum os hóspedes observarem a noiva, o centro da atenção, dançando nas celebrações.

O casamento judaico nos dias de hoje

Um casamento judaico é realizado exclusivamente entre noivos judeus, de preferência nascidos judeus (filhos de mãe judia). Não é permitido o casamento entre judeus com não judeus; por outro lado, existe a possibilidade de conversão, desde que a vontade de se tornar judeu seja genuína e não apenas para cumprir as regras do casamento.

Segundo a tradição judaica, no dia do noivado, os noivos assinam um contrato (Shtar Tena‘im, o ‘Documento das Condições’), quando eles se comprometem a se casar em algum momento futuro e determinam as condições em que ele deverá ser realizado. Após a leitura, as mães do casal quebram um prato de porcelana, simbolizando a irreversibilidade do compromisso. O tenaim é assinado pelos noivos e duas testemunhas. As testemunhas precisam ser homens adultos, judeus e não devem ser parentes entre si (nem por sangue nem por afinidade, como cunhados) ou dos noivos. Geralmente o tenaim é feito com antecedência, mas também pode ser feito antes da chupá, onde são lidos e assinados.

O casamento judaico não precisa ser necessariamente realizado em uma sinagoga, nem precisa ser realizado por um líder religioso, mas que seja realizado por alguém muito próximo ou um familiar mais velho e sábio. É um pouco diferente nas congregações ortodoxas e principalmente em Israel, onde é o rabino que celebra a cerimônia.

Huppâ ou Chupá ou Khupá (pronuncia-se rupá) é a tenda sob a qual se realiza o casamento judaico, símbolo do novo lar do casal; ela é aberta por todos os lados, representando a hospitalidade incondicional aos amigos e parentes, além de ser geralmente montada ao ar livre como sinal de bênção divina. Dentro da Chupá ficam os noivos, os familiares, os amigos mais próximos e o realizador da cerimônia. Os homens usam o Talit e depois guardam o que foi usado pelo noivo.

Uma Chupá ou Khupá de um casamento ao ar livre

Os convidados se sentam separadamente, homens de um lado e mulheres de outro, mas este costume tem mudado ultimamente em algumas comunidades.

O vestido da noiva tem que ser de cor branca; não pode ter decote e deve ter mangas longas, de preferência (Hoje em dia já é permitido usar mangas curtas). O buquê de flores fica ao seu gosto. Não se costuma usar jóias, tanto o noivo quanto a noiva.

A aliança precisa ser feita de ouro, fina e simples, sem pedras; só tem a gravação do nome do cônjuge e a data. A aliança é colocada no dedo indicador da mão da noiva (se ela for destra, na mão direita e se ela for canhota, na esquerda).

Antes de se dirigir para a Chupá, o noivo veste o seu manto branco, o Kitel, para fazê-lo se lembrar da sua mortalidade, de que seu casamento é duradouro e de Deus.

O pai da noiva a leva com o rosto descoberto, mas antes de entrar na Chupá, o noivo a cobre com o véu. A noiva dá sete voltas na Chupá, conduzida pela mãe e pela sogra, como lembrança dos sete dias da criação do mundo. Ela também presenteia o noivo com um Talit (o xale de oração que os homens usam), que deve ser usado pela primeira vez na cerimônia de casamento.

No dia do casamento, eles assinam a Ketubá (K^{e}thübhâh, conforme a Mishná ensina), o contrato que define as responsabilidades do esposo com a esposa como, por exemplo, direitos conjugais, manutenção e provisão da casa. Assim como no contrato de noivado, a Ketubá é assinada na presença de duas testemunhas, dois homens judeus, para assegurar que a tradição judaica legal seja seguida.

Durante a cerimônia de casamento na Chupá e na festa são utilizadas duas taças de vinho e os noivos sempre tomam a bebida na mesma taça, simbolizando que vão partilhar

totalmente a sua vida. Depois de beber o vinho, os judeus não ortodoxos pronunciam um curto voto de casamento hebreu. Os judeus ortodoxos não o fazem.

Eles quebram com os pés as duas taças de vinho, como represália à destruição do templo de Jerusalém.

Em Israel, só é possível ter casamento religioso. Somente os rabinos ortodoxos fazem as celebrações, pois até mesmo judeus que não são ortodoxos têm dificuldades para o casamento; se forem provenientes de outros países e não forem filhos de mães judias também são recusados. Por isso, muitos casamentos mistos entre árabes e judeus, por exemplo, ou entre judeus e pessoas de outras religiões, acabam sendo realizados no civil em Chipre. Em outros países do Ocidente, a comunidade judaica é ainda dividida quanto a essa questão, mas judeus podem se casar no civil, conforme as leis dos países onde moram.

Em Israel, a Ortodoxia judaica tem completo monopólio sobre a legislação conjugal. Até há pouco tempo não havia casamento civil, mas recentemente foi feito um acordo entre o ministro da Justiça israelense e o líder ortodoxo judeu permitindo que casais que não são considerados judeus pela lei ortodoxa judaica se unam em um casamento civil, e que será realizado num tribunal.

Alambamento

Vamos falar de algumas curiosidades sobre noivado e casamento.

Quanto ao môhar (traduzido como 'dote de casamento'), mencionado anteriormente, há uma curiosidade interessante sobre uma prática semelhante em alguns países da África e Indonésia (Timor-Leste) nos dias de hoje. Não sei se você já ouviu falar do 'alambamento', uma cerimônia tradicional, especialmente na cultura de Angola e Guiné-Bissau, por exemplo. Na África do Sul e Moçambique é chamado lobola ou lobolo. Embora a maioria dos Angolanos ainda pratique esta tradição, em algumas famílias ela já está entrando em desuso. Na Índia, esse tipo de dote é chamado de durgavat.

Alambamento é um neologismo da língua portuguesa criado pelos angolanos para designar a palavra original 'ovilombo' (pedido de casamento) em umbundu; ovilombo vem do verbo umbundu 'okulomba' (pedir).

O alambamento ou 'pedido' para eles é uma tradição que chega a ser mais importante do que o casamento civil ou religioso, quando o namorado pede a mão da namorada à família dela, mais propriamente ao tio, que tem um papel fundamental para a concretização do casamento, mais do que o próprio pai da noiva. O papel dos tios é tanto ou mais importante do que o dos pais, pois os tios são também responsáveis pela educação da noiva.

Em algumas famílias e países, 'alambamento' é sinônimo de 'casamento tradicional africano'. Também é muito comum celebrar o casamento logo depois do pedido, por isso os termos se fundem.

Quando um rapaz e uma moça namoram e decidem se casar, há certas etapas a cumprir. Pode haver diferenças nas etapas do alambamento de região para região. Também é comum que as famílias adaptem a cerimônia. As etapas são:

1) A apresentação: o homem se apresenta formalmente à família da noiva (tios, avós, irmãos e primos) através de uma carta que ele entrega a um dos tios da mulher com quem ele pretende casar. Nessa carta ele explica sua intenção de unir-se em matrimônio.

2) Em seguida, o tio marca a data do alambamento (uma lista de itens que o pretendente precisa conseguir até o dia do pedido oficial da mão da namorada). Quem prepara a lista é o tio da futura noiva depois que o homem entrega uma carta ao tio. É como se fosse um dote, e é composto de alimentos e até dinheiro.

Os pedidos realizados pelos tios das noivas são, em geral, sempre os mesmos:

• Dinheiro (em dólar): 300, 400, 500 USD, depende do que o tio estipular.

• Sumos de algumas árvores e frutas, geralmente, 'o vinho de palma', também chamado 'mandijevo' (em Angola) ou 'toddy', que é uma bebida alcoólica obtida a partir da fermentação da seiva de várias espécies de palmeiras como a Palmyra e coqueiros. A fermentação é rápida pode durar até cinco dias; quanto mais fermenta, maior será a taxa de álcool. Em certos países de África, 'o vinho de palma' ou 'mandijevo' é a principal bebida consumida em atividades culturais, algumas festas tradicionais (alambamento, por exemplo), reunião de anciãos de uma aldeia ou reunião das autoridades e nos julgamentos tradicionais. No Timor-Leste (parte oriental da ilha de Timor, no Sudeste Asiático, ligando-o à Indonésia a oeste, e ao sul à Austrália) também se faz a extração de seiva de palmeira para confecção de vinho de palma. Há outros frutos de plantas pertencentes ao gênero *Cola.*

• Cerveja: em muitas famílias, as grades (fardos) da bebida devem ser empilhadas e atingirem a altura da noiva.

• Vinho.

• Coca-Cola.

• Itens afetivos: fotos de membros da família e outros.

• Tecidos.

• Fatos (roupas típicas): um fato para o tio e uns sapatos para a mãe, ou um jogo completo de roupa para a mãe e para o pai.

• Animais: cabrito, bois, touros, galináceos.

Todos esses itens são oferecidos pelo noivo à família da noiva para fazer face às despesas do banquete.

Se a namorada estiver grávida, a lista é maior. As famílias também podem personalizar os pedidos.

3) Quando os itens da lista estão reunidos, o casal se reúne com a família da noiva, fazem-se as apresentações. O tio dá início à leitura do pedido apresentado pelo noivo. As duas famílias decidem se os candidatos podem se casar. A decisão deve ser unânime. Os itens solicitados são verificados sem a presença dos noivos.

4) Se o pedido for aceito, então, o noivo entrega a aliança à futura esposa.

5) A família da noiva e o noivo comemoram o acontecimento (o noivado) e se acerta a data do casamento. O noivo só pode entrar se a tia da noiva estender uma espécie de tapete (de tecido tipicamente africano). Pode parecer uma gentileza da família para a qual ele vai entrar, porém, ele precisa dar uma gorjeta para a tia da noiva. Depois dessa etapa, a mulher entra acompanhada da tia, como é tradicional. A partir deste dia, se tudo correr bem, o casal de namorados é considerado como marido e mulher.

Algumas pessoas fazem o casamento e o alambamento no mesmo dia e com muita festa, e ela pode durar alguns dias. Em alguns países da África, a família vem de todas as partes para este acontecimento.

Geralmente a noiva faz dois vestidos, um para a cerimônia do alambamento e outro para o casamento. Embora o vestido de casamento possa ser um fato, uma roupa típica do país, a maioria das noivas escolhe o branco. O homem se veste com uma camisa social, terno e gravata. Antes que a cerimônia comece, a noiva se cobre com um pano. Depois, eles seguem por um tapete verde até o altar, um espaço separado para o casal como uma Chupá (Khupá) judaica.

Algum tempo depois, como foi o acordo entre as partes, a família da noiva a leva à casa que o noivo já preparou para o casal e aí eles podem viver juntos. O casamento civil passa a ser uma escolha à parte, depois dessa união formal tradicional, quando se paga e se assina os documentos na presença de um juiz.

A formalidade de um casamento civil ou religioso é considerada menos importante que o alambamento, embora este não tenha validade legal.

Infelizmente, muitos casais optam por não fazer o casamento civil por causa dos custos, porém isso acarreta outro inconveniente, como por exemplo, relações com outras mulheres e, conseqüentemente, uma ou mais famílias.

Embora atualmente não encontre referências a cerimônias espirituais associadas ao alambamento, há um trabalho da Universidade de Coimbra, citando um achado interessante. Em Cabinda (noroeste de Angola), uma região do antigo Reino do Congo, uma tábua esculpida em alto-relevo foi encontrada por missionários católicos (ao que parece datada do século XVIII), a qual se encontra atualmente no Museu da Ciência da Universidade de Coimbra. Além da tábua com desenhos em alto-relevo foi também encontrada a caixa nkobe-bingu, a divindade protetora da família. O desenho mostra a origem da tradição na cultura dos cabindas e sugere a dificuldade de acordo entre as famílias dos noivos quanto ao alambamento, tentando negociar e selar o tradicional contrato de matrimônio.

A expressão 'nkobe-bingu' pode ser traduzida literalmente como 'a caixa do bingu', onde estão representados todos os deuses tutelares da família. No bingu há restos mortais do corpo dos antepassados mais ilustres e que eram consultados pelo chefe da família (o 'mfumu kanda') para resolver as disputas familiares e manter a harmonia, e isso ele fazia através de um Nganga-Mbingo ('operador espiritual' ou adivinho). Cada família tinha o seu adivinho, e ele se encarregava de celebrar as cerimônias do bingu e por zelar pelos preceitos estabelecidos, inclusive em relação ao casamento; guardava a caixa do nkobe-bingu, objeto privativo de cada família, em lugar especial. No nkobe-bingu não apenas estava uma parte dos restos mortais dos antepassados (unhas, cabelos, etc.), mas também outros itens como giz ou cal, argila vermelha, o fruto e folhas ou polpa de certas plantas, sementes, búzios, pedras e até tecidos. Pela importância dessa caixa e de sua responsabilidade de fazer respeitar as imposições concernentes ao casamento, daí se explica a sua representação na tábua em alto-relevo que foi encontrada.

Como a prática de consultar os antepassados foi testificada ainda hoje na área rural de Moçambique para o lobolo, é bem provável que nos nossos dias ainda se encontre algumas práticas parecidas em relação ao alambamento. Não se sabe com certeza quando ela começou, mas há registros desde o século XVI, ou de antes da colonização portuguesa na África.

Neste mesmo trabalho da Universidade de Coimbra se encontra o seguinte comentário: "Há situações em que o lobolo, fonte de rendimento para os pais das raparigas, não se destina apenas a obter uma mulher para casamento, podendo ser reservado à aquisição de uma jovem para ser iniciada nos mistérios da possessão espiritual" [fonte: Martins, M. do R. A. R., & Tavares, A. C. P. (2017). Singularidades museológicas de uma tábua com esculturas em diálogo: do alambamento ao casamento em Cabinda (Angola). Anais Do Museu Paulista: História E Cultura Material, 25(2), 83-115.https://doi.org/10.1590/1982-02672017v25n02d04].

Lobolo

Na África do Sul e Moçambique há uma prática semelhante ao alambamento, chamada lobola ou lobolo. Ele tem umas particularidades que podem ser seguidas ainda em Angola com o alambamento, em relação à parte espiritual, que faz parte da tradição deles desde antes da colonização portuguesa. Os vínculos espirituais no contexto rural do lobolo são muito mais evidentes do que no contexto urbano, quando se procura a comunicação entre os vivos e os seus antepassados mortos. O costume segue praticamente

as mesmas etapas do alambamento, apenas com nomes diferentes. O encontro dos parentes e amigos próximos do noivo na casa da namorada se chama hikombela-mati ('pedir água'), que é quando se leva os presentes iniciais e se faz a apresentação das famílias e os familiares da noiva entregam a lista de exigências (carta de lobolo) para a realização da cerimônia. Quando o noivo consegue todos os itens, ele os leva para a família da noiva. Os itens solicitados são verificados sem a presença do noivo. A noiva é chamada para avaliar os presentes e ouvir o pedido de casamento. Então se realiza a cerimônia do lobolo. Após o lobolo, o noivo se torna mukon'wana (genro). A última etapa se chama xigiyane, em que os presentes da noiva são levados por seus familiares para sua nova casa.

Geralmente, bem antes da cerimônia de lobolo ocorre o kuphalha, quando se realiza um culto de invocação dos antepassados e se dialoga com eles para que o lobolo ocorra bem. Quem geralmente dirige esse culto são os vinyamusoro (curandeiros). Os bantus ou bantos (subgrupos étnicos da África subsaariana) acham que a harmonia entre o casal e entre as famílias ocorre por meio da ligação com os espíritos dos antepassados e com o cumprimento de suas exigências. Para eles, após esse momento os antepassados estarão com o casal para sempre. Se tudo estiver de acordo com esses vínculos e exigências haverá bênçãos e prosperidade nessa nova família [fonte: Rhuann Fernandes – "lobolo – ritual de casamento moçambicano"] – https://mundonegro.inf.br/lobolo-ritual-de-casamento-mocambicano-e-tema-de-livro-de-sociologo-brasileiro/

Jesus já pagou o dote

Por que coloquei tudo isso? Para reforçar a analogia do casamento e das tradições com Ap 19: 7-8, quando a multidão declara o reinado soberano do Senhor e se alegra com a chegada das bodas do Cordeiro, a união de Cristo com Sua igreja, Sua noiva, todos os que foram comprados pelo Seu sangue.

Jesus pagou o dote da noiva na cruz; Ele pagou o preço que Satanás exigia da humanidade por causa do pecado do homem, que começou no Éden. Ele pagou o preço exorbitante pelas vidas de todos os seres humanos que O reconhecem como Senhor e Salvador. Estamos vivendo um tempo de espera, quando somos preparados como noiva, limpando nossas vestes para recebê-lO. Não permitamos que o pecado e as mentiras de Satanás nos enganem e nos roubem esse status de noiva do Cordeiro. A consumação das bodas será na Sua segunda vinda.

Voltando ao texto sobre Apocalipse:

• Ap 19: 9: "Então, me falou o anjo: Escreve: Bem-aventurados aqueles que são chamados à ceia das bodas do Cordeiro. E acrescentou: São estas as verdadeiras palavras de Deus".

No v. 9 o anjo diz a João que são bem-aventurados os que são chamados às bodas e confirma a veracidade das palavras de Deus.

• Ap 19: 10: "Prostrei-me ante os seus pés para adorá-lo. Ele, porém, me disse: Vê, não faças isso; sou conservo teu e dos teus irmãos que mantêm o testemunho de Jesus; adora a Deus. Pois o testemunho de Jesus é o espírito da profecia".

Diante de tanta majestade e de visões e revelações tão grandes para um ser humano ver, ele se prostra para adorar o anjo (cf. Ap 22: 8-9). Em primeiro lugar, o anjo deixou claro quem é o único que deve ser adorado: Deus. Ele, o anjo, é apenas um servo de Deus e instruído por Ele para nos servir. Depois, ele lembra João que deve manter o testemunho

de Jesus, pois o testemunho de Jesus é o espírito da profecia. Isso quer dizer que ele deveria manter o testemunho sobre Jesus (Ap 1: 2; 9), pois a profecia bíblica expressa ou depende da obra de Cristo e sua proclamação (1 Pe 1: 10-12).

• Ap 19: 11-21 – após a queda da Babilônia, vem a derrota da besta e do falso profeta. O céu está aberto para Jesus descer. Ele volta visivelmente para a batalha do Armagedom, a última batalha, montado em Seu cavalo branco e seguido pelo seu séquito para estabelecer seu reino absolutamente.

Aqui podemos notar as características dEle:

v. 11: "Vi o céu aberto, e eis um cavalo branco. O seu cavaleiro se chama Fiel e Verdadeiro e julga e peleja com justiça" – Ele é fiel e verdadeiro e faz justiça.

v. 12: "Os seus olhos são chama de fogo; na sua cabeça, há muitos diademas; tem um nome escrito que ninguém conhece, senão ele mesmo".

'Seus olhos são chama de fogo' – transmite a idéia do Seu poder de julgar as nações e que Ele a tudo perscruta.

'Na sua cabeça, há muitos diademas' – Diademas são coroas de vitória, de triunfo. Isso mostra o Seu domínio e poderio; Ele veio vencendo e para vencer.

'Tem um nome escrito que ninguém conhece, senão ele mesmo' – ou seja, Ele é insondável. Ninguém o conhece totalmente, Ele está além da compreensão humana.

v. 13: "Está vestido com um manto tinto de sangue, e o seu nome se chama o Verbo de Deus" – Isso quer dizer que Ele é a palavra de Deus em ação, Aquele que criou todas as coisas e hoje julga o mal.

v. 14: "e seguiam-no os exércitos que há no céu, montando cavalos brancos, com vestiduras de linho finíssimo, branco e puro" – os exércitos que estão no céu são Seus seguidores e vêm montados em cavalos brancos e suas vestiduras são de linho finíssimo, branco e puro. Isso diz respeito aos anjos e às almas dos remidos que estão no céu, desde Abel e que voltam para buscar seu corpo glorificado (cf. Ap 17: 14). Por isso, Paulo escreveu em 1 Ts 4: 13-18 que os santos virão com Ele em glória; Jesus trará em sua companhia os que dormem. Em 1 Ts 4: 14 está escrito: "Pois, se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também Deus, mediante Jesus, trará, em sua companhia, os que dormem".

v. 15: "Sai da sua boca uma espada afiada, para com ela ferir as nações; e ele mesmo as regerá com cetro de ferro e, pessoalmente, pisa o lagar do vinho do furor da ira do Deus

Todo-Poderoso" – Neste versículo Ele se mostra como um guerreiro furioso, que rege as nações com cetro de ferro e as fere com a espada afiada que sai da Sua boca para julgar os ímpios. A bíblia diz que pessoalmente Ele pisa o lagar do vinho do furor da ira do Deus Todo-Poderoso. O lagar onde uvas esmagadas é uma figura de linguagem de vingança contra os inimigos, por isso, no v. 13 está escrito que Ele está vestido com um manto tinto de sangue. Essa cena é a mesma cena do juízo descrita em Ap 14: 20, como se a nação de Israel inteira fosse coberta de sangue, ou seja, a altura do sangue dos inimigos chegou até os freios dos cavalos numa extensão de 1.600 estádios, que correspondem a trezentos quilômetros de extensão.

v. 16: "Tem no seu manto e na sua coxa um nome inscrito: REI DOS REIS E SENHOR DOS SENHORES" – em outras palavras, Seu nome é exaltado.

v. 17-18: "Então, vi um anjo posto em pé no sol, e clamou com grande voz, falando a todas as aves que voam pelo meio do céu: Vinde, reuni-vos para a grande ceia de Deus, para que comais carnes de reis, carnes de comandantes, carnes de poderosos, carnes de cavalos e seus cavaleiros, carnes de todos, quer livres, quer escravos, tanto pequenos como grandes" – Aqui não se fala da Ceia do Cordeiro com Sua noiva, mas da Ceia de Deus para juízo. A imagem usada para esse 'banquete' é a de aves de rapina, convocadas para fazer uma faxina na terra, para comer a carne de reis, comandantes, poderosos, cavalos e seus cavaleiros, de todos, quer livre, quer escravos, tanto pequenos como grandes. Esses são todos os seguidores da besta (cf. Ez 39: 4; 17-20).

v. 19: "E vi a besta e os reis da terra, com os seus exércitos, congregados para pelejarem contra aquele que estava montado no cavalo e contra o seu exército" – Deixa mais claro agora que essa multidão que sobe à peleja contra o Cordeiro e Seu exército são a besta e os reis da terra que ela convocou, além do falso profeta, uma batalha já descrita em Ap 17: 14 e Ap 16: 14; 16, onde recebe o nome de Armagedom. Não são quatro batalhas, mas uma só descrita de várias maneiras: Ap 16: 14; 16; Ap 17: 14; Ap 19: 19-21; Ap 20: 7-10.

Não se trata do conhecido lugar geográfico localizado em Israel como muitos pensam, onde tantas batalhas foram travadas no vale de Jezreel, também chamado de Vale de Esdrelom (forma grega do nome Jezreel) ou Megido (Baraque derrotou os cananeus: Jz 4: 13; Jz 5: 21; o exército de Saul acampou antes da batalha de Gilboa: 1 Sm 28: 4; 1

Sm 29: 1; 1 Sm 31: 1; Jorão e Acazias foram assassinados por Jeú: 2 Rs 9: 16; 24; 27; Josias morreu: 2 Rs 23: 29; 2 Cr 35: 22).

Jezreel (yizre'e'el) significa: Deus semeia. É símbolo do juízo final (Oséias 1: 4; 11); também símbolo de fertilidade e favor divino (Oséias 2: 21-23). Outro nome para ele é Armagedom, que vem da palavra latina 'Har-Magedone', que significa Monte Megido, e pode se referir também à planície ou vale abaixo da colina de Megido. Megido hoje é uma colina arqueológica ('tell' = montículo), com 26 camadas de ruínas de antigas cidades de milênios antes de Cristo. Armagedom (em latim, Har-Magedone; em hebraico, Megiddo ou Esdrelon), em grego é Armageddon. Megido significa: lugar de tropas; Armagedom significa: monte de Megido, monte do lugar das multidões.

v.20-21: "Mas a besta foi aprisionada, e com ela o falso profeta que, com os sinais feitos diante dela, seduziu aqueles que receberam a marca da besta e eram os adoradores da sua imagem. Os dois foram lançados vivos dentro do lago de fogo que arde com enxofre. Os restantes foram mortos com a espada que saía da boca daquele que estava montado no cavalo. E todas as aves se fartaram das suas carnes."

Nem será uma batalha física com exércitos armados, mas espiritual, quando 'a espada que sai da boca daquele que estava montado no cavalo' (Ap 19: 21), 'o sopro de sua boca' (2 Ts 2: 8), 'com a vara de sua boca e com o sopro dos seus lábios' (Is 11: 4), ou seja, a espada da boca do Cordeiro vencerá os inimigos: os reis da terra, o Anticristo e o falso Profeta, que serão lançados vivos para o lago de fogo e enxofre, símbolo de tormento eterno, inferno.

Se a besta e o falso profeta foram lançados vivos para dentro do lago de fogo e enxofre (Ap 19: 20) e seus seguidores foram mortos com a espada que sai de Jesus (Ap 19: 21); se em Ap 16: 16 está escrito que os reis da terra se ajuntaram no lugar que em hebraico se chama Armagedom; se em Ap 20: 8-9 está escrito que Satanás irá seduzir as nações da terra para sitiar o acampamento dos santos e a cidade querida, é porque, pelo menos do lado das hordas do mal, uma batalha será planejada de maneira física, material, com aparato de guerra. Mas Deus os matará da Sua forma sobrenatural (cf. Ez 38: 8), pois Sua vinda será inesperada, sem que haja tempo para uma guerra ('como um relâmpago' – Lc 17: 24). O Senhor e Seu séquito não vêm de maneira natural, em carne, nem da maneira espiritual, sem corpo; Ele virá com seu corpo glorificado, outro tipo de matéria, como a que Jesus aparentou após Sua ressurreição, quando comeu peixe assado [e um favo de mel – Lc 24: 42] com Seus discípulos. Isso vai pegar os inimigos da Igreja de Cristo desprevenidos (cf. Ez 38: 1-23).

'A cidade querida' (Ap 20: 9) muito provavelmente se refere a Jerusalém (cf. Sl 78: 68; Sl 87: 2), onde Zacarias disse que Jesus colocaria Seus pés sobre o Monte das Oliveiras. O nome Armagedom significa: monte de Megido, monte do lugar das multidões. Pode ser apenas para designar que em algum lugar haverá multidões ajuntadas com o propósito de guerrear contra o Cordeiro e Seus escolhidos, talvez a própria Jerusalém.

Sétima seção – Capítulos 20–22

O reinado das almas | A prisão de Satanás | O juízo final | Novos céus e nova terra

Sétima seção – Capítulos 20–22

Essa seção descreve a cena do reinado das almas (milênio), a prisão de Satanás e o juízo final (lago de fogo); os novos céus e a nova terra, e as admoestações e promessas finais (Ap 20: 1 – Ap 22: 21).

Capítulo 20 –

• Ap 20: 1-15:

1 Então, vi descer do céu um anjo; tinha na mão a chave do abismo e uma grande corrente.

2 Ele segurou o dragão, a antiga serpente, que é o diabo, Satanás, e o prendeu por mil anos;

3 lançou-o no abismo, fechou-o e pôs selo sobre ele, para que não mais enganasse as nações até se completarem os mil anos. Depois disto, é necessário que ele seja solto pouco tempo.

4 Vi também tronos, e nestes sentaram-se aqueles aos quais foi dada autoridade de julgar. Vi ainda as almas dos decapitados por causa do testemunho de Jesus, bem como por causa da palavra de Deus (cf. Ap 6: 9 – 5º selo), tantos quantos não adoraram a besta, nem tampouco a sua imagem, e não receberam a marca na fronte e na mão; e viveram e reinaram com Cristo durante mil anos.

5 Os restantes dos mortos não reviveram até que se completassem os mil anos. Esta é a primeira ressurreição.

6 Bem-aventurado e santo é aquele que tem parte na primeira ressurreição; sobre esses a segunda morte não tem autoridade; pelo contrário, serão sacerdotes de Deus e de Cristo e reinarão com ele os mil anos.

7 Quando, porém, se completarem os mil anos, Satanás será solto da sua prisão.

8 e sairá a seduzir as nações que há nos quatro cantos da terra, Gogue e Magogue, a fim de reuni-las para a peleja. O número dessas é como a areia do mar.

9 Marcharam, então, pela superfície da terra e sitiaram o acampamento dos santos e a cidade querida; desceu, porém, fogo do céu e os consumiu.

10 O diabo, o sedutor deles, foi lançado para dentro do lago de fogo e enxofre, onde já se encontram não só a besta como também o falso profeta; e serão atormentados de dia e de noite, pelos séculos dos séculos.

11 Vi um grande trono branco e aquele que nele se assenta, de cuja presença fugiram a terra e o céu, e não se achou lugar para eles.

12 Vi também os mortos, os grandes e os pequenos, postos em pé diante do trono. Então, se abriram livros. Ainda outro livro, o Livro da Vida, foi aberto. E os mortos foram julgados, segundo as suas obras, conforme o que se achava escrito nos livros.

13 Deu o mar os mortos que nele estavam. A morte e o além entregaram os mortos que neles havia. E foram julgados, um por um, segundo as suas obras.

14 Então, a morte e o inferno foram lançados para dentro do lago de fogo. Esta é a segunda morte, o lago de fogo.

15 E, se alguém não foi achado inscrito no Livro da Vida, esse foi lançado para dentro do lago de fogo.

O livro de Apocalipse não é um livro linear, cronológico. Ele traz cenas semelhantes uma ao lado da outra registrando os mesmos fatos de maneiras diferentes. Como falei antes, esse livro foi escrito mostrando cenas paralelas e progressivas.

O milênio do capítulo 20 não é uma seqüência cronológica do cap. 19, mas é um episódio simbólico entre a 1ª e a 2ª vinda de Cristo. É a última seção paralela.

O capítulo 12 introduz os inimigos da igreja. Agora, a queda deles é em ordem inversa; portanto, o dragão ficou deixado por último. Da mesma forma que a mulher (Ap 12) representa a igreja na 1ª vinda, no capítulo 20 João retorna à 1ª vinda de Cristo.

O Milênio

'Milênio' foi uma concepção criada por estudiosos judeus no período pós-exílio e Intertestamentário para endossar uma crença e uma esperança de redenção e regeneração de Israel de uma maneira física e excessivamente material, pois interpretaram erroneamente as palavras dos profetas e não esperavam que o seu Messias viesse de outra forma, por isso não creram nEle. Mesmo porque os profetas de Deus nunca usaram a palavra Messias (Mashiach – mâshiyach – משיח) para se referir ao Salvador espiritual de Israel. Essa palavra só está claramente escrita, em referência a Jesus, no livro de Daniel (Dn 9: 25-26 – 'O Ungido'), quando um anjo anuncia ao profeta que o Messias surgiria e seria morto sessenta e duas semanas proféticas após a reedificação de Jerusalém, antes da cidade e do templo serem novamente destruídos (o que aconteceu em 70 DC pelos romanos).

Aqui, vamos esclarecer um ponto bastante discutido que é o reinado de Cristo, de maneira física, com corpo glorificado, por mil anos na terra, como o Pré-milenismo dispensacionalista e o Pré-milenismo histórico pensam.

Mil anos literais na terra é uma situação impensável por várias razões:

1) O NT não fala de milênio terreno onde o mundo está convivendo com a igreja glorificada de Cristo. Nem nos evangelhos, nem nas cartas de Paulo, nem nas cartas gerais se menciona o milênio na terra.

2) O reino de Cristo não é físico nem político nem material, mas espiritual ("O meu reino não é deste mundo" – Jo 18: 36). E o apóstolo Paulo descreve em Rm 14: 17 que o reino de Deus é justiça, paz e alegria no Espírito Santo; que ele não consiste em palavras, mas em poder (1 Co 4: 20).

3) O Pré-milenismo dispensacionalista considera um tempo de Deus reservado especialmente para os judeus, com o templo reconstruído materialmente no monte Sião, tentando restaurar o reino de Israel como era na sua época áurea com Davi e Salomão. Isso, então, restabeleceria a igreja judaica como o centro da Igreja de Deus e diferente da Igreja gentia, mas Paulo escreveu que na cruz Deus fez dos dois povos um único povo, uma só igreja. Jesus quebrou a inimizade entre Judeus e gentios na cruz (Ef 2: 14-22). Portanto, não pode haver de novo a distinção entre judeus e gentios (Rm 10: 12-13), mas uma só igreja. Eles vão se voltar a Jesus da mesma forma que os gentios, antes ou durante a Grande Tribulação (Rm 11: 5).

O dispensacionalismo é um sistema teológico que apresenta duas distinções básicas: (1) Uma interpretação literal das Escrituras, em particular da profecia bíblica. (2) A distinção entre Israel e a Igreja no programa de Deus (Deus vai cumprir as promessas a eles no milênio).

Se for assim, necessitaria de três ressurreições: a dos gentios antes do milênio; a dos judeus convertidos depois do milênio, e a dos ímpios seguidores da besta no dia do juízo. Entretanto, a ressurreição é um fato único: crentes e ímpios ressuscitarão para a vida ou para a condenação, concomitantemente, no dia da volta de Jesus e do Seu julgamento.

João escreve em Jo 5: 28-29 que os mortos ouvirão a voz de Jesus e ressuscitarão, uns para a vida e outros, para o juízo, o que se dará na segunda vinda de Cristo:

Dn 12: 2: "Muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna, e outros para vergonha e horror eterno".

Mt 25: 31-34; 41; 46: "Quando vier o Filho do Homem na sua majestade e todos os anjos com ele, então, se assentará no trono da sua glória; e todas as nações serão reunidas em sua presença, e ele separará uns dos outros, como o pastor separa dos cabritos as ovelhas; e porá as ovelhas à sua direita, mas os cabritos, à esquerda; então, dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai! Entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo... Então, o Rei dirá também aos que estiverem à sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos... E irão estes para o castigo eterno, porém os justos, para a vida eterna".

4) A convivência de Cristo e os santos glorificados com homens não regenerados, em corpo natural de carne: como ficaria a área dos negócios, a política e a economia? Seria algo impossível.

5) Ap 20: 7-10 – a bíblia cita uma guerra liderada por Satanás contra os santos e a cidade de Jerusalém após o período de mil anos em que ele foi acorrentado. Mas parece estranho uma revolta depois de um período benéfico de mil anos do reinado de Cristo na terra, sendo que a besta e o falso profeta já foram lançados para dentro do lago de fogo. Como se explica nações ('Gogue e Magogue') conspirando contra o reinado pacífico de mil anos de Cristo? É impossível.

6) O NT ensina que o juízo é universal (judeus e gentios, ímpios e crentes) e seguirá imediatamente a segunda vinda de Cristo. Ele virá e se assentará no Seu trono de glória e julgará as nações, não mil anos depois, mas na Sua segunda vinda (Mt 24: 29-31; Mt 25: 31-34; Mt 16: 27). Dessa forma, quando Jesus vier (Mt 25: 31; Mt 16: 27; Mt 19: 28), tudo se consuma e Seu reino se estabelece (o juízo final logo depois da vinda de Cristo).

Podemos ver aqui algumas cenas distintas:

Primeira cena: a prisão de Satanás.

• Ap 20: 1-3: "Então, vi descer do céu um anjo; tinha na mão a chave do abismo e uma grande corrente. Ele segurou o dragão, a antiga serpente, que é o diabo, Satanás, e o prendeu por mil anos; lançou-o no abismo, fechou-o e pôs selo sobre ele, para que não mais enganasse as nações até se completarem os mil anos. Depois disto, é necessário que ele seja solto pouco tempo".

Um anjo desce do céu com a chave do poço do abismo e uma corrente. Ele segurou o dragão (a antiga serpente, o diabo, Satanás), lançou-o no abismo, fechou-o e pôs selo sobre ele para que não mais enganasse as nações até que se completassem mil anos.

A palavra 'abismo' em Apocalipse pode ser vista em: Ap 9: 1 e 2 (Poço do abismo); Ap 9: 11 (anjo do abismo); Ap 11: 7 (besta do abismo); Ap 17: 8 (abismo); Ap 20: 1 e 3 (abismo). Em todos esses versículos, a palavra grega usada é abussos (αβυσσος), com exceção de Ap 9: 1-2 (Poço do abismo), onde a palavra abussos (Strong #g12) é usada

juntamente com phrear (φρέαρ), onde abussos significa: o abismo (infernal), profundidade insondável, sem profundidade, uma concepção especialmente judaica, a casa dos mortos e dos espíritos malignos. E phrear (Strong #g5421) significa: poço, cisterna; um buraco no solo (cavado para obter ou reter água ou outros fins), ou seja, uma cisterna ou poço; figurativamente, um abismo (como uma prisão). Resumidamente, é um poço sem fundo, um abismo com uma tampa e que pode ser aberto, fechado e selado.

Em todas as sete vezes que essa expressão aparece em Apocalipse, abismo refere-se ao lugar onde anjos caídos e espíritos malignos estão aprisionados, esperando o lago de fogo, o inferno final preparado para eles (Mt 25: 41).

Agora, vamos raciocinar. Satanás é um anjo caído, e anjos são espíritos; não têm corpos como os nossos. Espírito não se prende com correntes nem com cadeados, nem se põe tampa sobre ele no poço.

Portanto, isso é uma linguagem figurada, onde 'acorrentar', 'prender' é simbólico de restrição de poder e autoridade. Não significa que ele está inativo, mas está limitado. Deus lhe pôs limites 'para que não mais enganasse as nações'.

Lembre-se que no cap. 12 ele foi expulso do céu e teve seu poder limitado em tempo e autoridade.

Quando Jesus falou em Mt 12: 29 que se alguém quiser entrar na casa do valente para lhe roubar os bens precisa primeiro amarrá-lo, Ele quis dizer que o valente é Satanás que detinha vidas ('bens') no mundo ('sua casa') sob seu poder. Jesus era mais valente que ele e veio ao mundo para tirar o poder dele e resgatar as vidas que são de Deus. O plano de Deus não pode ser frustrado. Em outras palavras, Jesus restringiu o poder de Satanás. Ele não pode impedir os eleitos de Deus de crerem no Senhor e serem salvos (cf. Ap 5: 9; Ap 6 e 7 – os comprados estão na glória com Deus; portanto, Seu projeto é vitorioso). Os decapitados (v. 4) estão reinando no céu desde Abel. Jesus amarrou o valente e o fez na Sua primeira vinda. Assim, Ele também deu autoridade aos que são Seus para realizar Sua obra na terra:

• Lc 10: 17-18: "Então, regressaram os setenta, possuídos de alegria, dizendo: Senhor, os próprios demônios se nos submetem pelo teu nome! Mas ele lhes disse: Eu via Satanás caindo do céu como um relâmpago". Isso significa limitação de poder.

• Jo 12: 31-32: "Chegou o momento de ser julgado este mundo, e agora o seu príncipe *[Satanás, vencido na cruz do Calvário por Jesus]* será expulso. E eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim mesmo".

• Jo 16: 8-11: "Quando ele *[o Espírito Santo, no Pentecostes]* vier, convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo: do pecado, porque não crêem em mim; da justiça, porque eu vou para junto do Pai, e não me vereis mais; do juízo, porque o príncipe deste mundo já está julgado".

• Hb 2: 14-15: "Visto, pois, que os filhos têm participação comum de carne e sangue, destes também ele, igualmente, participou, para que, por sua morte, destruísse aquele que tem poder da morte, a saber, o diabo, e livrasse todos que, pelo pavor da morte, estavam sujeitos à escravidão por toda a vida".

• Ap 20: 3: "lançou-o no abismo, fechou-o e pôs selo sobre ele, para que não mais enganasse as nações até se completarem os mil anos. Depois disto, é necessário que ele seja solto pouco tempo" – 'Não enganar as nações' significa que a palavra de vida que antes estava limitada aos judeus (a promessa de salvação de Deus e Sua Lei confiada a eles), agora nas mãos dos seguidores de Jesus, se espalha pelas nações, chamando os eleitos.

Então, essa limitação de poder imposta a Satanás pelo próprio Deus ocorreu na 1ª vinda de Cristo, não na 2ª vinda.

Em Cl 2: 14-15 nós podemos ler que na cruz Jesus cancelou o escrito de dívida (a maldição da lei) que era contra nós, despojou publicamente o inferno e o expôs ao desprezo, pois com Seu sangue Ele nos comprou para o Pai e nos resgatou das mãos de Satanás e da lei do pecado e da morte.

Sob esse raciocínio, nós podemos dizer que os mil anos não são literais. O número 1 traz o conceito de unidade e o caráter sem paralelo de Deus, unidade entre Cristo e o Pai, a união entre os crentes e Deus. O número 10 também pode significar o primeiro número de um começo maior, algo completo ou fidelidade, além de ser considerado por alguns como o número da Igreja. O número 1000 significa 10^3 (dez ao cubo), ou seja, um tempo completo da 1ª à 2ª vinda, o número simbólico da era da igreja, de plenitude, inteireza, de uma condição espiritual dos redimidos (as almas dos mortos no céu com Jesus, e os vivos fazendo Sua obra na terra, pregando Sua palavra de salvação e arrependimento).

Depois, em Ap 20: 3 está escrito: "Depois disto, é necessário que ele seja solto pouco tempo". No v. 7 se repete: "Quando, porém, se completarem os mil anos, Satanás será solto da sua prisão".

"Solto pouco tempo" ou "solto da sua prisão" significa o tempo que antecede a volta de Jesus, quando se poderá ver a apostasia, a Grande Tribulação e a manifestação do homem da iniqüidade (o Anticristo), ou seja, o pouco tempo que Satanás tem permissão para agir na terra; um momento final de perseguição atroz contra os santos e o Cordeiro, quando, então, ele será vencido (Ap 20: 7-10 cf. Dn 7: 19-27). Enquanto isso não acontece, nesses 'mil anos' de sua prisão, símbolo do número completo, da 1ª à 2ª vinda de Cristo, os remidos estarão exercendo Sua autoridade na terra e pregando Sua palavra de salvação e arrependimento. As almas dos santos mortos reinam com Ele no céu.

Segunda cena: o reinado dos santos no céu com Cristo.

• Ap 20: 4-6: "Vi também tronos, e nestes sentaram-se aqueles aos quais foi dada autoridade de julgar. Vi ainda as almas dos decapitados por causa do testemunho de Jesus, bem como por causa da palavra de Deus, tantos quantos não adoraram a besta, nem tampouco a sua imagem, e não receberam a marca na fronte e na mão; e viveram e reinaram com Cristo durante mil anos. Os restantes dos mortos não reviveram até que se

completassem os mil anos. Esta é a primeira ressurreição. Bem-aventurado e santo é aquele que tem parte na primeira ressurreição; sobre esses a segunda morte não tem autoridade; pelo contrário, serão sacerdotes de Deus e de Cristo e reinarão com ele os mil anos".

• Ap 20: 4 – João diz: "Vi também tronos, e nestes sentaram-se aqueles aos quais foi dada autoridade de julgar. Vi ainda as almas dos decapitados por causa do testemunho de Jesus, bem como por causa da palavra de Deus (cf. Ap 6: 9 – 5º selo), tantos quantos não adoraram a besta, nem tampouco a sua imagem, e não receberam a marca na fronte e na mão; e viveram e reinaram com Cristo durante mil anos".

Os decapitados sentados em tronos – 'trono' é o símbolo da autoridade de julgar. Esse reinado é no céu.

A palavra 'trono' em grego é 'thronos' (θρόνος – Strong #g2362) e aparece 63 vezes no NT, e sempre se refere a tronos que estão no céu; as únicas vezes onde tronos estão na terra se refere ao trono de Satanás (cujas referências estão em Apocalipse): Ap 2: 13 – Satanás; Ap 13: 2 – o dragão; Ap 16: 10 – a besta.

As almas dos decapitados por causa do testemunho de Jesus e que não adoraram a besta nem receberam sua marca na fronte estão vivas e reinando com Jesus no céu. João não está vendo corpos. São as mesmas (Ap 6: 9) que morreram, porém, suas almas clamam diante de Deus pelos seus irmãos que estão sendo mortos por causa das perseguições, mas esperam até que o número deles se complete e suas almas se juntem ao seu corpo glorificado na 2ª vinda de Jesus. Estão reinando com Cristo, no céu, à destra de Deus.

Então, a missão dos que morreram em Cristo é estar em co-regência com Ele. Eles recebem a autoridade de julgar (os crentes se assentam em tronos).

A marca da besta a que se refere aqui não é só a da besta escatológica, mas toda força hostil a Cristo na História. E os crentes resistiram à besta; são estes que estão com Cristo. Não importa que tipo de marca seja essa. O selo do sangue de Jesus na fronte dos que são salvos é uma marca espiritual. A da besta também pode ser espiritual, simbolizando a obediência dos seus servos a ela; portanto, eles são sua propriedade. 'Os decapitados' aqui são os mártires (cf. Ap 6: 9; Ap 18: 24; Ap 19: 2). O termo pode ser interpretado como um termo geral para 'execução', não necessariamente um método específico (decapitação). Os mártires da tribulação serão executados por se recusarem receber a marca da besta, mas reinarão. Inclui os crentes da Grande Tribulação, juntamente com os redimidos das eras do AT e NT.

A bíblia diz que todos os salvos reinarão com Cristo (2 Tm 2: 12) e receberão o poder de julgar o mundo e os anjos caídos: "Ou não sabeis que os santos hão de julgar o mundo? Ora, se o mundo deverá ser julgado por vós, sois, acaso, indignos de julgar as coisas mínimas? Não sabeis que havemos de julgar os próprios anjos? Quanto mais as coisas desta vida!" (1 Co 6: 2-3).

Ainda na segunda cena:

• Ap 20: 5-6: "Os restantes dos mortos não reviveram até que se completassem os mil anos. Esta é a primeira ressurreição. Bem-aventurado e santo é aquele que tem parte na primeira ressurreição; sobre esses a segunda morte não tem autoridade; pelo contrário, serão sacerdotes de Deus e de Cristo e reinarão com ele os mil anos".

Nos versículos 5-6 João menciona a primeira ressurreição, e que são bem-aventurados os que têm parte na 1ª ressurreição, pois sobre eles a segunda morte não tem autoridade. A primeira ressurreição é chamada de a 'ressurreição dos justos' (Lc 14: 14) ou 'ressurreição da vida' (Jo 5: 24). Ela significa a regeneração, a ressurreição espiritual,

não física, na hora que uma pessoa recebe a Cristo. Ela, então, passa da morte para a vida. É vivificada com Cristo porque crê nEle (Rm 6: 4; Cl 2: 12):

• Jo 5: 24: "Em verdade, em verdade vos digo: quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna, não entra em juízo, mas passou da morte para a vida".

• Rm 6: 4: "Fomos, pois, sepultados com ele na morte pelo batismo; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também andemos nós em novidade de vida".

• Cl 2: 12: "tendo sido sepultados, juntamente com ele, no batismo, no qual igualmente fostes ressuscitados mediante a fé no poder de Deus que o ressuscitou dentre os mortos".

Assim, um crente, um convertido, não vê a 2ª morte ("sobre esses a segunda morte não tem autoridade" – Ap 20: 6).

A 2ª ressurreição (também chamada de 'a ressurreição do juízo' ou 'a ressurreição para a condenação') é a ressurreição corporal dos mortos: Jo 5: 28-29; Dn 12: 2, também referida por Paulo em 1 Co 15: 20; 23-28; 44; 51-52 e 1 Ts 4: 13-17 (quando fala da ressurreição corporal dos que receberam a ressurreição espiritual aqui na terra ao entregar a vida para Jesus). Isso ocorrerá no Dia do Juízo (Ap 11: 18; Ap 20: 11-15) diante do grande trono branco, e que determinará o destino de todos, por isso a bíblia fala sobre os livros (os livros das vidas dos homens) serem abertos, a fim de que sejam julgados pelo Senhor segundo as suas obras (Ap 20: 12; Dn 7: 9-10 cf. 1 Co 4: 5). Os salvos não terão seus livros abertos para serem condenados, mas para receberem o Reino de Deus. Os ímpios mortos que ressuscitarem fisicamente receberão a condenação, enquanto os que receberam Jesus em vida como Senhor e Salvador, os que passaram pela experiência da 1ª ressurreição (a espiritual), não passarão pela morte, não entrarão em condenação.

Terceira cena: a derrota final de Satanás e a batalha do Armagedom.

• Ap 20: 7-10: "Quando, porém, se completarem os mil anos, Satanás será solto da sua prisão e sairá a seduzir as nações que há nos quatro cantos da terra, Gogue e Magogue, a fim de reuni-las para a peleja. O número dessas é como a areia do mar. Marcharam, então, pela superfície da terra e sitiaram o acampamento dos santos e a cidade querida; desceu, porém, fogo do céu e os consumiu. O diabo, o sedutor deles, foi lançado para dentro do lago de fogo e enxofre, onde já se encontram não só a besta como também o falso profeta; e serão atormentados de dia e de noite, pelos séculos dos séculos".

Gogue e Magogue simbolizam os inimigos de Deus, do Cordeiro e do Seu povo. Trata-se da mesma batalha descrita nos capítulos anteriores:

Ap 16: 14; 16 (entre o 6º e o 7º flagelo) – no contexto dos flagelos.

Ap 17: 14 – os dez reis pelejam contra o Cordeiro e os santos; depois contra a meretriz.

Ap 19: 19-21 – a volta de Jesus no cavalo branco e a ceia de Deus.

Ap 20: 7-10 – Satanás seduzirá as nações dos quatro cantos da terra para reuni-las para a peleja.

É a mesma batalha, a derrota universal do mal quando Jesus voltar; elas apenas estão em seções diferentes.

Ezequiel também a descreveu de outra forma (Ez 38 e 39 – batalha final do povo de Deus: Gogue e Magogue, como ele expressa, e que são descendentes de Jafé, filho de

Noé, segundo a tabela das nações – Gn 10: 1-32). Vamos ler alguns trechos e podemos ver que se encaixam nos textos de João, quando fala dos flagelos e da ceia das aves de rapina (Ap 19: 17-21):

• Ez 38 [ARA]:

1 Veio a mim a palavra do Senhor, dizendo:

2 Filho do homem, volve o rosto contra Gogue, da terra de Magogue, príncipe de Rôs [*na Septuaginta, significa 'príncipe maior', 'príncipe de Rosh' ou 'Rhos'],* de Meseque e Tubal; profetiza contra ele

3 e dize: Assim diz o Senhor Deus: Eis que eu sou contra ti, ó Gogue, príncipe de Rôs, de Meseque e Tubal *[A Septuaginta sugere Magogue como um povo e não um país; sendo assim, ele poderia também reinar sobre o povo de Meseque e Tubal, para ser chamado de seu 'príncipe chefe', ou 'príncipe maior'. Há outra explicação, sugerindo Magogue como o reino original de Gogue, e que ele tenha adquirido também Meseque e Tubal].*

• Ez 38: 18-20: "Naquele dia, quando vier Gogue contra a terra de Israel, diz o Senhor Deus, a minha indignação será mui grande. Pois, no meu zelo, no brasume do meu furor, disse que, naquele dia, será fortemente sacudida a terra de Israel, de tal sorte que os peixes do mar, e as aves do céu, e os animais do campo, e todos os répteis que se arrastam sobre a terra, e todos os homens que estão sobre a face da terra tremerão diante da minha presença *[ou seja, a imagem de um terremoto que abalará todo o planeta];* os montes serão deitados abaixo, os precipícios se desfarão, e todos os muros desabarão por terra".

• Ez 38: 22-23: "Contenderei com ele por meio da peste e do sangue; chuva inundante, grandes pedras de saraiva, fogo e enxofre *[chuva torrencial, com granizo, fogo e enxofre]* farei cair sobre ele *[Gogue]*, sobre as suas tropas e sobre os muitos povos que estiverem com ele. Assim, eu me engrandecerei, vindicarei a minha santidade e me darei a conhecer aos olhos de muitas nações; e saberão que eu sou o Senhor".

• Ez 39: 6: "Meterei fogo em Magogue e nos que habitam seguros nas terras do mar; e saberão que eu sou o Senhor".

A bíblia descreve claramente aqui um julgamento sobrenatural, como foi no Antigo Testamento, não uma guerra iniciada pelas Forças de Defesa de Israel, como mísseis da Força Aérea Israelense, por exemplo. Não há evidências no texto das forças militares israelenses em movimento e defendendo a si mesmas e à sua nação. O texto não fornece evidências claras de que os militares israelenses entraram em ação para proteger seu país e derrotar seus inimigos. Pelo contrário, ele indica que o Deus de Israel intervém e defende Seu povo, fazendo chover fogo e enxofre sobre as forças inimigas e destruindo-as completamente e o faz no último momento possível, quando parece não haver mais esperança; algo muito parecido com o que aconteceu no Egito durante as dez pragas. Assim, Deus age para proteger a nação de Israel e derrotar seus inimigos para trazer julgamento e revelar a Si mesmo, Seu poder e glória a Israel e às nações.

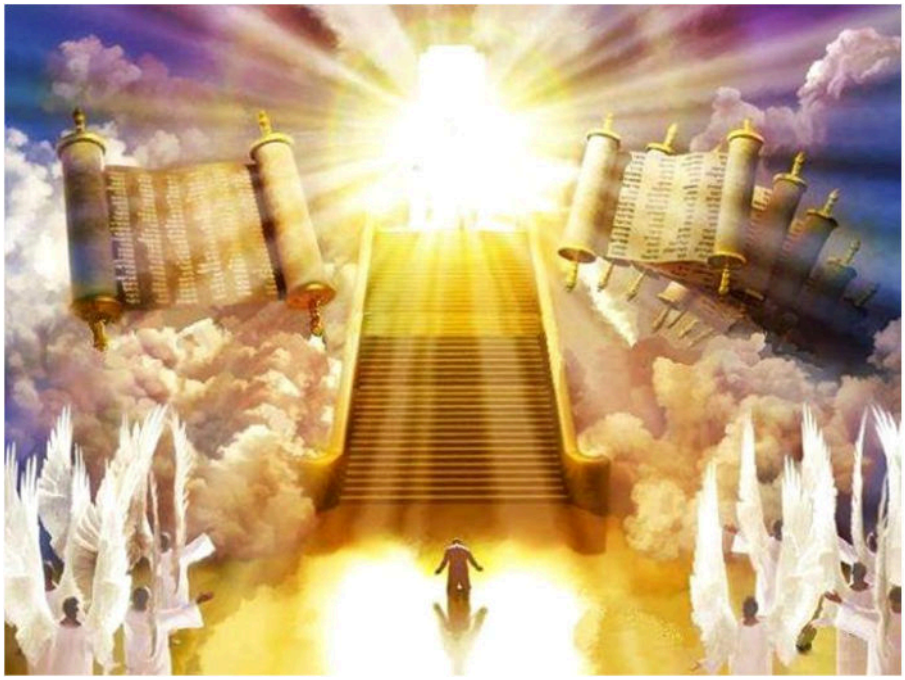
Isso não lembra os flagelos, em especial o sétimo (Ap 16: 18-21)? Não lembra a vinda de Jesus no cavalo branco matando os seguidores do Anticristo e do Falso profeta com a espada da Sua boca (Ap 19: 21)? Ezequiel nos diz que as aves do céu *[aves de rapina]* e os animais do campo *[quadrúpedes predadores]* comerão muitos dos corpos (Ez 39: 17-20 cf. Ap 19: 17; 18; 21).

'A cidade querida' (Ap 20: 9) muito provavelmente se refere a Jerusalém (cf. Sl 78: 68; Sl 87: 2). A Grande Tribulação terá seu ápice na terra de Israel.

Antes de Jesus voltar o mundo não vai melhorar; portanto, não vai haver melhora com um 'milênio'. Entretanto, a vitória já está garantida.

Quarta cena: o juízo de Deus.

• Ap 20: 11-15: “Vi um grande trono branco e aquele que nele se assenta, de cuja presença fugiram a terra e o céu, e não se achou lugar para eles. Vi também os mortos, os grandes e os pequenos, postos em pé diante do trono. Então, se abriram livros. Ainda outro livro, o Livro da Vida, foi aberto. E os mortos foram julgados, segundo as suas obras, conforme o que se achava escrito nos livros. Deu o mar os mortos que nele estavam. A morte e o além entregaram os mortos que neles havia. E foram julgados, um por um, segundo as suas obras. Então, a morte e o inferno foram lançados para dentro do lago de fogo. Esta é a segunda morte, o lago de fogo. E, se alguém não foi achado inscrito no Livro da Vida (Ap 13: 8; Ap 17: 8; Ap 20: 15; Ap 21: 27), esse foi lançado para dentro do lago de fogo”.



‘O trono branco’ – Este é um trono de juízo, elevado, puro e santo. Deus está sentado nele como juiz na pessoa do Senhor Jesus Cristo. João viu o universo contaminado sair de existência, a natureza vai se encolher e fugir diante de Deus (Ap 20: 11 cf. Ap 6: 12-17). O universo é destruído, deixará de existir (cf. Mt 24: 35). O céu e a terra serão purificados pelo fogo para haver uma restauração (2 Pe 3: 7; 10-13). Os mortos vão ressurgir, tanto ímpios como crentes.

O texto fala de um juízo universal e individual (v. 13, ‘um por um’) e justo (‘os livros serão abertos’) – todos serão julgados segundo as suas obras. Esses livros registram cada pensamento, palavra e ação dos seres humanos pecadores, todos registrados por divina onisciência (cf. Dn 7: 9-10). Seus pensamentos (Lc 8: 17; Rm 2: 16), palavras (Mt 12: 37) e ações (Mt 16: 27) serão comparados com o padrão perfeito e santo de Deus (Mt 5: 48; 1 Pe 1: 15-16) e serão encontrados em falta (Rm 3: 23). Portanto, sendo todos os homens pecadores, os eleitos serão salvos não pelas obras, e sim pela graça; por isso, o Livro da Vida é aberto junto com os demais livros (Ap 20: 15). O Livro da Vida contém os nomes de todos os redimidos (Dn 12: 1).

• Ap 20: 14 diz que a morte e o inferno também serão lançados para dentro do lago de fogo e enxofre. Esta é a segunda morte, o lago de fogo. A morte é o estado das almas

dos ímpios; o Hades (inferno) é o lugar, e significa separação definitiva de Deus, onde os maus serão atormentados dia e noite para sempre (Ap 20: 10).

Então, podemos deduzir com tudo isso que a partir do juízo não vai haver mais separação entre corpo e alma do ser humano; ou vai estar em glória com Deus ou no inferno.

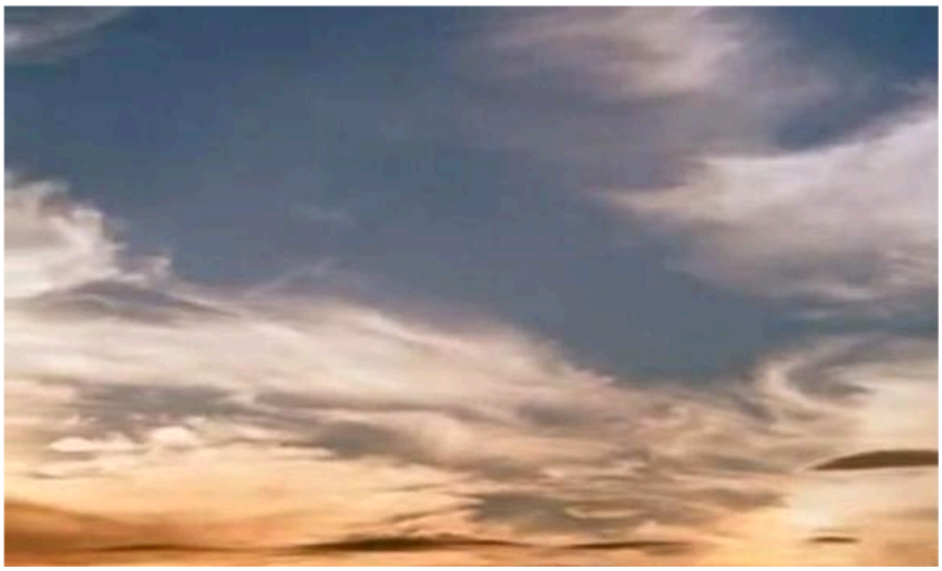
Capítulo 21 –

• Ap 21: 1-8 – o novo céu e a nova terra:

A partir daqui o juízo já aconteceu e as cortinas da História já foram fechadas, ou seja, João começa a descrever o estado da igreja na presença de Deus. O tempo cósmico se converte em eternidade.

O texto começa com as bodas do Cordeiro. Os filhos de Deus já estão em glória.

O novo céu e a nova terra significam uma nova criação de Deus; a redenção alcançando todo o universo, não só o homem. A natureza e o cosmos também serão restaurados das conseqüências do pecado. Não apenas o homem, mas a natureza se encontra agora glorificada, com outra aparência, com outro tipo de matéria.



• Ap 21: 1: "Vi novo céu e nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe".

No v. 1 João descreve um detalhe importante: "O mar já não existe". Isso pode ter um sentido literal ou simbólico, especialmente para João, exilado na ilha de Patmos, longe da civilização, longe das pessoas que ele amava e longe dos irmãos da igreja de Éfeso, sobre a qual ele tinha jurisdição. O mar era símbolo de um muro de separação, de isolamento, solidão e afastamento. Então, "O mar já não existe" significa que já não haverá mais muros de separação entre as pessoas e Deus na nova Jerusalém; não haverá isolamento, mas plena e total comunhão. Nós estaremos habitando no Cosmos restaurado de Deus, não afastados uns dos outros.

• Ap 21: 2-3: "Vi também a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, ataviada como noiva adornada para o seu esposo. Então, ouvi grande voz vinda do trono, dizendo: Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus, e Deus mesmo estará com eles".

João descreve o tabernáculo de Deus com os homens, ou seja, o céu e a terra são agora habitação de Deus e Sua igreja glorificada. Quando ele fala "descia do céu, da parte de Deus" isso significa totalidade, não haverá mais separação entre o céu e a terra. Não é

mais um lugar físico, mas o Espírito Santo desce sobre a igreja de Cristo, e Ele habita com ela. Todos são povos de Deus (o Israel étnico e os gentios, o Israel espiritual de Deus).

Ao mesmo tempo em que ele compara a nova Jerusalém com uma cidade, ele a compara também como uma noiva, enfeitada para o seu noivo. Ela é santa em comparação à Babilônia, à velha Jerusalém e à meretriz. Na nova Jerusalém estarão os remidos de todos os tempos.

• Ap 21: 4: "E lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram".

Nesta nova criação de Deus, no novo céu e na nova terra, não mais entrará dor (nem física, nem moral, nem emocional), não haverá sofrimento, morte, luto, pranto, nem imperfeições de qualquer tipo.

• Ap 21: 5: "E aquele que está assentado no trono disse: Eis que faço novas todas as coisas. E acrescentou: Escreve, porque estas palavras são fiéis e verdadeiras".

"Eis que faço novas todas as coisas" – isso não é uma coisa que a igreja faz com ela mesma, mas uma intervenção de Deus.

• Ap 21: 6-7: "Disse-me ainda: Tudo está feito. Eu sou o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim. Eu, a quem tem sede, darei de graça da fonte da água da vida. O vencedor herdará estas coisas, e eu lhe serei Deus, e ele me será filho".

A noiva vai estar lá porque Deus completou toda a obra de restauração: "Tudo está feito" (cf. Ap 16: 17: "Feito está!"; Jo 19: 30: "Está consumado!"). Jesus diz que Ele é o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim. Ele começou todas as coisas, por meio dele o universo foi criado; e agora, Ele mesmo completa o que começou: a obra de redenção do homem, o resgate total da humanidade. Depois de vencer os inimigos, Jesus entrega o reino ao Deus e Pai. A salvação é de Deus e todo o processo está totalmente completado. Não foi por merecimento da igreja, e sim por um favor de Deus, Sua graça.

No v. 7, nós podemos ver que, além de sermos a noiva de Cristo, nós desfrutaremos plenamente da nossa filiação, como herdeiros de Deus: "O vencedor herdará estas coisas, e eu lhe serei Deus, e ele me será filho".

• Ap 21: 8: “Quanto, porém, aos covardes, aos incrédulos, aos abomináveis, aos assassinos, aos impuros, aos feiticeiros, aos idólatras e a todos os mentirosos, a parte que lhes cabe será no lago que arde com fogo e enxofre, a saber, a segunda morte” [a ‘primeira morte’ foi o pecado de Adão, que levou à morte espiritual].

Quem fica do lado de fora dos novos céus e da nova terra:

• Os covardes – os que não se comprometem com a verdade (Jesus) e preferem a marca da besta. Não conseguem negar sua própria vida.

• Os incrédulos – São os que não crêem nele como único Salvador de suas vidas; buscam salvação em outros meios.

• Os abomináveis – os que se entregam a todo tipo de pecado e escarnecem de Deus e das coisas santas.

• Os assassinos – os que matam; os que não têm respeito à sacralidade da vida. Não matam apenas o corpo físico das pessoas, mas tentam matar sua alma.

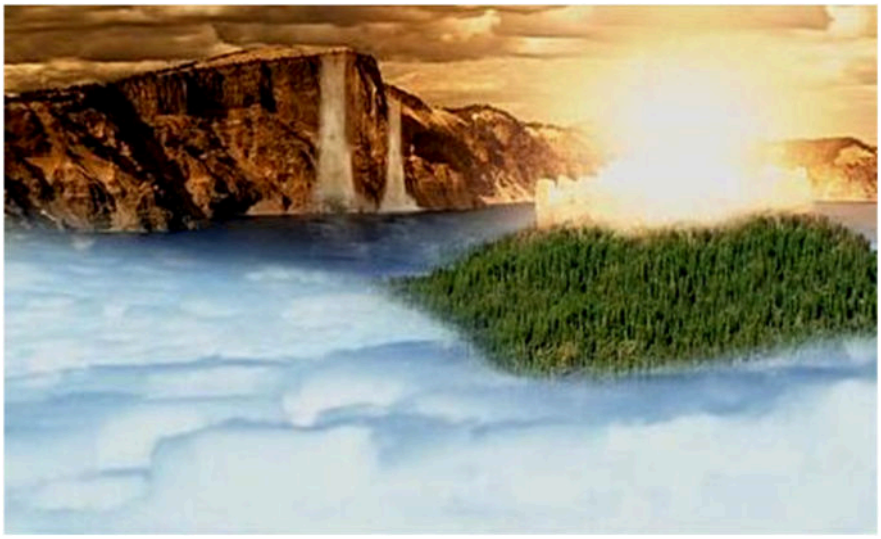
• Os impuros – os que praticam imoralidade sexual, os lascivos, sodomitas e moralmente perversos.

• Feiticeiros e idólatras – os apóstatas, os necromantes, os espiritualistas, os que buscam outros caminhos para se chegar a Deus.

• Os mentirosos – são aqueles em cuja palavra não se pode confiar, pois fazem falsas promessas e praticam o engano em todas as áreas da vida humana para burlar as regras e vencer do seu jeito.

• Ap 21: 9-27 e Ap 22: 1-5 – a Nova Jerusalém.

Essa linguagem aqui é figurada; a nova Jerusalém não é uma cidade, propriamente dita; é um símbolo da igreja; ela não é só o lar, mas é a noiva do Cordeiro (uma cidade não composta por edifícios). No início do cap. 22, João usa outra figura de linguagem para ela.



• Ap 21: 9-27:

9 Então, veio um dos sete anjos que têm as sete taças cheias com os últimos sete flagelos e falou comigo, dizendo: Vem, mostrar-te-ei a noiva, a esposa do Cordeiro;

10 e me transportou, em espírito, até uma grande e elevada montanha e me mostrou a santa cidade, Jerusalém, que descia do céu da parte de Deus,

11 a qual tem a glória de Deus. O seu fulgor era semelhante a uma pedra preciosíssima, como pedra de jaspe cristalina.

12 Tinha grande e alta muralha, doze portas, e, junto às portas, doze anjos, e, sobre elas, nomes inscritos, que são os nomes das doze tribos dos filhos de Israel.

13 Três portas se achavam a leste, três, ao norte, três, ao sul, e três, a oeste.

14 A muralha da cidade tinha doze fundamentos, e estavam sobre estes os doze nomes dos doze apóstolos do Cordeiro.

15 Aquele que falava comigo tinha por medida uma vara de ouro para medir a cidade, as suas portas e a sua muralha.

16 A cidade é quadrangular, de comprimento e largura iguais. E mediu a cidade com uma vara até doze mil estádios *[2.200 km]*. O seu comprimento, largura e altura são iguais *[um cubo perfeito de 20 côvados, como era o Santo dos Santos (1 Rs 6: 20), também chamado Debir, no tabernáculo e no templo, onde ficava a arca da Aliança]*.

17 Mediu também a sua muralha, cento e quarenta e quatro côvados, medida de homem, isto é, de anjo [NVI: "Ele mediu o muro, e deu sessenta e cinco metros de espessura *(em grego: metros de altura),* segundo a medida humana que o anjo estava usando"]. *O côvado equivale a quarenta e cinco centímetros. Portanto, a altura da muralha é sessenta e cinco metros.*

18 A estrutura da muralha é de jaspe; também a cidade é de ouro puro, semelhante a vidro límpido.

19 Os fundamentos da muralha da cidade estão adornados de toda espécie de pedras preciosas. O primeiro fundamento é de jaspe; o segundo, de safira; o terceiro, de calcedônia; o quarto, de esmeralda;

20 o quinto, de sardônio; o sexto, de sárdio *(também chamado de cornalina)*; o sétimo, de crisólito; o oitavo, de berilo; o nono, de topázio; o décimo, de crisópraso; o undécimo, de jacinto; e o duodécimo, de ametista.

21 As doze portas são doze pérolas, e cada uma dessas portas, de uma só pérola. A praça da cidade é de ouro puro, como vidro transparente.

22 Nela, não vi santuário, porque o seu santuário é o Senhor, o Deus Todo-Poderoso, e o Cordeiro.

23 A cidade não precisa nem do sol, nem da lua, para lhe darem claridade, pois a glória de Deus a iluminou, e o Cordeiro é a sua lâmpada.

24 As nações andarão mediante a sua luz, e os reis da terra lhe trazem a sua glória.

25 As suas portas nunca jamais se fecharão de dia, porque, nela, não haverá noite.

26 E lhe trarão a glória e a honra das nações (cf. Isa. 60: 11: 'As riquezas das nações').

27 Nela, nunca jamais penetrará coisa alguma contaminada, nem o que pratica abominação e mentira, mas somente os inscritos no Livro da Vida do Cordeiro.

O versículo 9 inicia com um novo chamado do anjo ao apóstolo João: "Vem". Se você se lembra, em Ap 17: 1, um dos sete anjos que têm as sete taças convoca João para ver a falsa igreja, a 'meretriz'; agora ele é chamado para ver a 'noiva'.

Aqui, João descreve a nova Jerusalém como uma cidade, símbolo da morada da igreja, a comunhão total e perfeita com Deus. Ali está o Seu trono. Ela não é só o lar dos remidos, mas é a própria noiva do Cordeiro. A cidade é santa, celestial. Ela desce da parte de Deus, simbolizando a totalidade, o Espírito de Deus unido eternamente com os homens. Ela reflete a glória de Deus, ao mesmo tempo em que mostra o fulgor, o brilho e a beleza da noiva. Ali, nós também desfrutaremos plenamente da nossa filiação. Ali, nós somos a noiva de Cristo e filhos e herdeiros de Deus. Essa cidade é fundamentada sobre a verdade de Jesus e tem uma muralha alta, significando Sua proteção para os remidos.

Algumas características são interessantes neste texto:

1) João descreve o fulgor, o brilho e a beleza da noiva, pois a glória de Deus está nela: v. 11: "a qual tem a glória de Deus. O seu fulgor era semelhante a uma pedra preciosíssima, como pedra de jaspe cristalina".

Todos estarão com um corpo brilhante, como é o brilho da glória de Deus, pois haverá santidade. As vestes de todos serão brancas e resplandecentes, foram alvejadas no sangue do Cordeiro. E não haverá nada escondido, tudo será claro, puro, transparente, cristalino.

Seixo do jaspe, uma polegada (2,5 cm) de tamanho – Wikipédia

Ele diz que seu fulgor é parecido com uma pedra de jaspe cristalina. Entretanto, é necessário perceber que o nome das pedras escritas na bíblia não se refere exatamente às pedras como conhecemos hoje. O jaspe, por exemplo, é um mineral opaco, uma variação do quartzo de coloração vermelha ou vinho, amarela ou variada como: amarelo, vermelho, marrom ou verde; nunca azul. E as cores podem estar em listras ou faixas. Então, muito provavelmente, João estivesse comparando a resplandecência da glória do Senhor e da nova Jerusalém com outra pedra preciosa cristalina, transparente e muito brilhante.

2) A descrição da cidade nos mostra a proteção de Deus ali sobre os remidos ('grande e alta muralha'); não haverá mais insegurança nem pecado: "Tinha grande e alta muralha, doze portas, e, junto às portas, doze anjos, e, sobre elas, nomes inscritos, que são os nomes das doze tribos dos filhos de Israel... Nela, nunca jamais penetrará coisa alguma contaminada, nem o que pratica abominação e mentira, mas somente os inscritos no Livro da Vida do Cordeiro" (Ap 21: 12; 27).

3) Ela está aberta a todos ('portas'). Todos os que são do Senhor foram chamados para estar ali, dos quatro cantos do planeta, de toda tribo, língua, povo e nação: "Três

portas se achavam a leste, três, ao norte, três, ao sul, e três, a oeste... As suas portas nunca jamais se fecharão de dia, porque, nela, não haverá noite" (Ap 21: 13; 25).

4) Ela, como igreja, está fundamentada na palavra de Deus, do AT e do NT: "A muralha da cidade tinha doze fundamentos, e estavam sobre estes os doze nomes dos doze apóstolos do Cordeiro... Os fundamentos da muralha da cidade estão adornados de toda espécie de pedras preciosas. O primeiro fundamento é de jaspe; o segundo, de safira; o terceiro, de calcedônia; o quarto, de esmeralda; o quinto, de sardônio; o sexto, de sárdio *(também chamado de cornalina)*; o sétimo, de crisólito; o oitavo, de berilo; o nono, de topázio; o décimo, de crisópraso; o undécimo, de jacinto; e o duodécimo, de ametista. As doze portas são doze pérolas, e cada uma dessas portas, de uma só pérola. A praça da cidade é de ouro puro, como vidro transparente" (Ap 21: 14; 19-21).

O número 12 se repete: doze portas, doze anjos, os nomes das doze tribos dos filhos de Israel, doze fundamentos, os doze nomes dos doze apóstolos do Cordeiro. Isso porque o número 12 é o número da eleição divina, dos propósitos eletivos de Deus, o número daqueles que são Seus chamados, Seus eleitos; portanto, a igreja de todos os remidos (AT / NT).

É interessante perceber que essas pedras preciosas foram chamadas de fundamentos e nelas se encontravam igualmente doze pérolas, formando portas. Parece uma contradição entre o que está escrito no AT por Moisés (Êx 39: 8-14) sobre as pedras e o que está escrito por João, pois o apóstolo não mais se refere às pedras preciosas como os patriarcas e sim como os apóstolos, dando aos patriarcas o simbolismo de pérolas, mais precisamente de uma só pérola. Isso significa que os doze patriarcas representam as portas colocadas por Deus na terra para firmar Sua promessa de resgate com os homens, mais especificamente com o Seu povo escolhido ('uma só pérola' – Ap 21: 21). A eles, foi dada a Lei para que a cumprissem e se mantivessem junto ao Criador. Quando Jesus veio cumprindo-a e trazendo a nova Aliança, Ele passou a preparar filhos com a Sua autoridade, por meio dos quais muitos outros povos pudessem conhecer a Salvação. Esses foram os apóstolos, simbolizados nesta visão de João como fundamentos adornados de todo tipo de pedras preciosas (Ap 21: 19). Fundamento é o que permanece no alicerce de uma construção, não está à mostra, não aparece, mas sem ele não se pode edificar um prédio. É o que firma o edifício no solo.

Então, a nova Jerusalém está construída sobre o fundamento da verdade da palavra revelada de Deus, que é Jesus. Através dEle, Deus se revelou ao homem.

Os patriarcas, portanto, foram as portas as quais o Senhor abriu para a Aliança com o homem e construiu Sua obra, colocando regras para o ser humano, a fim de que ele entendesse ser possível passar para um novo nível de entendimento espiritual e atingir a perfeição (quatro lados da cidade, quatro ordens de tribos, quatro letras no nome hebraico do Senhor – YHWH, símbolo de um número perfeito, do homem unido à Trindade, o número do evangelho), portanto, a vida eterna.

Entretanto, ao enviar Seu Filho à terra, Ele fundamentou definitivamente o caminho para que essa perfeição fosse atingida. Foi Jesus mesmo que disse: "Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim" (Jo 14: 6). Dessa forma, os discípulos de Jesus, os doze apóstolos, são os fundamentos para a construção de uma grande obra, levando o evangelho e abrangendo todos os outros povos, não somente os judeus, mas igualmente os gentios (pedras preciosas de vários tipos – Ap 21: 19) nos quatro cantos da terra. Através da obra que eles deixaram estabelecida, a humanidade conheceria o caminho (a porta) de volta ao Pai.

5) A cidade é muito grande, grande o bastante para comportar a todos os salvos, e ali se vive em integridade: "Aquele que falava comigo tinha por medida uma vara de ouro para medir a cidade, as suas portas e a sua muralha. A cidade é quadrangular, de comprimento e largura iguais. E mediu a cidade com uma vara até doze mil estádios *[2.200 km]*. O seu comprimento, largura e altura são iguais *[um cubo perfeito de 20 côvados, como era o Santo dos Santos (1 Rs 6: 20)]*. Mediu também a sua muralha, cento e quarenta e quatro côvados, medida de homem, isto é, de anjo [NVI: "Ele mediu o muro, e deu sessenta e cinco metros de espessura *(em grego: metros de altura),* segundo a medida humana que o anjo estava usando"]. Isso equivale a quarenta e cinco centímetros. Portanto, a altura da muralha é sessenta e cinco metros. A estrutura da muralha é de jaspe; também a cidade é de ouro puro, semelhante a vidro límpido" (Ap 21: 15; 16; 17; 18).

Ouro puro aqui simboliza integridade, limpidez, ou seja, nada oculto ('vidro límpido').

6) Comunhão total e perfeita com Deus ("Nela, não vi santuário"): "Nela, não vi santuário, porque o seu santuário é o Senhor, o Deus Todo-Poderoso, e o Cordeiro" (Ap 21: 22).

Deus habita na igreja e agora a igreja habita com Deus. Ele é o santuário no meio do Seu povo. Cada centímetro dessa cidade está tomado pela Sua presença.

7) Manifestação plena da glória de Deus ("A cidade não precisa nem do sol, nem da lua") – Ap: 21:

23 A cidade não precisa nem do sol, nem da lua, para lhe darem claridade, pois a glória de Deus a iluminou, e o Cordeiro é a sua lâmpada.

24 As nações andarão mediante a sua luz, e os reis da terra lhe trazem a sua glória.

26 E lhe trarão a glória e a honra das nações (cf. Is 60: 11).

A cidade não necessita de astros para iluminá-la, pois a glória do Senhor é a sua lâmpada.

A glória de Deus (hebr.: kãbhôdh ou, na Septuaginta, a versão grega do AT: doxa) significa peso ou dignidade, e que pode ser entendida como a manifestação do poder de Deus onde é preciso, honra, vitória, proteção, abundância, riqueza, reputação, esplendor, e descreve a revelação do caráter e da presença de Deus na pessoa e na obra de Jesus Cristo. É o equivalente judaico do Espírito Santo. Jesus é o resplendor da glória de Deus e a expressão exata do Seu ser (Hb 1: 3). Através de Jesus, nós contemplamos a majestade de Deus Pai.

"Os reis da terra lhe trazem a sua glória" significa que os justos, a quem Deus chamou reis e sacerdotes (Êx 19: 6; 1 Pe 2: 9; Ap 1: 5-6; Ap 5: 10), remidos pelo sangue do Cordeiro, e em posição de autoridade Lhe darão honra por toda a eternidade. Mesmo que muitos tenham sido reis e pessoas importantes na terra, sua glória e seu esplendor não eram nada comparados ao que vêem agora na presença do Senhor. Por isso, Lhe prestam homenagem, honra, a gratidão pelas suas vitórias e riquezas.

Capítulo 22: 1-5 –

8) Paraíso restaurado, onde corre o rio de água da vida.

Ap 22 (ARA):
v.1 Então, me mostrou o rio de água da vida, brilhante como cristal, que sai do trono de Deus e do Cordeiro.
v.2 No meio da sua praça, de uma e de outra margem do rio, está a árvore da vida, que produz doze frutos, dando o seu fruto de mês em mês, e as folhas da árvore são para a cura dos povos.
v.3 Nunca mais haverá qualquer maldição. Nela, estará o trono de Deus e do Cordeiro. Os seus servos o servirão,
v.4 contemplarão a sua face, e na sua fronte está o nome dele.
v.5 Então, já não haverá noite, nem precisam eles de luz de candeia, nem da luz do sol, porque o Senhor Deus brilhará sobre eles, e reinarão pelos séculos dos séculos.

Ap 22 (NVI)
v.1 Então, o anjo me mostrou o rio de água da vida que, claro como cristal, fluía do trono de Deus e do Cordeiro,
v.2 no meio da rua principal da cidade. De cada lado do rio estava a árvore da vida, que frutifica doze vezes por ano, uma por mês. As folhas da árvore servem para a cura das nações.

Ap 22 (NTLH)
v.1 O anjo também me mostrou o rio da água da vida, brilhante como cristal, que sai do trono de Deus e do Cordeiro
v.2 e que passa no meio da rua principal da cidade. Em cada lado do rio está a árvore da vida, que dá doze frutas por ano, isto é, uma por mês. E as suas folhas servem para curar as nações.

Depois, João descreve a Nova Jerusalém não mais como uma cidade (Ap 22: 1-5), mas como um jardim onde flui o rio de água da vida, à semelhança do Éden, o jardim criado por Deus para Adão e Eva. Na criação original a árvore da vida ficava no meio do jardim do Éden (Gn 2: 9). Nós podemos entender simbolicamente aqui que nesse novo 'Paraíso' de Deus, nesse novo Éden, não haverá restrições para se alimentar da árvore da vida. Seus eleitos desfrutarão plenamente da Sua abundância e da Sua totalidade, pois a árvore está enraizada e situada em uma grande quantidade de água (o rio que sai do trono de Deus e do Cordeiro), de um lado e de outro da margem, ou seja, acessível a todos os que quiserem tocar nela. É como se esta árvore estivesse ocupando o lugar da antiga árvore do conhecimento do bem e do mal ao seu lado no primeiro jardim, deixando agora o conhecimento de Deus totalmente livre para os Seus filhos, pois o mal foi exterminado. A antiga árvore proibida ('árvore do conhecimento do bem e do mal') foi vencida pela árvore que traz a verdadeira vida de Deus para os homens, pois tudo ali é permitido para os remidos.

Agora não há mais quatro rios, como havia no jardim do Éden, mas o rio de água da vida, que sai do trono de Deus e do Cordeiro. Ele é símbolo da vida eterna, da salvação, da vida plena e abundante, o fluir constante do Espírito Santo.

Ali, os remidos verão a Deus face a face e já não haverá mais dor nem maldição. Ali não precisará mais de astros como o sol, a lua e as estrelas porque o Senhor brilhará sobre todos. Sua luz é o bastante.

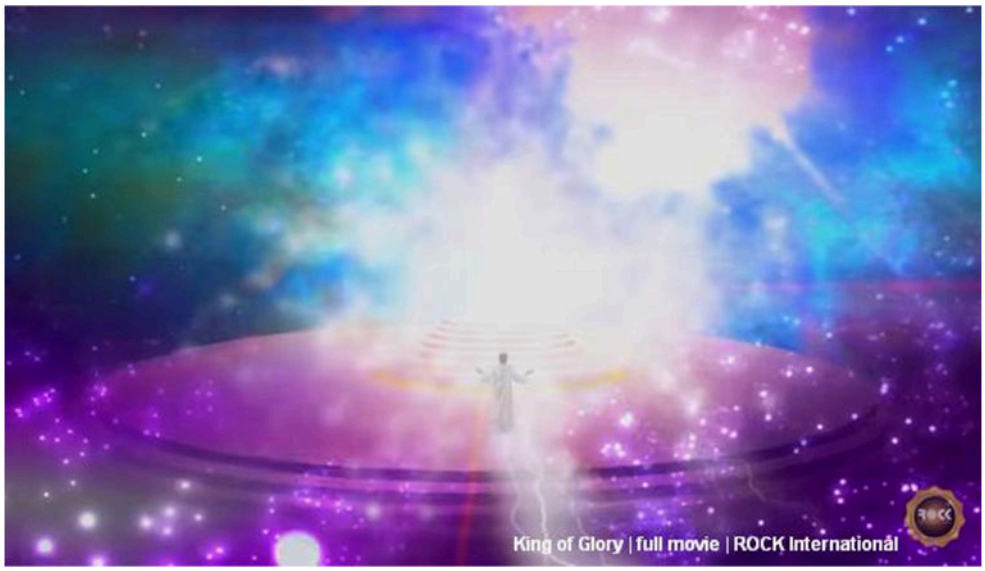
a) rio de água da vida: vida eterna, salvação, vida plena e abundante, o fluir constante do Espírito Santo.

b) a árvore da vida: Jesus, no centro do jardim do Éden.

c) doze frutos (todos os meses do ano): nada faltará, não haverá mais fome nem necessidade de nenhum tipo; frutificar ininterrupto dos eleitos de Deus (cf. Ez 47: 12).

d) as folhas da árvore são para a cura dos povos: ali haverá refúgio para os que viveram desprotegidos e remédio para as feridas da alma; resposta para as perguntas não respondidas, entendimento de todas as coisas feitas por Deus (Sl 34: 8-11).

9) O Trono de Deus está na nova Jerusalém e ali os remidos reinarão com Ele eternamente.



v.3 Nunca mais haverá qualquer maldição. Nela, estará o trono de Deus e do Cordeiro. Os seus servos o servirão,

v.4 contemplarão a sua face, e na sua fronte está o nome dele.

v.5 Então, já não haverá noite, nem precisam eles de luz de candeia, nem da luz do sol, porque o Senhor Deus brilhará sobre eles, e reinarão pelos séculos dos séculos.

Esse trecho nos diz que na igreja dos remidos será estabelecido o trono de Deus, e ali não haverá maldição porque já não haverá desobediência, mas obediência à Sua vontade e às Suas ordens prazerosamente. Ali, Seus servos estarão ao Seu serviço de bom grado e usufruirão da intimidade com Deus ('contemplarão a sua face'), como Adão teve um dia no Éden. Eternamente, nós contemplaremos a face de Deus. Paulo escreveu em 1 Co 13: 12: "Porque, agora, vemos como em espelho, obscuramente; então, veremos face a face. Agora, conheço em parte; então, conhecerei como também sou conhecido".

Na verdade, nós estamos voltando para o ponto de onde saímos. A luz que um dia veremos (Jesus) é a mesma luz que iniciou todas as coisas:

• Gn 1: 3: "Disse Deus: Haja luz; e houve luz". Nesta fase inicial, a luz à qual a bíblia se refere é a própria glória de Deus entrando em cena na pessoa de Jesus.

• Is 60: 19-20: "Nunca mais te servirá o sol para luz do dia, nem com seu resplendor a lua te alumiará; mas o Senhor será a tua luz perpétua, e o teu Deus, a tua glória. Nunca mais se porá o teu sol, nem a tua lua minguará, porque o Senhor será a tua luz perpétua, e os dias do teu luto findarão".

• Jo 1: 1-5: "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e, sem ele, nada do que foi feito se fez. A vida estava nele e a vida era a luz dos homens. A luz resplandece nas trevas, e as trevas não prevaleceram contra ela".

• Ap 21: 23: "A cidade não precisa nem do sol, nem da lua, para lhe darem claridade, pois a glória de Deus a iluminou, e o Cordeiro é a sua lâmpada".

• Ap 22: 5: "Então, já não haverá noite, nem precisam eles de luz de candeia, nem da luz do sol, porque o Senhor Deus brilhará sobre eles, e reinarão pelos séculos dos séculos".

Capítulo 22: 6-21 – As sete instruções finais de Jesus para João

1) Fidelidade e confiabilidade da palavra revelada a ele v. 6: "Disse-me ainda: Estas palavras são fiéis e verdadeiras. O Senhor, o Deus dos espíritos dos profetas, enviou seu anjo para mostrar aos seus servos as coisas que em breve devem acontecer".

2) Esta palavra deve ser guardada (v. 7) porque o Senhor vem sem demora (cf. v.12; 20): "Eis que venho sem demora. Bem-aventurado aquele que guarda as palavras da profecia deste livro... Aquele que dá testemunho destas coisas diz: Certamente, venho sem demora. Amém! Vem, Senhor Jesus!"

3) Não adorar outro que não o Senhor. Alerta contra a idolatria – v. 8-9: "Eu, João, sou quem ouviu e viu estas coisas. E, quando as ouvi e vi, prostrei-me ante os pés do anjo que me mostrou essas coisas, para adorá-lo. Então, ele me disse: Vê, não faças isso; eu sou conservo teu, dos teus irmãos, os profetas, dos que guardam as palavras deste livro. Adora a Deus".

4) Não selar as palavras (v. 10-12): "Disse-me ainda: Não seles as palavras da profecia deste livro, porque o tempo está próximo. Continue o injusto fazendo injustiça, continue o imundo ainda sendo imundo; o justo continue na prática da justiça, e o santo continue a santificar-se. Eis que venho sem demora, e comigo está o galardão que tenho para retribuir a cada um segundo as suas obras".

Então, ele incentiva cada um a continuar naquilo que pratica. Por isso, essa palavra é para todas as épocas, para as igrejas da Ásia e para nós hoje e para os que virão: para que os santos sejam mais santos, os justos mais justos; pois os pecadores serão mais pecadores e os sujos serão mais sujos. Isso deixa claro que há e precisa haver uma separação: enquanto o mundo se torna cada vez mais profano e sujo, a igreja vai se tornando mais santa. E o Senhor retribuirá a cada um segundo as suas obras.

5) O Senhor é o princípio e o fim, o alfa e o ômega, o primeiro e o último (v. 13-15): "Eu sou o Alfa e o Ômega, o Primeiro e o Último, o Princípio e o Fim. Bem-aventurados aqueles que lavam as suas vestiduras [no sangue do Cordeiro], para que lhes assista o direito à árvore da vida, e entrem na cidade pelas portas. Fora ficam os cães, os feiticeiros, os impuros, os assassinos, os idólatras e todo aquele que ama e pratica a mentira".

Ele deixa claro aqui que foi Ele que começou todas as coisas e Ele mesmo terminará Sua obra de salvação do homem. Então, apenas Ele pode dizer quem entra no Seu propósito final e quem fica fora (v. 14 – entram aqueles que lavam suas vestes no sangue do Cordeiro; e no v. 15 Ele diz quem fica fora da Sua cidade e não tem o direito à árvore da vida: "Fora ficam os cães, os feiticeiros, os impuros, os assassinos, os idólatras e todo aquele que ama e pratica a mentira".

6) No fim do fim Ele ainda faz um convite às pessoas (v. 16-17): "Eu, Jesus, enviei o meu anjo para vos testificar estas coisas às igrejas. Eu sou a Raiz e a geração de Davi, a brilhante Estrela da manhã. O Espírito e a noiva dizem: Vem! Aquele que ouve, diga: Vem! Aquele que tem sede venha, e quem quiser receba de graça a água da vida".

Jesus confirma o que todos os profetas disseram sobre a Sua genealogia terrena como a geração de Davi, ou seja, da família de Davi, que para os israelitas tinha sido um modelo de bom rei. Também deixou claro que Ele era a Raiz de Davi, o Rei, o Cristo, o Salvador.

Jesus também se revela como a brilhante Estrela da manhã, Aquele que fala aos Seus filhos que o dia de Deus está chegando, que traz um novo raiar, os novos céus e a nova terra. Isso também pode significar uma luz, um brilho que permanece após um período de escuridão. No fim dos tempos, quando passar o período de escuridão espiritual e o Anticristo, o falso profeta e o diabo forem derrotados, Jesus prevalecerá, permanecerá de pé apesar de toda a oposição que enfrentou. Continuará brilhando. A água da vida significa a vida eterna para todos os que aceitam esse convite.

7) Não tirar nem acrescentar nada da profecia (Dt 4: 2; Dt 12: 32). Ele não demora a vir. Estar preparado (v.18-21): "Eu, a todo aquele que ouve as palavras da profecia deste livro, testifico: Se alguém lhes fizer qualquer acréscimo, Deus lhe acrescentará os flagelos escritos neste livro; e, se alguém tirar qualquer coisa das palavras do livro desta profecia, Deus tirará a sua parte da árvore da vida, da cidade santa e das coisas que se acham escritas neste livro. Aquele que dá testemunho destas coisas diz: Certamente, venho sem demora. Amém! Vem, Senhor Jesus! A graça do Senhor Jesus seja com todos".

Maranata! Vem, Senhor Jesus!